

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



**Memória e História da *Mui Heroica Villa* de São José do Norte:
a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**

Alessandra Buriol Farinha

Pelotas, 2017

Alessandra Buriol Farinha

**Memória e História da *Mui Heroica Villa* de São José do Norte:
a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Pelotas, 2017

Alessandra Buriol Farinha

**Memória e História da *Mui Heroica Villa* de São José do Norte:
a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**

Tese aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 19 de dezembro de 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira (Orientador). Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.

Profa. Dra. Sandra Pelegrini. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

Profa. Dra. Dalila Müller. Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Profa. Dra. Carla Gastaud. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Eduardo Knack. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Dados de catalogação na fonte:
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901
Biblioteca de Ciência & Tecnologia - UFPel

F226m Farinha, Alessandra Buriol

Memória e história da Mui Heroica Villa de São José do Norte : a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes / Alessandra Buriol Farinha. – 260p. : il. – Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Pelotas, 2018. – Orientador Fábio Vergara Cerqueira.

1.Memória. 2.História. 3.Festa de Navegantes. 4.São José do Norte. I.Cerqueira, Fábio Vergara. II.Título.

**Dedico este trabalho a Rafael, Clara e Raquel,
meus amores.**

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da Vida, e através dela por me oportunizar fazer acontecer!

À família, esposo Rafael, filhas Clara e Raquel vocês são minha razão e inspiração, me motivam a ser e fazer cada vez melhor! Obrigada!

Ao meu mãe e pai, Marilene e Carlos Darlan (*in memorian*), bem como aos meus sogros, Ana Maria (*in memorian*) e Sidney Alves Gonçalves, pelo apoio, incentivo, carinho, acolhimento.

Ao meu orientador Fábio, pela constante atenção, pelos ensinamentos, pela amizade e confiança. Professor excepcional, mesmo tenho passado por percursos tão diversos e importantes nos últimos anos, jamais deixou de demonstrar sua dedicação.

A CAPES, pelo incentivo no começo desta pesquisa.

A todos os responsáveis pelas políticas de incentivo a educação pública, sobretudo às pós-graduações, que ocorreram em governos anteriores ao atual. FORA TEMER.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação deste trabalho, Sandra, Dalila, Letícia e Jorge, pelas valiosas contribuições. Espero tê-los contemplado.

Com muito carinho agradeço também à banca de defesa da tese, Sandra, Dalila, Carla e Eduardo que, com espírito de colaboração, aceitaram o convite e corrigiram o trabalho de forma exímia.

Aos professores do PPGMP, principalmente Francisca, Cláudio, Lúcio, Sidney, Juliane, e outros com os quais foi tão gratificante estar e refletir.

À amiga Gisele, pelo profissionalismo e amizade.

À Mitra Diocesana de Rio Grande, representada pelo Revmo. D. José Mário Stroeher.

À Paróquia São José de São José do Norte, por manter as portas abertas para a pesquisa histórica documental, Pe. Eduardo Oliveira, Aline e Raquel, equipe da Paróquia São José que disponibilizou estrutura e equipamentos para que a análise de documentos.

Aos depoentes, todo o meu carinho, sou grata pela amizade, pelos materiais disponibilizados, pela compreensão e entusiasmo com o tema, pelos cafés, pelo acolhimento, pelo amor a Nossa Senhora dos Navegantes demonstrado nas palavras,

nos gestos. Não tem palavras para demonstrar meu agradecimento. Este trabalho é para vocês, para que as gerações futuras possam conhecer um pouco de sua contribuição na festa, na comunidade.

À população de São José do Norte, sempre hospitaleira, um lugar para conhecer em profundidade.

Ao colega Ubirajara Monteiro, pela elaboração da ficha catalográfica.

Aos colegas da UNIPAMPA que se mostraram solícitos, compreensíveis, principalmente na reta final, bem como aos queridos alunos e alunas, em pensamento positivo e palavras de incentivo!

A todas as pessoas não citadas que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração desta pesquisa.

*Recebe essa flor
Mãe de todo amor
Ó digna, digna... Maria
Faze que no céu
Possamos sem véu
Te contemplar algum dia
Cantar com alegria
O teu amor
O teu amor
Em celeste harmonia*

(Oferta de Flores, Maria Betânia)

Resumo

FARINHA, Alessandra Buriol. Memória e História da Mui Heroica Villa de São José do Norte: a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. 2017. 260f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, município da península do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, é provavelmente a mais antiga que ocorre com essa invocação mariana no país. É uma tradição luso-brasileira herdada de famílias açorianas, que ocuparam o território em meados do século XVIII. Provavelmente essas raízes portuguesas contribuíram para o legado da religiosidade, principalmente expressa na devoção em Navegantes, cultuada no local através da festa desde o ano de 1811. O objetivo principal da tese é delimitar um estudo historiográfico da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, analisando-a como uma manifestação da memória cultural (Assmann, 2006), onde os significados, as continuidades e rupturas vêm de uma memória comunicativa ou geracional e, portanto, têm valor afetivo, nostálgico e prioritário. Neste âmbito, objetiva-se detectar os sentidos de pertença e significações da festa, elementos que garantem sua dinâmica, sua existência e a unidade da comunidade em seu entorno. O problema de pesquisa é, portanto, reconstituir a historicidade, elaborando a diacronia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, analisando os elementos que a envolvem e caracterizam como uma festa popular, verificando as recorrências e interrupções que vêm ocorrendo ao longo desses anos. As principais metodologias utilizadas foram a observação participante, de 2013 a 2017 e a história oral, em entrevista aberta e com roteiro pré-estabelecido. Foi feita também pesquisa histórica da festa de Nossa Senhora dos Navegantes tendo como base fontes primárias como manuscritos, documentos da Mitra diocesana de Rio Grande e Livros Tombo da Paróquia São José, periódicos dos séculos XIX e XX e antigas fotografias. Pode-se afirmar que a Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, por seus aspectos relacionados com o lugar, tais como as técnicas de trabalho ligadas a atividades primárias, no caso agricultura e pesca, proporcionam uma “intimidade” com os elementos naturais, e um sentimento de súplica e gratidão pela fecundidade do solo e das águas, como na teoria da dádiva (Mauss, 1925).

Palavras-chave: memória; história; festa de Navegantes; São José do Norte

Abstract

FARINHA, Alessandra Buriol. Memory and History of Mui Heroica Villa of São José do Norte: Our Lady of the Navigators' Feast. 2017. 260f. Thesis (Ph.D. in Social Memory and Cultural Heritage) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

The feast of our Lady of Navigators of São José do Norte, municipality of the peninsula of the State of Rio Grande do Sul, Brazil, is probably the oldest to be held with that Marian invocation in the country. It is a Portuguese-Brazilian tradition inherited from Azorean families that occupied the territory in the middle of the 18th century. Probably such Portuguese roots contributed to the legacy of the religiosity, mainly expressed in the devotion to Navigators, worshiped in the site through the feast since 1811. The main goal of the thesis is to delimit a historiographical study of the feast of our Lady of Navigators of São José do Norte, by analysing it as a demonstration of the cultural memory (Assmann, 2006), where the meanings, continuities and break-ups come from a communicative or generation memory, and therefore, they have affective, nostalgic, and priority value. Within this framework, we seek to detect the senses of belonging and meanings of the feast, elements that assure its dynamic, its existence, and the unit of the community in its environment. The problem of the research is, therefore, to reconstitute the historicity, by making diachrony of the feast of our Lady of Navigators of São José do Norte, analysing the elements that involve and characterize it as a popular feast, verifying the recurrences and interruptions happening along these years. The main methodologies used were the participant observation, from 2013 to 2017, and the oral history, in open interview and with pre-established itinerary. Also a historic research of the feast of our Lady of the Navigators was carried out based on primary sources such as manuscripts, documents of the Diocesan Bishopric of Rio Grande and Register Books of the São José Parish, newspapers of the 19th and 20th centuries, and old photographs. It may be stated that our Lady of Navigators of São José do Norte, because of its aspects related to a place, such as work techniques linked to primary activities, in this case agriculture and fishing, provide an "intimacy" with the natural elements, and a plea and gratitude feeling for the fertility of the soil and waters, such as in the gift theory (Mauss, 1925).

Keywords: memory; history; party of Navigators; São José do Norte

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul localizando São José do Norte.	20
Figura 2: Mapa do trajeto da procissão marítima de Nossa Senhora de Navegantes de São José do Norte, RS.....	23
Figura 3: Mapa da península ao leste do Rio Grande do Sul, Brasil.....	35
Figura 4: Ex-voto representando o milagre de Nossa Senhora dos Remédios a Manuel Gomes Ferraz, 1656.....	62
Figura 5: Tela de Nossa Senhora do Rosário, conduzida na primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em 1811.	68
Figura 6: <i>Souvenir</i> da festa e romaria da Nossa Senhora dos Navegantes.....	75
Figura 7: Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes no barco-andor, 2015.	75
Figura 8: Souvenir em comemoração pelo centenário da Matriz São José (1960). ..	81
Figura 9: Anúncio da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1961.	84
Figura 10: Imagem do lugar onde a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes permanece durante o ano, 2013.	87
Figura 11: Folheto do hino a Nossa Senhora dos Navegantes, 1989.	107
Figura 12: Folheto de oração a Nossa Senhora dos Navegantes.....	110
Figura 13: Programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 1992.	112
Figura 14: Periódico “O Sino” (2007).....	115
Figura 15: Grade de Contrapartidas e investimentos na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2012.	124
Figura 16: Nortenses jogando bingo no salão paroquial da Matriz São José, 2015.	125
Figura 17: Nortenses jogando bingo no salão paroquial da Matriz São José, vista do balcão do bar, 2015.	126
Figura 18: Novena na Matriz São José, 2015.....	129
Figura 19: Detalhe do retábulo iluminado na Matriz São José, 2015.....	130
Figura 20: Momento inicial da missa do último dia da novena da festa de Navegantes de 2015.....	131
Figura 21: Miniatura de um barco pescador colocado no altar da missa do último dia da novena da festa de Navegantes de 2015.	131

Figura 22: Momento final da missa do último dia da novena da festa de Navegantes de 2015.....	133
Figura 23: À esquerda, mulheres cortando legumes na cozinha e à direita uma senhora arrumando o salão paroquial, 2016.	134
Figura 24: Ruas demarcadas para barracas de alimentação, 2016.....	135
Figura 25: Pastéis prontos para fritar no dia da festa, 2016.	136
Figura 26: O pescador e seu filho decorando o barco para participar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2016.	136
Figura 27: Matriz São José decorada, 2013.	138
Figura 28: Fiéis na primeira missa, às 07h do dia 02 de fevereiro de 2015.	140
Figura 29: Fiéis fazendo homenagens à imagem da Virgem Maria, 2015.	141
Figura 30: Fiel fazendo oração à Virgem Maria, 2015.	142
Figura 31: À esquerda, o vendedor e suas camisetas de Navegantes e Yemanjá, à direita, as bancas da igreja e ao fundo o palco de apresentações da festa, 2015. .	143
Figura 32: À esquerda, servidores da prefeitura preparando a fiscalização, à direita, um servidor orienta o indígena a respeito das normas para comercialização, 2016.	144
Figura 33: À esquerda, ambulância atrás do palco, à direita, carro da brigada militar defronte à igreja, 2015.	144
Figura 34: À esquerda, uma viatura e agentes da Brigada Militar no cais do porto, à direita, funcionários da Guarda Municipal, 2015.....	145
Figura 35: Ambulante organizando seu espaço de venda para a festa, 2015.	145
Figura 36: Ambulante organizando seu espaço de venda para a festa, 2016.	146
Figura 37: Igreja São José antes da missa solene da festa de Navegantes, 2015.	147
Figura 38: Momento da entrada das ofertas na missa solene da festa de Navegantes, 2015.	148
Figura 39: Objetos no altar da missa solene da festa de Navegantes, 2015.	148
Figura 40: Almoço no salão paroquial na festa de Navegantes, 2015.	151
Figura 41: Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes na nave lateral, antes da procissão marítima, 2013.	154
Figura 42: Oficiais da Marinha do Brasil na festa de Navegantes, 2015.....	155
Figura 43: Saída da imagem de Navegantes da Matriz São José, 2015.	155

Figura 44: Banda Municipal Democrata em cortejo com as imagens até os barcos, 2015.....	156
Figura 45: Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes sendo conduzida para a embarcação, 2013.	157
Figura 46: Imagens de São Pedro e São José, respectivamente, sendo conduzidos com a Imagem de Navegantes para as embarcações, 2013.....	158
Figura 47: Menino vestido de anjo, acompanhando o cortejo até os barcos para a procissão marítima de Navegantes, 2015.	159
Figura 48: Momento do embarque da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, 2015.....	161
Figura 49: Imagem de São Pedro durante a procissão marítima, 2013.....	162
Figura 50: Multidão assistindo a saída da procissão marítima no cais do porto, 2013.	164
Figura 51: Embarcações na procissão marítima da Festa de Navegantes, 2013. ..	165
Figura 52: Equipe de oração e animação a bordo do barco de São Pedro, 2013...	165
Figura 53: Algumas embarcações decoradas na procissão marítima da Festa de Navegantes, 2013.	166
Figura 54: Monitoramento de segurança da Força Militar Nacional na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.	167
Figura 55: Pescador no barco Senabio na procissão marítima da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.	168
Figura 56: Barcos na procissão marítima de Navegantes, 2015.	170
Figura 57: Banda Democrata na procissão marítima de Navegantes, 2015.	171
Figura 58: Multidão assistindo à procissão marítima, em Rio Grande, 2015.	172
Figura 59: Multidão assistindo à procissão marítima, próximo ao prédio da Alfandega, em Rio Grande, 2015.	173
Figura 60: Multidão assistindo à procissão marítima, próximo ao prédio do Mercado Público Municipal, em Rio Grande, 2015.	173
Figura 61: Desembarque da imagem de Navegantes, 2015.....	174
Figura 62: Andor de Nossa Senhora dos Navegantes no início da procissão terrestre, 2013.....	175
Figura 63: Imagens dos santos durante a bênção da hidroviária na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.	177

Figura 64: Imagens dos santos durante a bênção do hospital local na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.	178
Figura 65: Devotos de Navegantes caminhando descalços na procissão, 2015	179
Figura 66: Devota de Navegantes descalça, após a caminhada, 2016.	179
Figura 67: Imagens dos santos durante a bênção do hospital local na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.	180
Figura 68: Imagem da multidão no encerramento da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.	181
Figura 69: Baile dos Festeiros, à esquerda na praça, em 2015; à direita baile no salão paroquial, em 2016.	182
Figura 70: À esquerda, vários devotos disputando as flores, à direita, um colaborador tenta distribuir as flores entre os devotos, 2016.	183
Figura 71: Devoto pagando uma promessa na procissão marítima da festa de Navegantes, 2015.	187
Figura 72: Devotas pagando promessas pela cura de crianças na procissão terrestre da festa de Navegantes, 2016.	188
Figura 73: Danceteria, boate, lancheria e rua repletos de pessoas, 2016.	193
Figura 74: Procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes.	202
Figura 75: Procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, anos 1960.	209
Figura 76: Nossa Senhora dos Navegantes no andor, na Matriz São José.	210
Figura 77: Procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes na década de 1940.	214
Figura 78: Procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente.	214
Figura 79: Barcos na procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente.	215
Figura 80: Procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente, defronte à Matriz São José.	220
Figura 81: Procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente, defronte à Matriz São José.	220
Figura 82: Devotas com crianças participando da procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, em meados do século XX.	222
Figura 83: Sr. Natálio Viana com seu filho na Matriz São José, 2016.	225
Figura 84: Bolante - chalé móvel, 2014.	232

Sumário

Introdução.....	17
CAPÍTULO 1 – São José do Norte: constituição e ocupação da Península	34
1.1 Território e primeiros povoamentos.....	34
1.2 Ocupação da península e criação da vila.....	37
1.3 Os açorianos.....	42
CAPÍTULO 2 – <i>Comemorare festus</i> : História e Significados das festas	48
2.1 As festas religiosas no percurso do tempo.....	54
2.2 A devoção na padroeira dos trabalhadores do mar	60
CAPÍTULO 3 - Histórico da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte	65
3.1 A primeira festa de Nossa Senhora dos Navegantes	66
3.2 A construção da Matriz São José e a festa no século XIX	69
3.3 Conflitos, mudanças: Registros da festa na primeira metade do século XX....	76
3.4 Outras mudanças e desafios: a festa na segunda metade do século XX e início do XXI.....	79
CAPÍTULO 4 – A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (2013-2017) sob a ótica da Observação Participante	117
4.1 Estrutura social de produção, planejamento, organização	122
4.1.1 Recursos.....	123
4.2 Participação Concreta de um Determinado Coletivo	127
4.2.1 A Novena	127
4.2.2 Preparação na véspera da festa na igreja, nas ruas, nas casas, nos barcos	133
4.3 Interrupção do tempo social, suspensão temporária das atividades diárias ..	137
4.3.1 Às 7h, a primeira missa da festa	138
4.3.2 Após a primeira missa, a cidade continua em preparação	143

4.3.3 Missa Solene das 10h30	146
4.3.4 Almoço comemorativo no salão paroquial	150
4.4 Articulação em torno de um objeto focal, que constitui a motivação principal de festa.....	152
4.4.1 Indo para as águas: preparação da procissão marítima	152
4.4.2 A procissão marítima	162
4.4.3 A procissão terrestre	174
4.5 Produção social que gera produtos materiais, comunicativos, significativos .	181
4.5.1 A disputa pelas flores e o encerramento da festa.....	182
4.5.2 Promessas e milagres concedidos por Nossa Senhora dos Navegantes	183
4.5.3 A igreja fecha, mas a festa continua.....	191
CAPÍTULO 5 – Memória Cultural: a festa em depoimentos e imagens	195
5.1 Histórias e Memórias do começo da festa.....	199
5.2 A Preparação da festa: visitas, roupas e comidas.....	203
5.3 Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro e os pescadores	211
5.4 Nossa Senhora nas ruas: a memória geracional através das décadas	217
5.5 Conflitos.....	223
5.5.1 Pescadores e comerciantes	223
5.5.2 Disputa com Rio Grande	226
5.6 Sincretismo religioso.....	228
5.7 Os Moradores da comunidade da Várzea e a devoção.....	230
5.8 Dificuldades para a continuidade da festa.....	232
Considerações finais.....	235
Referências.....	244
Apêndices	253
Anexos.....	256

Introdução

O pároco, tendo sua voz ampliada pelo microfone, incita a resposta dos fiéis que o seguem rua afora: “*Viva Nossa Senhora*”... Imediatamente o povo, centenas, talvez milhares, em coro, entoam com ardor, mesmo após várias horas de atividades relativas à festa: “*Viva!*”. O calor é escaldante, a pele sente o sol queimando com intensidade, através da roupa, pela proximidade das águas do mar e da lagoa, por ser verão, mês de fevereiro, festa de Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte. A quantidade de pessoas impressiona, não apenas pelo número, mas pela diversidade, várias pessoas em idade avançada, senhoras, famílias, crianças de colo, homens, jovens, todas as idades. Impressiona também por saber que aquela é uma cidade conhecida como pouco movimentada, onde é possível perceber as relações vicinais, características de uma vila de pescadores.

Durante a festa a cidade se transfigura. Nas missas, nas procissões marítima e terrestre, percebe-se que a devoção e respeito à tradição é partilhada pelos que estão participando das homenagens. Alguns a expressam de maneira efervescente, como os penitentes, as ministras da paróquia, outros fazem o sinal da cruz quando a imagem da Virgem Maria passa, outros prostram-se, ajoelham-se, outros evocam as bênçãos com as mãos apontadas ao céu, às imagens, outros apontam seus bebês, suas crianças. Vive-se aquele como um momento solene, de consolidação de milagres individuais, de pagamento de promessas, de oferecimento de vidas, de fazer pedidos. No ‘ciclo da vida’ do devoto de Nossa Senhora dos Navegantes, assim como de qualquer pessoa, não importa o momento vivenciado, há sempre algo pelo qual se deve agradecer, algo que se possa pedir, ou oferecer.

Nesse contexto, observa-se algo peculiar, identificado com atenção no decorrer dos anos de pesquisa de campo na festa: as relações familiares. Antes, durante e após a festa - diferentes gerações (o ‘ciclo da vida’) repetem as atividades, o trabalho de organização, as ações devocionais feitas por seus antepassados com relação à devoção na Virgem Maria. São avós, mães, sogras, bisavós, tias, atores sociais não apenas do sexo feminino, mas também homens, principalmente trabalhadores do mar e da terra, agricultores. Matriarcas e patriarcas que “conduzem” suas famílias, os filhos, netos, genros, sobrinhos, bisnetos, que de pequenos já se

acostumam, não apenas a participar da festa, mas a perceber o que ela representa para sua família, para sua cidade, e com o passar do tempo, acabam assimilando a representação e o significado da devoção para si mesmo. Quando os entes familiares não se encontram com os parentes no momento da festa, eles estão nas intenções de orações, nos pedidos, nos agradecimentos¹.

A forma como se desenvolve esta devoção de herança portuguesa, e a memória cultural (Assmann, 2006) são aspectos que se relacionam inexoravelmente e se tornam evidentes na festa de Nossa Senhora dos Navegantes do município de São José do Norte. Essa relação da devoção com a memória cultural pode ser analisada não apenas no dia da festa, mas antes, quando a comunidade prepara a festa, cada um de seu lugar social. Os comerciantes abastecem os seus comércios, preparando-se para o melhor dia de vendas do ano, as pousadas e hotéis têm sua ocupação completa, tendo que indicar aos clientes desalojados casas de aluguéis nas praias vizinhas; as mulheres, na véspera, fazem pastéis, sanduiches e outros quitutes para levar nas embarcações que acompanharão a procissão marítima; compra-se gelo para a cerveja que de tanta não cabe na geladeira; as crianças limpam suas sandálias para ir à festa; as famílias que moram no centro preparam as casas para receber amigos e parentes do interior – pois é o momento de ir à sede da cidade para acompanhar a maior das festas da região. Os homens, na manhã do dia 2 de fevereiro, decoram seus barcos de pesca com a ajuda dos filhos e filhos dos vizinhos.

No âmbito da gestão pública, um mês antes são definidas as ruas onde o tráfego de veículos será interrompido. Os responsáveis pelos barcos fazem o credenciamento, necessário para a participação na festa. Agentes municipais, antes de começar a festa, fiscalizam a ocupação do espaço comercializado a ambulantes pela prefeitura; policiais militares e guardas municipais cuidam da segurança e organização. Socorristas são escalados e permanecem de prontidão junto à ambulância, durante toda a realização da festa. Bombeiros, Policiais Federais, Marinha do Brasil acompanham a procissão marítima.

No salão paroquial a comensalidade é preparada na véspera: lavar, descascar, cortar as frutas que irão compor a salada de frutas para vender durante a festa, temperar o frango para assar, cortar e cozinhar os legumes, gelar as bebidas, fazer os pudins, fechar os pastéis. Limpar a cidade, preparar os discursos, arrumar a

¹ Dados obtidos com diversos depoentes em pesquisa de campo.

igreja, enfim, há um envolvimento integral que envolve diversos agentes sociais em seus setores de atuação na cidade de São José do Norte. O “fato social total”² (Mauss, 1925), que ocorre neste local refere-se principalmente à devoção mariana de Nossa Senhora dos Navegantes e ao frenesi terrestre e marítimo provocado pela festa em sua honra.

Tendo relatado brevemente e de forma geral alguns elementos que compõem esta tese, reitera-se que o objeto desta pesquisa é a festa de Nossa Senhora dos Navegantes que ocorre em São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil. É um estudo da diacronia deste fenômeno sociocultural de mais de duzentos anos e de como ocorreu a transmissão desta tradição, de como esta memória cultural está relacionada com identidade social dos habitantes do lugar onde este se realiza. E desta forma busca-se compreender a heterogeneidade e participação de agentes históricos na existência da festa, reconhecendo suas identidades plurais.

Conforme visto, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes envolve diversos elementos que perpassam o patrimônio, a memória, a identidade, a história e tradições do lugar. Esses elementos, percebidos no relato acima, nos ajudam a compreendê-la como um “fato social total” (MAUSS, 1925), ao mesmo tempo em que a epistemologia das ciências históricas nos ensina sobre a importância do estudo das festas para a compreensão da sociedade, valores, comportamentos, relações, crenças.

O município de São José do Norte³ encontra-se a cerca de 370 quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Faz parte de uma península situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, conforme a Figura 01. Os limites são, ao norte, a Lagoa dos Patos, a nordeste, o município de Tavares, ao leste o Oceano Atlântico, ao sul o Canal do Norte e Molhe da Barra, a sudeste o Estuário da Lagoa dos Patos, a oeste e noroeste a Lagoa dos Patos. A maioria do território é constituída por campos, com vegetação rasteira e herbácea, típica da costa do litoral

² “[...] exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam” (MAUSS, 1924, p. 10).

³ Palco de um importante combate da Revolução Farroupilha, por isso recebeu o título de *Mui Heroica Villa*, através do Decreto Imperial de 25 de outubro de 1841. Em 31 de março de 1938 a Vila de São José do Norte foi elevada à categoria de cidade.

sul do Brasil. Dunas relativamente altas concentram-se em toda a área municipal, inclusive na área urbana (COSTAMILAN e TORRES, 2007, p. 13).



Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul localizando São José do Norte.
Fonte: Abreu, 2006.

A ocupação do território foi feita por remanescentes indígenas, descendentes de africanos, tropeiros, oriundos da Ilha da Madeira, refugiados de Colônia do Sacramento, portugueses do continente e, principalmente, famílias vindas do Arquipélago dos Açores⁴.

De acordo com o último censo, São José do Norte tem a população estimada em 25 mil habitantes (IBGE, 2010). A economia local ampara-se na pesca e na agricultura. A cidade possui centro histórico⁵ composto por ruas e quarteirões irregulares, casas térreas e sobrados da época colonial com características da habitação urbana tradicional. No lugar ocorreram diversos conflitos pelo controle do território do Rio Grande do Sul (IPHAE, 2004).

⁴ A ocupação açoriana é hegemônica. Não houve outra imigração de outra etnia no local. O estabelecimento de portugueses legítimos na península seria uma maneira “segura” de ocupação, pois estes estariam a favor da Coroa portuguesa. O Arquipélago dos Açores hoje é região autônoma, formado por nove ilhas: São Miguel, Santa Maria (parte oriental), São Jorge, Terceira, Pico, Faial, Graciosa (parte central), Flores e Corvo (parte ocidental) (AMARAL, 1999, p. 270).

⁵ Portaria IPHAE 32/2004.

A primeira festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte ocorreu no ano de 1811⁶. Foi idealizada por trabalhadores do mar, operadores de embarcações denominadas catraias, responsáveis pelo transporte de carga e descarga de navios atracados, pescadores e suas famílias, dentre outros, os quais iniciaram naquele ano um movimento de festividades religiosas em veneração à padroeira dos trabalhadores do mar, para pedir a sua proteção e agradecer pelo sustento que as águas propiciavam.

De acordo com documentos disponíveis em antigos periódicos de Rio Grande e São José do Norte, assinados por clérigos e bispos, desde aquela época, quando o tempo permitia, a procissão marítima em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes dirigia-se a Rio Grande pelo canal do Norte. Chegando lá, os devotos embarcados recebiam a bênção litúrgica e após a procissão regressava a São José do Norte. A festa de Nossa Senhora dos Navegantes permanece ocorrendo na cidade anualmente, no dia 02 de fevereiro, sendo a mais antiga com esta invocação mariana do Estado. Desde o ano de 2008 é considerada um patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul⁷.

Em participação na festa de Nossa Senhora dos Navegantes entre os anos de 2013 a 2017 foi possível acompanhar as diversas fases que a compõem. Nos nove dias que antecedem a festa (do dia 24 de janeiro ao dia 1º de fevereiro) ocorre a novena, nove dias de missas diárias na Matriz São José, organizadas pelas comunidades que compõem a paróquia, congregando lideranças, devotos, paroquianos, população em geral em preparação para o dia 02.

No dia 2 de fevereiro, às 07h ocorre a primeira missa, celebrada pelo pároco local, com a participação de pessoas da comunidade (que prepararam e vivenciaram a novena) e visitantes. A outra missa, mais solene, com a presença do bispo diocesano, ocorre às 10h30, quando a igreja completa sua capacidade de pessoas sentadas, e dezenas de pessoas participam da celebração em pé. Esta estende-se até às 12h, quando ocorre o almoço no salão paroquial. Logo após o almoço, às 14h os fiéis são convidados a se dirigirem aos barcos para a procissão marítima.

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é então conduzida ao barco, juntamente com as imagens de São José (padroeiro da cidade), São Pedro (o

⁶ Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte e documentos da Paróquia São José.

⁷ Lei Estadual nº 12.988 de 13 de junho de 2008.

“apóstolo pescador”) e Sagrado Coração de Jesus. Cada imagem ocupa uma embarcação distinta com capacidade de embarcar centenas de fiéis. Embarcam o pároco, representantes da igreja, a banda da Prefeitura Municipal, dentre centenas de fiéis que se dividem nas embarcações que conduzem as imagens dos santos, mediante o uso de coletes salva-vidas e apresentação das senhas de identificação fornecidas semanas antes pela secretaria paroquial. Importante enfatizar que não há uma hierarquia, qualquer pessoa pode embarcar, desde que apresente a senha de identificação própria para determinada embarcação (a da Virgem Maria, de São José, São Pedro ou Sagrado Coração de Jesus) e que tenha o colete salva-vidas.

A procissão marítima é acompanhada por dezenas de embarcações menores, enfeitadas com bandeiras, balões e flores, às vezes com famílias inteiras embarcadas, buzinando, fazendo a “sua” festa particular. Acompanham também embarcações oficiais da Polícia Federal, Marinha do Brasil, Exército, Bombeiros e outros. A procissão percorre as águas da Lagoa dos Patos em direção ao Oceano Atlântico, até a Ilha da Marinha (conforme mapa disposto na Figura 02), fazendo o contorno desta e passando por todo o cais do porto antigo de Rio Grande, onde centenas, talvez milhares de pessoas se reúnem para prestar homenagens, jogando flores, velas, cartas com pedidos, moedas e outras oferendas aos barcos das imagens.

A procissão percorre a margem de Rio Grande até certo ponto, próximo ao Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande e retorna a São José do Norte, para o desembarque dos fiéis e das imagens. Após o desembarque das imagens e dos fiéis, ocorre a procissão terrestre pelas ruas do centro histórico da cidade com as quatro imagens dos santos, com paradas para bênçãos a lugares públicos, empresas e eventualmente a casas de devotos onde há pessoas enfermas. Os devotos em procissão regressam então para a Matriz São José, as imagens são conduzidas para o interior da igreja, há o sorteio dos casais festeiros do ano seguinte, com comemoração e homenagens aos atuais e futuros festeiros. E encerrando a solenidade da festa, há a bênção final proferida pelo pároco e apresentações musicais de bandas católicas e que se estendem até o anoitecer.



Figura 2: Mapa do trajeto da procissão marítima de Nossa Senhora de Navegantes de São José do Norte, RS.

Fonte: Miranda e Coutinho (2004) com adaptações da autora.

Os diversos momentos que fazem parte da programação da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, acima descritos resumidamente, são caracterizados por orações, louvores, cânticos, banda musical, pagadores de promessas. No interior da Matriz São José, nas ruas, durante a procissão marítima ou terrestre encontram-se pessoas que expressam sua fé e devoção de diferentes formas: pagadores de promessas, entrega de objetos simbólicos como oferendas, oferta de ex-votos, crianças vestidas de anjos, pessoas descalças, choro, louvor, emoção.

Assim como é possível observar, naquele mesmo espaço-tempo, outras pessoas que estão ali, principalmente, para se divertir, beber, rir, se encontrar, conversar, acompanhar a movimentação deste dia no centro da cidade, assistir a diferentes manifestações culturais, dançar e se divertir, pois amigos e parentes aproveitam para vir no feriado da festa, e há bandas de música popular, samba, pagode, roda de capoeira e outros atrativos que evocam o encontro, a celebração. Existe também a presença de comerciantes ambulantes, artesãos e outros vendedores de fora da cidade que aproveitam a festa para alavancar as vendas. Esses diferentes indivíduos e outros não mencionados, com variadas motivações pessoais,

formam o corpo social e tornam plural e diversa a bicentenária festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte.

Além do clero, autoridades civis e militares, trabalhadores do mar, pescadores, comerciantes, idosos, crianças, jovens e adultos de variadas idades, dentre outros agentes sociais. A segurança, tanto em terra quanto nas águas, é reforçada pela Guarda Municipal, Polícia Militar, Civil e Federal, Marinha do Brasil, Capitania dos Portos, Corpo de Bombeiros, dentre outros. Durante o dia 2 de fevereiro, as pessoas ocupam as missas, os barcos para a procissão, a caminhada pelas ruas do centro histórico, e também ruas adjacentes, as lanchas que dão acesso à cidade, vindas de Rio Grande, a praça principal, as bancas de alimentação, bares, comércio informal, dentre outros espaços.

Desta forma, é possível aferir que esta festa é eminentemente popular, ritualística, penitencial (Tinhorão, 2001), com exposição pública da fé, vinculada às características do lugar, bioma, hidrografia e formas de subsistência, principalmente o labor do pescador, do trabalhador marítimo. A festa envolve diretamente vários setores da sociedade civil (Dias, 1997). A festa de Nossa Senhora dos Navegantes revela a religiosidade que permeia o local, a economia, o espaço, a história, a tradição e a memória. Pode se afirmar que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte configura um fato social amplo, ou “fato social total” (MAUSS, 1974), e ao mesmo tempo um momento condensador de memória de mais de dois séculos, sendo assim um patrimônio cultural imaterial de longa duração que ainda permanece vivo.

O fato de se comemorar a festa há mais de 200 anos induz a reflexões sobre a história e a memória desta festa, como por exemplo, sobre o fato de ela ter conseguido se manter por tanto tempo, sobre o que ela representa para a comunidade e como os habitantes estão representados nela, sobre quais são os processos de construção e transmissão da memória. Em uma perspectiva teórica, é possível pensar na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes como a memória viva, referenciada ao presente, não congelando o passado, mas cultivada pelos indivíduos locais, os quais compõem uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 1990). O problema de pesquisa é, portanto, reconstituir a historicidade, elaborando a diacronia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, analisando os elementos que a

envolvem e caracterizam como uma festa popular, verificando as recorrências e interrupções que vêm ocorrendo ao longo desses anos.

O objetivo principal da tese é delimitar um estudo historiográfico da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, analisando-a como uma manifestação da memória cultural (Assmann, 2006), onde os significados, as continuidades e rupturas vêm de uma memória comunicativa ou geracional e, portanto, têm valor afetivo, nostálgico e prioritário, demandando a continuidade desta herança cultural. Neste âmbito, objetiva-se detectar os sentidos de pertença e significações da festa, elementos que garantem sua dinâmica, sua existência e a unidade da comunidade em seu entorno.

Para tanto, foram utilizados aportes metodológicos diversificados durante a pesquisa, objetivando identificar os grupos sociais que se relacionam com a festa, descrever a sequência de eventos (ritual, devocional, institucional), enquadrar as representações sociais que dão forma à festa, perpassando aspectos históricos, culturais e naturais do território.

A hipótese apresentada é que na festa de Nossa Senhora dos Navegantes pode se afirmar que ocorre o que Assmann (2006) chama de transmissão da memória cultural. Ou seja, no decorrer de mais de dois séculos, as normas, os valores da vida social de São José do Norte, de certa forma, selecionaram essa manifestação devocional em honra a Nossa Senhora dos Navegantes como importante para a manutenção da vida, pois ela dá significado e estrutura experiências individuais e coletivas ligadas aos sentimentos, e portanto, à memória (ASSMANN, 2006, p. 03). A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é uma forma simbólica que armazena a memória da comunidade (Assmann, 2008).

Nesta perspectiva, a festa também pode ser interpretada como um exemplo de memória comunicativa, que é como uma memória geracional, onde, no meio familiar, seleciona-se o que de importante foi aprendido no passado para transmitir às gerações futuras. A memória comunicativa, por ter sido selecionada por antepassados, torna-se uma prioridade, mesmo que não esteja de acordo com os costumes e crenças vigentes, torna-se maior, mais importante, carrega o *status* do legado, da herança cultural.

Desta forma, é evidente o interesse do tema e sua importância no viés da história e da memória social e também como um patrimônio cultural imaterial. A

elaboração desta tese foi motivada por diversos aspectos, que deram fôlego e motivação para a pesquisa. A justificativa está dividida em três: social, científica e pessoal.

A primeira parte trata da relevância social. Desde o começo da pesquisa em São José do Norte houve investimentos em obras portuárias, aumento demográfico, transformações no território, criação de novas atividades, empregos, que geram impactos na vila de pescadores e, portanto, também na festa. No exemplo de Martha Abreu (2000), vimos que a antiga Festa do Divino do Rio de Janeiro foi “devorada” pelo progresso e civilização no século XIX.

Neste caso, o “progresso” também pode ocasionar o desaparecimento de referências e a diluição das identidades (CANDAU, 2011, p. 10). Pensando nessa situação de vulnerabilidade com relação aos bens culturais, é justificada a necessidade de pesquisar a memória da festa, interpretando algumas de suas representações e sua importância para a comunidade. Jancsó e Kantor (2001, p. 10) afirmam que, em tempos de itinerância geográfica, dispersão espacial, instabilidade econômica, fluidez da sedimentação social, entre outros fatores, o estudo das festas é de singular relevância para a compreensão das adaptabilidades que resultaram em variadas formas de convivências.

A festa ativa a memória dos moradores da cidade, reforça as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo. Londres (2010, p. 12) afirma que o valor do bem cultural é legitimado através da comunidade, é ela que dá sentido, representação ao bem cultural. Nesse contexto, ela se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. O tempo da festa é também fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992).

Em São José do Norte a vida e o trabalho dos habitantes estão ligados às águas, às tradições marítimas, seja através da pesca ou simplesmente pela travessia do canal Miguel da Cunha, rumo à cidade mais próxima, Rio Grande. Neste sentido, as condições climáticas, de navegabilidade, do perigo das águas, têm importância peculiar no cotidiano local, na estabilidade da vida. De acordo com Dias (1997, p. 252), o ofício do marítimo está ligado à possibilidade de acidentes nas águas e a simplicidade e solidariedade dos trabalhadores do mar e suas famílias. O estudo da festa de Nossa Senhora dos Navegantes demonstrou relações entre a devoção e a

identidade dos habitantes desse município, demonstrando como a festa contribui para elevar a autoestima dos moradores. A elaboração da pesquisa, de certa forma, sensibilizou sobre a relevância de seus bens culturais, seus ofícios, tradições, história, memória, propiciando reflexões sobre meios que contribuam para que esse legado cultural seja preservado.

Quanto à relevância científica, é válido salientar que o tema contribui aos estudos de celebrações, devoções, festas e ritos. De acordo com Vovelle (1985), havia uma discrepância entre a diversidade de manifestações religiosas existente no Brasil e o volume de pesquisas e trabalhos acadêmicos publicados, dando ênfase à história e memória das religiões e religiosidades. Desta forma, pode-se aferir que toda a produção de conhecimento neste campo teórico torna-se relevante e atual para diversas ciências.

No contexto do ineditismo, reitera-se que mesmo a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte sendo parte da memória social da cidade, um já legitimado patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul, em busca de referenciais teóricos em arquivos, banco de teses e dissertações de universidades, revistas científicas em nível nacional e internacional, foi verificado que não há pesquisas publicadas sobre este tema⁸ nesta cidade.

Para o pesquisador que tem afeição pelas manifestações culturais, materiais ou imateriais, que evidenciam a memória social é gratificante conhecer e ter a oportunidade de fazer perpetuar, dar a conhecer saberes e fazeres que dão fôlego a uma representação cultural. A seguir é descrito um breve relato sobre a trajetória da autora, algo que passa a ser elemento constitutivo do estudo por perpassar as análises, as vivências na festa. Neste contexto, é preciso apresentar quem é a pesquisadora, sua origem e suas motivações para o estudo deste objeto.

Sou natural do município de Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul, filha primogênita de pais oriundos de famílias humildes, descendentes de imigrantes italianos por parte de mãe e de africanos e portugueses por parte de pai. Ambas as ascendências me conduziram e estimularam a práticas culturais da espiritualidade católica, que sempre se demonstrou hegemônica nas duas famílias. Talvez este seja

⁸ Há diversos trabalhos acadêmicos sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Alegre, dentre eles, destaca-se Laytano (1955), Cavedon (1992), Costa (2010), Lampert (2010), Oro e Anjos (2009) sobre o sincretismo entre Nossa Senhora dos Navegantes e Yemanjá nas celebrações e Steil (2001, 2004, 2016) sobre a memória do catolicismo e peregrinações no Rio Grande do Sul. Em minha dissertação, defendida em 2012, foi elaborado o estudo de memórias da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Pelotas (1932 – 1972).

um aspecto implícito da escolha do presente objeto de pesquisa, pois as romarias de Nossa Senhora da Medianeira⁹, os capitéis¹⁰ de beira de estrada bem cuidados, com flores naturais, histórias de milagres, de curas de familiares atribuídas a santos, a reza do terço, as imagens e figuras marianas e de santos católicos nas casas da família, dentre outras práticas e símbolos, permearam minha infância e adolescência.

No decorrer do curso de bacharelado em turismo, na Universidade Federal de Pelotas, o interesse por este objeto de pesquisa foi consolidado com uma pesquisa elaborada no trabalho de conclusão de curso, um estudo de caso do diácono João Luiz Pozzobon, da quarta colônia de imigração italiana do estado e as ações do movimento de Schoenstatt, originário da Alemanha, na cidade de Santa Maria.

Esta afeição por temas relacionados à religiosidade foi impulsionada e incentivada durante o mestrado, quando estudei memórias da antiga festa de Nossa Senhora dos Navegantes da cidade de Pelotas¹¹. Neste estudo, a festa já não acontecia mais, o que restou foram memórias dos moradores do bairro do Porto, que se envolviam direta ou indiretamente com ela. A partir desta experiência, e já tendo me apropriado de alguns significados das festas religiosas para quem as faz, para quem participa, para quem vive, e a mácula que significa perdê-la, fui levada a estudar o presente objeto de tese, sensibilizada principalmente por saber que esta seria a mais antiga festa do estado e possivelmente do Brasil com esta invocação mariana.

O entusiasmo da pesquisa, a inovação encontrada neste objeto de pesquisa, era o estudo da festa, não apenas como elemento da memória social local, mas também como um bem patrimonial imaterial brasileiro, pois ela não estava apenas na memória, mas permanecia viva na comunidade.

Caminhos metodológicos

Foram utilizadas diferentes metodologias para contemplar os objetivos propostos. As estratégias metodológicas foram determinadas através de um percurso

⁹ Nossa Senhora Medianeira é considerada a padroeira do estado do Rio Grande do Sul. A festa se realiza anualmente, no segundo domingo de novembro, na cidade de Santa Maria, região central do estado, reunindo aproximadamente 300 mil fiéis.

¹⁰ Capitéis são pequenas capelas construídas principalmente na zona rural, onde os templos, as igrejas são distantes. A pequena capela abriga imagens de um ou mais santos de devoção.

¹¹ A festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Pelotas, que desde o começo do século XX ocorria no bairro do porto da cidade, nos anos 1980 foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3, deixando seus devotos saudosos com relação à presença da imagem da Santa na igreja Sagrado Coração de Jesus, da movimentação da festa no bairro, da visibilidade que o lugar tinha neste período, ornamentos, músicas, congregações, confrarias, dentre outros elementos (FARINHA, 2012).

reflexivo e orientado, dadas as peculiaridades do objeto em aspectos sociais, culturais, religiosos, históricos, antropológicos, sociológicos, políticos, dentre outros, fato que vai ao encontro da proposta interdisciplinar deste Programa de Pós-Graduação. Nos “caminhos metodológicos” foram marcados momentos de investigação direta e indireta, permeando a história (método histórico-científico e histórico-analítico) e a memória (documentos, depoimentos), as quais nortearam os procedimentos.

Pode-se afirmar que um dos principais métodos utilizados nesta pesquisa foi a observação participante, de 2013 a 2017, com permanência na cidade nos dias que antecedem a festa, nas novenas e celebrações, durante o período de realização, procissão terrestre e fluvial, missa, rituais, e encerramento e dias após a mesma. Tendo como base teórica Eckert e Rocha (2003), através de encontros ocasionais com pessoas na rua em diversas ocasiões e maneiras de interação, foi estabelecido contato com os moradores locais, na paróquia, comércio, visitas a residências, em momentos de organização da festa, na praça, nas docas, no cais do porto com pescadores, em algumas vilas afastadas do centro, nos arredores das festas profanas que ocorrem paralelamente, dentre outros.

Desta observação em diversos espaços de socialização privados e públicos e em diferentes ocasiões, foi possível elaborar uma descrição detalhada dos lugares e da vida que envolve a península e assim descrever a festa a partir da perspectiva de seus participantes, identificando a memória viva, verificando alguns dos significados da festa, considerando-a como um espaço condensador da memória cultural (Assmann, 2006).

Assim, a coleta de dados foi feita mediante observação participante, análise de documentos e fontes primárias e entrevistas. Foi utilizada a história oral, em entrevista aberta e com roteiro pré-estabelecido, mas também foram analisadas as oralidades, em momentos onde não foi possível o uso de gravador. A lista de perguntas feitas aos depoentes encontram-se no Apêndice. A escolha desta metodologia baseou-se principalmente em Pollak (1989), quando afirma que diferentes referências de nossa memória podem descrever indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, portanto essas referências podem estar no relato formal ou informal. Na perspectiva da memória, o autor afirma que se deve estar atento ao enquadramento de memória, que o pesquisador precisa ser sensível

e crítico, problematizando a análise dos dados obtidos através da história oral, para que as informações estejam de acordo com uma base comum.

De acordo com Portelli (2010, p. 07), as sociedades encontram-se desenraizadas e desarticuladas de modos culturais de viver, de trabalhar, de se relacionar, e a história oral tem se constituído em uma prática significativa de coleta de dados, cada vez mais reconhecida na academia pela dimensão ampla. A história oral não pressupõe uma verdade absoluta, mas pode congrega elementos de análise que apontam resultados significativos para a pesquisa.

As entrevistas foram realizadas antes, durante e após a realização das festas dos anos de 2014, 2015 e 2016. Os entrevistados foram selecionados mediante sondagem prévia com a paróquia, amigos, vizinhos do local onde a festa se realiza. Dentre eles: representantes do clero, organizadores, representantes de associações, festeiros, assim como devotos, pescadores, agricultores, moradores do lugar, comerciários, que se relacionam ou não com a festa. A escolha dos depoentes e sua representatividade cultural e social foi importante para a credibilidade e relevância das informações. As entrevistas ocorreram em diversos lugares, conforme a disponibilidade dos depoentes, em sua residência, nas dependências da paróquia, durante as procissões marítima e terrestre, durante o almoço no salão paroquial, no cais do porto, no local de trabalho, nos municípios de São José do Norte, Rio Grande e Pelotas.

Não foi delimitada uma faixa etária para a escolha dos depoentes, mas foram levados em conta aspectos como o sentimento, a identificação e envolvimento do devoto, hierarquia, atuação profissional, atuação no momento da festa (formal e informal), vizinhos, participantes que ficam na praça, nas bancas de alimentação ou *souvenirs*, nos bares, lanchonetes, buscando uma visão múltipla da festa e suas interpretações. Ricoeur (2007, p. 108) afirma que é principalmente através da narrativa que se articulam as lembranças. Através das lembranças expressas nas narrativas foi possível conhecer e compreender o simbolismo, a significância da festa para os devotos de Nossa Senhora dos Navegantes.

Em todos os momentos da pesquisa de campo foi utilizado o caderno de anotações para o registro de impressões, em momentos não registrados pelos aparelhos. Desta forma pode ser possível anotar e posteriormente identificar os personagens que participam do processo, assim como suas relações com a festa. A

pesquisa de campo possibilitou a observação da condição social dos fiéis que participam das festas, as lideranças, manifestações culturais e religiosas diversas, conflitos existentes no processo, dentre outros aspectos.

Assim como a “*memória feliz*” (Ricoeur, 2007), também foram observados alguns conflitos com relação à festa, à logística, à organização, como as questões que envolvem o público, o privado, o apoio financeiro, acesso, conflitos de ordem religiosa, de poder, de hierarquias, críticas ao processo, conflitos sociais, diferentes visões sobre as formas diversas de devoção popular presentes no espaço, entre outros aspectos. Estes foram verificados por meio da observação de campo, das entrevistas, história oral e oralidades. Afinal, uma festa, em qualquer tempo, nunca é capaz de agradar a todos (COUTO, 2008).

Foram feitos registros fotográficos, sonoros e audiovisuais (especificamente dos rituais, ornamentos, devotos, cânticos, orações, pagadores de promessas, expressões de fé, recursos materiais e outros) que caracterizam a importância social da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. É possível situar Ricoeur (2007, p. 61), neste contexto, ao afirmar sobre a importância da imagem para a constituição das lembranças. Com relação a imagens, em alguns depoimentos foi possível colher fotografias históricas de acervos familiares, cuja reprodução se encontra no corpo dessa tese. Para colher este material foram utilizados câmera fotográfica e gravador digitais, e para fotografias antigas, o *scanner*. A compreensão e análise das imagens foi feita de acordo com Aumont (1993), Joly (2010) e Recuero (2008). De acordo com Martins (2011, p. 81), a fotografia de atos de fé objetiva demonstrar a materialidade da devoção, os testemunhos, a expressão e significados.

Além das pesquisas de campo, história oral e entrevistas, foi realizada pesquisa histórica da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte. Através de pesquisa em referências históricas locais, tendo como base historiadores regionais e a Universidade Federal do Rio Grande, foram consultadas fontes primárias como manuscritos, documentos da Mitra diocesana de Rio Grande e Livros Tombo da Paróquia São José, bem como Atas da Paróquia e outros documentos¹². Foi feito levantamento de fontes e documentos, fotografias, manuscritos, no acervo da

¹² Material disponibilizado pelo pároco da Matriz São José de São José do Norte, Pe. Eduardo de Oliveira. Há o apoio e interesse pela pesquisa por parte da diocese de Rio Grande, que disponibilizou todo o material de pesquisa histórica, documentos, Livros Tombo, manuscritos, dentre outros, além de auxílio na seleção de depoentes para a pesquisa.

Prefeitura e Biblioteca Pública Municipal e Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte. Antigos periódicos de São José do Norte e de Rio Grande também foram fontes históricas consultadas para a elaboração do histórico da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Os periódicos analisados foram os referentes aos meses de janeiro e fevereiro de cada ano, para identificar de que forma a festa era descrita, promovida em âmbito regional.

Em Rio Grande, a Biblioteca Rio Grandense, o Museu da Comunicação Rodolfo Martensen, o Centro Municipal de Cultura, que abriga a Fototeca Municipal, Museu de Arte Sacra e Capela São Francisco (que abriga antigos livros de registro da Igreja). Em São José do Norte, o Museu Municipal e a Casa de Cultura. Além dessas fontes, em contato com os depoentes, foi feita busca de documentos, fotografias, artefatos que se relacionem com a festa.

Pode-se afirmar que, com uso articulado de diferentes metodologias, foi possível a criação de uma visão êmica, multifacetada e multivocal deste complexo tema de investigação. Admitiu-se durante o processo a possibilidade de modificações na metodologia proposta no modelo inicial da proposta, assim como em caminhos desconhecidos, quando encontrados obstáculos, barreiras, curvas repentinas.

Os resultados da análise do material obtido nas observações de campo, nas entrevistas formais e informais e na documentação histórica remetem a aspectos da história e memória da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, focando em aspectos materiais e imateriais, capazes de auxiliar na compreensão do valor simbólico do fenômeno social, de sua força coercitiva, seu valor como bem cultural.

A tese está dividida em cinco etapas principais:

No Capítulo 01, intitulado “São José do Norte: Constituição e ocupação da península” foi feita a descrição dos primeiros povoamentos, o histórico da ocupação desta península do Rio Grande do Sul, até a chegada dos açorianos. O Capítulo 02, “*Comemorare festus*: história e significados das festas” traz um referencial teórico acerca das festas, festas religiosas e sobre a história da devoção mariana em Nossa Senhora dos Navegantes. O Capítulo 03 é a descrição e análise de documentos e fontes primárias analisadas no contexto da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte. Nele constam trechos de periódicos do século XIX e XX, além de transcrições de manuscritos dos Livros Tombo da Paróquia São José, atas, e

informações obtidas em outros documentos que possibilitaram que fosse construída a narrativa diacrônica, a análise das continuidades e rupturas da festa.

O Capítulo 04: “A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (2013-2017) sob a ótica da Observação Participante” elenca as fases que compõem a festa divididas conforme a classificação de Guarinello (2001). Foi possível fazer a análise de símbolos, de expressões, experiências, movimentação e preparação na cidade, na véspera e durante a festa, de maneira simultânea, a partir de diversos espaços, utilizando-se dados de pesquisa de campo desses quatro anos. O Capítulo 05, intitulado “Memória Cultural: a festa em depoimentos e imagens” foi utilizada a metodologia da história oral e fotografias antigas da festa de Nossa Senhora dos Navegantes para acessar as memórias e assim interpretá-las.

A combinação dos dados históricos do Capítulo 03 com a observação participante do Capítulo 04, aliada à perspectiva ampla da história oral do Capítulo 05 possibilitaram o alcance de diferentes perspectivas de estudo que se complementam, contribuindo para a compreensão da festa. Na análise foi possível estabelecer similaridades, relações e continuidades na festa de Nossa Senhora dos Navegantes de antigamente e hodierna.

CAPÍTULO 1 – São José do Norte: constituição e ocupação da Península

Este capítulo visa a elaborar uma breve reconstituição da ocupação e história de São José do Norte. A cidade destacou-se em momentos determinantes para o rumo da história do Rio Grande do Sul. Desta forma, foi feito breve histórico sobre a descrição da fisionomia da região, ocupação da península, chegada dos açorianos, atividades comerciais, agricultura e pecuária e criação da vila. Esses elementos contribuem para a compreensão da festa de Nossa Senhora dos Navegantes e seus significados, sua relação com atividades primárias desenvolvidas na península, papel dos açorianos no processo de consolidação da devoção na Virgem Maria.

1.1 Território e primeiros povoamentos

Entre o oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos situa-se, em forma de península, uma comprida faixa de terra numa extensão N-S de cerca de 250 km e numa largura que varia de 25 a 8 km. Começa, ao norte, pouco abaixo de Palmares do Sul e termina, ao sul, à margem esquerda do Canal do Rio Grande. [...] Toda a região é uma imensa planície, sendo as únicas elevações as dunas ou cômoros [...]. A costa do Atlântico apresenta as mesmas características do litoral sul-brasileiro, sendo retilínea, sem acidentes, monótona a se perder no horizonte, sem enseadas ou ancoradouros. A costa da Lagoa dos Patos abre-se em várias enseadas, formadas por diversas “pontas” (BUNSE, 1981, p. 11).

Nesta extensa península, antigamente chamada de “Península do Pernambuco”¹³, encontra-se o município de São José do Norte, com território demarcado na cor vermelha no mapa disposto na Figura 03. Este mapa será mencionado algumas vezes no decorrer do capítulo.

O povoamento pré-colonial do território de São José do Norte remonta a 11.000 anos, com grupos de caçadores-coletores e pescadores que viviam no litoral e extraíam o sustento da terra, lagoa e oceano. De acordo com Costamilan e Torres (2007, p. 15), em pesquisas arqueológicas na restinga de São José do Norte, através de coletas superficiais e cortes experimentais em sambaquis marinhos e lacustres e

¹³ De acordo com o Primeiro Lustrô da Diocese de Pelotas (1911-1916).

em aterros, foram encontrados vestígios das tradições Umbu¹⁴, Vieira¹⁵ e Tupiguarani. A tradição tupiguarani promoveu o último povoamento pré-colonial a partir de 1100 d.C. De acordo com as pesquisas eram desenvolvidas atividades de caça, coleta, pesca e horticultura com roças de milho, mandioca, batata, batata doce, feijão, amendoim, tabaco, dentre outros.

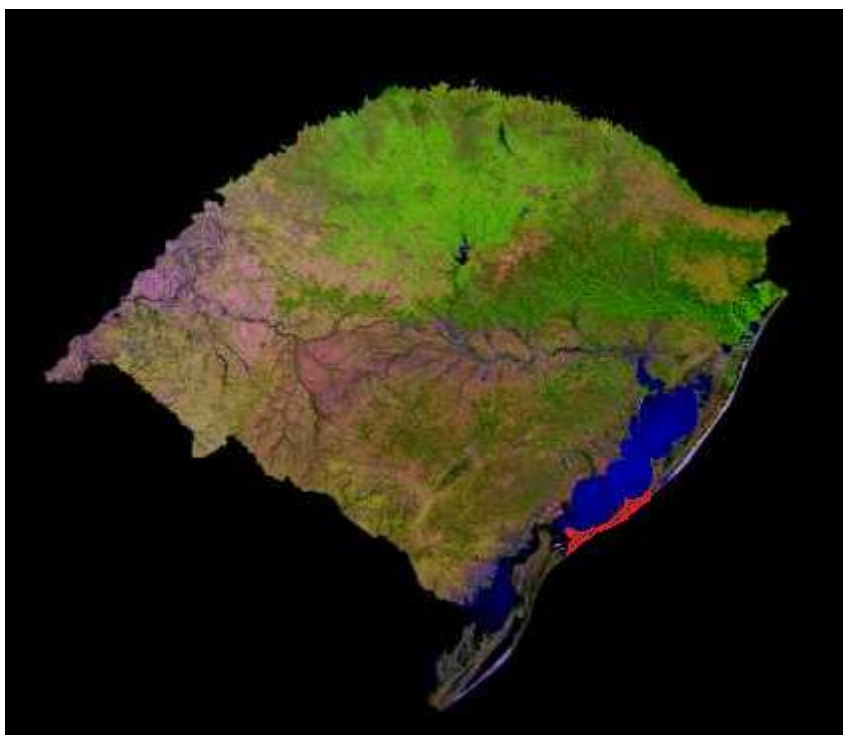


Figura 3: Mapa da península ao leste do Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Miranda e Coutinho (2004) com adaptações da autora.

Na península existem várias lagoas¹⁶ ao longo do litoral, sendo a maior delas a Lagoa do Peixe, que se comunica com o Oceano Atlântico em determinadas épocas do ano e extensa faixa de dunas¹⁷ ao longo da praia.

¹⁴ De acordo com Ribeiro (2000, p. 16), a tradição Umbu se concentrava próxima a lagoas e banhados, em sítios erodidos sobre dunas em sambaquis, há mais de 5.000 anos.

¹⁵ Nome dado a partir de sítios encontrados nas proximidades do Arroio Vieira em Rio Grande (Costamilan e Torres (2007). Os Vieira remontam a cerca de 2.000 anos atrás, estendendo-se geograficamente até Santa Vitória do Palmar e Uruguai. O elemento humano responsável pela cultura material da tradição Vieira é o denominado minuano, charrua e guenoa. Em São José do Norte, foi apontada a presença do minuano (Ribeiro, 2000, p. 38).

¹⁶ Água doce, pouca profundidade e uma extensão no sentido N-S, paralelas à praia (BUNSE, 1981, p. 12).

¹⁷ De vários tipos e de altura variável, mas não superior a 20 metros, a maioria sem vegetação, sendo, portanto, movediças, sofrendo a ação do vento que as desloca. Também existem as dunas fixadas pela vegetação, algumas, antigamente migratórias, encontram-se profundamente adentro, como em Mostardas e Estreito. Junto às dunas existe uma mata litorânea, baixa e raquítica (BUNSE, 1981, p. 12).

A maior parte do município é composta por campos, com vegetação rasteira e herbácea da costa do litoral sul do Brasil. Também há uma significativa área de reflorestamento de pinus e eucaliptos. O solo é constituído por rochas sedimentares (areia e argila). Dunas de areia relativamente altas são encontradas em toda a área municipal, inclusive na área urbana (COSTAMILAN e TORRES, 2007, p. 13).

As características geográficas supracitadas remetem a condições específicas que beneficiam tanto a pesca em lagoa quanto no mar e também propicia o êxito da atividade agrícola, conforme explica o depoente Sr. Guaraci Ferrari, engenheiro agrônomo, professor aposentado, entrevistado em 18 de janeiro de 2014 em sua residência, em Rio Grande:

Qualquer espécie de planta, plantada em uma cidade qualquer e em São José do Norte, a mesma planta, a de São José do Norte vai ser mais vigorosa que em qualquer lugar. A taquara, a figueira, o eucalipto. Por que tem dois espelhos d'água, Lagos dos Patos e Oceano Atlântico, dois espelhos de luz. A luz nas plantas dá o vigor, a influência da luz no desenvolvimento da planta é fantástica. Eu assisti a uma palestra de um engenheiro de uma madeireira dessas, e ele disse que a tábua do pinus de São José do Norte tem mais valor na Inglaterra do que as da serra gaúcha por que tem maior densidade (Sr. Guaraci Ferrari, entrevistado em 18 de janeiro de 2014).

Atualmente o território do município de São José do Norte está dividido em três distritos. O 1º Distrito abrange a cidade, sede do governo e as localidades de Arroio do Inhame, Barranco, Canastreiro, Capão dos Bois, Capão das Cariocas, Capela, Capivaras, Cocuruto, Fazenda Tamandaré, Jacinto Ignácio, Lagoão, Medengue, Mercilda, Miguelita, Parobé, Passinho, Pontal da Barra, Praia do Mar Grosso, Quinta Secção da Barra, Retiro, Retovado, Rincão do Barbosa, Tesoureiro, Três Capões, Várzea e Vila Nova. O 2º Distrito tem como sede a vila do Estreito, abrangendo as localidades de Campo de Honra, Gravatá, Ponta Rasa, São Caetano e Saraiva. O 3º Distrito tem como sede a Vila de Bojuru¹⁸, abrangendo Barra Falsa, Capão d'Areia, Capão do Meio, Divisa, Cavalhada, Curral Velho, Farol da Conceição, Garupeira, Paorá, Ronda, Contrato e Turpim.

¹⁸ O termo *bojuru* ou *bujuru* deriva da palavra tupi-guarani *mboi-juru* e significa *boca de cobra*, referindo-se à entrada da mata (TIBIRIÇÁ, Luís Caldas. "Dicionário Tupi-Português". São Paulo: Editora Traço, 1984).

1.2 Ocupação da península e criação da vila

A península de São José do Norte foi geopoliticamente importante no começo da ocupação do Rio Grande do Sul, que ocorreu tardiamente em comparação ao restante da colônia. As características populacionais e econômicas locais foram modeladas principalmente por conflitos e estratégias políticas de ocupação. De acordo com Bunse (1981, p. 13), desde a chegada dos portugueses, o litoral sul foi pouco explorado devido à sua configuração e à inacessibilidade da barra do Rio Grande, chamada pelo Brigadeiro José da Silva Paes de “Barra Diabólica”. No século XVI houve as primeiras expedições litorâneas e exploratórias em busca de pau-brasil. Essas incursões se intensificaram durante a dominação espanhola (1580-1640), com o objetivo de aprisionar indígenas (vários haviam sido doutrinados pelos padres da Companhia de Jesus), para o trabalho escravo (Pesavento, 1985, p. 07).

Em 1640, com o fim do domínio espanhol, os portugueses preocuparam-se em ocupar as terras da colônia e, para obter mais lucro com as riquezas locais, partiram para a exploração do território mais ao sul. De acordo com Pesavento (1985, p. 10), a intenção de Portugal era ter espaço junto ao comércio local, majoritariamente espanhol, para a aquisição da prata de Potosi, oferecendo em troca artigos coloniais, gerando assim atritos com castelhanos.

Em janeiro de 1680 os portugueses começaram a construção da Colônia do Santíssimo Sacramento objetivando delimitar um ponto estratégico-militar de conservação do território luso (AMARAL, 1999, p. 193). No começo do século XVIII, a fortaleza contava com igreja, hospital, casas de pedra, várias ruas e quartel (COSTAMILAN e TORRES, 2007, p. 18). A ocupação portuguesa, nesta época, se resumia à faixa entre Laguna e Colônia do Sacramento. De acordo com Amaral (1999, p. 195), os portugueses, objetivando ocupar a extensão de terras entre a Colônia do Sacramento e o Rio de Janeiro, ergueram em 1723 um acampamento no local chamado Monti-Vidio, sendo desalojados em seguida pelos espanhóis. Ali iniciou-se o povoamento de Montevideo.

Conforme Bunse (1981, p. 14), a primeira incursão oficial na península de São José do Norte, foi feita pela “Frota de Magalhães”, quando Brito Peixoto, Cristóvão Pereira, João de Magalhães e outros estabeleceram um posto de vigilância na margem setentrional do canal, chamada “Barranca do Norte”, para assegurar a posse

da barra e impedir a entrada dos espanhóis, após o fracasso de Monti-Vidio. O posto também controlaria o comércio ilegal de gado. João de Magalhães permaneceu na península de 1725 a 1733, configurando não apenas o primeiro posto de vigilância do Rio Grande do Sul, mas também o início do povoamento (BUNSE, 1981, p. 14).

De acordo com o autor, a partir de 1734 as terras do sul do Brasil se tornaram mais atrativas para povoadores, sendo esses, em sua maior parte, lagunistas, paulistas e mineiros. Nesta época, foram registradas no local, segundo Bunse (1981, p. 15), a existência de 27 fazendas de gado, demonstrando o interesse português por esse negócio e a expansão da ocupação lusa no sul. As terras foram distribuídas através de sesmarias que definiram a posse tanto da terra como do gado com o estabelecimento dessas fazendas ou estâncias. As terras do sul foram concedidas não para capitães, como era comum em outras regiões da colônia, mas para tropeiros e militares que deixaram de atuar (Pesavento, 1985, p. 15).

De acordo com a autora, em meados do século XVIII a coroa portuguesa, com dificuldades para manter Colônia do Sacramento e também para limitar a devastação predatória do rebanho de gado existente no território do atual Rio Grande do Sul para extração de couro, decidiu investir em outras ações para otimizar a ocupação do território entre o Prata e Laguna.

Para consolidar o seu domínio na área e preservar o comércio na região, a coroa portuguesa enviou a expedição do Brigadeiro José da Silva Paes, que, em 1737 fundou a fortaleza-presídio de Jesus-Maria-José em Rio Grande (PESAVENTO, 1985, p. 20).

Amaral (1999, p. 197) ressalta que, devido aos conflitos com os espanhóis nas tentativas de ocupações anteriores, José da Silva Paes encontrou resistência na missão de ocupar Rio Grande de São Pedro. Fortes (1937, p. 204) afirma que Silva Paes teria insistido em ocupar as “*admiráveis terras ao sul do rio*”, pois estas eram abundantes em gado, ricas de terra fértil, próprias para várias culturas, além de ser um lugar estratégico para controle territorial, “para reforçar a posição militar da Colônia ou atacar Montevideo, quando tais operações fossem oportunas” (FORTES, 1937, p. 197). Desta forma, se instalaram neste lugar, onde se encontra o município de Rio Grande, primeiramente militares, algumas famílias e africanos escravizados.

Bunse (1981, p. 16) afirma que com a chegada de Silva Paes a Rio Grande, a península foi beneficiada, principalmente através da criação da primeira empresa estatal do Rio Grande do Sul, a Fazenda Real Bojuru¹⁹, em 1738, consolidando o investimento português em estâncias de gado. A Fazenda Real deu o nome à localidade de Bojuru, identificada no mapa disposto na Figura 03.

Porém eram necessárias estratégias para ocupar a península. Assim, uma das ações da coroa portuguesa que incentivaram essa ocupação foi o lançamento de Edital, em 1747, oferecendo terras do sul do Brasil²⁰ a casais oriundos do Arquipélago dos Açores²¹. A escolha do lugar de origem dos futuros habitantes da região sul pode ter sido estratégica, por se tratar do recrutamento de um povo com habilidade no trabalho com as águas (pescado, navegabilidade) e com a agricultura. Além disso, havia a preocupação de que fossem recrutadas famílias já constituídas (menor possibilidade de haver entre os imigrantes “aventureiros”, que poderiam trazer qualquer desordem à colônia), e católicas (logo, “obedientes” à igreja e ao Estado). De acordo com Pesavento (1985, p. 15), os chamados “casais d’El Rey”²² chegaram a partir de 1752.

Um dos primeiros lugares da península a serem ocupados foi a região denominada de Estreito (atualmente 2º distrito de São José do Norte, com localização demarcada no mapa na Figura 03). O Estreito, como o nome diz, é a mais estreita faixa de terra da península entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, distante cerca de 40 quilômetros do centro urbano de São José do Norte. Desta forma, ocorreu no Estreito a primeira experiência de aldeamento promovido pelas autoridades luso-brasileiras, sendo fundado um ano após a chegada dos primeiros açorianos, em 1753 (ALVES e TORRES, 1996, p. 07).

¹⁹ A Fazenda Real do Bojuru foi criada em 1738 pelo Brigadeiro José da Silva Paes para a criação de gado voltado à alimentação e à criação de cavalos para montaria das tropas. O comércio intenso de couro, e o abate indiscriminado do rebanho para este fim acarretaram na decadência das fazendas e estâncias. A localidade de Bojuru encontra-se a 40 quilômetros do Estreito e pertence ao município de São José do Norte.

²⁰ O rei D. João V mandou divulgar, nas Ilhas do Arquipélago dos Açores, um edital para o alistamento dos candidatos para realizarem sua imigração para o Brasil, num verdadeiro transplante dessas populações (AMARAL, 1999, p. 270).

²¹ O nome Açores advém de um pássaro denominado “açor”, muito abundante nas ilhas. O solo das ilhas é eminentemente vulcânico, muitos de seus picos são crateras de vulcões que podem entrar em erupção a qualquer momento. O Arquipélago dos Açores começou a ser povoado em 1640 por portugueses, flamengos e por descendentes de origem mourisca (AMARAL, 1999, p. 271).

²² A ideia principal era que os casais açorianos povoassem também a região das missões, e, com essa justificativa, de que não estavam em sua terra definitiva, eles levaram mais de 20 anos para receberem a posse de suas prometidas terras.

Bunse (1981, p. 12) afirma que o Estreito era habitado por índios carijós, e esta presença é lembrada tanto na fala local quanto nos vestígios arqueológicos trazidos pelo arado da terra, ressacas ou desenterrados pelo vento. De acordo com Alves e Torres (1996, p. 07), os índios minuano também habitavam esta região, principalmente no entorno de onde foi instalada a Fazenda Real Bojuru, na época da chegada dos açorianos, pois há o registro de batizados de indígenas no Forte de Sant'Ana do Estreito. Desta forma, é possível afirmar que houve o intercâmbio étnico entre açorianos, indígenas, militares portugueses, africanos e brasileiros. As culturas, as etnias, coabitando, na busca de sobreviver, formaram a população miscigenada, não apenas da península, mas em todo o território nacional, conforme Ribeiro (2006).

No Estreito foi construída uma capela em honra à Nossa Senhora das Candeias²³, que algum tempo após, passou a ser chamada de capela de Nossa Senhora da Conceição²⁴ do Estreito. De acordo com Bunse (1981, p. 21), a construção desta capela foi incentivada pelo capelão dos índios minuano que vivia na Fazenda Real Bojuru. Além dos açorianos, portugueses, africanos e minuanos, já citados, há também registro de outros povos que habitaram o Estreito. Por exemplo, durante a ocupação espanhola na vila do Rio Grande (1763-1777), de acordo com Bunse (1981, p. 16), cerca de 60 famílias se refugiaram no Estreito, além de retirantes da Colônia do Sacramento, o que contribuiu para a fundação do local. Esta condição de refúgio para retirantes do Prata e do Rio Grande, aliada à questão de ponto privilegiado para um contra-ataque aos espanhóis, de retomada de Rio Grande²⁵, deram, nessa fase, extrema importância à península. O autor afirma que esta “congregação populacional” de origem portuguesa junto à capela de Nossa Senhora da Conceição foi, durante determinado período, o ponto mais avançado dos portugueses, chamado de Fronteira do Norte.

Por ocupar posição de vigilância, São José do Norte foi chamada de Guarda do Norte. Em alguns textos consta o nome Barranca do Norte, quando da ocupação espanhola em Rio Grande, quando os refugiados de Rio Grande se abrigaram no

²³ Também chamada de Nossa Senhora da Candelária ou Nossa Senhora da Luz. Devoção de origem espanhola, surgida nas Ilhas Canárias no século XVI. Em pesquisa de campo em São José do Norte, um dos depoentes comentou que Nossa Senhora dos Navegantes também é chamada de Nossa Senhora das Candeias, pois à noite, a orientação dos barcos na escuridão se dá através de luzes, de candelabros que iluminam as águas, por isso, Candeias.

²⁴ Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de Portugal.

²⁵ A retomada de Rio Grande ocorreu em 1776, em ataque liderado pelo tenente-general João Henrique de Boehm, com cerca de 2565 soldados. Os espanhóis foram definitivamente expulsos do Rio Grande do Sul.

local. De acordo com Bunse (1981, p. 24), o nome “São José” foi inserido em 1767, quando reinava em Portugal D. José I. O lugar passou a se chamar “São José da Guarda do Norte”, posteriormente reduzido a São José do Norte²⁶.

A provisão eclesiástica e a Carta Régia de 18 de abril de 1822 elevaram a capela de São José do Norte à categoria de freguesia. E logo a freguesia foi desmembrada do Rio Grande, através de decreto regencial de 25 de outubro de 1831, sendo criada a Vila de São José do Norte, com a sua instalação logo em seguida em 15 de agosto de 1832. Durante a Revolução Farroupilha, a vila se destacou pela resistência, sendo um lugar privilegiado geograficamente, com trincheiras naturais de dunas e extenso litoral. Através do decreto imperial n. 91 de 31 de julho de 1841, foi determinado que a vila de São José do Norte, seria denominada “Mui Heroica Vila de São José do Norte”. Em 31 de março de 1938, através de decreto n. 7199, a vila foi elevada à categoria de município.

Sobre o desenvolvimento do Estreito, após a chegada dos açorianos, é válido salientar que a produção agrícola foi uma característica economicamente impactante para o estado, sobretudo pelas generosas safras de trigo. Conforme Laytano (1968, p. 57), “em 1787, já com 23 anos de cultura açoriana, a produção do trigo do Estreito é a maior da província, com 15.848 alqueires, representando 28% do total de 17 regiões produtoras”. Mattos (1999, p. 26) acrescenta que “*foi da cultura açoriana e do êxito no trabalho do campo no Estreito que surgiu e prosperou às margens do canal, o povoado de São José do Norte*”.

Até o ano de 1812 a capela de Nossa Senhora da Conceição do Estreito foi a matriz²⁷ da península. Após este ano, devido ao decréscimo do número de habitantes, a matriz foi transferida para a atual sede de São José do Norte onde foi construída uma capela em honra à Nossa Senhora dos Navegantes.

A capela em honra à Nossa Senhora da Conceição do Estreito foi atingida por uma tempestade e “sepultada” pelas areias, sendo reconstruída em 1846. Devido à vulnerabilidade com relação às tempestades de areia, foi transferida em 1872 para

²⁶ De acordo com Costamilan e Torres (2007, p. 52), foi especificamente no dia do aniversário de D. José I, 06 de junho, quando Portugal toma a margem norte do canal, conquistando assim o lugar privilegiado de onde partiria o ataque aos espanhóis, que haviam ocupado Rio Grande. Inserir o nome São José foi uma homenagem não apenas ao Rei, mas ao seu aniversário.

²⁷ De acordo com Bunse (1981, p. 22), há controvérsias quanto à essa informação já que Saint-Hilaire, em passagem pela região em 1820, afirma que o Norte pertencia a freguesia do Estreito. Porém, será adotada a data de 1812 como referência.

Bojuru. Assim surgiu a vila de Bojuru, em cuja capela ainda é venerada Nossa Senhora da Conceição do Estreito.

Esta primeira parte, com foco na origem e ocupação do território de São José do Norte, objetivou abordar alguns tópicos da história e de como foi o processo de ocupação da península, para contextualizar o surgimento da devoção em de Nossa Senhora dos Navegantes. Questionamentos que instigaram essa construção foi: quem eram as pessoas que possivelmente começaram a fazer a festa no começo do século XIX? Quais eram as motivações, o tecido social? Foram inquietações importantes para compreensão da festa da forma que ela se apresenta atualmente, dinâmica, integradora, vinculada à identidade e ao território de São José do Norte.

Se pode aferir que a presença dos açorianos, nos termos de organização cultural pode ter sido fator determinante para que a devoção em Nossa Senhora dos Navegantes se desenvolvesse na península. De acordo com Jancsó e Kantor (2001, p. 12), as sociabilidades que surgiram no decorrer dos anos promoveram o surgimento de identidades simultaneamente políticas, religiosas, sociais e étnicas. A seguir serão feitas considerações sobre os açorianos, que após chegarem São José do Norte, provavelmente contribuíram, com sua descendência, à introdução de tradições e modos de viver, ao o surgimento e à continuidade da bicentenária festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

1.3 Os açorianos

A evolução administrativa de São José do Norte durante os séculos XVIII e XIX obedecia à legislação portuguesa e, após 1822, ao governo brasileiro. De acordo com Torres (1999), a criação de vilas, freguesias e outros respondia a lógicas civis e eclesiásticas. Assim, no século XVIII, a população híbrida, indígenas, portugueses, açorianos, africanos, militares, e outros deveria ser inserida em princípios católicos portugueses.

Conforme já mencionado, em meados do século XVIII foram requisitadas famílias de açorianos para se estabelecerem no Brasil. Desta forma, além de ocupar a península, eles poderiam ter mais filhos, trabalhariam na terra, com a agricultura, e nas águas (com diversas possibilidades de pescados, de água doce e/ou salgada),

com a pesca artesanal, fazendo aumentar a demografia (com portugueses legítimos e seus descendentes) e prosperar economicamente o lugar e a colônia como um todo.

De acordo com Amaral (1999, p. 215), a religiosidade era uma característica dos açorianos. A mesma era expressa em sacramentos, festas religiosas e outros, que faziam parte da sua cultura e modo de viver. Quando os açorianos chegaram à península, não havia um perfil hegemônico, mas uma população era diversificada: havia portugueses remanescentes de Colônia do Sacramento, São Paulo, Rio de Janeiro, africanos escravizados e indígenas. Neste hibridismo, em local de conflitos pelo território e controle estatal, a integração dos moradores da península era difícil. Ao contrário, os açorianos chegam com uma cultura compartilhada, organização no trabalho, tradições religiosas e de lazer (festas, danças e folclore) consolidadas.

Neste processo, de acordo com a autora, gradativamente houve uma assimilação da cultura e saberes açorianos por parte de grupos de outras etnias, na língua, na organização laboral, manifestações religiosas e outros. Desta forma, a herança social e cultural foi hibridizada e transmitida por gerações. Pode se salientar neste contexto a importância das relações familiares. Tal como nas demandas de imigrantes europeus do final do século XIX, percebe-se que o trabalho e a fé expressavam e de certa forma resumiam a rotina na península.

Conforme já enfatizado, uma das culturas a prosperar com a chegada dos açorianos foi a do plantio do trigo²⁸. Eram cultivados também milho, feijão, lentilha, mandioca, centeio, alpiste, vinha, legumes e verduras (Amaral, 1999, p. 278). Os açorianos também incorporaram práticas e demandas locais como, por exemplo, a lida do gado.

No decorrer do século XIX, uma série de fatores desfavoreceram economicamente a região. Houve a decadência na produção do trigo, a antiga estrada que ligava o Rio Grande até a capital foi substituída pelo transporte fluvial. O distanciamento dos centros urbanos e o difícil acesso pode ter possibilitado à península manter características coloniais. Bunse (1981, p. 29) afirma que esse isolamento permitiu que a localidade mantivesse antigas tradições, como a religiosidade.

²⁸ De acordo com Bunse (1981, p. 28), no ano de 1780 a localidade apontou como uma a maior produtora de trigo do estado.

A vida religiosa na península foi uma das bases da atividade social. A participação em sacramentos e festas religiosas transmitiram essa forma cultural de viver o místico e o transcendente no cotidiano, no trabalho. Alguns depoimentos coletados durante a pesquisa demonstraram este processo de assimilação do catolicismo na península, como se pode perceber na fala da Sra. Maria José André, entrevistada no dia 03 de fevereiro de 2016, filha do Sr. José André, que relata brevemente como foi a vinda do pai de Portugal para São José do Norte:

O pai veio de Portugal para São José do Norte para pescar. Naquela época era comum os portugueses virem para cá para pescar, tinha muito peixe e a colônia portuguesa aqui era forte. O pai foi o que durou mais, todos os portugueses muito católicos, participando da igreja, ajudando. O pai era um dos poucos que sabiam ler, então ele rezava para as pessoas, e as pessoas repetiam. A devoção em Nossa Senhora dos Navegantes ele trouxe de Portugal, ele rezava o terço diariamente com a família, nós sempre fomos à missa. O pai vendeu a parelha para ser sacristão da matriz São José, trabalhou para a igreja 40 anos (Sra. Maria José, filha de pescador português, entrevistada no dia 03 de fevereiro de 2016).

Neste caso, o Sr. Zé André veio do continente, do interior de Portugal, para trabalhar na pesca em São José do Norte. No relato, percebe-se que no começo do século XX já havia se consolidado na península a fama de uma colônia de pescadores próspera, assim como a fama relativa à devoção, introduzida pelos portugueses e continuada no Brasil.

As pessoas moravam ao redor das capelas. Conforme Bunse (1981, p. 29), a construção de uma capela significava que a vizinhança já estava suficientemente desenvolvida, e que poderia se tornar uma freguesia. A coroa portuguesa empenhou-se em garantir aos açorianos a assistência religiosa no Brasil, através de Provisão Régia, assim transcrita²⁹: “[...] E porquanto o primeiro cuidado que deve ter-se é que todos os ditos colonos sejam assistidos de parte espiritual e sacramentos e em cada um dos ditos lugares fará logo o dito brigadeiro levantar logo uma igreja [...]”.

De acordo com Amaral (1999, p. 217), a religiosidade foi como um “cimento social”, amenizando a adaptação dos açorianos na nova terra³⁰. A religiosidade

²⁹ Trecho da Provisão Régia encontrado em Bunse (1981, p. 38).

³⁰ Principalmente no que tange ao caráter ordeiro dos ocupantes. Pode ter sido outro motivo da escolha de casais açorianos, famílias católicas, que viviam em ilhas isoladas, dificilmente se revoltariam com o império.

expressa através dos ritos litúrgicos, missas, batismos, crisma, funerais, unia, de certa forma, a comunidade, estreitando os laços (AMARAL, 1999, p. 217). As festas religiosas também contribuíam para essa sociabilização. De acordo com Jancsó e Kantor (2001, p. 11), em ocasiões festivas as pessoas recebiam, davam e retribuía, pondo em circulação solidariedades, mercadorias, costumes e regras que orientavam a vida social, procurando impor uma “ordenação formal a um mundo aparentemente instável”.

No mundo colonial as festas adquirem sentido mais amplo e mesmo inovador. Em primeiro lugar, para que a exploração/produção de riquezas se concretizasse, uma ampla teia de mediações fazia-se necessária. Era preciso reiterar os padrões de dominação, os vínculos de solidariedade a unir a população para cá transplantada, baseados no poder da Coroa e da Igreja. As festas permitiam o encontro, a visibilidade, a coesão dentro de comemorações que criavam os padrões metropolitanos, dando a identidade desejada, trazendo o descanso, os prazeres e a alegria e introjetando valores e normas da vida em grupo, partilhando sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (FERLINI, 2001, p. 450).

A questão de dar a “*identidade desejada*” é algo que chama atenção na citação acima. Era interessante para a coroa portuguesa que se criasse uma identidade religiosa hegemônica na colônia. Cardim (2001, p. 97) afirma que a coroa portuguesa investia muito em festas religiosas, principalmente nos séculos XVI e XVII, tanto material quanto simbolicamente, pois as festas religiosas tinham influência política, neste período “quando a reputação e a representação simbólica do poder desempenhavam papel de importância”. Mesmo com os investimentos da coroa, percebia-se que alguns rituais religiosos no Brasil colonial ocorriam para cumprir protocolos, por determinação do rei, com objetivos políticos.

O caráter da exagerada sensibilidade religiosa lusa era sublinhado por inúmeros observadores e viajantes que percorriam o país. Todos são, todavia, unânimes em qualificar a exterioridade da religiosidade portuguesa, o culto era mais uma atitude exterior do que o cumprimento de preceitos (DEL PRIORE, 2001, p. 285).

Esta exacerbada imposição de festas religiosas no Brasil colonial, mencionada por vários autores (Del Priore, 2001, 2007; Tinhorão, 2000), conforme já mencionado, eram características verificadas principalmente nas regiões sudeste e norte do Brasil, caracterizando uma vontade “superior”, da coroa ou da igreja, aplicada

aos moradores das cidades “contempladas” pelas festas em devoção aos santos católicos.

O contrário se percebe na península, especificamente no estudo da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, onde a motivação para o rito supostamente emergiu dos operários, trabalhadores das águas. Os movimentos de festas das classes trabalhadoras são constantemente estudados como festas de resistência, de contrariedade ao poder vigente, porém neste caso, a festa surge da classe trabalhadora, não como um ato político ou de resistência, mas de acordo com a vontade e interpretação própria deste grupo que se apropriou da vida local, assimilando e disseminando sua cultura.

Assim surgiu a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, tradição que permanece no município. Conforme a pesquisa de Bunse (1981, p. 38), em São José do Norte a palavra “festa” é um sinônimo de “festa de igreja”, representando uma tradição que remonta à fundação do lugar, diversas vezes evocando a terra de origem pela devoção a santos católicos. Costamilan e Torres (2007, p. 105) citam algumas festas religiosas luso-brasileiras tradicionais que existiam periodicamente em São José do Norte, tais como a festa do Divino Espírito Santo, no Estreito, e a festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, na povoação da Barra. Algumas festas religiosas locais também são mencionadas por Bunse (1981, p. 38) por marcarem a tradição cultural luso-brasileira e a religiosidade dos moradores.

Assim, encontramos até hoje em Estreito, fundada como Nossa Senhora da Conceição do Estreito, a festa de Nossa Senhora da Conceição; igualmente em Bojuru, para onde a freguesia foi transferida e onde, ainda hoje, se encontra a antiga imagem, realiza-se a festa de Nossa Senhora da Conceição. Em São José do Norte temos a festa de São José e a de Nossa Senhora dos Navegantes, que superou aquela em pompa e importância, realizando-se belíssima procissão marítima [...] (BUNSE, 1981, p. 38).

Conforme o autor, que escreve nos anos 1980, as festas representavam não apenas o sentimento religioso, mas a única possibilidade de diversão, encontro, recreação e lazer para a população. De acordo com dados obtidos a partir da pesquisa de campo e observação participante, as festas religiosas católicas continuam sendo uma das principais motivações para a socialização, comemorações entre parentes e amigos na península.

Mesmo com a decadência na vida religiosa local, verificada através da queda no número de sacramentos realizados, da falta de párocos, e outras decorrências, a prática do catolicismo se manteve, sendo identificada através da veneração de santos, reza do terço em comunidades, e festas religiosas (BUNSE, 1981, p 38). Esta etapa do trabalho teve como objetivo situar o objeto de pesquisa no contexto histórico de ocupação da península, compreendendo o papel dos açorianos, além de delinear os acontecimentos e o ambiente social que antecederam e propiciaram o surgimento da primeira festa de Nossa Senhora de Navegantes em São José do Norte. O capítulo seguinte fará a contextualização teórica de festas, significados de festas religiosas e o surgimento da devoção na padroeira dos trabalhadores do mar.

CAPÍTULO 2 – *Comemorare festus*: História e Significados das festas

Este capítulo objetiva apresentar um referencial teórico de festas, trazendo breve trajetória das pesquisas sobre festas no Brasil, conceitos, sentidos, significados das mesmas no corpo social no passado e no presente. Serão elencadas também algumas interpretações atribuídas às festas, laicas e religiosas, como constantes revitalizadoras da memória social das comunidades, fenômenos sociais, fatos sociais totais (Mauss, 1924) que podem reforçar a identidade, os saberes, os laços comunitários. Para finalizar, o capítulo traz breves considerações sobre a origem da devoção mariana em Nossa Senhora dos Navegantes.

As festas são fenômenos sociais permeados de significados, que ocorrem pelos mais diversos tipos de comemorações, que por sua vez são a evocação de uma determinada memória. A comemoração de uma festa se apropria de um tempo histórico, construindo e transmitindo a memória de um determinado coletivo. A festa é “comemorada”, é uma rememoração que sintetiza os valores de uma determinada comunidade, construindo, ressignificando crenças e valores, solidificando não apenas uma tradição, mas a memória social local como um todo.

Del Priore (2001, p. 279) afirma que o estudo de festas se encontra em diversos campos epistemológicos, e sua característica de ser uma “complexa teia de ideias” dificulta a interpretação de seus significados. Estudar essas comemorações, que muitas vezes são tradições milenares, sua história, motivações, peculiaridades, importância social, econômica local, e outros fatores, passou a ser o interesse de diversos pesquisadores, em nível mundial, principalmente a partir do fim do século XIX.

De acordo com Jancsó e Kantor (2001, p. 04), o primeiro momento da historiografia de festas no Brasil ocorreu entre os séculos XIX e XX, com obras de memorialistas, viajantes, literatos que buscavam nas manifestações lúdicas locais os fundamentos ontológicos, étnicos e raciais da nacionalidade brasileira. As obras publicadas traziam a diversidade cultural brasileira, a mestiçagem, o tropicalismo. O segundo momento surgiu com o movimento modernista, objetivando fomentar o ensino das ciências sociais no país. Os estudos delimitavam menos a questão do folclore e davam mais ênfase à metodologia. Discutia-se a problemática do impacto sobre as culturas tradicionais gerado pela urbanização acelerada, aculturação e integração dos estrangeiros à cultura local. De acordo com os autores, durante o

governo de Getúlio Vargas houve o apoio a pesquisas e publicações que tratassem do folclore brasileiro, motivando a formação de uma rede nacional de associações de folclore e etnografia, além de coibir a repressão policial às manifestações religiosas populares, principalmente relacionadas aos cultos afro-brasileiros. Mello Morais Filho (2005) foi pioneiro estudioso desta temática no Brasil.

É válido salientar que, assim como no caso de outras epistemologias, a historiografia francesa influenciou também o estudo das festas no Brasil. De acordo com Jancsó e Kantor (2001, p. 07), especificamente a partir dos anos 1960, as festas começaram a ser reconhecidas como campo de pesquisa da *nouvelle histoire*³¹, tendência que se intensificou com as mutações de consciência política decorrentes dos movimentos de maio de 1968. A nova perspectiva histórica se baseava na valorização das práticas cotidianas como importantes formas de sociabilidade, expressão de processos históricos anteriores que eram conduzidos à margem da história dita oficial. O historiador Michel Vovelle foi um dos primeiros pesquisadores de festas como objeto histórico, nos anos 1970.

O terceiro momento da historiografia de festas no Brasil, de acordo com os autores, foi de 1960 até meados de 1980. Constituiu-se por intermédio da sociologia, antropologia, literatura e das artes, como por exemplo, no estudo da música e de suas origens e influências nos períodos de festas. Eram pesquisas descritivas, davam ênfase às festas coloniais como mecanismos para confirmar poderes e disciplinar a população. No decorrer dos anos, os estudos de festas abordaram o século XIX, as mudanças ocorridas na passagem para o período republicano e a importância da festa como momento propício à sociabilidade e oportunidade de afirmação de valores e crenças das culturas indígenas e africanas. A partir dos anos 1990, com a perspectiva da Nova História Cultural as tendências de estudo da festa se tornaram mais reflexivas, tolerantes, com maior aprofundamento na abordagem.

No Brasil, desde 2004 as festas e comemorações passaram a ser registradas no Livro de Registro das Celebrações³² do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico

³¹ Apesar de acolher diversas vertentes históricas, a *nouvelle histoire* pautou o retorno à história “acontecimental” ao preconizar uma abordagem antropológica dos fenômenos coletivos e da politização da vida cotidiana (JANCSÓ e KANTOR, 2001, p. 06).

³² Alguns exemplos de festas religiosas registradas, estado onde ocorre e o ano de registro são: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no Pará (2004), a festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, em Goiás (2010), festa de Sant’ Ana de Caicó, no Rio Grande do Norte (2010), Complexo Cultural do Bumba meu boi, no Maranhão (2011), festa do glorioso São Sebastião na Região do Marajó, no Pará (2013), festa do Divino Espírito Santo de Paraty, no Rio de Janeiro (2013), festa do Senhor Bom Jesus

e Nacional (IPHAN) como bens culturais imateriais³³. As festas e comemorações demonstram elementos da tradição, da crença, da cultura laboral, da culinária típica, da história de antepassados, da música, dança e outros. As festas brasileiras são sincréticas, coloridas, com características peculiares em cada região, o que justifica seu registro como bens culturais nacionais, importantes acontecimentos para a comunidade que a faz e seus visitantes. Observa-se, a partir do ano de 2013, a maior incidência de registros no livro das celebrações do IPHAN, talvez demonstrando a intensificação da sensibilidade em identificar determinada manifestação cultural como passível de registro, ou pela condição de vulnerabilidade dos bens imateriais em tempos hodiernos.

Conforme dito, as festas podem ser estudadas como fatos sociais, perpassando aspectos sociais, antropológicos, históricos, étnicos, culturais, geográficos, turísticos, religiosos que concernem a uma determinada comunidade. A festa, pensada como um “fato social total” (Mauss, 1924), demonstra um fenômeno coletivo que de certa forma representa, através de símbolos, indumentárias, ritos, cânticos, danças, orações de um determinado grupo, que deseja se identificar assim para a humanidade, a partir de seu ponto de vista, seu bairro, sua cidade, expondo sua memória, tradições, sentimentos, fé, etnia, e outros aspectos.

De acordo com Mauss (1924, p. 14), na teoria do fato social total é possível afirmar que existem trocas, não apenas de bens e riquezas, mas de amabilidades, trocas de amor, de afeto, em uma perpetuação de dádivas, de sociabilidades. Na perspectiva da festa é possível fazer a análise baseada em Mauss (1924), pelo intercâmbio, pela socialização, pelo comemorar, trocar momentos alegres e partilhar tristezas. A troca, na festa com invocação religiosa, se dá também por meio de promessas, de graças concedidas pelos santos, que, quando recebidas pelo devoto, devem ser retribuídas por meio do pagamento de promessas, oferendas de flores, filhos, velas, vidas, assiduidade nas festas em honra a este santo. Esse processo, como nos afirma o autor, é incessante, transferido através de gerações, principalmente no meio familiar.

do Bonfim, na Bahia (2013), festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha, no Ceará (2015) e mais recentemente a romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno da Trindade, em Goiás (2016) (IPHAN, 2017).

³³ Decreto nº. 3.551, de 04 de agosto de 2000.

Na festa pode ocorrer a socialização fora do cotidiano, um espaço/tempo de prazer, lazer, diversão, onde ocorrem relações de camaradagem, afetos, trocas, percepção de similaridades, ou conflitos e outros que reforçam os laços, as identidades, o pertencimento e alimentam assim a memória social. Porém, conforme será visto, ao mesmo tempo que é fora do cotidiano, a festa também representa o cotidiano, pois ela tem uma continuidade, é uma tradição anual, tendo dia e horário certos para ocorrer. A interrupção da festa de Nossa Senhora dos Navegantes representaria uma ruptura da tradição, e logo, do cotidiano. Como reprodução do cotidiano, a festa expressa a realidade vivida pelos habitantes do local, da comunidade, seus conflitos, dificuldades e tensões. Conforme o autor, exalta-se na festa os sentidos sociais e unifica-se, assim como se diferencia interna e externamente.

Portanto a festa é um momento de integração fora do cotidiano, mas é cotidiana na história, na memória, na vida dos que a vivenciam, dos que a fazem, por ocorrer em periodicidade.

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá em um tempo e lugar definidos, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto celebrado e comemorado, e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade (GUARINELLO, 2001, p. 972).

A festa pode representar uma identidade da comunidade, além de contar a história do lugar, de sua origem e tradições. E dentro da festa podem existir outras motivações, a festa dentro da festa, que são vontades diversas dos indivíduos para o empenhamento festivo. De todo modo, a cidade abraça a festa, seja pelo encontro, diversão, reza, oração, dança, canto, promessa, trago, comensalidade, passeio, flerte, comércio, trabalho, obrigatoriedade. Cada indivíduo é o protagonista de sua festa particular, sua motivação própria, cada um traz sua expectativa, sua satisfação ou não, dentro de uma única festa coletiva.

O termo festa é derivado do senso comum podendo intitular uma série de situações concretas, e estas podem ser interpretadas de várias formas, de acordo com a subjetividade humana: “o que é festa para uns, pode não ser para outros”

(GUARINELLO, 2001, p. 969). Assim, a festa, que para uns pode gerar sensações agradáveis como a alegria, o prazer, para outros pode ser bagunça, alienação.

Uma mesma pessoa pode, no decorrer da sua vida, preferir uma ou outra manifestação festiva, de acordo com a faixa etária, grupo social a que pertence, interesses coletivos ou particulares, e outras motivações variadas que mudam de acordo com o tempo. Neste contexto é necessário refletir sobre os interesses implícitos na elaboração de cada festa. Qual é a intenção ao se organizar determinada festa? Para quem ela se destina? Em que tempo histórico, ou situação social? As festas transmitem mensagens, possuem representações, signos, símbolos que são interpretados, geralmente, de forma a remeter à motivação inicial da festa.

Desta forma, em cada tentativa de conceituar a festa, deve se levar em consideração os aspectos acima relacionados. Guarinello (2001, p. 970) afirma que o conceito de festa não deve ser generalizado, mas elenca aspectos fundamentais que a definem e a circunscrevem a festa. O primeiro, é que a festa deve envolver a implicação de uma estrutura social de produção, que planeje, organize, prepare, custeie, monte, enfim, que a faça. O segundo, que deve envolver a participação concreta de um determinado coletivo. O terceiro é que necessita da interrupção do tempo social, da suspensão temporária das atividades diárias para que ocorra. O quarto aspecto é que a festa deve ser articulada em torno de um objeto focal, que constitui a sua motivação principal (real ou imaginária, um acontecimento, um anseio). E finalmente o quinto elemento, o de ser uma produção social que gere vários produtos, materiais, comunicativos, significativos, dentre outros possíveis, dentro do universo em que se encontra (GUARINELLO, 2001, p. 971). Essas categorias foram utilizadas para fazer a sistematização, descrição e análise da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte no Capítulo 04, buscando, de forma concisa, a sua compreensão.

O autor afirma que toda a festa é uma estrutura de poder que se inscreve na memória coletiva e individual dos participantes. Louis Marin (1994, p. 48) define a “festa” como:

[...] um processo coletivo que simultaneamente manipula o espaço por meio de certos movimentos de um certo tempo e produz seu espaço específico segundo regras e normas determinadas que ordenam esses movimentos e esse tempo valorizando-os. Pode-se dizer o mesmo do tempo: o desfile, o cortejo, a procissão, ordenando-se no

tempo cronológico, estruturam-no segundo a temporalidade que lhes é própria e por isso mesmo produzem um tempo específico que simultaneamente interrompe o tempo cronológico e em certa medida o completa ou o funda (MARIN, 1994, p. 48).

Na citação acima, Marin (1994) destaca aspectos chave para o estudo das festas, dentre eles, a coletividade e a produção, valorização e ordenação do espaço-tempo. Destaca também que a festa valoriza, dá fundamento, ordem ao coletivo, à vida em sociedade. Ou seja, a festa pode modificar a percepção, a sensibilidade e agregar afeições a um determinado espaço-tempo, conforme a vontade da coletividade que a faz.

De acordo com Del Priore (2000, p. 10), a festa pode ser um fato político, religioso ou simbólico. A autora afirma que a festa deve responder a uma necessidade e preencher uma função. A principal função social da festa está relacionada com o fato de permitir aos participantes e expectadores a experiência de vivência coletiva, a entronização de valores e normas, a comunhão de sentimentos e conhecimentos comunitários acerca de uma memória comum.

O tempo de festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasias e liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade (DEL PRIORE, 2000, p. 09).

O tempo de festa é tempo de desprender-se do tempo comum. As experiências vividas na festa podem ser, conforme a citação acima, das mais diversas, perpassando o lúdico, a alegria e a dor. O que se pode afirmar é que tempos de festa foram experienciados por nossos antepassados, e que, de certa forma, as comemorações que prestigiamos hoje dão continuidade a uma memória social.

O que chamamos de festa é um espaço significativo por excelência, um tempo de exaltação dos sentidos sociais, regido por regras que regulam as disputas simbólicas em seu interior e que podem, por vezes, ser bastante agudas. Uma distinção primeira, e fundamental, é a entre incluídos e excluídos da festa. Festas podem ser mais ou menos abertas, mas sempre traçam fronteiras, espontâneas ou impostas, entre os aptos a dela participar e os que são estranhos a ela (GUARINELLO, 2001, p. 973).

É possível aferir, de acordo com a pesquisa, que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes congrega grupos heterogêneos e plurais, onde podem ser verificados sentidos sociais, fronteiras e conflitos. A interpretação, motivações, expressões, memórias não são os mesmos dentre os participantes da festa. Atualmente são comuns os estudos da memória, e na maior parte das vezes ela é intitulada “memória coletiva”, como uma memória supostamente comum a todos os membros de determinado grupo. De acordo com Candau (2011, p. 24), a expressão “memória coletiva” é uma representação, uma forma de metamemória. O pesquisador de acontecimentos sociais caracterizados como “memória coletiva” deve se deter em estudar quais são as realidades deste compartilhamento de lembranças ou representações do passado, de forma a constituir uma memória justa (RICOEUR, 2007, p. 17) representando a memória de diferentes grupos, não hegemonicamente.

Mesmo com essa divergência de entendimentos sobre a festa, o simbolismo que a devoção na padroeira dos trabalhadores do mar carrega representatividade e respeito da comunidade de São José do Norte, mesmo entre os que não creem, os que não professam o catolicismo. A longevidade da festa pode explicar este respeito com relação à festa e entende-se que, mesmo não sendo uma cultura compartilhada hegemonicamente entre os habitantes, está na memória social e a visibilidade desta história e memórias fortalece a identidade e o pertencimento.

O subitem a seguir objetiva trazer elementos e possibilidades de compreensão das festas com invocações religiosas, seus significados, também com o objetivo de compreender a dinâmica da festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

2.1 As festas religiosas no percurso do tempo

Comemorar, do latim, *commemorare*, significa trazer à memória, fazer recordar, lembrar-se de algo em conjunto. É uma união de indivíduos no mesmo espaço que ocorre com o objetivo de relembrar fatos passados. A palavra festa origina-se do termo latino *festus*, e denominava as celebrações e o culto a deuses (Bluteau³⁴, apud DEL PRIORE, 2000, p. 18).

Reflexões sobre o surgimento das festas religiosas podem partir do estudo da história da humanidade, quando o homem deixou de ser nômade, condição que

³⁴ BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Português Latino**. Lisboa, 1716.

permitia sua sobrevivência (pois se movimentava para onde a caça e outros recursos naturais estavam), e passou a ser ocioso (assentando-se em um determinado território e dominando assim determinadas culturas, cocção de alimentos, aperfeiçoamento de ferramentas, melhor aproveitamento da caça), quando passou a depender, por exemplo, de condições climáticas para sobreviver.

Povos da antiguidade veneravam a vários deuses, em sociedades chamadas politeístas. Os sumérios, por exemplo, de acordo com Rossi (2009, p. 34), chegaram a registrar 3.600 deuses. Em dias de festas religiosas os sumérios suspendiam o direito de punição dos trabalhadores, para que todos estivessem iguais perante a divindade que era festejada. Ou seja, nenhum homem poderia privar o outro de louvar a seu deus, e esse louvor era feito principalmente nas ocasiões de festas.

A grandeza dos deuses e suas variadas bênçãos eram celebradas em dias especiais e sagrados durante festivais. A mais importante dessas ocasiões sagradas em uma comunidade era quando se honrava seu deus local, patrono e protetor. Também expressavam sua gratidão pela fertilidade de sua terra cuja produção sustentava suas vidas e derivava de um favor divino (ROSSI, 2009, p. 34).

Funari (2009, p. 47) afirma que na Grécia antiga quase todas as festas tinham caráter local e eram ligadas ao calendário agrícola, como festas de renascimento da vida e da vegetação, marcando o final do inverno e o começo do ano agrícola. Assim, pode se afirmar que as festas se originam de ritos que buscavam interferir nos ciclos naturais para o provimento da subsistência. “Eram momentos de agradecimento e de súplicas à natureza, elos de ligação entre o imponderável, visto como divino, sagrado, e o homem impotente” (FERLINI, 2001, p. 449). Esses momentos caracterizavam-se por:

[...] ritos propiciadores de chuvas, fertilidade, boas colheitas, celebrações da germinação, do sol, do calor. A necessidade de sobrevivência, de melhor domínio dos recursos naturais, levou os seres humanos a vida em grupo. Esta, se bem geradora de melhores condições, implica renúncias, tensões, competições e conflitos. As festas, neste caso, constituem importantes espaços de sociabilidade, com suas alegorias, representações e elaboração dos conflitos, uma espécie de válvula de escape que torna possível a vida comunitária (FERLINI, 2001, p. 449).

Percebe-se na citação da autora uma noção de “vitalidade da festa”, ou seja, de como a festa surge intrinsecamente relacionada às condições de vida, tanto no sentido de sobrevivência, ligada aos elementos naturais, quanto no sentido de prazer, de socialização, para amenizar a vivência em espaços comuns. Em suma, a possibilidade de vida, as condições de sobrevivência dependiam de elementos da natureza, e como esses eram regidos por deuses, estes precisavam ser agradados, reverenciados. Louvar e agradecer aos deuses pela terra, pelo sustento, pela fartura, ou suplicar para que isso ocorresse, era algo feito nas ocasiões de festas que ocorriam, conforme já dito, conforme o calendário agrícola. De acordo com o autor, deus era “terrível, se não for satisfeito, gentil, se for cultuado” (FUNARI, 2009, p. 48).

Assim, existia certa coação para a participação em festas religiosas, e como os povos da antiguidade eram politeístas, os momentos de culto eram complexos, com diversidade de formas de louvor, como músicas, comidas, rituais, sacrifícios, danças e outros.

Após anos de conflitos entre pagãos e cristãos, houve a transição do politeísmo para o cristianismo como religião oficial do império romano. O paganismo³⁵, e toda uma diversidade de cultos pagãos, foram proibidos e diversos deuses e datas festivas pagãs foram lentamente assimiladas pelo cristianismo, como a celebração do natal e do ano novo (Garraffoni, 2009, p. 63).

Posteriormente, na época das grandes navegações, nos séculos XV e XVI, a devoção e homenagens a santos católicos eram incentivadas nas embarcações lusitanas. De acordo com Ramos (2001, p. 907), era venerado, por exemplo, São Frei Pêro Gonçalves, conhecido como santo de devoção dos homens do mar, o “advogado” dos marinheiros nas tormentas do mar, que lhes vêm “visitar e consolar” (RAMOS, 2001, p. 907). A religiosidade neste âmbito era utilizada no intuito de “acalmar” os marítimos, evitando momentos de desentendimentos e brigas, através da sensibilização ao momento festivo e religioso, e também na tentativa de “controlar” as forças da natureza:

No rude mundo dos marinheiros lusitanos, quando enfrentar uma tempestade poderia levar o navio a um inevitável naufrágio ou a ausência de ventos poderia levá-los a perecer à míngua de mantimentos, então escassos em qualquer situação que fosse,

³⁵ O nome provém dos *Pagani* (camponeses). Era a religiosidade camponesa, que acreditava em um equilíbrio entre os poderes divinos de um lado e os poderes dos homens e mulheres de outro (Garraffoni, 2009, p. 56).

controlar a natureza era essencial. Assim, a função de festejar os santos era a de buscar a sua proteção contra o mau tempo e as intempéries do dia-a-dia no mar [...] (RAMOS, 2001, p. 909).

No Brasil, após a chegada dos portugueses, as festas religiosas eram incentivadas e normatizadas pela Coroa e pela Igreja Católica, as quais representavam um só sistema. As festas, no sentido de culto às divindades protetoras da natureza, uma herança das sociedades politeístas, também se encontram na tradição portuguesa, porém, os objetivos das festas portuguesas no Brasil estavam centrados também no controle social, na perpetuação da memória da tradição cristã e simultaneamente na exaltação do reinado, do rei e de seus descendentes.

[...] essas memórias circulavam, ou deveriam circular, entre as diversas partes que compunham o reino, metrópoles e colônias, estabelecendo como que um elo entre elas, reforçando a ideia de unificação e da existência de um “Lusitano Império”. Seria assim parte da política diplomática do reino, a multiplicação dos exemplos, estimulando uma discreta emulação entre as partes. A imponente festa pública, fosse ela religiosa ou cívica, tinha por função tornar visível a existência do império português do reino [...] (ARAÚJO, 2001, p. 422).

As festas religiosas dos trabalhadores escravizados, que não haviam sido incorporadas à tradição católica, eram vulgarizadas³⁶, havia a repressão às manifestações religiosas africanas e indígenas, por exemplo, e confundiam-se os objetivos da festa, ora com motivações que remetiam ao divino, para a igreja, ora laico, para a coroa, especificamente para exaltar ao rei e à família real. A festa podia, ao mesmo tempo, exaltar o santíssimo sacramento, o bispado e, por meio deles, o monarca cristão que a tudo presidia, assim como os seus vassallos obedientes e piedosos, de quem se espera “o zelo da coisa pública e a observância da fé” (MELO e SOUZA, 2001, p. 187).

De acordo com Perez (2011), a festa e a religiosidade são elementos balizadores da sociedade brasileira. Jancsó e Kantor (2001, p. 11) afirmam que as festas religiosas permitiam a difusão catequética portuguesa, além de enraizar

³⁶ “A nobreza da terra sai à rua, ao lado de mulatinhos que fingem de índios ou de negros que tocam instrumentos musicais [...]” (MELO E SOUZA, 2001, p. 187). É o caso da coroação do Rei Congo, um escravo escolhido para ser o representante de toda a nação étnica, que ocorria durante a festa de Nossa Senhora do Rosário; ou da chamada “Santidade” (nome dado por católicos em tom de cinismo), ritual indígena que envolvia encontro, festa e onde ocorriam, dentre outras atividades, possessões, o Folgado, Batuques, a Capoeira (Ferlini, 2001, p. 459).

estruturas de poder no local. Rugendas (1940), em viagem ao nordeste do Brasil em 1835, descreveu:

A monotonia dessa existência só é interrompida, de quando em quando, pelas festividades religiosas; a importância destas aumenta ainda pelo fato de se tornarem uma oportunidade para a reunião de todos os colonos da região; eles surgem a fim de terminar seus negócios ou iniciar outros. Não há nada mais animado do que um domingo numa aldeia ou vila, que possua uma imagem venerada de santo. As famílias dos colonos chegam de todos os lados [...] As grandes festas da igreja são celebradas com muito aparato: há fogos de artifício, danças e espetáculos, que lembram as primitivas representações mímicas e nos quais as chalaças grosseiras dos atores satisfazem plenamente os espectadores. Nessas ocasiões não se economizam as bebidas alcoólicas [...] (RUGENDAS, 1940, p. 144).

Conforme dito anteriormente, a festa possui diferentes significados para quem participa dela. Se reforçam os laços sociais, econômicos, há a possibilidade de arrumar casamentos, de fechar negócios. Sem essa oportunidade sazonal de encontro, de solidariedade, constantemente redefinida através das festas religiosas, a ligação existente entre os que viviam na colônia e o sentido da colonização poderia se perder. As festas religiosas, além de todos os objetivos oficiais e individuais já mencionados, reafirmavam o sentido que a sociedade deveria buscar no espaço colonial, “a glória de Deus e a riqueza e prosperidade do Reino” (FERLINI, 2001, p. 450).

Para que ocorresse o processo de “riqueza e prosperidade do reino” o trabalho dos escravos era necessário, e, portanto, era preciso inseri-los, assim como mulatos e indígenas, nas festas religiosas da colônia, dando-lhes um papel, firmando ainda que seria um tempo “livre”, uma oportunidade de recreação, de lazer. Assim, a festa religiosa servia também para a disciplinarização, integração do “pagão” na sociedade cristã, para sua “salvação”. Esta obrigatoriedade de participação apenas de festas de invocação católica resultou em processos de aniquilação de culturas, massacrando ritos e rituais de outras religiões.

Neste contexto de imposição de um modo de ser europeizado, alguns grupos utilizaram o sincretismo, aproveitaram-se das festas religiosas católicas para propagar seus interesses étnicos, sua fé, suas matrizes culturais (FERRETTI, 2001). Havia neste contexto a discussão entre o clero e os proprietários de escravizados quanto a deixar ou não estes participarem das suas próprias festas religiosas em função da

propagação dos vícios advindos do ócio, consumo de bebidas alcoólicas, o que poderia causar brigas, ferimentos, enfim, problemas para os proprietários.

Os fiéis católicos erigiam capelas para os santos de sua devoção, estimulados pela coroa, e muitas vilas e cidades se originaram desses locais de culto (MELO E SOUZA, 2001, p. 184). Conforme a autora, “as festas barrocas no Brasil diferiam no caráter, mas se aproximavam no sentido: umas mostravam-se alegres e exaltatórias, ligadas à prática religiosa e à instituição religiosa, outras eram ltuosas e tristes, celebrando a memória dos mortos” (MELO E SOUZA, 2001, p. 185).

Existia a tendência de separar as festas religiosas das ditas festas profanas, principalmente por incentivo da igreja católica. Porém, mesmo as festas de invocação religiosa têm em sua composição momentos de caráter profano, como se existisse um evento dentro de outro, simultaneamente. Um exemplo desta dualidade, colocado por Del Priore (2000), é a forma como a música sacra das festas religiosas misturava-se com ritmos populares, portugueses e espanhóis, o que demonstra a indefinição desta territorialidade entre o sagrado e o profano.

De acordo com Eliade (1992, p. 76), na festa é possível o reencontro da dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. “Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, ela é sempre um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente” (ELIADE, 1992, p. 75). De acordo com Ferreira (2009, p. 11), as festas de caráter sagrado ou profano são acontecimentos tradicionais que movem as pessoas por motivações psicológicas, devocionais, lazer, enriquecimento cultural, dentre outros. Conforme a autora, as festas religiosas são:

As festas religiosas são importantes por marcarem um tempo especial destinado ao ócio, à confraternização, à troca de diálogos, às experiências, à sociabilização. A festa religiosa insere-se na dinâmica social, hábitos culturais, alimentares, de sobrevivência (MONTENEGRO, 2012)³⁷. Está ligada aos saberes e fazeres locais, aos ofícios, às dificuldades pelas quais os participantes passam. É um tempo de ligação com o transcendente, quando é possível agradecer e pedir graças e a proteção divina.

³⁷Profa. Dra. Mônica Montenegro, da Universidade de Buenos Aires, em minicurso (*¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos?*), proferido no Instituto de Ciências Humanas, na UFPel, em Pelotas, em maio de 2012 através de convênio do PPGMP e UBA.

A festa religiosa é, portanto, ao mesmo tempo, elemento invocador e formador de identidades, lugar de memórias coletivas, lugar de vivência social, onde é possível também externar a fé, comungar a devoção. Mesmo com diferenças referentes ao seu tempo, a festa representa valores, reforçando as estruturas sociais e contribuindo para consolidar as identidades dos grupos. No decorrer da festa ocorrem as ações de sociabilidade, nas quais os jovens aprendem com os mais velhos a perpetuar uma cultura legada. No caso da festa religiosa, a fé pode ser legada. A fé é um atributo cultural de unidade. Ao seguir dogmas, participar de rituais, que nesse caso pode ser a festa, o ser religioso coloca em prática uma cultura que pode ter sido herdada, participando de uma representação cultural que possui caráter de territorialidade e temporalidade.

2.2 A devoção na padroeira dos trabalhadores do mar

A devoção em Nossa Senhora dos Navegantes é milenar. Com a consolidação do cristianismo na sociedade ocidental, em meados de 400 d.C., as deusas dos povos politeístas foram sendo reinterpretadas e lentamente assimiladas como ícones símbolos da memória cristã. A deusa marinha Leucoteia³⁸, com seu filho Palêmon nos braços, por exemplo, tinha o poder de salvar os homens de naufrágios. De acordo com Bulfinch (2002, p. 213), ambos eram invocados por marinheiros, seja para agradecer ou pedir proteção. Leucoteia e Palêmon podem não ser os únicos, mas são um exemplo de como houve a associação de referências pagãs, de entidades da Antiguidade, com a imagem da Virgem Maria. Da mesma forma ocorreu com as festas e procissões:

Muitas procissões cristãs lembravam as antigas destinadas aos deuses pagãos. Exemplo disso ocorre com as dedicadas a Maria, pois embora o cristianismo fosse contrário à presença de divindades femininas, as celebrações à figura da mãe de Cristo foram inspiradas em cultos à Deusa Diana (GARRAFFONI, 2009, p. 63).

De acordo com Ferlini (2001, p. 456), o mês de maio, dedicado pelos católicos à Virgem Maria, mãe de Jesus, é uma substituição as festas pagãs em homenagem a

³⁸ Chamada de Ino, filha de Cadmo e esposa de Atamas, fugindo de seu furioso marido, com o filhinho Melicertes nos braços, caiu de um rochedo no mar. Os deuses, compadecidos, transformaram-na numa deusa marinha, com o nome de Leucotéia, e ao filho em um deus, com o nome de Palêmon (BULFINCH, 2002, p. 213).

Afrodite. Com o cristianismo, as celebrações tiveram continuidade, mas aos poucos as imagens consideradas pagãs foram sendo substituídas pela imagem da Virgem Maria. Funari e Pelegrini (2008, p. 96) afirmam que durante a Idade Média, no Mediterrâneo, realizavam-se procissões marítimas em honra à *Madonna dei marinai*, de onde os portugueses herdaram a tradição³⁹.

Ramos (2001, p. 909) afirma que era comum, na época das grandes navegações, a evocação de textos gregos, de práticas pagãs, pela necessidade de controlar as forças da natureza. Essas práticas também foram sendo gradualmente convertidas pelo cristianismo em ritos de devoção a santos cristãos.

Neste sentido, pesquisadores afirmam que a época das grandes navegações impulsionou a religiosidade, as devoções, e dentre elas a devoção à Virgem Maria, a quem os navegadores, pescadores e trabalhadores do mar também pediam a proteção quando estivessem nas águas. Pode-se ver, na Figura 04, um exemplo desta tendência, na imagem de um ex-voto em honra à Virgem Maria, por ter salvado uma embarcação que havia enfrentado uma tempestade. A figura impressa encontra-se na publicação de István Jancsó e Iris Kantor, Iris (Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Hucitec, 2001), na página 903. Foi feita em óleo sobre tela, mede 710 x 530 mm e encontra-se em Viana do Castelo, na igreja de São Domingos, paróquia de Nossa Senhora de Monserrate de Viana do Castelo.

Nilza Botelho Megale (2009, p. 37) afirma que a devoção à Nossa Senhora dos Navegantes teve origem na Idade Média, nas Cruzadas, quando cristãos atravessavam o Mediterrâneo vindos da Palestina, a fim de defenderem os lugares santos da profanação. De acordo com a autora, eles tinham conhecimento das travessias marítimas enfrentadas em embarcações instáveis, por isso recorriam à intercessão da Virgem Maria, quando estavam à mercê das ondas. Antes da partida das embarcações, os viajantes participavam de celebrações pedindo a proteção da Mãe dos Navegantes. Geertz (1989, p. 125) ressalta que nos momentos de dor, na perplexidade e no paradoxo moral, ou seja, nas dificuldades da vida, os humanos sentem o impulso para a crença religiosa, algo recorrente nos depoimentos coletados no decorrer da pesquisa, principalmente pelos pagadores de promessas e em relatos de milagres concedidos.

³⁹ Tradição que permanece também em Portugal até os dias atuais, principalmente na Baía de Cascais, Costa da Caparica e Armação da Pêra.

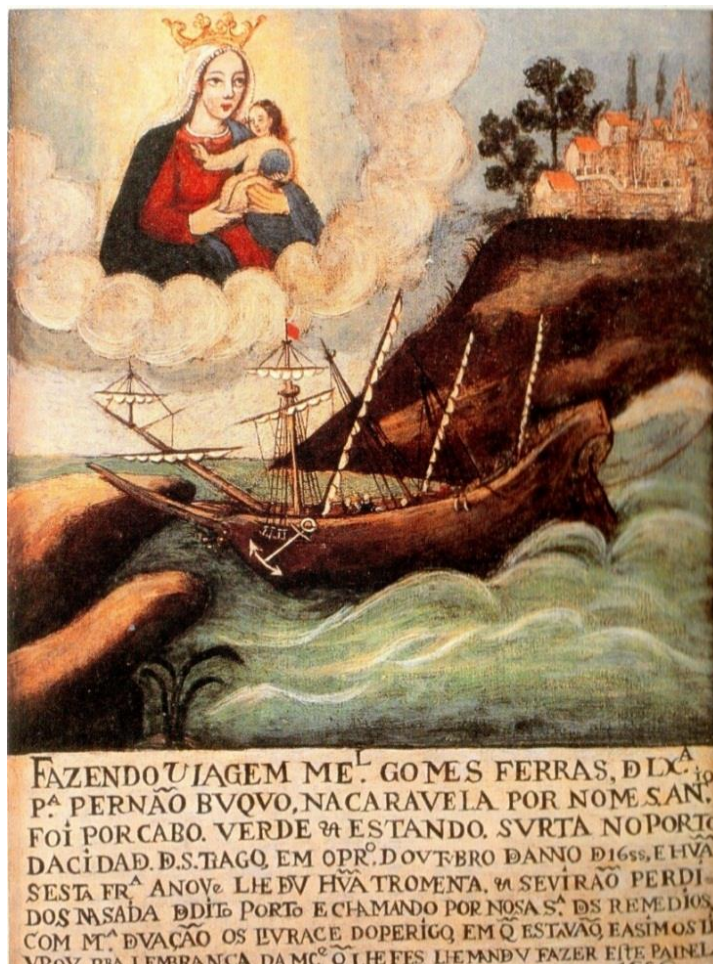


Figura 4: Ex-voto representando o milagre de Nossa Senhora dos Remédios a Manuel Gomes Ferraz, 1656.

Fonte: JANCSÓ e KANTOR (2001, p. 903).

De acordo com Coelho (2001, p. 919), a devoção mariana, assim como em outros santos populares, se intensificou na tradição europeia entre os séculos XV e XVIII. “O catolicismo devocional, desenvolvido ao abrigo do culto de santos protetores, foi uma das mais expressivas manifestações da religiosidade portuguesa na Idade Moderna, com uma particular inflexão: as manifestações da devoção mariana” (COELHO, 2001, p. 919). De acordo com o exemplo do autor, Nossa Senhora de Nazaré⁴⁰ era invocada, principalmente entre camponeses e marinheiros, em função do aumento na frequência das viagens marítimas para Índias e Brasil.

Na América do Sul a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes existe em meio a diversas designações sobre o espírito das águas e a proteção dos

⁴⁰ Tradição que, trazida para o estado do Pará, no Brasil, deu origem à maior festa religiosa do país, conforme já mencionado, registrada no ano de 2004 como patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN. (Fonte: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_Cirio_m.pdf).

trabalhadores do mar, que também foram incorporadas à tradição católica (FUNARI e PELEGRINI, 2008, p. 86). Na América Latina as religiões possuem fundamental representatividade na constituição da identidade histórico-cultural (OLIVEIRA, 2008, p. 208). De acordo com Vainfas e Souza (1999, p. 201), a devoção à Virgem Maria chegou à América através de navegadores e aventureiros. Hernán Cortés entronizou uma imagem da Virgem Maria no Templo Mayor de Tenochtitlán, atual Cidade do México, e Pedro Álvares Cabral a colocou em retábulo na primeira missa no Brasil. O primeiro milagre envolvendo a aparição da Virgem Maria nas Américas aconteceu, de acordo com Vainfas e Souza (1999, p. 206), no México⁴¹, em 1531.

Almeida (2001, p. 672) afirma que, no final do século XIX, a Virgem Maria, sob diversas denominações, tornou-se um referencial para os católicos: “Os positivistas ortodoxos, que cultuavam a mulher na religião da humanidade, viram nessa nova configuração do ‘período metafísico’ um progresso rumo à harmonia entre natureza e sociedade” (ALMEIDA, 2001, p. 672).

Assim, é possível afirmar que a religiosidade no Brasil possui características de caráter étnico diverso (genericamente branco, negro e indígena), sincretizado em espiritualidades diversas num todo específico e multifacetado. Pierucci e Prandi (1997, p. 13) afirmam que, mediante um processo de assimilação de diversas religiões, a religião católica acabou sendo majoritária e hegemônica no Brasil. Fazem parte do catolicismo práticas populares de devoção a santos, promessas, milagres, peregrinações, romarias, festas. Oliveira (2008, p. 208) afirma que “[...] sem dúvida, um dos traços marcantes dessa religiosidade luso-americana foi também a devoção preferencial a Nossa Senhora” (VAINFAS e SOUZA, 1999, p. 209).

Nossa Senhora dos Navegantes no Brasil possui vários títulos conforme a região: Senhora dos Mares, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Boa Esperança, dentre outros. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 90), a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes pode ser considerada um exemplo do processo de assimilação ritual e de transformação que ocorre com o tempo. Megale (2009) cita algumas das localidades onde a festa ocorre, e as principais características de seus devotos:

⁴¹ A Virgem recebeu o nome de Nossa Senhora de Guadalupe, considerada a padroeira da América Latina. Essa invocação chama a atenção por ter traços e elementos que remetem à tradição indígena local.

A invocação de Nossa Senhora dos Navegantes é muito usada entre os pescadores, homens modestos que diariamente enfrentam o furor das ondas à procura do sustento para suas famílias. A prova disso é que os mais conhecidos Santuários da Padroeira estão situados em áreas de pescaria como: Fortaleza, no Ceará, Penedo, na foz do Rio São Francisco, e principalmente em Cananéia, o primeiro centro habitado do sul do Brasil, e Porto Alegre. Em todos esses núcleos pesqueiros a festa da Padroeira é celebrada com animadas procissões marítimas precedidas da embarcação que leva a Virgem Maria. Entretanto, os festejos mais famosos, que atraem todos os anos milhares de turistas, são os da capital gaúcha. No dia da Festa realiza-se animado cortejo fluvial, durante o qual os devotos atiram ao Rio Guaíba flores, fitas e guirlandas como oferenda à Protetora dos Navegantes (MEGALE, 2009, p. 38).

A citação acima relaciona a fé do pescador com a necessidade de enfrentamento das águas para poder sustentar a família e indica que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Alegre como a de maior representatividade do Brasil. Braga (1998) também afirma que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Alegre⁴² é “a maior festa de devoção popular do estado e uma das maiores manifestações religiosas do Brasil”. A procissão do dia 02 de fevereiro chega a reunir, de acordo com Steil (2004, p. 13) cerca de um milhão de devotos. A citação aponta também que a festa, em outras cidades brasileiras tem origem no ofício do pescador. Neste contexto, é válido salientar que a festa de Porto Alegre possivelmente se fortificou, assim como em São José do Norte, pela presença de famílias açorianas, o que a fez ser conhecida como “Porto dos Casais” ou “Porto de Nossa Senhora dos Casais”.

Este capítulo objetivou trazer à tona a base teórica acerca das festas e em particular das festas religiosas, sobretudo no Brasil, observando-se sua importância para a coesão social. Também reiterou as origens da devoção em Nossa Senhora dos Navegantes. O capítulo a seguir consta de resultados da pesquisa em fontes primárias e antigos documentos que se referem ao estudo da diacronia da festa.

⁴² De acordo com Cavedon (1992, p. 31), a primeira imagem de Nossa Senhora dos Navegantes chegou a Porto Alegre em janeiro de 1871, encomendada por portugueses residentes em Porto Alegre de um escultor português radicado às margens do Rio Douro, na cidade de Porto, em Portugal. Como estava próximo o dia 2 de fevereiro daquele ano, considerado pela Igreja Católica como o “Dia da Purificação de Nossa Senhora”, esse dia foi escolhido para ser de exaltação à Nossa Senhora dos Navegantes, comemorado anualmente. A Santa ganha, pouco depois, sua capela própria, no bairro que justamente viria a se chamar Navegantes. Após um incêndio, ao que tudo indica criminoso (Cavedon, 1992, p. 43) que a destruiu, em 1910, ergueu-se o atual Santuário no ano de 1912.

CAPÍTULO 3 - Histórico da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte

Este capítulo apresenta a o histórico da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte principalmente a partir de fontes bibliográficas e documentais dos séculos XIX e XX, obtidas em pesquisa na mitra diocesana de Rio Grande e no acervo da Matriz São José a fim de descrever a festa priorizando a diacronia. Dentre os principais documentos consultados e digitalizados estão o Livro de Honra a Nossa Senhora dos Navegantes (1896), o Livro do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora dos Navegantes (1912), Livros Tombo da Paróquia São José: Primeiro Livro Tombo da Paróquia São José (1912-1953), Segundo Livro Tombo da Paróquia São José (1969 – 1985) e Terceiro Livro Tombo da Paróquia São José (1985 – 1989). Além destes, o Livro Inventário (1954), o Livro Tombo das Comunidades (1988) e o Livro Ata da Paróquia São José (1997).

Além destes, foram feitas pesquisas em periódicos dos séculos XIX e XX na Biblioteca Rio-Grandense, município de Rio Grande, dentre eles Echo do Sul, Diário do Rio Grande e O Tempo, bem como foram transcritas informações, divulgação, crônicas e descrições da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Constam neste capítulo também dados da observação participante, registros fotográficos da paróquia, folheteria e documentos digitalizados, descrição de bens materiais da paróquia São José e trechos de entrevistas informais com colaboradores da paróquia.

Nossa Senhora dos Navegantes é uma invocação da Virgem Maria, a mãe de Jesus Cristo na tradição da religião católica apostólica romana. Sua devoção no Brasil é uma herança portuguesa, porém vale ressaltar que essa tradição foi constantemente ressignificada e incorporada de diversos aspectos brasileiros, com inferência de etnias e culturas distintas, o que torna o fenômeno da devoção em Nossa Senhora dos Navegantes complexo, abrangente e heterogêneo, de profundo interesse interdisciplinar. A compreensão da diacronia da festa, conteúdo deste capítulo, contribui para o entendimento de sua continuidade, seus significados e interpretações no decorrer de mais de dois séculos de existência em São José do Norte, entre situações históricas de conflitos, embates políticos, sociais e situações econômicas diversas.

3.1 A primeira festa de Nossa Senhora dos Navegantes

Após o fim da dominação espanhola em Rio Grande, diversas famílias que estavam vivendo no Estreito vieram para São José da Guarda do Norte, e erigiram ali, em 1792, uma Capela em honra a Nossa Senhora dos Navegantes, naquela época subordinada à Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Estreito (Aurora, 2003, p. 25). Em pesquisa documental no acervo da Matriz São José foi encontrado um ofício da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, do ano de 1792, onde os moradores de São José da Guarda do Norte solicitavam que fosse erigida uma capela à Nossa Senhora dos Navegantes além da doação de duas casas. De acordo com a autora, devido às tempestades de areia e diminuição da população no Estreito, a Matriz passou a ser em São José do Norte no ano de 1822.

A primeira festa de Nossa Senhora dos Navegantes ocorreu no ano de 1811, época em que a capela desta invocação ainda era sucursal da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Estreito (COSTAMILAN e TORRES, 2007, p. 107). Não existia na península uma imagem da Virgem Maria que fosse denominada “dos Navegantes”, então, provisoriamente, foi utilizada para as primeiras procissões marítimas uma tela de Nossa Senhora do Rosário. De acordo com os autores, a data escolhida para que essa festividade acontecesse, a qual foi apoiada pelo vigário da povoação, foi 2 de fevereiro, data em que se comemora a apresentação de Jesus Cristo no templo e a purificação da Virgem Maria.

Supostamente a motivação para a realização da festa partiu de homens, operários, operadores de catraias, que faziam o embarque e desembarque dos navios que se encontravam fundeados no canal. Catraias são pequenas embarcações que podiam ser conduzidas por apenas um homem, responsáveis pelo transporte de pessoas e/ou produtos. Elas circulavam pelo canal, principalmente para desembarcar ou embarcar produtos nos barcos maiores, que não conseguiam se aproximar da margem pelo tamanho. Detalhes sobre as catraias aparecem no relato de Saint-Hilaire, em relato sobre São José do Norte:

Hoje fui passear na aldeia Norte, situada na extremidade da península que separa a Lagoa dos Patos do mar. Embarcações, chamadas catraias, movidas tanto a remo como a vela, servem para o transporte de pessoas entre o Rio Grande e o norte. Os habitantes da região distinguem esses dois lugares simplesmente pelos nomes sul e norte,

mas a aldeia do norte se chama, propriamente, São José do Norte (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 67).

As catraias foram mencionadas por depoentes, pois deixaram de operar há poucas décadas. O Sr. Loreno Pastore, professor aposentado que escreveu o hino em honra a Nossa Senhora dos Navegantes, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014 recorda:

Naquele tempo não tinha cais aqui na orla, os navios grandes não conseguiam atracar, só barcos pequenos. Os navios ficavam fundeados no meio do mar. As catraias faziam esse serviço, vinham e voltavam com os mantimentos, com os produtos, materiais de construção. Eu lembro, até poucos anos as catraias existiam, eu lembro o nome de três: Sambinha, Humaitá e Ferrari. Elas funcionavam à vela, à pano, hoje já não existem mais (Sr. Loreno de Lemos Pastore, criador do hino da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

Desta forma, no dia 2 de fevereiro de 1811, a tela de Nossa Senhora do Rosário foi levada em direção aos navios fundeados na lagoa, dos quais os tripulantes, em um gesto devocional, lançavam flores à tela da Virgem Maria. Logo as catraias regressavam e continuavam os ritos em homenagem à padroeira dos trabalhadores do mar. No decorrer dos anos, quando o tempo e o vento permitiam, as catraias estendiam esse percurso até a vila do Rio Grande, onde recebiam a benção litúrgica.

Durante o trabalho de campo, alguns depoentes reiteraram que esta tela de Nossa Senhora do Rosário ainda existia, que a mesma deveria ser inserida no trabalho pois representava o começo da festa. Um desses relatos foi do frei Natalino Fioroti, ex-pároco da Matriz São José, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015, que também menciona a chegada da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes:

Por falta de uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes inicialmente era levado um quadro, uma pintura a óleo. A tela era levada na procissão marítima. E da Bahia em 1875 veio a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes e de certa forma isso mexeu com Porto Alegre, tanto que eles começaram a fazer a festa lá também. Coincidem os anos, isso foi escrito naquele tempo (Frei Natalino Fioroti, antigo pároco da Matriz São José, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

Após o segundo ano de pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, conversando com funcionários e colaboradores da paróquia São José,

foi possível encontrar a tela mencionada no depoimento, guardada no interior da Matriz São José, a qual mereceria uma intervenção para consolidar seu estado de conservação, conforme a Figura 05:



Figura 5: Tela de Nossa Senhora do Rosário, conduzida na primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em 1811.
Fonte: Da autora.

A tela mede 1,16 x 0,71 centímetros e, quando foi encontrada, não estava disposta de forma a ser contemplada por visitantes da paróquia, mas alocada temporariamente em um canto do antigo batistério. Estava coberta de teias e mofo. Pode-se observar, tanto na parte superior quanto na parte inferior, o rompimento da tela, pois os buracos são nítidos. Encontrar a tela que foi conduzida na primeira procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, conseguindo assim unir o dado material, as informações textuais e os depoimentos orais coletados. Foi importante para dar força e fôlego à pesquisa, além de demonstrar o quão valioso é o trabalho de investigação e a necessidade de intervenção no sentido de restaurar um importante bem cultural local.

Encontrar a tela que foi conduzida na primeira procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, conseguindo assim unir o material às informações dos textos com os depoimentos coletados, foi importante para dar força e fôlego à pesquisa, além de demonstrar o quão valioso é o trabalho de investigação e a necessidade de intervenção no sentido de restaurar um importante bem cultural local.

A documentação deste período do começo da festa, encontrada no acervo da Matriz São José, foi o Livro de eleição de Juízes e provedores do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Navegantes (1814 – 1883). Neste livro foram anotados os integrantes da organização, bem como os nomes dos donatários da Irmandade a fim de arrecadar fundos para a construção da Matriz São José e outras necessidades da igreja para melhorar o atendimento pastoral. No livro não estão mencionados elementos de organização, de planejamento da festa, podendo-se aferir que a mesma não era organizada pela igreja e sim por leigos.

3.2 A construção da Matriz São José e a festa no século XIX

A construção da Matriz São José iniciou no ano de 1832, de acordo com um documento da Câmara de Vereadores do município encontrado na Biblioteca Municipal de São José do Norte. A coleta de materiais para a obra foi feita pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Navegantes, mencionada anteriormente.

Foram feitas pesquisas em antigos periódicos no município de Rio Grande, durante o mês de fevereiro de 2017. No periódico Diário do Rio Grande, nos anos de 1849, 1865 e 1881 (com exceção ao ano de 1849, que foi escolhido por ser as primeiras edições do jornal, 1865 foi escolhido pelos cinco anos da inauguração da matriz São José e 1881, pois seria a 70ª edição da festa), durante os meses de janeiro e fevereiro não foram mencionadas notícias ou anúncios da festa de Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte, nem mesmo acerca da inauguração da igreja São José. Talvez incipiente, a festa não tinha a envergadura necessária para ativar este meio de comunicação, ou mesmo a dificuldade de transporte, desinteresse do periódico pelo tema.

A Matriz São José foi inaugurada em 1º de fevereiro de 1860. No Livro de Atas da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Navegantes (1850 –

1915), consta, nas páginas 27 e 28, a descrição da bênção do novo templo de São José do Norte, enfatizando a presença dos integrantes da irmandade, o vigário Francisco Rois, Padres Joaquim da Purificação e Antônio de Almeida Silva.

O livro também descreve o dia de inauguração da nova igreja. De acordo com o documento, os fiéis levaram os andores com as imagens de Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição, São Francisco de Assis, São Vicente, São João, Nossa Senhora do Rosário e São José, saindo da Capela Nossa Senhora dos Navegantes para a nova igreja, a Matriz São José. O frei Natalino Fioroti, em depoimento, também menciona este dia: “Em 1º de fevereiro de 1860 foram transladadas as imagens da antiga igreja para a nova igreja. A antiga era feita em madeira, era centenária, se situava a uma quadra da matriz São José” (Depoente Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

A transferência do Santíssimo Sacramento e das imagens acima relacionadas foi feita com “toda a solenidade, devoção e respeito” (Livro de Atas da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Navegantes, p. 21). De acordo com o documento, o traslado dos objetos sacros ocorreu às 17h em uma procissão com a participação da comunidade, incluindo vereadores da Câmara Municipal. O Livro ressalta que as ruas escolhidas para o trajeto desta procissão foram as ruas “mais públicas” da cidade, a fim de que o povo pudesse visualizar o cortejo. Após a chegada do Santíssimo Sacramento e das imagens na Matriz São José, houve a bênção.

De acordo com o Livro de Atas da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Navegantes (1850 – 1915) uma professora da rede pública coordenou suas alunas para solenemente vestirem e coroarem a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes (p. 29). Logo após procedeu o último dia da novena em honra a Nossa Senhora dos Navegantes, pois a inauguração ocorreu no dia que antecedeu a festa no ano de 1860.

Esta é a fonte mais antiga a descrever parte da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes no século XIX, sendo possível o entendimento de continuidade e a possibilidade de fazer o estudo da diacronia desta tradição bicentenária. A realização da novena, que ocorre até os dias atuais, ocorria igualmente naquele tempo. Outro aspecto que pode ser observado é a escolha da data para a inauguração da Matriz São José: à véspera da festa, assim, seria possível fazer a comemoração da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1860 já na igreja nova.

No periódico Echo do Sul de 04 de fevereiro de 1875 foi encontrada uma descrição da cobertura da festa de Nossa senhora dos Navegantes, “imensamente concorrida” (ECHO DO SUL, 1875, p. 04). A primeira transcrição do periódico é de um restaurante convidando a todos para participar da festa e usufruírem de seus serviços:

Grande Restaurant chama amigos e fregueses que forem para aquela villa na véspera do dia da festa para apreciar bem escolhida e variada diversão de iguarias ao gosto e apetite de cada freguês [...] para cujo fim obteve alugar o espaçoso sobrado do Sr. Fortes, não poupando despesas nem sacrifícios para bem servir a quem o honrar com sua presença (ECHO DO SUL, 30 de janeiro de 1875, p. 04).

Já em período tão recuado, o trecho acima permite identificar a movimentação no setor de prestação de serviços de gastronomia em São José do Norte na véspera da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O aluguel de um imóvel para melhor servir os clientes do restaurante, também pressupõe que os mesmos podem pagar por serviço diferenciado, com diversificação de cardápios “ao gosto e apetite de cada freguês”. Talvez essa nota signifique também algo com relação ao status e ao nível socioeconômico dos participantes da festa, que provinham de Rio Grande. Nesta época, se desenvolveram também os transportes e comunicações, possibilitando que os devotos pudessem atravessar o canal. São fragmentos que possibilitam compreender o desenvolvimento da festa e as modificações que advinham ao longo de sua existência no século XIX. O mesmo periódico, no dia 31 de janeiro de 1875, noticia que:

Bem dizíamos quando garantimos que essa festividade devia ser acirrada e assaz concorrida. Sabemos agora que o Sr. Albano Pereira levará a Companhia e o Circo para a villa de São José do Norte a fim de abrilhantar a festa com um magnífico espetáculo que ali deve oferecer ao público. Além d’essa diversão, teremos outras que concorrerão para tornar bastante alegre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes (ECHO DO SUL, 31 de janeiro de 1875).

O vapor São Pedro fará viagens para a villa de São José do Norte no dia da festa, deixando, por conseguinte, de fazer a viagem para Pelotas. Para que não fiquem prejudicados os interesses do comércio, fará a viagem no dia seguinte (ECHO DO SUL, 31 de janeiro de 1875).

Haverá a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Às 9 horas partirá o vapor São Pedro de Rio Grande. À bordo estará a philarmônica União Comercial. O mesmo vapor fará diversas viagens para levar passageiros. A festa será bastante concorrida e pomposa, tendo um

restaurante, um circo, bailes, e outros (ECHO DO SUL, 02 de fevereiro de 1875).

Os trechos citados oferecem detalhes acerca do traslado, tendo sido privilegiado o trajeto a São José do Norte em detrimento da cotidiana viagem a Pelotas pelo vapor São Pedro e atrativos paralelos que ocorrerão no dia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, como a instalação de um circo, presença da Philarmônica União Comercial e outros. A festa, assim, apresenta-se como um espaço de lazer, entretenimento, gastronomia e diversão; além de ser religiosa, era qualificada desde o último quartel do século XIX como “concorrida e pomposa”, logo, para diversos estratos sociais, e não apenas para pescadores e outros trabalhadores do mar.

Após diversos anúncios divulgando a programação e os atrativos da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, o mesmo periódico, no dia 07 de fevereiro de 1875, publica com minúcias, na seção “Variedades”, a descrição do dia 02 de fevereiro em São José do Norte. A publicação é assinada pelo correspondente Fidêncio:

Festa dos Navegantes

A monótona villa de São José do Norte tem um dia do anno que, como as velhas casquilhas e gaiteiras, enverga o seu melhor traje domingueiro para receber um exército de visitantes e entretê-los com uma festa de arromba.

É o dia 02 de fevereiro.

Em outro dia, se o leitor caísse por lá, morreria de tédio e cansaço, calcando montões de areia e vendo as résteas de cebola dependuradas [...] Mas no grande dia 02 de fevereiro, porém, o caso muda de figura. [...] O dia de Nossa Senhora dos Navegantes já vai lá por esse passado afora, levando nos seus alforges a alegria dos pobres habitantes da villa fronteira.

Foi um dia cheio.

São Pedro e São Gonçalo esgueiravam-se pelo canal carregados de povo. Estava bonito o tempo.

A pequena villa, vendo seus desertos e extensos areais calcados por gente da cidade, tomou assim uma presença arrogante, como a do pedreiro quando se encaderna em um fato novo, deixando de mão o seu commercio de cebolas e camarões, entendeu que devia figurar como qualquer cidade de nomeada.

Na frente da igreja via-se fluctuar aos caprichos das brisas uma profusão de bandeiras e galhardetes multicores, que pareciam dizer incessantemente adeus ao Rio Grande, que de cá de longe lançava uns olhares cheios de inveja para sua vizinha fronteira. Os altares dispostos nas laterais do átrio foram cuidadosamente adornados com graciosos festões de flores e fitas e o chão da nave estava juncado de flores frescas. A arcada principal fora adornada com bambolinas de damasco, e o trono da capela-mor não podia oferecer mais esplêndido aspecto.

No arranjo daquelas cousas andou mão de mestre.

Jarras com flores artificiais, tapetes, tocheiros de preta, etc. tudo isso figurava e concorria para dar ao interior da velha igreja uma presença agradável e digna da grande festa que se estava celebrando, com toda a solenidade.

Sobre os officios sacros nada direi [...] todavia é forçoso dizer que achei tudo muito bem organizado, tendo porém a notar que é a primeira festa em que não se pregou o sermão [...]

A procissão não tem nada de extraordinário [...] Dous andores, sendo um de Nossa Senhora dos Navegantes e outro do Santo. [...] Padre, povo... eis o que se via em marcha pelas arenosas ruas da villa. [...]

Em seguida à Santa caravana marchavam as filarmônicas Lyra Artística, União Nortense e União Commercial e em seguida a estas caminhavam ao compasso da música para mais de mil devotos [...]. Esse compasso obrigava os pobres devotos, ora a dar carreiras, ora a caminhar como preguiças, mas lá iam indo como Deus e o dito compasso permitiam. As duas ruas por onde transitou a procissão achavam-se caprichosamente enfeitadas.

Encontrei graça na villa de São José do Norte ao contemplar uma porção de casas arruinadas com cortinados e flores às janelas, quando não um exército de résteas de cebolas.

Gritam por aqui que o povo de São José do Norte é herege; que não tem grande influência para as festividades religiosas [...]. Não senhores, façamos-lhe justiça. Embora seja um povo maçônico, contudo ainda não lhe arrefeceu no espírito a crença e a fé [...], a prova está no entusiasmo e fervor com que promoveu a festa que estou descrevendo. [...] Quero ver se esses que tanto falam são capazes de dar um passo na areia com tanta firmeza como os nortenses [...]. Quero ver se um rio-grandense é capaz de pescar caranguejos com tanta habilidade como um nortense (ECHO DO SUL, 07 de fevereiro de 1875).

A descrição no periódico Echo do Sul é plena em detalhes e passível de análises em todos os parágrafos. Pode-se retomar a questão dos opostos aos que o colunista classifica São José do Norte: de um lugar monótono e cansativo, com “pobres habitantes” para um lugar de festa de arromba, onde as pessoas vestem os melhores trajes e enfeitam suas casas com cortinas floridas e ostentam suas résteas de cebola, onde há a profusão de bandeiras coloridas, requinte na decoração da igreja e para onde vai “um exército de visitantes” nos vapores São Pedro e São Gonçalo. Conforme o relato, a cidade se transfigura, muda, já não é São José do Norte, mas a cidade da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, tão exuberante a ponto de causar inveja aos riograndinos.

Se identifica também no relato a participação de duas imagens na procissão marítima e terrestre e uma ordem, ou hierarquia de posicionamento na procissão terrestre, sendo que as bandas vão logo após as imagens dos santos. Assim, Fidêncio nos proporciona a imagem viva da festa do ano de 1875, finalizando a coluna com a

questão identitária, de pertencimento e valorização dos nortenses no momento da festa, as résteas de cebolas na janela, cultura tradicional de São José do Norte, as casas comprometidas, mas enfeitadas, pois não enfeitam-se apenas as pessoas, e a igreja, mas a cidade. O momento da festa é também o momento de mostrar o melhor de si, de se reconhecer e valorizar. A narrativa do colunista, ao finalizar seu texto, coloca que é louvável a expressão da fé do nortense na festa, e desafia o leitor riograndino a ser melhor pescador do que o nortense, exemplificando a questão da competição existente entre as duas cidades, que será abordada no Capítulo V.

Naquele mesmo ano da narrativa de Fidêncio, em 21 de dezembro de 1875, a Matriz São José recebeu uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. A imagem foi feita na Bahia por um centro de escultores em madeira com finalidade sacra, e levada primeiramente para a igreja de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, permanecendo lá até 30 de janeiro de 1876, quando foi levada em procissão para a Matriz São José, para a comemoração da festa de Nossa Senhora dos Navegantes daquele ano (COSTAMILAN e TORRES, 2007, p. 108). De acordo com Aurora (2003, p. 31), o barco-andor que serve de suporte para a imagem foi confeccionado no ano seguinte por pescadores locais. Foram identificadas três imagens de Nossa Senhora dos Navegantes na Matriz São José durante a pesquisa. Os depoentes, quando questionados, afirmam que a imagem que atualmente encontra-se no barco-andor é aquela que veio no ano de 1876. O Livro Inventário da paróquia São José (1954) registra a existência de duas estátuas de madeira.

Na Figura 06 encontra-se um *souvenir* da festa e romaria da Nossa Senhora dos Navegantes, sem datação, onde há a imagem no barco-andor, mas não é a mesma imagem que atualmente é utilizada nas festas e procissões. Esta imagem não foi encontrada nas dependências da paróquia São José.

A Figura 07 mostra a imagem atualmente utilizada nas procissões marítima e terrestre na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. É feita em madeira e mede 0,82 centímetros. O estado de conservação da mesma demanda cuidados. Foram encontradas algumas fissuras e a tinta encontra-se descascada em alguns pontos.



Figura 6: *Souvenir* da festa e romaria da Nossa Senhora dos Navegantes
Fonte: Depoente Guaraci Ferrari.



Figura 7: Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes no barco-andor, 2015.
Fonte: Da autora.

3.3 Conflitos, mudanças: Registros da festa na primeira metade do século XX

O periódico *Echo do Sul*, em 31 de janeiro de 1911, ano do centenário da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, convida para a festa, afirmando que quem pregará o evangelho neste dia será o diretor do *Gymnasio Espírito Santo de Jaguarão*, Rev. Luiz Lambrechts. O periódico *O Tempo* de 1º de fevereiro de 1911 também faz o convite para a festa na cidade vizinha. Do dia 02 de fevereiro este último periódico informa que o Vapor América fará 04 viagens do porto de Rio Grande até São José do Norte. Nenhum periódico mencionado deu ênfase ao centenário da festa.

Mesmo com a transferência da Matriz para São José do Norte e com a construção da igreja nova no ano de 1860, aparentemente não foi feito um registro das atividades paroquiais em um Livro Tombo, apenas livros de registros de doações, nascimentos, casamentos e mortes, além do registro de outros sacramentos. O Pe. Eugênio Tyck, pároco que fez a abertura do Primeiro Livro Tombo, afirma que antigos documentos paroquiais da época da fundação da Matriz São José foram extraviados, o que seria um descaso, pois “aquele é um dos melhores templos do Rio Grande do Sul” (PRIMEIRO LIVRO TOMBO, p. 20). Portanto, o mais antigo Livro Tombo da Matriz São José encontrado foi iniciado no ano de 1912, tendo sido finalizado no ano de 1953. Neste Livro (p. 10) foi feita a anotação de que, desde os anos 1920 até 1947, os padres carmelitas de Rio Grande administravam e faziam o atendimento da Matriz São José. É enfatizado que esse trabalho era feito com dificuldades, pois além das atribuições em Rio Grande, tinham que atender não apenas a Matriz São José, mas o interior da península.

Esse período de assistência eclesial deficitária foi lembrado no depoimento do frei Natalino Fioroti: “[...] a cidade não tinha um padre próprio desde a morte do Pe. Tyke, lá por 1925. Os padres da região se revezavam para atender em São José do Norte”. O depoente afirma que foi nesse período que o Sr. José André, pescador, deixou suas atividades para se dedicar a paróquia, auxiliando o padre nas atribuições de secretaria. A filha do Sr. Zé André, Sra. Maria José André, já mencionada, foi uma das entrevistadas durante a pesquisa, principalmente pela atuação da família junto à paróquia e festa. Desta forma, no ano de 1947, o Bispo D. Antônio Zattera nomeou o Pe. Tarcisio Vilas Bôas como pároco da Matriz São José. De acordo com o Primeiro

Tombo da Matriz São José (1912), na ocasião da missa de nomeação, em 1947, o povo presente “exultou de alegria”.

A síntese do relato deste pároco que consta no Primeiro Livro Tombo, sobre a situação espiritual da população, é que, por não ter havido assistência religiosa por décadas, o povo faz questão apenas do sacramento do batismo, sendo indiferente com relação aos demais. O relator afirma também que os vícios como o tabagismo e alcoolismo são corriqueiros e homens católicos praticantes são raros. Sobre as festas da igreja, o livro descreve que são tradições de antepassados que o povo insiste em manter, mas que os moldes como elas ocorrem estão em desacordo com as orientações católicas, pois há bebedeiras, brigas, bailes, enquanto a parte espiritual, as missas, procissões, não são privilegiadas.

A análise dos dados acima, obtidos através do relato do Primeiro Livro Tombo da Matriz São José, faz com que seja possível ter uma ideia de como se desenvolviam as relações sociais vinculadas à igreja católica em São José do Norte no começo do século XX. Os padres eram escassos, portanto pode-se aferir que quem organizava a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, as atividades na paróquia, e outras ações vinculadas eram os moradores locais, leigos. Percebe-se também que elementos citados neste documento são ainda recorrentes na festa, como os bailes, consumo de álcool, dentre outros, ocorrendo, portanto, há décadas, e sendo assim tão tradicionais quanto a existência da festa. Na percepção do relato, o principal interesse das pessoas em participar das festas católicas era a baderna, os foguetes, os bailes (algo ruim na perspectiva de um representante do clero que precisa de auxiliares para a missão catequética).

Foi relatado, no Primeiro Livro Tombo da Matriz São José (p. 13) que, no ano de 1947 houve uma comemoração para Nossa Senhora dos Navegantes nos dias 08, 09 e 10 do mês de dezembro, na capela do Estreito, juntamente com Nossa Senhora do Bom Parto e Nossa Senhora da Conceição. Essa descentralização pode ter ocorrido pela dificuldade de acesso da sede de São José do Norte ao interior da península, também apontada pelo Primeiro Livro Tombo, em parágrafos anteriores. Havia apenas uma estrada sem pavimentação, de areia, que se tornava intransitável conforme a instabilidade do tempo, vento e chuvas. Trazendo a festa para o Estreito, foi possível que os moradores da localidade também festejassem Navegantes.

Abaixo encontra-se o relato da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte do ano de 1948:

Realizou-se com toda a solenidade a tradicional festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Toda cidade e arredores participam da festa como também o povo da vizinha Rio Grande, donde vêm inúmeros barcos para participar da procissão no mar. A festa é patrocinada pela Irmandade de Nossa Senhora dos Navegantes, constituída pelos pescadores de São José do Norte. Em todas as manifestações exteriores da festa constata-se alguma devoção, embora bastante superficial a Nossa Senhora que permanece arraigada no coração do nosso povo, nobre tradição que nos legaram os antepassados (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, 1912, p. 13).

Na citação acima o pároco relator reitera a preocupação com relação a natureza ou intensidade/profundidade da devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, falando sobre a superficialidade com relação à fé dos que participam da festa em sua honra. Faz menção também à ampla participação da comunidade e dos “inúmeros” barcos riograndinos na procissão marítima – um elemento recorrente na história da festa, desde o séc. XIX, a participação da população de Rio Grande na festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Outro elemento passível de análise e reflexão na citação é no que se refere aos pescadores integrantes da Irmandade Nossa Senhora dos Navegantes (existente desde o ano de 1814, conforme já mencionado) como patrocinadores da festa. Pode-se afirmar que os principais organizadores da festa eram, até a metade do século XX, os pescadores de São José do Norte, o que, em partes, justifica a fiel participação dos seus descendentes nas festas atualmente. Neste aspecto, evoca-se o depoimento do Sr. Oswaldir dos Santos, radialista, filho e neto de pescadores de São José do Norte, entrevistado em 16 de janeiro de 2014, sobre as generosas safras de pescados que ocorriam no passado. A entrevista ocorreu na Rádio Minuano, local de trabalho do depoente, em Rio Grande, em janeiro de 2016:

Antigamente, os barcos vinham cheios, mas cheios, caindo peixe para fora do barco, num lance, coisa do cara cercar a rede e puxar e vir tanto peixe que tem que voltar, por que nem cabe no barco. Uma vez o meu vô, na parêlha dele, eles faziam pesca de arrastão. Um ficava na terra segurando a rede e o outro ia para a água cercar. Uma vez puxaram tanto peixe, em um lance, que tiveram que chamar um caminhão para ajudar a tirar da água, de tanto. Mais de dez mil quilos de peixe, sabe o que é isso? E agora os caras não tiram nem para

comer (Sr. Oswaldir dos Santos, filho e neto de pescadores, entrevistado em 16 de janeiro de 2014).

O depoimento acima situa o contexto da pesca em meados do século XX. A pescaria era aparentemente uma atividade profícua na região, os pescadores tinham a autonomia e fundos para organizar e custear a festa, principalmente com a dificuldade eclesial de gerir a paróquia. No Capítulo V serão mencionadas as principais dificuldades dos pescadores para se manterem na atividade, bem como sua participação na festa. Será vista também a questão da grandiosidade da festa, que depende das safras de pescados para ser custeada.

3.4 Outras mudanças e desafios: a festa na segunda metade do século XX e início do XXI

O pároco que tomou posse no ano de 1950 lastima-se que o povo de São José do Norte seja honesto e generoso, mas não entenda os sacramentos e não faça questão de entender. Neste ano, de acordo com o Primeiro Livro Tombo (p. 18), houve uma intervenção de restauro no barco-andor da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. O pároco relator queixa-se que os paroquianos engajados nas festas da igreja “não querem deixar um vintém na caixa paroquial mas gastam tudo nas farras e nos foguetes” (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, 1912, p. 18). Mistura-se neste relato as intenções dos moradores da cidade com relação às festas católicas, e neste contexto não está explícito, mas parece que se refere a todas as festas de santos. Pode-se interpretar deste relato que a as festas católicas ocorrem, na visão institucional da Igreja, não pela devoção, mas pela festa, encontros, diversão.

Neste período foi feito, por ordem do bispo, o Livro de Inventário da Matriz São José (1954). Na introdução do Livro de Inventário (1954) consta que, pela importância do templo, e dos objetos que ali existem, era para ter sido feito com mais antecedência e que essa postergação na sua elaboração fez com que houvesse intrigas, no sentido de que os padres Carmelitas e Salesianos tivessem levado bens materiais da Matriz São José para suas comunidades, em Rio Grande. O relator afirma que isso seriam insinuações mentirosas e que objetos mais valiosos não permaneceriam expostos por segurança. Neste Livro de Inventário da Matriz São José (1954) está descrita a existência de duas imagens de Nossa Senhora dos Navegantes

em madeira, uma com barco-andor e a outra sem. O Livro cita todas as imagens da Matriz São José, seus acessórios (joias, andor, coroa, indumentárias) e a matéria prima com a qual foi feita.

No Primeiro Livro Tombo (p. 26) também foi encontrado o relato da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1957, narrada pelo bispo D. Antônio Zattera que, neste período, encontrava-se na região realizando a visita pastoral. Foi o primeiro ano em que se fez menção da presença de um bispo na festa, o que demonstra também o seu crescimento e importância para a diocese. A festa ocorreu no dia 02 de fevereiro daquele ano, com missa festiva às 8h da manhã, quando houve “comunhão geral”, o que pode significar não apenas a presença de um número expressivo de fiéis, mas também a participação no sacramento da comunhão, um dos momentos mais importantes do ritual da missa católica. Esta referência da “comunhão geral” dá peso, sentido ao rito, ao contrário dos relatos anteriores, demonstrando o interesse espiritual daqueles católicos. De acordo com o relato, na pregação foi enfatizada a importância da devoção à Nossa Senhora dos Navegantes e como os fiéis devem repudiar comportamentos que não estiverem de acordo com a santa igreja, “principalmente o espiritismo” (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 26).

Esta pregação feita na missa da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1957, marcada pela orientação do temor a outras religiões, o que pode estar relacionado à difusão da umbanda na região sul do Brasil, onde ocorre a assimilação do sincretismo religioso entre Nossa Senhora dos Navegantes e o Orixá Yemanjá. A questão do sincretismo também será abordada no Capítulo 05.

À tarde jovens foram crismados e houve a procissão marítima em honra à Nossa Senhora dos Navegantes. Não houve maiores comentários sobre a procissão terrestre ou quaisquer acontecimentos sobre a festa no livro. Aparentemente, os clérigos não participavam da procissão marítima. Nas anotações do Primeiro Livro Tombo, existe uma separação: a parte da manhã é eclesial, solene, e a parte da tarde é dos leigos, é a festa dos pescadores e suas homenagens nos barcos.

No ano de 1960 ocorreu a comemoração do centenário da Matriz São José, juntamente à novena da festa de Nossa Senhora dos Navegantes:

No dia 31 de janeiro, sendo domingo, foi realizada uma solene procissão noturna em comemoração ao centenário: saíram da

Sociedade Assistencial todas as imagens que no século passado passaram da velha para a nova matriz. O povo gostou muito deste gesto, participou em massa. Foi uma procissão luminosa, seguida por um povo imenso, toda São José do Norte estava presente. A procissão estava na Rua Aragão Bozzano enquanto os primeiros já entravam no beco da Praça da Matriz. Saíram as imagens de Nossa Senhora dos Navegantes, São José, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição, Santa Ana, São Francisco de Paula, São Vicente Ferrer, São João Batista e Santo Sepulcro. Predicou o Tríduo à Nossa Senhora dos Navegantes (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 30).

O relator do Primeiro Livro Tombo afirma que, no dia 02 de fevereiro, quando realizou-se a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, nunca havia visto tanta gente em São José do Norte. Enfatiza a presença solene do Bispo Diocesano. Há, no relato do pároco, uma entonação de “missão cumprida” com relação à adesão do povo com relação às comemorações do centenário da Matriz São José.

A Figura 24, cedida por um dos depoentes da pesquisa, mostra um *souvenir*, confeccionado em comemoração ao centenário da Matriz São José, em 1960.

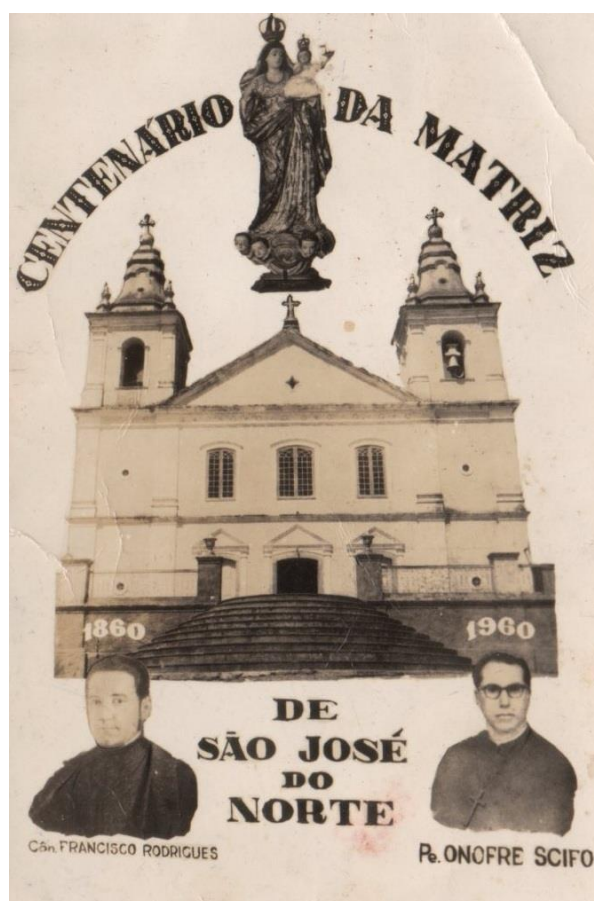


Figura 8: Souvenir em comemoração pelo centenário da Matriz São José (1960).
Fonte: Acervo pessoal Sr. Oswaldir dos Santos.

O Primeiro Livro Tombo (p. 32) faz menção ao Congresso Eucarístico Municipal que ocorreu em São José do Norte, no mesmo ano de 1960. Durante o relato sobre as missas e procissões solenes que ocorreram entre os dias 22 e 29, um trecho sobre a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes instiga, pois está de acordo com a fala local, em depoimentos informais e nas transcrições de depoimentos gravados:

[...] A participação massiva do povo da cidade do Rio Grande se deve à vinda de Nossa Senhora dos Navegantes à mesma cidade quebrando uma velha tradição – tabu: se Nossa Senhora dos Navegantes chegar na cidade de Rio Grande... não volta mais... [...]. Mas Nossa Senhora foi e voltou, com triunfo, pois atravessando a Rua Marechal Floriano, foi até a Igreja Matriz de São Pedro, e lá chegada a procissão, ouve discursos comemorativos e em seguida voltamos para São José do Norte, realizando a última novena do Congresso (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, 1912, p. 33).

Essa passagem do Primeiro Livro Tombo remete a disputa entre as duas cidades vizinhas, São José do Norte e Rio Grande. Em relatos, é evidente o sentimento de orgulho dos nortenses por “ter” a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes e sediar a festa em sua honra, sentimento encontrado anteriormente na descrição de Fidêncio (Echo do Sul, 1875). No decorrer do trabalho, serão analisadas as falas de depoentes nesse sentido, sobre o medo de que a autoridade eclesial determinasse a transferência da festa de São José do Norte para Rio Grande. Provavelmente essa “visita” da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes à Matriz de São Pedro, em Rio Grande, se deveu a uma ação de integração, comemoração em razão do Congresso Eucarístico Municipal, e por ser o mês de maio, liturgicamente dedicado a Virgem Maria.

Essas ações de integração também foram percebidas no ano seguinte. O periódico Diário do Rio Grande de 28 de janeiro de 1961, na véspera da festa, anunciou:

A grande procissão marítima que constitui a festa popular tradicional nesta região do Estado será o ponto culminante das homenagens religiosas à padroeira dos Navegantes, saindo da Matriz São José às 15 horas para percorrer, com inúmeras embarcações, parte do canal

de Rio Grande. A missa festiva das 10 horas no dia 02 de fevereiro na matriz de São José do Norte será solene pontifical, oficiada por S. Excia. Revma. D. Antônio Zattera, bispo de Pelotas, cuja presença está assegurada, segundo nos informou o Rev. Pe. Onofre Scifo, vigário daquela paróquia. [...] O Rev. Pe. Onofre Scifo, tendo em vista que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes congrega coletividades católicas não apenas de São José do Norte, como de Rio Grande, vai proclamar a comissão organizadora para o próximo ano, fazendo-a intermunicipal, integrada por elementos das duas cidades. A iniciativa do padre nortense teve ampla acolhida no seio da sociedade local e do vizinho município (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 28 de janeiro de 1961).

Percebe-se a ênfase dada pelo periódico à procissão marítima, que se transformara em um evento para riograndinos assistirem a partir do porto. Tornou-se tradicional também a presença do bispo diocesano, o que não era mencionado no século XIX e início do século XX. Não foi mencionada uma visita da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes a Rio Grande, conforme ocorreu no Congresso Eucarístico Municipal, mas foi aberta a possibilidade de festeiros riograndinos integrarem a gestão da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, tornando-a “intermunicipal”. No dia 1º de fevereiro o mesmo periódico noticia, na capa:

Amanhã será feriado em vários municípios gaúchos, dentre os quais os de Rio Grande e São José do Norte. Dia é consagrado a Nossa Senhora dos Navegantes, o de amanhã será, como todos os anos, aquele em que as populações das duas cidades fronteiras à beira do canal se irmanarão num espetáculo tradicional de religiosidade, a procissão marítima da padroeira dos que labutam no mar. A festa principal, que foi precedida de novenários e tríduos solenes, contará amanhã de missas de comunhão geral às 8 horas e missa pontifical oficiada por S. Excia. Revma. D. Antônio Zattera às 10 horas. À tarde sairá da matriz de São José do Norte a solene procissão em que, além da imagem da padroeira, serão levadas sobre andores as de São Pedro e de São José. Bandas de música acompanharão a procissão, assim como representações de sodalícios religiosos das paróquias de São José do Norte e Rio Grande. Grande número de romeiros, desde a primeira hora da manhã, atravessarão o canal rumo a São José do Norte nas lanchas da carreira, que amanhã farão viagens especiais ou em outras embarcações nas quais as passagens serão gratuitas (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 1º de fevereiro de 1961).

É a primeira menção sobre o feriado municipal nas cidades. Em anos anteriores, a festa era realizada no primeiro domingo após o dia 02 de fevereiro. O intuito de união entre as cidades em torno da festa permanece no discurso do periódico, sendo, portanto, esse o dia “em que as populações das duas cidades

fronteiras à beira do canal se irmanarão num espetáculo tradicional de religiosidade”, logo, dia de apaziguar as revanches e comemorar. A notícia menciona as presenças de lideranças de grupos da igreja de São José do Norte e de Rio Grande, porém vale lembrar que essas parcerias intermunicipais não foram mencionadas no Livro Tombo (1912). A festa de Nossa Senhora dos Navegantes se torna mais solene, cada vez mais frequentada e em vias de tornar-se intermunicipal.

No enfoque da capa do periódico, que consta na Figura 09, pode se ver que há a tentativa de partilhar não apenas a organização, mas a própria festa.



Figura 9: Anúncio da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1961.

Fonte: DIÁRIO DO RIO GRANDE, 1º de fevereiro de 1961

Ao contrário do teor do periódico Diário do Rio Grande, o registro da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1961 no Primeiro Livro Tombo (p. 35) foi feita de maneira sucinta, onde foi possível verificar a permanência de elementos anteriormente mencionados, tais como missa solene pela manhã e procissão marítima à tarde. Foi dada ênfase, não apenas à novena, mas ao tríduo e houve a adição de uma missa vespertina no dia 02 de fevereiro. O pároco que supostamente fez a proposta da intermunicipalidade da festa pode ter sido questionado pelos festeiros e gestão da festa em São José do Norte.

Acompanhando esse mesmo contexto de verificar recorrências na história, percebeu-se outra importante relação que foi estabelecida na ocasião da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1962 (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, 1912, p. 36). O relator do documento começa a narrativa com o

seguinte título: “Frente Agrária Gaúcha (FAG) – Festa de Nossa Senhora dos Navegantes” já situando que os temas ocorrerão simultaneamente. A narrativa do pároco ressalta a preocupação com relação às arbitrariedades da recente proposta de Reforma Agrária, que “quer se implantar com abusos e violências” (Primeiro Livro Tombo, p. 36). Após reunião de bispos e sacerdotes com esse tema, foi decidido que deixariam de lado atribuições eclesiais para engajarem-se em defesa aos agricultores de sua área de atuação. A proposta é a instalação da Frente Agrária Gaúcha (FAG), vinculada e apoiada pela igreja católica, para instruir os operários do campo para que se unam e exijam seus direitos.

Essa ação em massa, a fundação da Frente Agrária Gaúcha foi instaurada no dia 30 de janeiro de 1962, durante o tríduo da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, e, no dia da festa, houve a propagação do ideal do grupo junto aos fiéis por meio de informativos e pregações. Sobre a programação da festa do ano de 1962, o relator faz breve relato, afirmando que “[...] foi como sempre concorrida e a procissão, embora contasse com poucas embarcações grandes, as pequenas (mais de 50) deram um espetáculo maravilhoso” (Primeiro Livro Tombo, p. 36).

As informações acima levam a deduzir que este ato político orquestrado, de acordo com o Primeiro Livro Tombo, pela Igreja Católica, em defesa dos trabalhadores rurais utilizou, premeditadamente a festa de Nossa Senhora dos Navegantes para propagar de forma mais efetiva a Frente Agrária Gaúcha e suas intenções. Até hoje os agricultores da península se deslocam para o centro da cidade de São José do Norte a fim de participar da festa em honra a Nossa Senhora dos Navegantes. Elementos agrários estão presentes nas festas hodiernas pois a economia local também se ampara na agricultura. Alguns depoimentos afirmam que havia inclusive certa competição entre agricultores e pescadores para averiguar quem contribuía mais para a realização da festa.

Assim, o relato do ano de 1962 foi importante para a compreensão de que forma eram estabelecidas as ideias, as forças políticas e o papel da igreja católica e da festa de Nossa Senhora dos Navegantes nestes processos. De acordo com o relator do Primeiro Livro Tombo (p. 36), mais de mil famílias de agricultores fundaram a Frente Agrária Gaúcha (FAG) em São José do Norte naquele ano e por conta do avanço do movimento, o pároco da Matriz São José sofreu repressão, tanto da autoridade estadual quanto da federal, que enviaram ofícios ao Bispo D. Antônio

Zattera solicitando que ele contornasse a situação. A festa, neste contexto, se apresenta como um local de informação, organização e reivindicação social no contexto agrário. Martins (2011, p. 72) as crenças religiosas historicamente atuam como mediadoras de organizações populares.

No ano de 1962 ocorreu a inauguração de uma capela à direita da entrada da Matriz São José para alocar a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes com seu barco-andor, conforme manuscrito do Primeiro Livro Tombo (p. 38):

Com a presença de V. Excia. Revma. D. Antônio Zattera, Bispo de Pelotas, Exmo. Sr. Parobé, Prefeito Municipal, foi realizada, à presença de muito povo, a inauguração da Capela de Nossa Senhora dos Navegantes. Desataram a fita verde e amarela o Sr. Parobé, prefeito municipal e o Sr. Antônio Pereira da Silva (Laracha), Presidente da Colônia de Pescadores [...]. Desta forma o barquinho de Nossa Senhora teve sua colocação convenientemente e artística, com uma torre no canto e com farolete giratório. A pintura da Capela esteve a cargo de José Américo Roig (Zémeco) (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 38).

O trecho acima descreve a solenidade da inauguração da capela, com a presença do bispo, evidenciando a importância desta devoção para a comunidade. De acordo com uma paroquiana entrevistada, esse *layout* da pintura foi escolhido pois a Virgem Maria salvou uma embarcação que estava à deriva, à noite, nas proximidades do farol. Supostamente a Virgem Maria iluminou o caminho até que os pescadores encontrassem o farol. Até hoje a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes permanece nesta capela durante o ano. De acordo com funcionários da paróquia, é onde os fiéis mais permanecem em oração. A capela de Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 10) encontra-se próxima à porta de entrada da Matriz São José.



Figura 10: Imagem do lugar onde a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes permanece durante o ano, 2013.

Fonte: Da autora.

Nas paredes, a pintura simula ao fundo algumas antigas edificações do cais do porto de São José do Norte, dentre elas, ao fundo, está a Matriz São José. À direita está representado o farol da barra, localizado entre a Lagoa dos Patos e a praia do Mar Grosso e, à esquerda da imagem, estão representados na pintura os pescadores arrastando uma rede à beira mar. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes permanece todo o ano ao centro desses elementos símbolos da cultura pesqueira local, onde os devotos podem contemplá-la, fazer suas orações e pedidos, além de depositar flores.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1963 também é relatada começando com um “tríduo solene” (Primeiro Livro Tombo, p. 40). Nesta edição da festa, o relator dá ênfase a outros elementos: a condição de navegabilidade das águas para a procissão marítima e a iluminação da nova usina elétrica no município.

[...] Foi celebrada a grandiosa festividade de Nossa Senhora dos Navegantes. O concurso do povo foi extraordinário e, no dizer de muitos, como nunca, não obstante que a água do canal fosse baixa e as embarcações que traziam em São José do Norte os devotos de Nossa Senhora fossem obrigados a fazer a volta pelo porto novo. Acontecimento marcante nesta festa de Nossa Senhora dos Navegantes foi a iluminação da nova usina de eletricidade, que por

referência e devoção a Nossa Senhora, colocou um holofote na praça, iluminando a igreja Matriz (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 40).

Pode-se perceber que, no decorrer dos anos, as proporções da festa são frequentemente enunciadas por diversos párocos relatores do Primeiro Livro Tombo. A análise da ênfase à navegabilidade é importante pois, na diacronia da festa, a procissão marítima vai ganhando legitimidade na programação feita, anualmente, pela igreja. A anotação da iluminação pública como um ato devocional de uma empresa para com a Virgem Maria demonstra como os vínculos institucionais eram consolidados. A praça onde se encontra a Matriz São José é a principal de São José do Norte, logo, um lugar público que necessita de iluminação pública, não como um ato vinculado à fé ou devoção, mas uma política pública. O registro demonstra discursos e interesses políticos, de poder, forças que tencionavam aquela realidade dos anos 1960. Ainda neste trecho, que versa sobre a festa do ano de 1963, é mencionada uma “comissão da festa”, formada pelos organizadores, dentre eles: Umberto Guidice Fitipaldi (Comandante dos Portos), Sr. Parobé (Prefeito Municipal), Sr. Antônio Pereira da Silva (Presidente da Colônia de Pescadores), e o vigário, Pe. Onofre Scifo. Para encerrar o relato da festa deste ano, houve a missa vespertina e a escolha dos festeiros para a próxima edição.

Não é possível estabelecer o ano quando começa a ocorrer, mas essa foi a primeira menção feita em fontes primárias com relação à comissão organizadora da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, bem como a existência dos festeiros. Aponta-se neste contexto, na comissão organizadora da festa, a representação de diversos setores da sociedade, lideranças que dão visibilidade e força à festa católica e ao evento social, pois não apenas a festa beneficia-se desta integração, mas principalmente esses agentes sociais são “bem vistos” pela comunidade, como cristãos atuantes – pode-se exemplificar também o caso da usina de eletricidade.

O Segundo Livro Tombo da Matriz São José foi encontrado no acervo da paróquia. Nele foi feita a descrição da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1970 com uma alteração impactante na programação que antecedeu a festa daquele ano. No dia 31 de dezembro de 1970 a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi levada da Matriz São José para a comunidade das Capivaras, partindo às 22h e chegando lá às 01h da madrugada, “em uma belíssima procissão, nunca visto o entusiasmo do povo” (Segundo Livro Tombo, p. 07). Após a chegada da

imagem, foi celebrada uma missa na comunidade das Capivaras. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes permaneceu lá até o dia 14 de janeiro de 1971.

No dia 08 de janeiro de 1971, às 20h, ocorreu a primeira missa da novena da festa de Nossa Senhora dos Navegantes na comunidade das Capivaras. O relator do Segundo Livro Tombo (1969) comenta sobre o “foguetório” e o entusiasmo do povo daquela comunidade. No dia 14 de janeiro de 1971, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi levada de volta para a Matriz São José em uma procissão pela lagoa: “[...] Foi um grande espetáculo. Um mar de gente apertava-se no cais do porto para esperar Nossa Senhora que em procissão foi levada até a igreja Matriz” (SEGUNDO LIVRO TOMBO, p. 08).

No dia 16 de janeiro de 1971, às 19h30, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi levada da Matriz São José em procissão por terra até o Pontal. Com a chegada da imagem, começou a festa de Santa Terezinha neste dia e no dia seguinte. Novamente, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi trazida de volta para a Matriz São José em procissão marítima no dia 21 de janeiro de 1971. O relator afirma que tinha mais gente aguardando no cais do porto dos que quando a imagem veio da comunidade das Capivaras. Foi levada em procissão do cais do porto até a Matriz São José.

Conforme visto há, neste ano de 1971, uma ruptura com relação ao ritual que envolve os preparativos da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A prioridade são as visitas, a itinerância da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes pelas comunidades do interior, antecipando, de certa forma, a festa em sua honra. A programação são essas “visitas”, que contribuem, conforme o Segundo Livro Tombo, para inflamar a comunidade com relação ao ritual, à fé, ao envolvimento na festa e nas ações da Igreja Católica na região. É válido salientar que essas comunidades são de pescadores artesanais e que a presença da imagem pode ter representado a valorização de suas capelas e da comunidade em si.

Não está explícito no Livro qual é a motivação desta mobilidade da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, mas consta qual foi a consequência: as demais comunidades, enciumadas por não terem sido contempladas com a visita da padroeira dos trabalhadores do mar, solicitaram a presença da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. De acordo com o relator, no dia 23 de janeiro às 10h vieram cerca de 30 botes da 4ª Secção da Barra, todos enfeitados, para levar a imagem de Nossa

Senhora dos Navegantes. Neste dia, com a chegada da imagem ocorreu a festa de Nossa Senhora da Paz. A volta da imagem para a Matriz São José ocorreu no dia 26 de janeiro de 1971:

Volta Nossa Senhora dos Navegantes da 4ª Secção da Barra. Foi trazida com maior número de botes, todos decorados e foi uma belíssima procissão com tanto entusiasmo que é difícil descrever em palavras. Também foi maior o número de pessoas que se achavam no cais do porto para esperar (SEGUNDO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 09).

Pode-se afirmar, tendo por base os trechos do documento acima mencionados, que no ano de 1971 ocorreu uma ruptura na programação de véspera da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, tendo sido feita, no mês de janeiro, três “visitas” da imagem da Virgem Maria nas comunidades dos arredores. Cada uma destas saídas da imagem envolveu certa logística de transporte e mobilização de devotos, tanto no trajeto de ida quanto de retorno. O ritual da procissão esteve presente nas três visitas da imagem nas comunidades e, de acordo com o relato do pároco no Segundo Livro Tombo, a adesão dos fiéis tanto nas procissões marítimas, quanto terrestres, no cais do porto, foi crescente. Entende-se que pode ter sido uma estratégia de estimular o envolvimento de grupos adjacentes à Matriz São José na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Outra observação com relação às visitas da imagem nas comunidades é o “aproveitar” a presença da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes para festejar seus santos padroeiros (como no caso de Santa Terezinha no Pontal e Nossa Senhora da Paz na 4ª Secção da Barra), o que mostra a solenidade da presença da imagem, um dia de festejar, de comemorar, reverenciar tanto Nossa Senhora dos Navegantes quanto os santos de devoção de cada comunidade. Neste ano não foi mencionado no Livro Tombo celebrações referentes à novena ou tríduo, que eram realizados nos anos anteriores, talvez os mesmos tenham sido substituídos pela peregrinação da imagem.

O pároco relata, no decorrer do Segundo Livro Tombo, que no dia 30 de janeiro do ano de 1971 começaram os festejos, simultaneamente, à Nossa Senhora dos Navegantes na Matriz São José e à Nossa Senhora da Boa Viagem na 5ª Secção da Barra. O pároco destaca não a programação, ritual ou o entusiasmo das festas e sim evidencia um conflito na organização das mesmas, caracterizando-as como “festas da fofoca”, pois, aparentemente as comunidades não aceitaram que o pároco

cobrasse das comunidades os lucros obtidos com as festas, as doações, quem serão os festeiros da próxima edição, dentre outros assuntos. O pároco relator, desta forma, faz críticas às gestões anteriores da festa, levando à compreensão que havia um desligamento da igreja na organização da festa de Nossa Senhora dos Navegantes e que a gestão leiga não considerava que o lucro obtido com a festa fosse revertido em benefícios para a igreja. Para encerrar o relato sobre a festa do ano de 1971, o pároco afirma que “foi uma belíssima festa, com mais povo do que nos outros anos, tudo em ordem e sem alteração” (Segundo Livro Tombo, p. 10).

Esse trecho do relato, “tudo em ordem sem alteração” pode significar a continuidade do ritual da festa de Nossa Senhora dos Navegantes sem alterações, sem ocorrências que necessitassem ficar registradas, conforme relatos dos anos anteriores. Porém a programação que antecedeu a festa do ano de 1971 foi a que mais impactou, em termos de modificações, de logística, de deslocamento, descentralização, como em uma estratégia, no decorrer do estudo diacrônico dos documentos relativos à festa, desde seu começo. Estratégia essa que pode ter sido exitosa no sentido de a festa deste ano ter sido “mais povo do que nos outros anos”.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1972 também foi relatada no Segundo Livro Tombo (p. 11), consistindo em mais alterações e logística. O pároco relator afirma que, nos três dias que antecederam a festa, o Bispo D. Francisco insistiu que a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes fosse levada para a cidade de Rio Grande, para a Matriz São Pedro. O pároco afirma que o bispo participou da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de forma inédita, desta vez embarcando na procissão marítima.

Como previsto, a repercussão da ida e da permanência da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em Rio Grande no ano de 1972 foi negativa junto à comunidade de São José do Norte, de acordo com o relato do Segundo Livro Tombo (p. 11). O povo ficou enciumado e temeroso que os rio-grandinos “roubassem” (utilizando o mesmo termo que o relator) a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. O temor da comunidade se justifica, pois foi demonstrada neste caso a autoridade do bispado frente às paróquias e suas atividades. Essa insegurança, esse temor em perder a imagem da Virgem Maria, foi percebido também com relação à realização da festa, conforme já mencionado, em depoimentos coletados para esta pesquisa. Percebe-se uma relação de competição entre as cidades vizinhas, desde

tempos remotos, e pode se afirmar que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, assim como a imagem, são bens valiosos não apenas no sentido devocional, mas são elementos que fazem com que São José do Norte se destaque frente a Rio Grande, anualmente. Na véspera da festa, a imagem foi levada de volta para a Matriz São José, e a festa foi realizada conforme os anos anteriores.

Nas páginas seguintes do Segundo Livro Tombo, as festas de Nossa Senhora dos Navegantes foram descritas principalmente mencionando sua capacidade de agregar fiéis e pela participação da comunidade. Uma outra modificação na estrutura da festa foi observada no ano de 1977, quando ocorreu, em fevereiro, uma Romaria em honra à Nossa Senhora dos Navegantes com a participação de mais de 200 automóveis. O pároco relator descreve uma situação conflituosa envolvendo a arbitrariedade da autoridade policial local, pois, antes da chegada da Romaria à Matriz, o sargento parou e multou diversos carros que estavam participando da romaria. O acesso à praça não foi permitido a outros veículos, senão o que levava a imagem da Virgem Maria e do vigário paroquial. De acordo com o Segundo Livro Tombo (p. 13), neste dia houve conflitos entre a coordenação paroquial e o vigário, envolvendo o bispo diocesano e outros paroquianos. Os desentendimentos e dificuldades encontradas neste período culminaram no pedido de demissão do pároco.

Percebe-se assim que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, o maior evento religioso, ocasionou o surgimento de conflitos de poder, de gestão, de administração, verificando-se também falta de comunicação e excesso de poder com relação às multas. Algo que pode ser identificado também nos dias atuais, pois a festa é o momento de maior movimentação de pessoas na cidade, e isso gera também circulação de renda, acumulação de capital que, conforme alguns depoentes, “sustenta” famílias e certas despesas da paróquia por vários meses. É válido salientar que o pároco que solicitou demissão esteve à frente de diversas modificações na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, acatando a solicitações de traslado da imagem da Virgem Maria a algumas comunidades e a Rio Grande, assim como a romaria motorizada, entre outras mudanças, que podem não ter sido bem aceitas pelos nortenses.

O novo pároco deu sequência ao Segundo Livro Tombo e abaixo encontram-se suas primeiras impressões sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1978:

[...] A Festa de Navegantes tumultua toda a cidade. Difícil fazer uma programação pois ela é cheia de imprevisíveis. Creio que mais de 80% dos participantes professam o espiritismo e a umbanda. Nossa Senhora é confundida com Yemanjá. A missa em que há maior clima de participação é a da manhã. A que é celebrada no final da procissão é bastante tumultuada [...]. O bispo não esteve presente, tendo viajado a Roma (SEGUNDO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 15).

Há no relato do pároco que recentemente havia assumido a liderança da Matriz São José, elementos que antes não haviam sido mencionados. A grandiosidade, as etapas, novena, procissões, entre outras características da festa, não foram destacadas, mas sim o tumulto, a desordem, o caos em “toda a cidade”. Outra importante referência do novo pároco é sua percepção quanto à inclinação religiosa dos participantes da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1978: seriam espíritas, umbandistas, que sincretizariam a Virgem Maria com o Orixá Yemanjá. Nunca antes nos documentos paroquiais havia sido registrada esta característica que provém da festa de São José do Norte. Conforme depoimentos de pescadores e suas famílias, atualmente uma parte considerável participa tanto da programação da festa de Yemanjá quanto da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Consideram-se devotos de ambas, reconhecem a força e proteção de ambas em suas vidas, possuem em casa, imagens das duas. O pároco que fez o manuscrito revelou certo estranhamento com relação ao sincretismo, tanto que hierarquizou, considerou mais importante registrar no Livro Tombo seus estranhamentos do que o rito e etapas da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Os diferentes olhares dos párocos relatores dos Livros Tombo da Matriz São José contribuem para que seja possível fazer uma diacronia da festa de forma que contemple não só suas diversas fases, mas também suas diversas faces.

Ao contrário do relato acima, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1980 foi descrita no Segundo Livro Tombo (p. 32) de maneira minuciosa, com peregrinação da imagem da Virgem Maria por diversas comunidades. No dia 24 de janeiro ocorreu a procissão até o cais do porto, levando a imagem até Rio Grande. Do dia 24 a 28 de janeiro a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes permaneceu na

igreja da Sagrada Família, na praia do Cassino. Na entrevista com o frei Natalino Fioroti essa ocasião foi mencionada:

Teve um ano que a festa ocorreu no Cassino. Os jornais, o rádio dizia: 'o dia que o Cassino parou'. Um dos festeiros daquele ano trabalhava na rádio, então se expressava mais. Foi muito bonito. A população deixou de ir na praia e veio para a procissão marítima, e isso foi manchete nos jornais, a praia ficou esvaziada (Frei Natalino Fioroti, antigo pároco da Matriz São José, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

São outras dimensões que a festa vai ganhando no decorrer dos anos. Pode ter havido o descontentamento da comunidade de São José do Norte, mas isso não foi escrito no documento. Se percebe no relato que o capital social se mistura: um dos festeiros era, naquele ano, o radialista, quem deu mais ênfase ao acontecimento, ou seja, a posição social, a influência e profissão dos festeiros pode interferir também na escolha dos casais festeiros. No dia 28 de janeiro, após missa presidida pelo bispo D. Frederico, a imagem da Virgem Maria voltou para São José do Norte, onde houve a missa de acolhida da imagem. Este fato inédito na programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a ida e permanência da imagem na praia do Cassino, pode ter sido também uma estratégia de visibilidade da festa, pois o balneário Cassino costuma ser local de veraneio de pessoas de Rio Grande e diversas cidades do interior do estado.

Neste mesmo ano, em São José do Norte, no dia 29 de janeiro, houve, às 9h missa matinal, às 16h programações para as crianças, sob o título "Uma flor para Nossa Senhora", e às 20h30 a missa da novena. No dia 30 de janeiro, novamente missa às 9h, às 16h celebração da penitência, com confissões, sob o título: "Uma Hora com Nossa Senhora" e às 20h30 missa da novena. No dia 1º de fevereiro de 1980 a programação incitava o começo da festa, sob o título "Festa em Casa". Ocorreu neste dia o encerramento da novena com uma procissão até a gruta de Nossa Senhora de Lourdes e depois de lá para a Matriz São José para a última missa da novena. Não foi mencionado se alguma imagem acompanhou essa procissão. Essa organização da novena, com temas específicos, foi explicada pelo pároco no Segundo Livro Tombo, como uma estratégia para unir e agregar mais fiéis em torno da organização da festa.

De acordo com o Segundo Livro Tombo (p. 32), na manhã do dia 2 de fevereiro de 1980 o bispo diocesano presidiu a missa matinal da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O pároco afirma que naquela tarde houve a procissão marítima, mas o relato foi feito sem descrever a abrangência ou suas impressões pessoais, conforme visto em alguns dos relatos anteriores, mas sim, um desabafo de insatisfação com relação às motivações que conduzem a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, aparentemente no que tange aos organizadores, festeiros, dentre outros: “[...] Meu antecessor apontou muitos aspectos sobre a festa: é um problema! Vamos nos consolar no que é aparentemente positivo: não gostaria de ser chamado de pessimista pois, o que está no coração só Deus sabe e julga!” (SEGUNDO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 33).

Em diversos parágrafos o pároco lamenta a forma como é feita a programação da festa, por exemplo os conflitos de festeiros com relação a investimentos, infraestrutura, materiais, pintura da igreja, fogos de artifício, mas por outro lado, aponta o pároco, não haveria uma reflexão por parte dos mesmos com relação ao melhoramento da parte espiritual, do rito, da acolhida de fiéis, da evangelização, dentre outros de ordem religiosa. O tom de desabafo continua no Segundo Livro Tombo (p. 33), no final do dia 2 de fevereiro de 1980, quando o pároco faz uma breve avaliação da programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes daquele ano:

Tudo passou! Graças a Deus e a Nossa Senhora. Um balancete da festa? É difícil fazê-lo, pois é uma festa ‘sui generis’! Bom o começo: fraca a contribuição, apesar da presença do padre pregador. Poucas as confissões: fracassou a iniciativa ‘Uma flor para Nossa Senhora’. Houve mais participação no dia 1º de fevereiro, principalmente à noite, mas o senhor bispo achou fraca a participação. A festa, em todas as suas fases (na paróquia, procissão marítima, procissão terrestre, missas de ação de graças) foi uma enorme confusão! Liturgia e folclore, religião popular não... sinos e banda e foguetes de sobra! ‘*Omnis Spiritus Laudet Dominum*’ (SEGUNDO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 34).

É possível perceber na transcrição acima que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, na visão deste pároco, é vista como um fardo, algo pelo qual ele precisa atravessar, por ser o pároco local (“Tudo passou! Graças a Deus e a Nossa Senhora”); no entanto, ele não tolera a festa, por perceber a falta de interesse espiritual dos organizadores e comunidade. As iniciativas anteriormente citadas, atividades inéditas que ocorreram na véspera da festa do ano de 1980 (“Uma flor para Nossa Senhora”,

“Celebração da penitência”, “confissões”, “Uma hora com Nossa Senhora”) provavelmente foram propostas pelo pároco, no intuito de reforçar, refletir sobre a espiritualidade mariana junto à comunidade. Ele mesmo afirma, em forma de desabafo, que essas tentativas fracassaram.

O relato ainda resume o dia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1980 como “Uma enorme confusão”, com uma exclamação no fim da frase, caracterizando que a confusão se fundamenta, na perspectiva proposta, no contraste entre as noções de sagrado e profano, quando o relator compara que não existe liturgia, religião popular, ao passo que sinos, banda e foguetes há de sobra. Já com relação à citação em latim “*Omnis Spiritus Laudet Dominum*” – traduzido literalmente, “Tudo o que respira louve ao Senhor” - é o último versículo do Livro dos Salmos, ao mesmo tempo conclusão e síntese deste livro. No contexto em que se apresenta, o trecho pode mencionar um lamento e uma entrega da festa a Deus, pois já não sabe mais o que fazer para reverter as situações de que discorda na festa. A contribuição deste pároco, através deste relato, nos proporciona contemplar os distintos entendimentos e percepções sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes através dos tempos e compreendê-la em tempos atuais.

Nos parágrafos seguintes o pároco faz questionamentos e acusações sobre a destinação da verba obtida com a realização das vendas na festa. Aparentemente, foi proposto à paróquia a aquisição de materiais de uso permanente e uma reforma no salão paroquial, mas o montante que havia sido declarado não foi suficiente. Essa denúncia também sintetiza os conflitos de ordem econômica que estão por trás da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que podem ter sido omitidos ou negligenciados em registros no Livro Tombo nos anos anteriores.

No ano de 1983 a festa de Nossa Senhora dos Navegantes foi descrita como “grandiosíssima” e precedida de novena. O tríduo – as três últimas missas da novena, foi feito em diferentes lugares da cidade neste ano: a primeira noite na PROGRASA⁴³, a segunda noite no Ginásio Municipal de Esportes e a terceira na Colônia de pescadores. Não foi identificada também a motivação para essa descentralização das missas do tríduo e nem se houve nesse período as diversas procissões e peregrinações da imagem de Nossa Senhora de Navegantes, o que leva a crer que

⁴³ A PROGRASA, de acordo com o depoente Sr. Guaraci Ferrari foi construída no tempo em que a pesca era abundante em São José do Norte, para limpar, armazenar e comercializar o pescado oriundo trabalho dos pescadores da península.

esses deslocamentos ocorreram em poucas ocasiões no decorrer da história da festa. Fazer com que a imagem da Virgem Maria se desloque para ambientes de trabalho e lazer do município também pode ser considerada uma estratégia para envolver e congregar fiéis.

Sobre a festa de Nossa Senhora de Navegantes do ano de 1984, o Segundo Livro Tombo (p. 79) registra o começo da novena, conforme a maior parte dos anos anteriores. O tema da primeira missa da novena foi “Com Maria no caminho da Redenção”, levando a compreender que, participando da programação e da festa de Nossa Senhora de Navegantes, os fiéis podem receber a redenção de seus pecados ou se colocar a caminho da indulgência. Neste ano a programação da festa foi alterada pela instabilidade meteorológica: não foi possível a realização das missas do tríduo na PROGRASA e no Ginásio de Esportes, conforme o ano anterior.

No dia da festa, durante a missa das 10h, presidida pelo bispo D. Frederico Didonet, começou a chuva e não parou até às 15h, horário da procissão marítima. Desta forma, poucas embarcações participaram da procissão marítima. Assim, “muita gente, mesmo com ingresso, teve que se contentar em acompanhar do cais os movimentos dos barcos” (SEGUNDO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 79). A chuva não interferiu na programação da festa de Nossa Senhora de Navegantes no que tange à procissão terrestre, que ocorreu de forma vivaz, com orações e cantos animados pela banda. Após a caminhada pelas ruas da cidade, os fiéis que participaram da procissão terrestre receberam a bênção da saúde. Foi a primeira vez em registro que a festa sofreu alguma interferência por causa da instabilidade do tempo.

O pároco que descreveu esta festa não é o mesmo da festa descrita anteriormente, o que se pode perceber não pelas assinaturas, mas pela grafia. O novo pároco encerra a descrição da festa de 1984 com tom de admiração, pois: “Esse término da procissão foi considerado válido e certamente mais participado do que uma celebração eucarística” (SEGUNDO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 79). Em análise, o pároco considera a “validade” do ritual de receber a bênção da saúde pela participação e possivelmente, pela emotividade e empenho dos fiéis em receber a referida bênção, mesmo com a instabilidade do tempo. Aproveita também para comparar a participação na bênção com a participação na eucaristia, o ato de comungar, de receber e tomar o corpo de Cristo, um dos sacramentos do catolicismo.

A participação na eucaristia é, em hierarquia, mais importante para o cristão católico do que receber uma bênção da saúde, entretanto na festa de Nossa Senhora de Navegantes, essa hierarquia não é evidente, considerando o comportamento da comunidade que prioriza bênção da saúde recebida após a caminhada na procissão terrestre, em detrimento da participação nas missas, onde é realizado o rito da comunhão.

No decorrer da pesquisa documental, foi localizado também o Terceiro Livro Tombo da Matriz São José (1985 – 1989). Nas primeiras páginas, o livro faz menção à organização da festa de Nossa Senhora de Navegantes do ano de 1985. No relato percebeu-se certo empenho para suprir algumas lacunas de organização da festa (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 01). A descrição está de acordo com as impressões de párocos anteriores no que diz respeito ao aparente desinteresse dos paroquianos com relação aos sacramentos e ao sentimento religioso nas festas e procissões.

No ano de 1985, a novena da festa de Nossa Senhora de Navegantes foi organizada de acordo com o seguinte tema: “Com Maria em busca do Pão da Vida”. Cada equipe e movimentos da igreja ficaram responsáveis pela liturgia de cada missa da novena. A celebração do primeiro dia da novena do ano de 1985 foi elogiada pelo pároco relator. De acordo com o relato, a participação foi ótima pois a missa havia sido preparada pelos animadores. A segunda noite foi preparada pelos movimentos Apostolado de Oração e Legião de Maria, também com participação satisfatória, de acordo com o relato. Após a segunda noite da novena, houve reunião para os últimos preparativos da festa de Nossa Senhora de Navegantes. O pároco relator afirma que a metade dos integrantes do conselho não foram à reunião e, dos três festeiros, apenas um compareceu. Os demais dias da novena foram organizados pelo Grupo de Jovens da paróquia, Movimento Familiar Cristão, Catequistas e crianças da catequese, e do Cursilho. O pároco relator deste ano, ao contrário de seus antecessores, elogia o envolvimento dos paroquianos e famílias na organização da novena.

Às vésperas da festa do ano de 1985 foi decidido que apenas a imagem de Nossa Senhora de Navegantes sairia para a procissão marítima e terrestre, enquanto as demais imagens permaneceriam na igreja. O Terceiro Livro Tombo relata um elemento histórico interessante sobre esta decisão acerca das imagens:

[...] Os pescadores, que na grande maioria não participa da comunidade, resolveram fazer uma chantagem: “Se São Pedro, nosso padroeiro não sai, nós não cederemos os barcos para a procissão”. Foram ao bispo e ele liberou. É engraçado gente que nunca vem na igreja querer ditar as regras, gente que na maioria são espíritas e batuqueiros, levar a imagem de São Pedro para o mar, isso eles fazem, agora eles virem à igreja, isso é muito raro (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 02).

O conflito acima transcrito, expresso por meio das palavras do pároco, demonstra a intrínseca relação dos pescadores com a igreja, principalmente durante a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Também pode-se compreender a importância das imagens dos santos, não apenas da Virgem Maria, mas a tradição de conduzir também a imagem de São Pedro, o apóstolo pescador. O pároco demonstra descontentamento, pois os pescadores passaram por cima da sua autoridade, solicitando autorização para o bispo diocesano, recebendo então a maior crítica: não professarem a religião católica. No teor do relato, a vontade de conduzir São Pedro na procissão marítima da festa de Nossa Senhora dos Navegantes soa desrespeitoso, pois além de serem “espíritas e batuqueiros”, não participariam das atividades da Igreja Católica, exceto na ocasião da festa, e apesar disto querem “ditar as regras”. O conflito, a chantagem, a liberação do bispo são manobras políticas de força, de poder com relação à festa. Pela primeira vez um padre quis modificar a estrutura de levar várias imagens para as procissões, oportunidade em que este pôde compreender quem faz a festa, quem dá significado a ela, processo em que, aos olhos dos populares, não deveriam haver arbitrariedades.

No dia 1º de fevereiro, véspera da festa, o mesmo pároco relator escreve sobre a quantidade de pessoas desconhecidas circulando por São José do Norte, solicitando fichas para embarcar no barco da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, pois “precisavam pagar promessas, com os filhos vestidos de anjo” (TERCEIRO LIVRO TOMBO, p. 02). Percebe-se, portanto, que os pagadores de promessas e as crianças vestidas de anjo são sujeitos de seu tempo, presentes na festa de Nossa Senhora dos Navegantes há décadas. No momento da festa, os autóctones se deparam com os visitantes pagadores de promessas, e dividem os espaços com estes, inclusive espaços privilegiados, como nos barcos da procissão

marítima. No manuscrito se percebe a entonação de desagrado, por parte do pároco, com relação aos visitantes pagadores de promessas “com os filhos vestidos de anjo”.

A narrativa da festa do ano de 1985 foi feita em partes distintas. Primeiro o pároco comenta sobre a movimentação de visitantes na cidade, sobre a aparente intenção da maior parte dos participantes da festa de Nossa Senhora dos Navegantes e sobre o aspecto comercial no dia da festa:

[...] Muita movimentação na cidade desde as primeiras horas da manhã. Muita gente vindo de Rio Grande e do interior de São José do Norte. Para muitos a festa é apenas um acontecimento social onde o importante é trajar roupas novas, comer, beber e se divertir. A grande maioria dessa massa de gente nem sequer entra na igreja para fazer alguma oração. Vendedores de tudo quanto é coisa vindos de muitos lugares (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 02 e 03).

É nítido o teor de crítica e desgosto do pároco com relação ao comportamento devocional dos participantes da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Este negligencia o fato que a fé na Virgem Maria, ou mesmo a presença no dia da festa, pode ser um ato social, desvinculado das práticas dogmáticas da Igreja Católica. A bebedeira e comensalidade, presentes na citação, assim como a diversão, podem ser a principal motivação para a participação de diversos grupos sociais na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, elementos presentes nas festas hodiernas, bem como o comércio informal, que ocupa as ruas adjacentes, onde é ofertado “tudo quanto é coisa”.

Na segunda parte da descrição do dia da festa, o pároco privilegia a escrita da programação eclesial. Descreve a missa matinal, presidida pelo bispo diocesano e por freis capuchinhos convidados, apontando a satisfatória participação da comunidade, incluindo autoridades civis, prefeito, vereadores e integrantes da Marinha do Brasil. O pároco relator menciona que a missa foi transmitida ao vivo pela Rádio Minuano, de Rio Grande. E para encerrar, o pároco volta a citar elementos que, aparentemente, lhe causam estranhamento e nos oferecem material de pesquisa imprescindível para a diacronia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes:

[...] Igreja superlotada de muitas pessoas pagando promessas dos mais variados tipos: dando velas, flores, doces, dinheiro, entre outras coisas para Nossa Senhora a fim de conseguirem aquilo que pedem ou para pagar o que conseguiram. Confundem Nossa Senhora com

Yemanjá. À tarde procissão marítima com a imagem de Nossa Senhora, onde aparecem crianças vestidas de anjos pagando promessas que os pais fizeram, disputa para carregar os andores, aparecem os donos dos santos (São Pedro e Nossa Senhora). Nos barcos ninguém reza a não ser aquele pequeno grupo de senhoras da igreja, as demais pessoas vão para fazer uma viagem turística, muito pouca piedade, muito barulho de buzinas de barcos, de foguetes e bandas, pouca oração. Na beira do Cais de Rio Grande, toda a extensão tomada por pessoas que jogam nas águas: velas, perfumes, moedas, flores e doces. No encerramento da procissão a disputa pelas flores do barco de Nossa Senhora, se a gente não cuida são capazes de deixar em pedaços (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 03).

A “superlotação” de pessoas na igreja fazendo oferendas dos objetos acima mencionados à imagem de Nossa Senhora dos Navegantes parece, na citação acima, uma forma de barganha e agradecimento dos devotos com a imagem da Virgem Maria, na perspectiva visível do sincretismo religioso, o que o pároco relator aparentemente considera um dos aspectos negativos na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O sentimento sincrético não é compreendido como parte de um processo de assimilação cultural, mas como algo prejudicial a ser combatido, assim como a baderna, o barulho, as “buzinas, foguetes e bandas” e as pessoas que participam da festa, fazem homenagens a imagem à Virgem Maria, mas não rezam.

É exposto também no relato o conflito do padre com os pescadores “donos dos santos”, os mesmos representantes sociais que foram ao bispo para solicitar a participação da imagem de São Pedro na procissão marítima e terrestre. É também perceptível o tom enciumado no relato do pároco com relação às imagens dos santos, à relação da comunidade com as imagens e ao poder de decisão da logística das imagens na procissão. As oferendas jogadas nas águas, mencionadas pelo pároco, são ofertas tradicionais dos umbandistas para Yemanjá, prática recorrente até os dias atuais durante a procissão marítima da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Ao final da citação, o pároco relator descreve a disputa pelas flores que ornaram o barco-andor da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes que retornou da procissão, dando ênfase à forma violenta como isso ocorre. Até os dias de hoje essa disputa ocorre, pois supostamente as flores, mesmo as confeccionadas em plástico ou em tecido, são consideradas milagrosas e delas são feitas soluções, chás, dentre outros, para cura de enfermidades, aspersão da casa, dos barcos. Essa disputa pela posse das flores foi registrada e será abordada no Capítulo 04.

O tema da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1986 relaciona-se com as motivações da festa do ano de 1962, quando foi fundada a Frente Agrária Gaúcha (FAG). O lema da festa foi “Com Maria buscamos Terra e Pão”, e a programação da novena diariamente abordou o problema da terra, mostrando de certa forma o papel social da Igreja com relação a problemas e outras causas locais. Da primeira à nona noite os temas foram, respectivamente: “Com Maria buscamos Terra e Pão”, “A Terra é a Bíblia do índio”, “Poucos têm demais, muitos nada têm”, “Terra Dom de Deus para Todos”, “Terra promessa de Deus conquista do Homem”, “Buscamos novo céu e nova Terra”, “O problema da Terra na América Latina”, “Terra e Ação Pastoral da Igreja no Brasil” e “Reforma Agrária é justiça para todos” (Terceiro Livro Tombo, p. 22).

A organização das celebrações da novena esteve sob responsabilidade de grupos, equipes e movimentos da paróquia. O tema da terra escolhido para discussão e aprofundamento na festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1986 revela a busca da interação com outro grupo social atuante na península, os agricultores, provavelmente revelando, conforme dito, um problema social vivenciado naquele momento em São José do Norte. Pode-se aferir que, conforme demonstrado tanto no ano de 1962 quanto em 1986, a definição do tema das festas de Nossa Senhora dos Navegantes relaciona-se com a situação social e econômica vivenciada pela comunidade, pois é um momento condensador de sujeitos, de famílias, quando a informação, a reflexão pode ser feita de forma a obter maior alcance, uma estratégia de empoderamento social.

O Terceiro Livro Tombo (p. 22) menciona que no dia da festa, com a Matriz São José “superlotada”, o bispo D. Frederico foi “bastante forte ao tocar no problema da terra”, concluindo os temas vistos nas noites da novena. É perceptível, também com o envolvimento do bispo diocesano, o interesse da igreja em posicionar-se com relação à propriedade de terra em São José do Norte, mesmo que esse posicionamento não tenha sido claramente exposto na narrativa do Livro Tombo.

O pároco continuou descrevendo a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, caracterizando os devotos participantes da procissão marítima como “o povo mais simples”, fazendo menção à decoração dos barcos, foguetório, sirenes, bebidas e pouca ou nenhuma reza: “Muitos espíritas, umbandistas que nada mais fazem do que carregar o andor dos santos e reclamar por que a imagem de São José não saiu [...]”

(TERCEIRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 22 e 23). Termina a descrição da festa do ano de 1986 dizendo que no final do dia foram proferidas mensagens de agradecimentos à comunidade e festeiros, sorteio de novos festeiros e bênção da saúde. A narrativa desse pároco faz uma cisão da festa de Nossa Senhora dos Navegantes em dois momentos distintos: o primeiro refere-se ao o rito sacramental, novena e missa matinal, e o êxito, a alegria e o sucesso da festa pela solenidade da igreja; já o segundo, refere-se à participação do “povo mais simples”, procissão marítima, saída das imagens dos santos da igreja, participação popular devocional fora do espaço da igreja, onde é “permitida” a festa, a bebida, a música, dentre outros elementos citados.

Na preparação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano seguinte, 1987, foi mencionada a criação de um conselho responsável pela sua organização. Este conselho foi formado por diversos representantes da comunidade, comerciantes, agricultores, clero, paróquia e pescadores. Neste trecho do Terceiro Livro Tombo (p. 39) foi observado um conflito recorrente pois, ao mencionar a ocorrência da última reunião do conselho antes da festa, o pároco escreveu, em letras grifadas: “Todo o conselho se reuniu, faltou apenas o representante dos pescadores” (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 39). A novena se desenvolveu em torno do tema: “Quem acolhe o menor a Mim acolhe”. Nos três dias que antecederam a festa, no chamado tríduo, houve foguetes, decoração na Matriz São José com bandeirinhas e fogos de artifício. Esta forma de ornamento da igreja com bandeirolas coloridas é um aspecto tradicional da festa, mencionado desde a narrativa de Fidêncio (1875), mantidas no século XX e em festas atuais.

A situação de conflito, identificada durante a preparação para a festa de 1987, foi com relação à transmissão ao vivo da missa matinal da festa pela Rádio Minuano de Rio Grande. De acordo com o relato do pároco, a Prefeitura Municipal não se dispôs a pagar pelo serviços da rádio, apenas cedeu uma linha telefônica para que a transmissão ao vivo fosse realizada. Não foi mencionado no Terceiro Livro Tombo se a referida transmissão chegou a ocorrer. Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1987:

A missa das 10h foi presidida pelo bispo D. Mário, Pe. Adolfo dos Anjos, Freis da Paróquia e diácono Zaldivan. A comunidade cristã marcou presença, pois a igreja estava superlotada. À tarde houve a procissão às 15 horas com as imagens de Nossa Senhora dos

Navegantes e de São Pedro. No barco de Nossa Senhora procuramos rezar durante o percurso da procissão. Este ano, no final da procissão, procuramos fazer o encerramento em frente da Matriz São José. O povo estava todo concentrado e também foi feita a escolha dos novos festeiros do próximo ano (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 39 e 40).

Verifica-se na citação acima a presença solene do novo bispo, D. José Mário Stroeher. Talvez pela mudança de liderança o pároco não priorizou relatar as reclamações sobre o comportamento do povo, sobre as oferendas ou sincretismo, mas frisou as ações para suprir as lacunas elencadas em relatos anteriores, como por exemplo, embarcar e conduzir as orações durante a procissão marítima. São características importantes: a participação das imagens de Nossa Senhora de Navegantes e São Pedro, para não descontentar os pescadores (não havia ainda, portanto, a saída das imagens do Sagrado Coração de Jesus e São José) e a bênção final, que passou a ser em frente à Matriz São José, conforme ocorre até hoje.

Aparentemente, a posse de D. José Mário Stroeher como bispo diocesano da cidade de Rio Grande, em 1986, foi um “incentivo” para a mudança de teor do relato do pároco, tendo por base o Terceiro Livro Tombo, principalmente no que tange a comentários que desqualificavam o comportamento, a fé, o sincretismo, enfim a tradição da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte. Corroborando com essa afirmação, no 29 de janeiro de 1988, por exemplo, está registrado: “Neste dia estive visitando a paróquia São José o bispo diocesano, D. José Mário Stroeher, para fazer uma visita, e também ver como anda a população da festa de Nossa Senhora dos Navegantes” (TERCEIRO LIVRO TOMBO, p. 61). Na citação, a comunidade, os habitantes de São José do Norte são “a população da festa”, são os que fazem, os que vivenciam, os que mantêm viva a tradição, independente de motivações. O interesse do novo bispo, que foi “ver como anda”, demonstra vontade de saber como estão as pessoas, suas dificuldades, seu cotidiano, suas angústias e não se fazer presente apenas no dia da festa, na missa festiva, conforme anos anteriores. Características de alguém jovem que recentemente assumiu um dos mais importantes cargos da Igreja Católica e que pretende conhecer sua diocese.

No dia seguinte, festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1988, o bispo D. José Mário presidiu a missa festiva. De acordo com o Terceiro Livro Tombo, mesmo com o tempo chuvoso, “a igreja estava repleta de fiéis, também os militares da

Marinha, Capitania dos Portos, Prefeito Municipal e outras autoridades locais” (TERCEIRO LIVRO TOMBO, p. 61). Neste ano houve a transmissão ao vivo pela Rádio Minuano de Rio Grande. Nesta festa, talvez por causa da chuva, houve problemas na procissão marítima, conforme a citação abaixo:

À tarde mais uma vez ocorreu a procissão marítima, como diz os fatos, pela 179ª vez. Antigamente pelas catraias, a pano e a remo. Hoje o barco é a motor, rebocadores, lanchas, etc. Saímos às 15h da igreja Matriz, mas só conseguimos embarcar às 16h30, foi um atraso enorme, e mais todo o tempo de procissão, de modo que só chegamos de volta às 8h da noite, já estava querendo escurecer. A capitania se perdeu na jogada, foi muito confuso, penso que precisa ser feita uma boa avaliação. No final foi dada a bênção em frente à igreja Matriz São José, apesar de toda a demora, ainda assim muito povo esperou para o final desta festa e bênção. Saíram em procissão: São Pedro, o padroeiro São José e Nossa Senhora dos Navegantes. Apesar dos atrasos, muita gente se fez presente em São José do Norte e Rio Grande (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 61 e 62).

O problema do atraso durante a procissão marítima, acima citado, demonstra como as instituições trabalham juntas - no caso, a organização da festa, a Igreja e Capitania dos Portos - há décadas, para que o percurso marítimo seja feito em segurança. Mesmo que a culpabilidade do atraso tenha sido atribuída à Capitania, a instituição é fundamental para que a procissão marítima ocorra, para que sejam cumpridas as normas de segurança durante a navegação. Conforme a citação, pela primeira vez nos Livros Tombo da Matriz São José foi mencionada a longevidade da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, mesmo que as contas do pároco relator não estejam de acordo com outras fontes. Nesta festa, de 1988, saíram as imagens da Virgem Maria, São Pedro e mais São José, que antes permanecia na Matriz.

O problema do atraso nos procedimentos da procissão marítima de 1988 preconizou complicações maiores no ano seguinte. No dia 20 de janeiro de 1989 ocorreu uma reunião do Conselho para organizar a festa de Nossa Senhora dos Navegantes daquele ano. De acordo com o Terceiro Livro Tombo, o clima era de instabilidade pois a Capitania dos Portos não permitiu que se realizasse a procissão marítima daquele ano. Foi cogitada nesta reunião a possibilidade de organizar apenas a procissão terrestre, e que fosse suprimida a procissão marítima, algo descrito com extremo descontentamento por parte dos integrantes da comissão. Um fato ocorrido no Brasil, dias antes, possivelmente motivou essa decisão por parte da Capitania dos

Portos. Na noite de 31 de dezembro de 1988, ocorreu uma das maiores tragédias por naufrágio do Brasil, quando o barco Bateau Mouche, que pela superlotação e outros motivos, afundou no Rio de Janeiro, matando 55 pessoas (Sant'Anna, 2015). De acordo com o autor, a Capitania dos Portos teve parte de culpa neste processo por permitir a partida da embarcação.

Assim, ocorreu uma reunião na Capitania dos Portos, em Rio Grande, no dia 24 de janeiro de 1989, na presença do pároco, freis, festeiros, paroquianos, pescadores, presidente da Colônia de Pescadores, representantes do Corpo de Bombeiros, Tenente Comandante da Polícia de Toque 6º BPM, e diversos outros comandantes e Capitão dos Portos para definir como seria a procissão marítima da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1989. De acordo com o Terceiro Livro Tombo, o Capitão dos Portos afirmou que tinha ordens expressas de cumprir rigorosamente as leis de navegação. A exigência principal é que todas as pessoas a bordo das embarcações participem da procissão marítima vestindo coletes salva-vidas. Os pescadores e representante da Colônia de Pescadores colocam que não vão levar as imagens dos santos, pois não dispõem de coletes para todas as pessoas que embarcam. O Capitão dos Portos afirma que o problema é ainda pior, pois não estará liberada a travessia Rio Grande x São José do Norte e vice-versa devido ao precário estado de conservação das embarcações.

Após a reunião, os padres e representantes da Matriz São José foram até a emissora de televisão local para dar uma entrevista acerca da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, divulgando na mídia que provavelmente naquele ano, a procissão marítima não iria ocorrer. À noite, após a primeira missa da novena da festa, os padres relataram a reunião aos paroquianos apontando “a intransigência do Capitão dos Portos e seus subordinados, pois durante todos esses anos não foi registrado nenhum acidente” (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 94).

Durante a novena de 1989 foi apresentado à comunidade um hino em honra a Nossa Senhora dos Navegantes, elaborado pelo professor Loreno Pastore, a partir de uma pesquisa histórica sobre a festa, a pedido do pároco. De acordo com o Terceiro Livro Tombo (1985), a canção é uma homenagem pela 178ª edição da festa. Durante nossa pesquisa, foi feita entrevista com o Sr. Loreno Pastore, que fez a doação de um folheto da canção autografado, confeccionado em 1989 para a apresentação do canto na novena daquele ano (Figura 11).

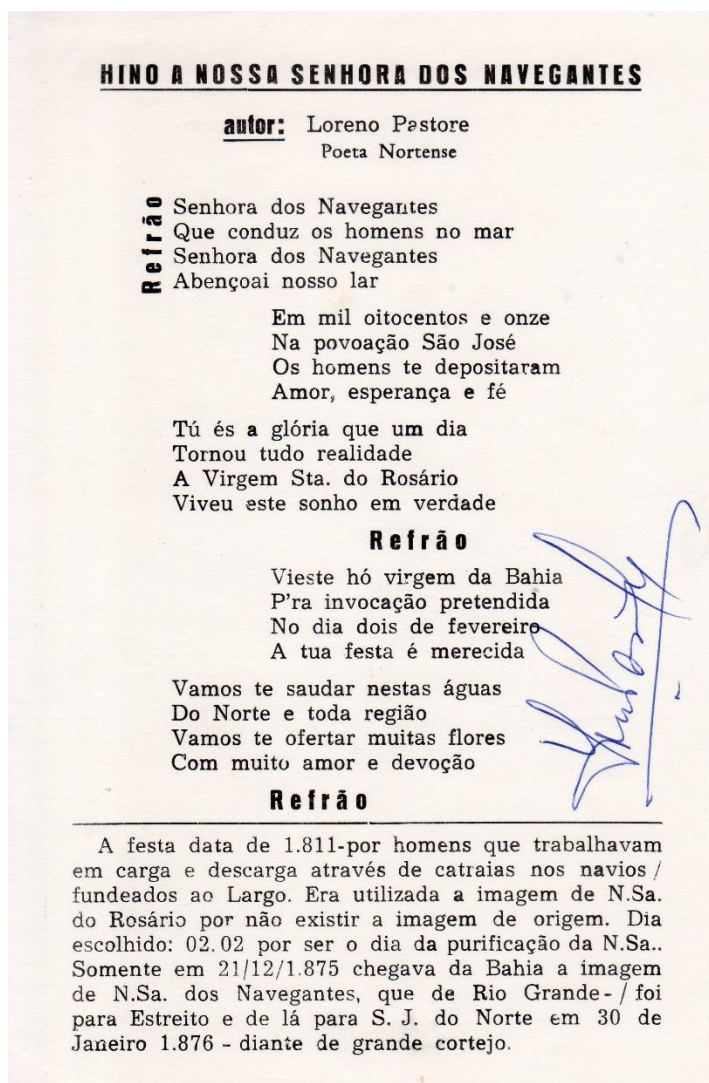


Figura 11: Folheto do hino a Nossa Senhora dos Navegantes, 1989.
Fonte: Sr. Loreno Pastore.

No folheto do hino, foi inserido breve histórico da festa de Nossa Senhora dos Navegantes e da chegada da imagem. Ainda neste ano, os desdobramentos das normas da Capitania dos Portos fizeram com que um dos padres da Matriz São José elaborasse um documento, assinado pelo pároco, Prefeito Municipal, Presidente da Câmara e Presidente da Colônia de Pescadores, com o seguinte teor:

Os que estes escrevem, com a responsabilidade das posições que estão ocupando no seio da comunidade nortense, vêm pelo presente, respeitosamente, levar ao conhecimento de Vossa Senhoria que, em virtude da impossibilidade de serem atendidas as exigências dessa Capitania dos Portos com respeito à segurança dos participantes da procissão marítima, decidiram suspender a realização da 178ª Procissão Marítima de Nossa Senhora dos Navegantes,

responsabilizando a Marinha por não acontecer mais esse ato religioso com suas leis intransigentes (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 94).

Aparentemente, esse documento foi entregue à Capitania dos Portos, em Rio Grande. Esse clima de mobilização de diversas representações sociais, igreja, políticos, pescadores, comunidade em geral, em torno do problema da rigidez das normas da Capitania dos Portos, de certa forma refletiu na participação na novena, que se desenvolveu superando as expectativas de participação e organização, conforme o Terceiro Livro Tombo. No final da missa no 7º dia da novena o barco-andor da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi retirado de sua capela e colocado ao lado do altar-mor, juntamente com a imagem de São Pedro. A presença das imagens dos santos no altar, de acordo com o documento, faz com que houvesse “maior emoção e vibração nas celebrações” (Terceiro Livro Tombo, p. 95). As imagens não saíram mais da Matriz São José para peregrinar em comunidades do município, Rio Grande ou Cassino, como havia sido registrado há alguns anos.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1989 ocorreu com a missa das 10h presidida pelo bispo diocesano. Ao final da missa, após agradecimentos e formalidades, o pároco convidou a todos os presentes para a procissão terrestre que ocorreria a partir das 16h, saindo da Matriz São José. Ao meio dia, ocorreu o almoço no salão paroquial, organizado pela Prefeitura Municipal e por uma equipe da paróquia. Foi a primeira menção ao almoço no salão paroquial encontrada nos Livros Tombo. É possível enfatizar o papel da Prefeitura Municipal na organização. Prosseguindo a análise, a procissão terrestre das 16h foi mencionada no livro com entonação de tristeza, por não ter sido realizada a procissão marítima:

À tarde foi quebrada uma tradição de 178 anos com a procissão realizada apenas por terra pela primeira vez na história de São José do Norte. A Rádio Minuano transmitiu a procissão, ajudados pelo carro de som da Prefeitura Municipal de São José do Norte. A Banda da Brigada Militar ajudou a abrilhantar os festejos [...]. Foram realizadas três paradas: Uma em frente à prainha, outra no hospital e outra na hidrovária para abençoar os pescadores, os doentes e todos os que navegam por terra ou por mar. No final nos reunimos na frente da igreja para a reflexão final, escolha de novos festeiros [...] (TERCEIRO LIVRO TOMBO DA MATRIZ SÃO JOSÉ, p. 96).

Detecta-se assim a primeira ruptura documentada na tradição da procissão marítima da festa de Nossa Senhora de Navegantes de São José do Norte. O ato de levar a imagem da Virgem Maria ao mar e percorrer com os barcos em procissão era algo que anualmente se repetia no município, ao que se conhece, desde o ano de 1811, aparentemente sem interrupções, e não ocorreu neste ano por uma determinação institucional. O Terceiro Livro Tombo deixa evidente o descontentamento, não apenas por parte da autoridade eclesial, mas o lamento também de instituições e representações da comunidade. A citação acima anuncia que, apesar de não ter havido a procissão marítima, a procissão terrestre foi concorrida, transmitida ao vivo, com banda, participação da comunidade, como para compensar a lacuna deixada pela falta da procissão marítima. Em anos anteriores, nem era mencionada a realização da procissão terrestre. Talvez até este ano ela nem ocorresse, sendo talvez uma nova tradição, que teve sua formalidade registrada no Terceiro Livro Tombo, pela ruptura de outra.

No ano seguinte, a edição de 04 de fevereiro de 1990 do Jornal Agora de Rio Grande comemorava a retomada da tradicional procissão marítima da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Porém, a reportagem afirma que cinco embarcações puderam transportar devotos, tendo essas atendendo as determinações da Capitania dos Portos.

Foi encontrado, em meio aos documentos da paróquia São José, um folheto com a oração da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1991, que também foi um *souvenir* oferecido aos participantes, assinado pelos festeiros daquele ano. O folheto pode ser visto na Figura 12. Observa-se neste que há categorias de representação distintas que compõem os casais de festeiros: os comerciantes, os pescadores e os agricultores.

É possível identificar a oração como uma súplica dos pescadores e navegadores à Virgem Maria, para que Ela os oriente, os proteja nas águas. Outro documento encontrado, que dá continuidade aos Livros Tombo da Matriz São José, foi o Livro Ata do Conselho Comunitário (1991). A primeira narrativa que faz referência à festa de Nossa Senhora de Navegantes foi retirada da ata de uma reunião do referido conselho no dia 13 de dezembro de 1991. De acordo com o documento, houve uma flexibilização da Capitania dos Portos com relação aos embarques na procissão marítima, só não foram mencionadas quais foram essas facilitações. O Livro Ata

(1991) também cita que a partir deste ano os fiéis deverão usar crachás de identificação referente ao barco em que pretendem embarcar, sendo que a partir daquele ano haverá um número limite de passageiros.

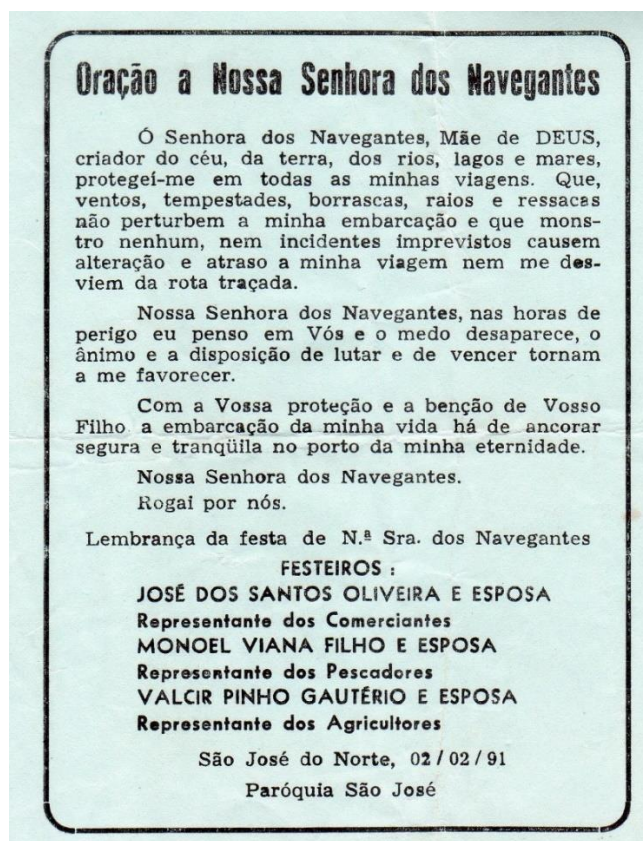


Figura 12: Folheto de oração a Nossa Senhora dos Navegantes.
Fonte: Paróquia São José (1991).

Essa resolução do conselho se deu, de acordo com o documento, pois no dia da festa há curiosos e turistas que acabam embarcando e completando a lotação dos barcos, enquanto os devotos, paroquianos, pessoas da comunidade, acabam perdendo o lugar, além de evitar a superlotação das embarcações. O Livro Ata (1991, p. 05) também delega ações e seus responsáveis, com relação à festa de 1992, dentre elas: a Colônia de Pescadores foi responsável por falar com a Capitania dos Portos acertando últimos detalhes e alertar os proprietários de barcos que pretendem participar da procissão marítima acerca das normas e preparar o trapiche; a Prefeitura Municipal foi responsável pela divulgação da festa na televisão e rádio, pelo carro de som, pelo reforço do policiamento no dia da festa e pela banda; os festeiros foram encarregados de confeccionar santinhos e livros de cantos e orações para serem distribuídos na novena e na festa, pela aquisição de foguetes e pelo convite a

patrocinadores. Nesta ocasião foi discutida a possibilidade de organizar eventos no salão paroquial para angariar fundos para a festa e mencionada a existência de um Livro de doações, que deveria percorrer a cidade também com essa motivação.

O conteúdo acima demonstra que a festa de Nossa Senhora de Navegantes toma proporções interessantes no sentido de articulações envolvendo diversas instituições e maturidade no sentido da organização dos membros. Talvez a quebra da tradição da procissão marítima do ano de 1989 também tenha incentivado esse sentido de organização, de pré-disposição em garantir que a festa ocorra da melhor forma possível. A abertura deste documento, o Livro Ata do Conselho Comunitário (1991), a designação de um Conselho, o registro de presenças em ata, o fato de destinar atribuições aos representantes de instituições e categorias presentes na reunião, são evidências de que houve a preocupação em organizar a festa. Ressalta-se a integração da Colônia de Pescadores, Prefeitura Municipal e Festeiros, como os principais responsáveis pelas ações e, pela primeira vez registra-se a questão do financiamento da festa através de doações, promoções e patrocinadores.

Na reunião seguinte, registrada no Livro Ata do Conselho Comunitário (1991, p. 06) no dia 07 de janeiro do 1992, a discussão aproxima a festa dos moldes como ela ocorre atualmente, pois foi apresentada a intenção em fazer eventos, bingos, almoços durante a novena e que fossem comercializados lanches e bebidas no salão paroquial durante todo o dia da festa de Nossa Senhora de Navegantes. Um problema foi levantado: o regresso dos devotos que vêm de Rio Grande. Todos querem regressar após a bênção final, e as lanchas não dão conta do povo, o que gera filas extensas, algo que, atualmente, mesmo com a modernização dos equipamentos, ocorre com frequência. Neste sentido, acordando com a questão do financiamento da festa, foi sugerido que os donos das lanchas, no dia de festa, doem parte de sua arrecadação para a igreja. A verba arrecadada na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, de acordo com o Livro Ata (1991), seria utilizada para finalizar a pintura da Matriz São José. Observou-se que os registros feitos no Livro Ata do Conselho Comunitário (1991) não descrevem como foi o dia da festa, apenas as ações e responsabilidades das pessoas e instituições para organizá-la. Dentre a documentação da paróquia, foi encontrada uma folha, em tamanho A4, onde é possível observar a programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1992. Observam-se na Figura 13 as mesmas categorias de festeiros do ano anterior,

pescadores, agricultores e comerciantes, e desta vez não casais, mas apenas homens festeiros.

FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	
S ã O J O S É D O N O R T E - R S - 0 2 / 0 2 / 1 . 9 9 2	
TEMA: "MARIA, DESDE JOVEM, ACOULME E ANUNCIA O PROJETO DE DEUS"	
PROGRAMAÇÃO: NOVENA COM MISSA NA IGREJA - ÀS 20,30 HORAS	
Dia 24 de Jan.	- JUVENTUDE, CAMINHO ABERTO (Lit. Equipe Lit)
Dia 25 " "	- O JOVEM COMO PESSOA E SUA AFETIVIDADE (Lit. Gen)
Dia 26 " "	- JOVEM, FAMÍLIA E EDUCAÇÃO (Lit. MPC)
Dia 27 " "	- JOVEM, TRABALHO E LAZER (Lit. Legião e Apostolado)
Dia 28 " "	- JOVEM, POLITICA E SOCIEDADE Lit. Serra)
DIA 29 " "	- JOVEM, VIDA NOVA PARA A IGREJA (Lit. Jovens)
Dia 30 " "	- MARIA PROCLAMA A ESPERANÇA E A AÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA (Lit. Conselho) 1Sm 3, 1-11 LC 26, 46-56
Dia 31 " "	- MARIA, ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO (Lit. Cisma)
Dia 1ª " Fev.	- MARIA, MODELO DE CATEQUISTA NA CATEQUESE RENOVADA (Lit. Animadoras)
Dia 02 " "	- MARIA CAMINHA COM SEU POVO, COMO MÃE (Lit. Equipe Lit.)
Dia 02 " "	- PROCISSÃO MARÍTIMA - ÀS 15:00 HORAS
- COM ESCOLHA DOS NOVOS FESTEIROS E BÊNÇÃO DA SAÚDE	
FESTEIROS:	
PESCADORES: JOSÉ PINTO, JOSÉ ADILSON PONTES E CARLOS SANTANA	
AGRICULTOR: ELI ABREU	
COMERCIANTE: JOÃO ROBERTO BORGES.	
PARÓQUIA SÃO JOSÉ - SÃO JOSÉ DO NORTE	
PREFEITO PAULO ZANATTA - PÁROCO	
PREFEITO CELESTE JOSÉ CONTE - VIGÁRIO PAROQUIAL.	

Figura 13: Programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 1992.
Fonte: Matriz São José.

Essa destinação de três representações sociais (pescadores, comerciantes, agricultores) para serem festeiros distingue as principais frentes da economia local e demonstra como a devoção se relaciona com as atividades laborais da comunidade. Essa classificação de festeiros é lembrada em depoimentos, pois havia certa rivalidade entre festeiros, para verificar quem ajudava mais na festa, na igreja, qual era a classe que dava o "calote" e não repassava verba, dentre outras histórias.

Em dezembro de 1992, da mesma forma, foi convocada a reunião do conselho para organizar a festa de Nossa Senhora de Navegantes de 1993, contando com a presença das mesmas instituições já citadas. Alguns tópicos interessantes são: a

presença do Capitão do Portos, solicitando que haja a corresponsabilidade da Igreja com relação à segurança dos devotos embarcados, o patrocínio de bancos públicos para a festa, o sucesso da propaganda da festa na televisão e no rádio, a venda de objetos religiosos durante o dia da festa defronte à Matriz, elaboração de cartazes e santinhos, banda, Brigada Militar, dentre outros.

De acordo com o Livro Ata (1991, p. 11), no dia 30 de janeiro de 1993 os barcos que levam os santos já estavam à disposição da igreja. Sobre o almoço festivo no salão paroquial, o documento cita que é prioridade servir a festeiros, autoridades, Brigada Militar e integrantes da banda que tocassem na festa de Nossa Senhora de Navegantes. Novamente não foi mencionado neste documento como se desenvolveu a festa, a missa, almoço, procissão marítima e terrestre, dentre outras, conforme era relatado nos Livros Tombo.

Foi encontrado também, na pesquisa documental, o Livro Ata da Paróquia São José (1997), aparentemente dando continuidade ao trabalho iniciado pelo Conselho Comunitário. Um dos primeiros registros do final de dezembro de 1997 foi a construção do píer, uma estrutura de apoio para os barcos, contribuindo para o embarque e desembarque na procissão marítima. Registrada no documento, está a preocupação com relação aos ambulantes no dia da festa, pois os mesmos “tomam conta da praça” (Livro Ata da Paróquia São José, 1997, p. 05). Neste sentido, foi feita uma solicitação à Prefeitura Municipal que “limpe” a praça e aloque os vendedores em outro local, além de proteção no píer, “para que ninguém caia da água” (1997, p. 05). O relato da festa de 1998 não foi feito neste documento.

No decorrer do documento foram analisados o teor das informações com relação à organização das festas de Nossa Senhora de Navegantes, que envolvem a segurança (normas da Capitania dos Portos e alerta aos pescadores), o levantamento de fundos para a festa (bingos, almoços), a divulgação (rádio, televisão, cartazes a cargo dos festeiros) e programação (bandas durante a festa, banda ou som mecânico no final da festa também atividades para festeiros).

De acordo com o Livro Ata (1997), no ano 2000, houve novamente uma rigidez com relação às normas de navegação da Capitania dos Portos. Desta vez, a instituição exigiu a presença de mergulhadores salva-vidas do Corpo de Bombeiros presentes durante todo o percurso da procissão marítima. A exigência não gerou repercussão entre pároco e comunidade. Neste mesmo ano, as solicitações da

paróquia para o dia da festa foram, para a Prefeitura Municipal, um cordão de luzes para decorar a rua lateral, a Banda Municipal, ambulância durante todo o dia, com profissionais da medicina e enfermagem de plantão, carro de som, barracas para comercialização de objetos, lanches e coletes salva-vidas. Essas solicitações são feitas anualmente até hoje para a logística da festa, conforme será visto no capítulo seguinte.

Foi registrada no livro a preocupação com relação aos vendedores ambulantes no dia da festa, sobretudo os que vendem lanches, churrasquinho, pois há um posto de gasolina defronte à Matriz, o que agrava o risco de acidentes. Conforme visto, no decorrer dos anos a prefeitura oferece o apoio e a assistência para a festa de Nossa Senhora de Navegantes, estando o Prefeito Municipal, secretários ou seus representantes presentes em reuniões na paróquia.

Percebe-se na leitura e análise do conteúdo dos documentos elencados neste capítulo a diferença entre as redações dos Livros Ata e dos Livros Tombo. Nos Livros Tombo há a preocupação com a parte litúrgica, com os sacramentos, com a preparação do tema, da novena, e outros. Nas Atas, ao contrário, não é mencionada a parte do rito, das missas, isso pode ser feito talvez em outra comissão, juntamente com o pároco. Pode-se aferir que houve no decorrer do processo a divisão da organização da logística, infraestrutura, apoio, serviços, divulgação da festa e sua parte sacramental, ritual.

De acordo com Aurora (2003, p. 29), no ano 2000 houve uma tempestade com ventos que impediu que a procissão marítima se realizasse, sendo assim verificada a segunda ruptura na tradição da procissão marítima encontrada em documentos. Na observação desta autora, foram identificadas diversas superstições com relação à fé em Nossa Senhora dos Navegantes e que diversas pessoas fazem simpatias, mas não detalhou quais são as mesmas. Foi encontrada em um periódico da igreja, de circulação local, denominado O Sino, a programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2007, que pode ser vista na Figura 14.

No anúncio, a festa assemelha-se a que ocorre atualmente, com a novena, o bingo que antecede a festa, as missas das 7h30 e das 10h30, o almoço no salão paroquial, procissão marítima às 15h com as quatro imagens, Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro, São José e Sagrado Coração de Jesus, missa vespertina, procissão terrestre e bênção final.

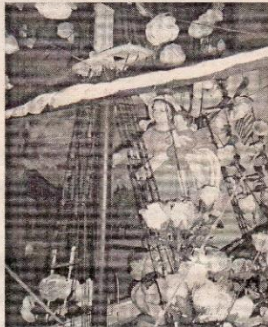
Festa dos Navegantes

No dia 02 de fevereiro de 2007 acontecerá a 196ª Festa de Nossa Senhora dos Navegantes que tem como tema "Maria, ajuda-nos a testemunhar a fé e a caridade" e lema "Eles não têm mais vinho" (Jo 2, 3).

De 24 de janeiro a 01 de fevereiro acontecerá a novena em preparação a festa sempre às 21h e de 25 de janeiro a 01 de fevereiro terço em honra a Nossa Senhora às 7h30. -
Abaixo está a programação e temas da novena e da festa.

Temas da Novena:

24 de janeiro: Com Maria, Participamos do Plano de Deus (Lc 1, 26-38)
25 de janeiro: Com Maria formamos a família de Jesus (Lc 8, 19-21)
26 de janeiro: Com Maria aprendemos a viver em comunidade (Lc 2, 41-52)
27 de janeiro: Com Maria somos discípulos e missionários (Lc 10, 1-12)
28 de janeiro: Com Maria promovemos a inclusão social (Mc 3, 1-5)
29 de janeiro: Com Maria aprendemos a ser solidário (Lc 1, 39-45,56)
30 de janeiro: Com Maria nos comprometemos a viver a caridade (Jô 5, 1-9)
31 de janeiro: Com Maria aprendemos a partilhar o pão (Lc 22, 14-23)
01 de fevereiro: Com Maria vivemos verdadeira fé e gratidão (Lc 17, 11-19)



Bingo dia 21 de janeiro às 15h30 em frente à Igreja Matriz, ao preço de R\$ 3,00 a cartela.

Dia 02 de fevereiro
7h30 Missa da Luz com Bênção das Velas (para a bênção da garganta dia 03 de fevereiro).
10h30 Missa Festiva celebrada por Dom José Mário.
12h Almoço
15h Procissão na Lagoa dos Patos
Quatro barcos transportarão as imagens de Nª Sª dos Navegantes, São Pedro, São José e Sagrado Coração de Jesus.
16h Missa Vespertina
Após o retorno da Procissão Fluvial acontecerá a Procissão em terra.

O almoço será no Salão da Matriz, ainda não está definido o cardápio e o preço dos ingressos, para maiores informações entrar em contato com a Secretaria Paroquial pelo telefone 3238-1136 ou com o conselho da Matriz e festeiros (Alexandre Marques da Silva e esposa Kelly Paganelli, Verlande Fermino e esposa Maria Helena Fermino, Geralci da Silveira e esposa Marinês Garcia Silveira, Gastão Festuliano de Sá e esposa Elis Regina Gautério de Sá, José Luiz da Silva e esposa Luana, Eder dos Santos Borges e Francine da Silveira Alves).

Figura 14: Periódico "O Sino" (2007)

Fonte: Matriz São José.

O depoente Natalino Fioroti afirma que a festa foi beneficiada com a melhoria das vias que ligam o centro de São José do Norte às localidades do interior da península. Segundo ele, foi algo importante para integrar os devotos:

Uma coisa importante foi o asfaltamento do centro ligando as comunidades do interior. Isso possibilitou que as comunidades participassem das novenas das festas que se realizavam na matriz. Além disso, os integrantes das comunidades eram incentivados a levar as imagens dos seus santos padroeiros e estandartes nas festas de Navegantes, São Pedro, São José, lá pelos anos 2000 (Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

Convites, programações e souvenirs das festas de 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017 podem ser vistas em Anexo. Este capítulo teve como objetivo fazer o registro e a análise de fontes primárias e documentos encontrados durante a pesquisa sobre o

histórico da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte. Foi possível fazer o estudo diacrônico da festa, identificando recorrências e rupturas no decorrer dos anos, que ajudam a explicar por que a festa permanece como uma tradição popular no município de São José do Norte. Como se trata de uma festa histórica, bicentenária, não foi possível estabelecer uma periodicidade nos documentos. Os dados foram dispostos conforme foram encontradas as fontes. Não foi possível ter acesso, por exemplo, ao Livro Tombo atual. O percurso histórico descrito permite enxergar uma cronologia da festa, conforme pontuado, com alguns marcos divisórios, rupturas, conflitos, ao longo desta trajetória de mais de 200 anos, estabelecendo recortes temporais.

O capítulo evidenciou que a festa representou, desde o século XIX, um espaço comum para diversos estratos da sociedade, um lugar para religiosidade, política, protesto, conflitos, críticas, para alegrar-se e decepcionar-se, no decorrer de diversas gerações de nortenses. Evidenciou também como os diversos atores envolvidos na festa possuem visões diferentes, e por vezes divergentes, com relação ao conjunto ou partes dos festejos. O próximo capítulo trata do estudo da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte como ela ocorre na atualidade, resultado de observação participante dos últimos quatro anos.

CAPÍTULO 4 – A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (2013-2017) sob a ótica da Observação Participante

O efêmero remete diretamente à cultura material da festa, fazendo dos materiais rotineiros [...] grandes obras. O efêmero delinea-se pelo campo imagético – arquitetura, pintura, escultura – com um forte senso de decoração. A decoração aqui não é adorno descartável, penduricalho, antes participa do ser, constituindo-o [...] O efêmero conjuga ainda bailados, danças, coreografias, combates, máscaras, bailes, paradas, desfiles, procissões, comes e bebes, banda de música, fogos de artifício. Tais elementos acabam por lhe conferir forte conteúdo e apelos visuais que casam com o movimento contido, frenético, ritmado, alvoroçado, constante, dos bailados, das luzes, dos fogos, dos lenços com as construções estáticas (SOUZA, 2001, p. 555).

Os cantos que horas suplicam, horas agradecem, as badaladas do sino da igreja, o rito festivo, a fé, as bandeirolas coloridas que decoram a igreja São José, as bancas de *souvenirs*, terços, artesanato, camisetas, medalhinhas, o cheiro de lanches, de fritura, de bauru na chapa, de frango assado, cheio de cera de vela queimando, a diversidade de flores naturais, de tecido, de plástico, os peixinhos e barquinhos artesanais dispersos na decoração da igreja e aplicados nas imagens dos santos, a solenidade do clero, bispo diocesano, pároco e outros padres visitantes, ministros, diáconos, a solenidade festiva, a banda da prefeitura municipal, centenas de devotos e suas famílias, embarcações decoradas com balões e bandeirolas coloridas, repletas de devotos acompanhando os festejos com buzinas, foguetes, orações, o forró, a oração do terço, da “Salve Rainha”, o canto da “Mãezinha do Céu” e tantos outros podem ser considerados alguns ícones do efêmero presentes na expressão popular, anualmente, no decorrer do dia 2 de fevereiro na festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte.

Conforme a citação, o espaço rotineiro ganha *status* de grande obra: a igreja, as ruas, a praça, as águas são prestigiadas, contempladas, repletas de vida. Quem faz a festa de Nossa Senhora dos Navegantes são os nortenses, e é deles, de sua observação, de seu comportamento, de seu efêmero, de sua festa, que surgiu essa pesquisa, também a eles dedicada. Estes e outros elementos foram percebidos, interpretados, significados e registrados em imagens, depoimentos e filmagens, utilizando a metodologia de observação participante e história oral, de 2013 até 2017.

Devido à utilização de diversas fotografias neste capítulo, é necessário enfatizar que as imagens objetivam complementar a leitura do texto, para que assim possa ser feita a assimilação da narrativa através da observação da imagem. Os símbolos da festa vivem na memória individual e coletiva de quem participa da festa de Nossa Senhora dos Navegantes há mais tempo, remetendo a antepassados. “A imagem detona a memória, a instila, e condensa as imagens que portam essa carga afetiva” (SOUZA, 2001, p. 565). De acordo com esta autora, em uma sociedade marcada pela oralidade, a memória acesa pela percepção visual pode condensar vários elementos do passado. A comemoração da festa é a possibilidade de recontar, de rememorar, de lembrar aos familiares, aos filhos, aos vizinhos, ensinar aos visitantes o que se passou naquele lugar, reatualizando assim a memória social. Recuero (2008) afirma que a fotografia também pode ser aprendida por ser uma linguagem visual, que ela complementa, faz parte do texto, é explicativa tal como o texto.

A fotografia, conforme Le Goff (2003, p. 460), revoluciona a memória, faz com que ela seja multiplicada e democratizada, proporcionando precisão e verdade visual que antes não eram possíveis. Utilizando a fotografia em trabalhos científicos, é possível “guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003, p. 406). Aumont (1993, p. 78) afirma que os valores da imagem em sua relação com o real são: o valor de representação, que representa coisas concretas, o valor de símbolo, representando coisas abstratas e o valor de signo, quando a imagem representa coisas que não estão aparentes nela. As imagens podem compreender as três dimensões, simultaneamente ou não, dificilmente será contemplado apenas um desses valores na imagem. No exemplo de uma imagem com tema religioso:

[...] possui triplo valor: *significa* – de modo certamente redundante no caso – o caráter religioso do lugar, pela colocação acima do altar (devemos notar que nesse exemplo, a rigor, o signo está menos na própria imagem do que em sua situação); *representa* personagens dispostos em uma cena que, como toda cena bíblica, é extremamente *simbólica* (aliás, simbolismos parciais, tais como o das cores, estão presentes) (AUMONT, 1993, p. 79).

Houve, neste capítulo uma interpretação de significados, representações e simbolismos das imagens obtidas, das imagens visualizadas, das situações vivenciadas. As fotografias não são arte, mas, podem conter a arte, não são realidade,

mas podem conter a realidade, não ser a ciência, mas mostrar a ciência, sendo dotada de uma narrativa eloquente (Recuero, 2008, p. 35). Assim, com o entrelaçamento do texto com as imagens, ora com valor de representação, de símbolo ou de signo, e após utilizando as anotações do caderno de campo, foi possível dar interpretações aos diversos momentos da festa, seus objetos, sua contemplação para que este se torne um registro cultural, além de um estudo história e memória.

Assmann (2006) chama de memória cultural a memória de longa duração, transmitida em uma cadeia de longo prazo. É uma forma de memória coletiva, no sentido que é compartilhada por um grupo de pessoas, no sentido principal de transmissão da identidade coletiva. A memória cultural, portanto, pode ser exteriorizada, encenada, protagonizada em um grupo social, através de formas simbólicas, ritos, festas, celebrações, que dão estabilidade, que fazem sentido no contexto social de um determinado grupo (Assmann, 2008).

O autor chama de memória vinculante as memórias que se objetivam, se relacionam com aspectos corriqueiros, peculiares, locais. São José do Norte, por sua condição de isolamento, possui aspectos naturais, culturais, sociais, atividades econômicas, que não se modificaram drasticamente no decorrer dos anos. Conforme afirma Adomilli (2007) “*a cidade parou no tempo*”, o que nos leva a pressupor que a memória cultural, de longa duração do nortense, pode ser considerada uma memória vinculante, objetivada em diversos elementos locais, que também não sofreram alterações expressivas, sendo, portanto, um caso de uma memória mais “legítima”, ou, com zelo ao uso da expressão, uma memória social que provavelmente sofreu menos influências externas que em outros lugares pela condição de isolamento da península. Ocorrendo há mais de dois séculos, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes pode ser um desses elementos que dão suporte à memória social local.

Conforme já mencionado, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte mescla em si aspectos intrínsecos da identidade social local, sendo eminentemente popular, ritualística, penitencial, com exposição pública da fé, vinculada ao labor do pescador, do trabalhador marítimo, envolvendo vários setores da sociedade e revelando características da religiosidade local, a economia, o espaço, a história, a tradição e a memória. Este capítulo apresenta a descrição e análise dos dados obtidos nas festas de Navegantes de São José do Norte, observadas nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016. É composto de dados de observações de campo que

objetivam apresentar o objeto de forma mais compreensível, mas ao mesmo tempo expondo a significância e significados do objeto.

Dentre os produtos gerados em uma festa, o mais significativo é a produção de memória e de identidade no tempo e no espaço sociais (GUARINELLO, 2001, p. 972). Corroborando com o autor, a festa foi abordada como uma estrutura do cotidiano, necessária para o cotidiano, realidade não oposta a ele, mas integrada a ele. Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte foi detectada a participação ativa de diversos grupos sociais, clérigos, municipais, políticos, comerciários, agricultores, trabalhadores do mar, turistas, associações, municípios em geral, em torno de uma crença, produzindo trocas simbólicas, amabilidades, orações, cânticos, manifestações de fé, gratidão, entre outros, caracterizados neste capítulo.

Toda festa tem suas próprias regras, seus códigos de conduta, sua rede de expectativas recíprocas, que podem ser escritas, ou fortemente ritualizadas, ou absolutamente espontâneas e informais [...] (GUARINELLO, 2001, p. 973).

As fases que compreendem a festa de Nossa Senhora dos Navegantes obedecem a critérios tradicionais de uma festa religiosa de matriz lusa, fazendo uso e privilegiando o uso do espaço público e coletivo, tanto nas ruas da cidade quanto nas águas que ligam a Lagoa dos Patos ao Oceano Atlântico, a cada dia 02 de fevereiro. De acordo com Souza (2001, p. 553), a data da festa e o local de sua encenação são elementos decisivos para o efêmero. A data abre o tempo do rito, remetendo a uma carga simbólica ao sincronizar-se com o calendário católico-cristão.

A data da realização da festa de Nossa Senhora dos Navegantes coincide com a época de abertura da temporada de pesca do camarão, uma das culturas mais importantes para a subsistência das famílias de pescadores nortenses, caracterizando um exemplo da carga simbólica da festa enquanto espaço-tempo para pedir a graça de uma boa safra, ou, como um dos depoentes, ex-pescador, Sr. Natálio Viana, entrevistado no dia 30 de janeiro de 2014, fala, “[...] a Lagoa não cria nada, se não entra água salgada, não cria. Se salga [a lagoa] se cria ‘aquele’ peixe, o camarão, senão não!”. De acordo com este depoente, descendente de portugueses de mais de 80 anos, entrevistado em sua casa em fevereiro de 2015, é preciso pedir a graça de que a lagoa seja salgada, e isso pode ocorrer durante a festa.

Estudar a experiência religiosa é um desafio. Compreender como os povos se relacionam com o divino e com a natureza pode expandir o entendimento da existência humana em seus conflitos, angústias, paixões e sentimentos (Garraffoni, 2009, p. 54). De acordo com Geertz (1989) no estudo de fenômenos religiosos é necessário manter o olhar neutro com relação ao caráter laico e/ou devocional de um determinado grupo. Na descrição e análise da festa, a preocupação principal foi observar e contextualizar o rito, o lugar, a história, indivíduos, a ocupação territorial, e outros aspectos, para uma melhor compreensão e análise do objeto no decorrer da tese.

O presente capítulo foi escrito utilizando descrições e análise das festas dos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016. Desta forma foi possível fazer uma narrativa, com imagens considerando o potencial descritivo-narrativo das fotografias (Recuero, 2008, p. 35), onde as situações ocorriam sistematicamente, pois ao longo dos quatro anos de pesquisa, foi possível transitar por diferentes espaços da cidade durante a festa, que manteve sua organização e estrutura semelhante. Na véspera da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 2014 foi constituída uma rede de depoentes, através de contatos com paroquianos, pescadores, comerciantes, munícipes, rede que se relacionava direta ou indiretamente com a festa e que foi estratégica para a realização de entrevistas. Assim, os dados da pesquisa dispostos neste capítulo foram coletados com registros e anotações em caderno de campo, gravações de áudio e vídeo, fotografias, entrevistas semi-estruturadas de História oral, e outras formas de registro de oralidades, considerando em todas as fases e métodos a menção de Geertz (1989) sobre a neutralidade do olhar.

Como se trata de uma extensa etapa do trabalho, para melhor compreensão, o texto foi dividido utilizando os aspectos fundamentais que definem e circunscrevem a festa, anteriormente citados, conforme Guarinello (2001, p. 971). O primeiro aspecto é que a festa deve envolver a implicação de uma estrutura social de produção, que planeje, organize, prepare, custeie, monte, enfim, que a faça. O segundo, que deve envolver a participação concreta de um determinado coletivo. O terceiro é que necessita da interrupção do tempo social, da suspensão temporária das atividades diárias para que ocorra. O quarto aspecto é que a festa deve ser articulada em torno de um objeto focal, que constitui a motivação principal de festa (real ou imaginária, um acontecimento, um anseio). E finalmente o quinto elemento, o de ser uma produção

social que gere vários produtos, materiais, comunicativos, significativos, dentre outros possíveis, dentro do universo que se encontra.

As experiências relacionadas a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, as entrevistas e o estudo teórico deram subsídios para situar a festa enquanto um fenômeno total, complexo, onde não há como fazer secções, separações, mas considerando o momento condensador da festa e o comportamento humano total, a vida social inteira, o que permitiu “*entrever, medir, ponderar as diversas motivações estéticas, morais, religiosas, econômicas, os diversos fatores materiais e demográficos [...]*” (MAUSS, 1924, p. 141). Um novo exercício de olhar é pensar a festa como histórica, que condensa memórias sociais dos nortenses, mas principalmente, pensar a festa como uma produção local, como uma forma de expressão dos habitantes, na perspectiva de um patrimônio cultural imaterial. O valor do bem cultural imaterial é atribuído principalmente por aqueles que o fazem, o patrimônio torna-se uma referência cultural, que dá sentido à sua existência.

4.1 Estrutura social de produção, planejamento, organização

Conforme visto no capítulo anterior, a estrutura onde se desenvolve a festa se dá no âmbito dos municípios de São José do Norte e Rio Grande, principalmente no que se deve ao acesso à festa pelo canal Miguel da Cunha, principal ponto de acesso a São José do Norte. Na estação hidroviária em Rio Grande é possível adquirir a passagem para a embarcação, que em viagem de cerca de 30 minutos conduz passageiros e encomendas a São José do Norte. Especificamente no dia da festa, nos três turnos do dia, a movimentação de passageiros é constante para o embarque na lancha, e as formações de extensas filas para adquirir o ingresso e embarcar. As lanchas, neste dia, costumam completar a lotação. Conforme visto no capítulo anterior, o planejamento de infraestrutura de transportes e segurança é fundamental para que a festa se desenvolva, pois, as chegadas ocorrem principalmente pela hidroviária de São Jose do Norte, portanto, neste dia de fluxo mais intenso, o monitoramento da Marinha do Brasil é constante.

Passageiros, de diversas faixas etárias, crianças, adultos, idosos, notoriamente vão para São José do Norte para assistir ou participar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, pois carregam oferendas, flores, terços, e sacolas com

lanches, bebidas. A maioria das pessoas veste chapéus e bonés para a proteção solar. Há uma movimentação de vendedores ambulantes com produtos importados, para comercializar na festa, como óculos, bijuterias, relógios e outros. Considerando o meio, as condições climáticas de onde se desenvolve a festa e as pessoas que participam dela, que pode se caracterizar como um estranhamento, a “arrumação” de algumas das pessoas embarcadas na lancha, durante a travessia do canal Miguel da Cunha. Parte dos homens veste calça e/ou camisa social, as mulheres vestidos, roupas de brilho, pingentes, rendas, algumas de sapatos de salto alto, sandálias, penteados, maquilagem, acessórios e outras indumentárias improváveis de se vestir em um feriado, com temperatura superior a 30° de (sensação térmica maior), e se equilibrando em uma embarcação lotada, às vezes ainda tomando conta de crianças, igualmente “arrumadas”. A “roupa nova” ou “roupa de festa” para a festa de Nossa Senhora dos Navegantes é algo que ocorre historicamente, de acordo com relatos que serão dispostos no decorrer deste capítulo.

A travessia do canal é agradável, a embarcação moderna, controlada por instrumentos (*Global Positioning System*). O cheio de combustível, óleo, é forte, às vezes. Em dia de festa de Nossa Senhora dos Navegantes, desembarcando, o povo segue, hegemonicamente, com poucas exceções, em direção à praça central, onde se situa a Matriz São José, onde se desenvolvem diversas etapas da festa.

4.1.1 Recursos


A preparação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes começa meses antes da mesma, principalmente com a angariação de recursos para a sua realização. Uma comissão pré-determinada pelo pároco e coordenador da paróquia estabelece os lugares, quem se responsabilizará pela entrega de ofícios, visitas, quais os valores que deverão ser pagos para a igreja em troca de publicidade, e outros assuntos de planejamento. Da mesma forma, a prefeitura se organiza no setor de transportes terrestres, bloqueio de ruas, escalas de guardas municipais, a demarcação e numeração de espaços para ambulantes, barracas de alimentação, brinquedos, dentre outros.

Durante a pesquisa documental na paróquia São José, foi encontrado um livreto, com 08 páginas, confeccionado com o objetivo de angariar fundos para a festa

de Nossa Senhora dos Navegantes. Logo, o público-alvo deste impresso são gestores, empresários, administradores de empresas e outros possíveis agentes financiadores da festa na região. A Figura 15 é a página 07 deste impresso, a “Grade de Contrapartidas”, que define o investimento e respectivos benefícios durante a divulgação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 2013.

GRADE DE CONTRAPARTIDAS			
GRADE DE CONTRAPARTIDAS	OURO	PRATA	BRONZE
Inserção da Marca no Vts televisivas de divulgação da Festa	V		
Inserção da Logomarca nos 250 cartazes, tamanho A3, de divulgação da Festa	V	V	V
Inserção da Logomarca nos 5.000 Folders, tamanho A4, contendo a programação da Festa	V	V	V
Inserção da Logomarca em 2 banners de 0,90 x 1,20 m, de divulgação da Festa, localizados na Hidroviária e no palco de shows.	V		
Inserção da Logomarca nas notas de divulgação da Festa, publicadas nos jornais da região	V	V	
Inserção da Marca no spot radiofônicos de divulgação da Festa	V	V	

VALORES:
Cota Ouro: R\$ 30.000,00
Cota Prata: R\$ 20.000,00
Cota Bronze: R\$ 10.000,00
Colaboradores: Valores e Contrapartidas negociáveis



A Matriz São José
não comercializará bebidas alcoólicas!

07

Figura 15: Grade de Contrapartidas e investimentos na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2012.
 Fonte: Matriz São José.

Observa-se na Figura 15 que os valores das Cotas Ouro, Prata e Bronze estão rasurados, o que pode significar que os valores foram alterados. Existe, portanto, a possibilidade de flexibilização de investimentos e negociação. Em depoimentos, foi mencionado que há algumas décadas não era difícil angariar recursos para a festa, pois as empresas que apoiassem a festa de Nossa Senhora dos Navegantes tinham a aceitação, a imagem positiva por parte da comunidade de Rio Grande e São José do Norte. O mesmo acontecia na festa de Nossa Senhora dos Navegantes que ocorria em Pelotas no século XX (FARINHA, 2012).

4.1.2 Bingo

Conforme visto no capítulo anterior, o bingo é realizado há décadas nos dias que antecedem a festa também no intuito de angariar recursos para a festa. O bingo ocorre anualmente, alguns dias antes da festa. No domingo que antecedeu o começo da novena da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2015, foi possível participar do bingo no salão paroquial da Igreja São José, que ocorreu não apenas para angariar recursos para a festa, mas também para integrar a comunidade em uma atividade nas dependências da igreja.

Ao desembarcar na hidroviária de São José do Norte para registrar o bingo e a novena daquele dia, houve certo estranhamento com relação à falta de movimentação na cidade, não havia pessoas nas ruas, nos bares, farmácias. Ao me aproximar da igreja, a mesma sensação de abandono. Quando virei na quadra do salão paroquial foi possível compreender: a participação no bingo da igreja congregou os moradores da cidade. Provavelmente quem não estava nas praias locais, aproveitando o domingo de sol, estava jogando bingo no salão paroquial, que se encontrava com sua capacidade esgotada de pessoas sentadas, em pé, silenciosas, atentas ao “canto” dos números (Figuras 16 e 17), silêncio que era interrompido quando algum jogador completava a cartela.



Figura 16: Nortenses jogando bingo no salão paroquial da Matriz São José, 2015.
Fonte: Da Autora.



Figura 17: Nortenses jogando bingo no salão paroquial da Matriz São José, vista do balcão do bar, 2015.

Fonte: Da Autora.

No bingo, além das cartelas para jogar, estavam sendo comercializados pastéis de carne e bebidas, água e refrigerantes. O salão paroquial estava repleto de pessoas, assim como a calçada perto da porta do salão, de onde era possível competir no jogo de cartelas, pois se escutava o “canto” dos números. Os jogadores do lado de fora estavam, alguns sentados na calçada, outros com suas cadeiras e bancos. As crianças corriam no meio da rua, brincando. O clima era de descontração, encontro com amigos e familiares, muitas crianças, conforme pode ser verificado nas figuras acima.

Na cozinha do salão paroquial, durante o bingo, o pároco, reunido com lideranças da paróquia, conversava sobre a logística da novena, sobre a participação e as funções de cada comunidade, sobre a liturgia, sobre a venda de panfletos da novena e outros assuntos da organização da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A cidade se preparava para o maior evento do ano, o assunto geral era esse, em clima de alegria e descontração. A estrutura social de produção, planejamento, organização (Guarinello, 2001) se faz, anualmente, efetiva neste local, envolvendo não apenas a comunidade vinculada à igreja, mas a estrutura da gestão pública, moradores, lojistas, setores vinculados à segurança terrestre e marítima, dentre outros que serão mencionados.

4.2 Participação Concreta de um Determinado Coletivo

De acordo com a observação participante no decorrer dos anos desta pesquisa, pode-se afirmar que o coletivo que efetivamente participa da festa é a comunidade de São José do Norte e Rio Grande, mas principalmente os paroquianos da Matriz São José. Estes envolvem-se diretamente nos processos de organização, montagem, execução e outros. Este segundo item complementa o primeiro, sobre a questão da preparação da estrutura social.

4.2.1 A Novena

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposição morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem (GEERTZ, 1989, p. 103).

A citação de Geertz (1989) nos esclarece o quanto os símbolos sagrados e o sentimento religioso podem relacionar-se com as características de uma comunidade, assim como expressar dados emocionais, psicológicos, realidade social, econômica, e outros. O autor apresenta reflexões elementares para a compreensão das festas religiosas como expressão intrínseca da sociedade, qualidade de vida, estabilidade de relações, valorização, ou não, da tradição e cultura.

Funari e Pelegrini (2008, p. 83) afirmam que a religiosidade é tão antiga quanto o ser humano e que há teorias que comprovam que é ela o que distingue o homem de outros primatas. A religião é parte essencial da experiência da vida em sociedade⁴⁴. Estes autores afirmam que o estudo da religiosidade como fenômeno cultural ocorreu na passagem do século XIX para o século XX. Assim, o estudo da religiosidade busca conhecer o caráter humano, social e cultural das crenças.

A novena da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, conforme visto no capítulo anterior, ocorre há várias décadas, principalmente quando a Matriz São José foi entregue, em 1860. A novena é caracterizada por celebrações, com temas pré-

⁴⁴ Sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através de formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 105).

estabelecidos, que ocorrem nove dias antes das festas religiosas, fazendo parte da preparação para o dia da festa. A novena, portanto, enquadra-se tanto na primeira categoria (produção, planejamento, organização, preparo, montagem) quanto na segunda categoria de Guarinello (2001) que é a de envolver a participação concreta de um determinado coletivo. No decorrer da pesquisa, foi possível participar de diversas celebrações e assim interpretar as ações da novena, principalmente em missas. Desta forma foi possível observar a importância desses ritos para quem participa deles, os paroquianos – este é o determinado coletivo que se percebe em participação ativa. Considera-se que as missas da novena são milagrosas, nelas a Virgem Maria concede pedidos, bênçãos, graças.

Antigamente, conforme visto no terceiro capítulo, os festeiros eram do sexo masculino, e também havia a questão da representação (agricultores, pescadores, comerciantes), não era considerada a presença feminina nesta representação. É válido salientar que, atualmente, os festeiros são casais escolhidos mediante indicação dos festeiros do ano anterior, que não participam da preparação das celebrações (até podem, mas não é esta a principal atribuição), sua função principal sendo a divulgação da programação da festa. Se houver muitas indicações de casais de festeiros, é feito um sorteio para decidir quem são os festeiros da próxima edição da festa. Os festeiros também podem ser casais de outras comunidades, não apenas oriundos da paróquia São José (Matriz). Ao todo, são 25 comunidades na paróquia.

A novena é bem frequentada pelos paroquianos. Algumas dezenas destes estiveram presentes na novena em todos os anos da pesquisa. São também essas pessoas as encarregadas de organizar, montar, decorar, aclamar, fazer a liturgia, as compras de alimentos para o dia da festa, cozinhar, vender ingressos, dentre outras atividades. A novena, portanto, também é tempo de últimos preparativos, reuniões, e outras ações de planejamento e organização. É possível aferir que é deste envolvimento e participação concreta de um coletivo a que se refere Guarinello (2001).

Conforme dito, anualmente, do dia 24 de janeiro ao dia 1º de fevereiro ocorre a novena, que são nove dias de missas, às 20h, na Matriz São José, organizadas pelas diversas comunidades que compõem a paróquia, congregando as lideranças, os devotos, comunidade em geral e preparando o grande festejo do dia 02. Mesmo estando no mês de janeiro, em período de férias escolares, há intensa participação

nas missas da novena. De acordo com a fala local, o pessoal *passa o dia nas praias e vêm à noite para o centro da cidade, para as missas da novena*.

Realmente, podem ser vistos diversos automóveis circulando e estacionados defronte à Matriz São José. Isso pode levar a pensar que as missas da novena são frequentadas por pessoas que têm condições de participar das missas à noite (que costumam encerrar às 21h30), que possuem um veículo, uma condução própria, pois nesse horário o transporte coletivo já não opera.

Uma característica interessante e peculiar, que chamou a atenção pela estética do conjunto, nas missas da novena, foram o altar e as laterais da Matriz São José, iluminados para as celebrações noturnas, conforme a Figura 18 e 19. O conjunto da Figura 18 mostra a qualidade estética na ornamentação do interior da Matriz São José. Ao fundo, colocada no altar, à esquerda da foto, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes no andor.

Na Figura 19 pode se contemplar os detalhes em dourado do retábulo inteiriço, confeccionado artesanalmente em madeira, as antigas imagens, onde se pode ver também o pároco e um dos músicos. No detalhe da Figura 19, ao centro do altar, logo abaixo do crucifixo, acima do sacrário, um barco em miniatura, enfatizando a importância da atividade pesqueira na região. Esse barco em miniatura não foi disposto ali por ser dia de novena da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, ele passa o ano como um adorno do retábulo.



Figura 18: Novena na Matriz São José, 2015.
Fonte: Da Autora.



Figura 19: Detalhe do retábulo iluminado na Matriz São José, 2015.
Fonte: Da Autora.

Durante os dias de novena, percebeu-se um ambiente de encontro, de congregação, de harmonia e solidariedade dentre os participantes nas celebrações da Matriz São José, o que nos remete à questão da dádiva (MAUSS, 1924, p. 14). O autor afirma que a sociedade complexa teve como base as relações das sociedades arcaicas, onde existiam os encontros, os rituais e festas, onde as trocas não eram apenas de bens e riquezas, mas de amabilidades, de afetos, amizades, camaradagens, perpetuações de dádivas - obrigação em dar, receber e retribuir (MAUSS, 1924, p. 69).

Há participação da comunidade, símbolos e detalhes peculiares do local, como pode ser visto nas Figuras 20 e 21. Na Figura 20 pode-se ver um casal levando uma imagem da Virgem Maria, que pode ser uma invocação da comunidade, a qual representavam naquela missa, e um segundo casal, logo atrás, levando um barco em miniatura, com uma réplica de uma rede de pesca. A imagem da Virgem Maria foi colocada próxima ao altar e, no final da celebração, os devotos fizeram uma fila para tocá-la, para beijá-la. De acordo com Aumont (1993), a disposição das imagens é tão importante quanto sua representação. Estar no altar, próxima ao sacrário, significa a relevância dada àquele objeto. De acordo com o autor, as imagens religiosas, símbolos religiosos, eram vistos como capazes de dar acesso à esfera do sagrado pela manifestação mais ou menos direta da presença divina.

A Figura 21 mostra o mesmo barco, em detalhe, disposto no altar. Este mesmo barco foi utilizado na missa festiva do dia 02 de fevereiro, no momento do

ofertório. É uma importante representação da pesca e em geral das atividades marítimas que se desenvolvem no local, representando ao mesmo tempo a entrega desse labor à Virgem Maria, para proteção.



Figura 20: Momento inicial da missa do último dia da novena da festa de Navegantes de 2015.
Fonte: Da Autora.



Figura 21: Miniatura de um barco pesqueiro colocado no altar da missa do último dia da novena da festa de Navegantes de 2015.
Fonte: Da Autora.

O barco que aparece na Figura 32 é um símbolo do significado da festa de Nossa Senhora dos Navegantes com relação aos trabalhadores do mar, principalmente com relação às atividades pesqueiras. A rede disposta no barco demonstra essa relação. As palavras grafadas do barco “*Avancem para águas mais profundas*” pode ser interpretada de diferentes maneiras, no sentido de ter fé, continuar na luta diária pelo sustento através da pesca; no sentido mais religioso, de “pescar homens”, ou preocupar-se com a obra da evangelização católica.

Um aspecto importante a ser enfatizado é a importância dos ornamentos da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, identificados desde as missas da novena, remontando o trabalho, o cotidiano, os artefatos, objetos encontrados na vida diária dos moradores do lugar. Além destes, as bandeirinhas, flores e luzes (nas celebrações noturnas) marcaram a singela homenagem dos nortenses a Nossa Senhora dos Navegantes.

Nas festas, as representações e dramatizações alegóricas não se distanciam dos participantes que, na sua maioria, atualizam o mito original, presentificando-o, *realizando* a alegoria. Não há passividade: a alegoria não precede à *performance*, com ela constitui um evento único que se repete, sempre de forma diferente, a cada reatualização. A alegoria permite a comunicação religiosa entre os diversos participantes da festa. De maneira direta e enigmática, revela inteligivelmente para todos a “verdade” do testemunho cristão (LUZ, 2001, p. 712).

A citação acima nos permite refletir sobre a peculiaridade da alegoria nas festas religiosas, sobre a representação que cada ornamento tem no contexto da festa. Há uma atualização do mito, que, no caso da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, é a proteção dos que trabalham no mar. É necessário, de acordo com a citação, comunicar, expressar, representar esse mito. A estética das missas da novena foi a utilização da iluminação na parte interna e externa da Igreja São José. Na Figura 22 vemos a presença de devotos na novena, o altar iluminado com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em destaque, sobre um barco-andor, demonstrando, simbolizando a razão principal da festa, da novena.



Figura 22: Momento final da missa do último dia da novena da festa de Navegantes de 2015.
Fonte: Da Autora.

A depoente Sra. Maria José comenta sobre a novena realizada especificamente no ano de 2015.

Agora nessa novena por exemplo, eu participei de todas, quase. Essa novena desse ano foi tão concorrida, a igreja cheia. O padre chegou a dizer que ele nunca viu uma fé tão grande que na hora do canto mesmo ele parava de cantar só para escutar o povo cantando. Os padres que vêm de fora se admiram por que, durante a semana, nas férias, as pessoas lotam a igreja nove dias! Mas é só na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (Sra. Maria José, filha de pescador português, entrevistada no dia 03 de fevereiro de 2016).

A depoente reitera que é apenas na ocasião da festa de Nossa Senhora dos Navegantes que há essa conversão de pessoas demonstrando fé, respeito, participando, se dedicando com um objetivo em comum, e que há o estranhamento, inclusive por parte de integrantes do clero, por essa adesão coletiva em torno da devoção. Esse estranhamento sobre a expressão da devoção em Nossa Senhora dos Navegantes já foi mencionado diversas vezes em documentos e antigos periódicos dos séculos XIX e XX, conforme vimos no capítulo anterior.

4.2.2 Preparação na véspera da festa na igreja, nas ruas, nas casas, nos barcos

No dia que antecede a festa de Nossa Senhora dos Navegantes os afazeres envolvem os habitantes do município de forma geral. Há uma organização: venda de

ingressos para o almoço, decoração da igreja, flores, secretaria, distribuição de senhas para os barcos, atendimento aos turistas, paroquianos e outros, equipe de liturgia, pessoal da cozinha cortando batatas, as frutas para a salada de frutas que será vendida, temperando o frango que será assado no dia da festa, arrumando o salão paroquial para o almoço, cadeiras, mesas, buffet, gelar as bebidas, dentre outras atividades não registradas, como a confecção de santinhos, de bandeirolas, a colocação das bandeirinhas na frente da igreja, a higienização do salão paroquial, de banheiros, de louças, de talheres. A Figura 23 mostra, à esquerda, mulheres na cozinha do salão paroquial, três picando legumes e uma, ao fundo, lavando louças diante à pia. À direita, outra senhora aparece, arrumando o salão paroquial para o almoço festivo que ocorrerá no dia seguinte.



Figura 23: À esquerda, mulheres cortando legumes na cozinha e à direita uma senhora arrumando o salão paroquial, 2016.
Fonte: Da Autora.

Conforme dito, a organização não está apenas nas dependências da igreja, salão paroquial, mas se espalha no tecido social. Conforme a Figura 24, no dia anterior à festa, as ruas do centro histórico encontram-se com o chão demarcado para as barracas de alimentação, salgados, bebidas, churros, cachorro- quente, pastéis, doces, pipoca e outros, assim como os espaços delimitados para vendedores de produtos importados, os camelôs, que vendem roupas, cds, dvds, brinquedos, *souvenirs* de Nossa Senhora dos Navegantes e Yemanjá, artesanato, dentre outros.



Figura 24: Ruas demarcadas para barracas de alimentação, 2016.
Fonte: Da Autora.

Não é diferente nas casas de famílias, onde os preparativos ocorrem com antecedência para aproveitar melhor o dia da festa, arrumar a casa para receber as visitas que vêm do interior da península, fazer salgados. Em algumas ruas era possível sentir o cheiro de assados, de molhos. Passeando em uma viela, perto de docas onde moram pescadores, foi possível visitar uma das famílias que se preparava para aproveitar a festa no dia seguinte. A avó, matriarca, auxiliada por uma das filhas, acabava de fechar pastéis para fritar no dia 02, antes da procissão marítima, pois toda a família iria no barco do esposo. A Figura 25 mostra a organização familiar, os pastéis prontos para fritar.

Neste contexto, não é apenas o pastel. Na casa, a vó, a tia, a irmã, a vizinha estavam ali para ajudar. Enquanto faziam, conversavam sobre a vida, os problemas, a festa. Preparar os pasteis para a festa é uma motivação para a família se encontrar, neste caso, as mulheres colocam a conversa, a fofoca, em dia. Enquanto isso, as crianças, entre primos e vizinhos, brincavam na praia, perto dos barcos, disputando quem é que iria na festa de Yemanjá naquela noite (as crianças que iriam falavam em tom de exibição, estariam lá, para elas a festa começaria antes). Perez (2011) afirma que esta é uma característica dos brasileiros no que tange à religiosidade: não se escolhe entre uma religião ou outra, vivem-se, combinam-se as religiões. Outras manifestações de sincretismo verificadas na festa serão vistas no capítulo seguinte.



Figura 25: Pastéis prontos para fritar no dia da festa, 2016.
Fonte: Da Autora.

No dia seguinte, dia da festa, pela manhã, em visita a esta família novamente, se viu a incumbência do homem nesta preparação: enfeitar o barco e comprar gelo para a cerveja (para levar a cerveja no barco, e ir tomando durante a procissão). A criançada, filhos, sobrinhos, filhos dos vizinhos, ajudavam a decorar o barco e passear depois (a compra do gelo seria feita em uma embarcação maior, portanto, se iria de barco). A Figura 26 mostra o pai, pescador e o filho, decorando o barco.



Figura 26: O pescador e seu filho decorando o barco para participar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2016.
Fonte: Da Autora.

As bandeirinhas feitas em TNT ficam guardadas de um ano para outro. Há também uma bandeira maior, do estado do Rio Grande do Sul, para participarem da procissão marítima da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O pai é o pescador Robinho, entrevistado em 02 de fevereiro de 2016, a bordo de sua embarcação decorada. A decoração do barco faz parte do efêmero, da estética do dia da festa. Não apenas a igreja é decorada com bandeirolas, mas as embarcações, demonstrando que é um dia de festa, de comemoração. A decoração também ocorria nos barcos que participavam da procissão marítima nos séculos XIX e XX, conforme já visto. Algumas imagens antigas dos barcos decorados estão no capítulo seguinte.

4.3 Interrupção do tempo social, suspensão temporária das atividades diárias

A terceira categoria de Guarinello (2001), na qual a festa de Nossa Senhora dos Navegantes também se enquadra, é a interrupção no tempo social. O dia 02 de fevereiro é feriado municipal em diversos municípios do Rio Grande do Sul e do Brasil, havendo assim uma suspensão, uma interrupção temporária das atividades cotidianas.

A programação da festa no dia 02 de fevereiro começa pela manhã, com missas festivas às 7h e às 10h30. A Matriz São José, que pode ser vista na Figura 27, um dos templos mais antigos do estado, tem sua fachada decorada com bandeirolas coloridas, anunciando o dia de festa.

Logo na entrada da igreja, à direita, havia em 2013 um lugar apropriado para acender velas para agradecer à Nossa Senhora dos Navegantes por um pedido atendido, porém esse lugar foi extinto nos anos posteriores por motivos de segurança. Em um dos anos, no decorrer da pesquisa, as bandeirolas não foram colocadas, gerando uma insatisfação coletiva nos depoentes entrevistados, nos paroquianos e moradores. Se ouvia “Onde já se viu, a maior das festas, e não decorar a nossa igreja?”.



Figura 27: Matriz São José decorada, 2013.
Fonte: Da autora.

4.3.1 Às 7h, a primeira missa da festa

O ritual desta missa, as demonstrações pessoais de fé e devoção são semelhantes às missas da novena, mas como esta ocorre nas primeiras horas da manhã, é admirável a quantidade de fiéis presentes, dezenas deles vestindo a camiseta da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de anos anteriores, com entusiasmo (percebido pelo entoar de cânticos, pela entonação das respostas de orações). Impressiona também o sentimento religioso, o sacrifício de estar ali, figurado por diversas pessoas com idade avançada, com dificuldade de deslocamento ou outra necessidade especial específica. De acordo com Geertz (1989, p. 113), o sentimento religioso pode existir não apenas em espaço sagrado, em rituais, mas em atos cotidianos, nos atos de amar pessoas ou praticar boas ações que não sejam religiosas.

É possível identificar no “sentimento religioso”, uma sensação, um estado de vida, capaz de aguçar a sensibilidade, a ética, a justiça, dentre outros sentimentos de paz espiritual. O autor afirma que há uma tendência de obrigação intrínseca que encoraja a devoção, mas exige ação, induz à aceitação intelectual, reforça o compromisso emocional.

O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mesmo mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência provoca nele a mais grave ansiedade (GEERTZ, 1989, p. 114).

É a busca do sentimento religioso, o fato de desejar ser espiritualmente “melhor”, em termos de caridade, ética e justiça que pode explicar a ligação entre o humano e o sagrado, representado pelos símbolos religiosos. O símbolo, a materialidade da devoção, que pode ser uma imagem, um templo, uma procissão, uma festa, ou até, neste caso, o ritual da missa, pode interferir diretamente nas relações, no imaginário, na perseverança dos indivíduos. O símbolo religioso, quando representativo ou significativo para um coletivo, de certa forma descrito como “homogêneo”, ou seja, de aparente importância para parte da população, como na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, pode contribuir para a existência de um fato social total, um fenômeno cultural e religioso, transmitido por gerações há mais de dois séculos. A devoção a determinado santo se relaciona com a experiência de vida pessoal e familiar de cada devoto. As celebrações, festas e rituais religiosos reforçam esta ligação e potencializam a fé. A vivência da mística da festa enquanto um sistema simbólico gera efetivamente uma grave ansiedade, como nos coloca o autor citado.

A Figura 28 mostra o primeiro momento da festa de Navegantes, no dia 2 de fevereiro, às 07h, quando ocorre a primeira missa, já com a igreja lotada de fiéis. A partir das 06 horas e 30 minutos a primeira lancha de acesso a São José do Norte já transita pelo canal Miguel da Cunha com fiéis que vêm de Rio Grande, e essa demanda continua durante o dia inteiro.



Figura 28: Fiéis na primeira missa, às 07h do dia 02 de fevereiro de 2015.
Fonte: Da Autora.

É possível perceber a presença de vários idosos na missa das 7h. Vários chegam à igreja neste horário com a ajuda de filhos, sobrinhos, vizinhos, mais jovens, que ajudam na locomoção. A tradição de ir nesta do dia de Nossa Senhora dos Navegantes é cumprida, mesmo que exija certo sacrifício. Essa importância foi assimilada em décadas de existência, e atualmente é transmitida. É uma missa com menos elementos no ofertório, menos objetos, menos pompa, em que se observa o singelo. São idosos e seus acompanhantes e o sacrifício é justamente esse: não faltar na primeira missa, pois então, já estão “livres” de participar das demais missas que ocorrem neste dia.

Finalizada a missa das 07h, alguns dos devotos que estavam participando da celebração continuam nas dependências da paróquia, ajudando nos últimos preparativos, no almoço, nas barraquinhas de alimentação e venda de *souvenirs*, e outras atividades. A igreja, a partir dessa hora, permanece aberta ao público e a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes fica posicionada perto da porta da frente da igreja, onde os fiéis começam a fazer preces e homenagens. Os idosos e acompanhantes que participaram da missa podem, com tempo e sem multidão, fazer sua prece, sua homenagem, seu agradecimento pessoal à imagem da Virgem Maria, padroeira dos trabalhadores do mar.

De acordo com Steil (2004, p. 15), a devoção às imagens é importante para a manutenção do catolicismo tradicional. As imagens são o invisível, o sagrado que se

torna acessível e palpável, gerando o que pode se chamar de afeição, intimidade, filiação, proteção, confiança, dentre outros sentimentos do devoto com relação a elas.

Nas Figura 29 vemos a imagem no andor, e os fiéis a tocando, fazendo suas orações, pedidos, agradecimentos e homenagens pessoais. Martins (2011, p. 95) afirma que o toque no objeto sagrado assegura um contrato, uma consumação do sagrado e a purificação do crente. O barco-andor que leva a Virgem Maria é ornado com bandeirinhas de diversas nações, flores artificiais coloridas, fitas, peixinhos de crochê. Há uma preocupação com a estética da imagem para a festa. As bandeiras de diversas nações podem representar que a proteção de Nossa Senhora dos Navegantes não tem fronteiras, limites. Ela é a mãe de todos, independentemente da nacionalidade.



Figura 29: Fiéis fazendo homenagens à imagem da Virgem Maria, 2015.
Fonte: Da autora.

Esse encontro particular com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, com mais tempo para a homenagem, podendo estar mais perto, sem interrupções, é possível neste horário da manhã, pois no decorrer do dia as atividades se intensificam

e ter a disponibilidade do contato mais próximo com a Virgem Maria já não é possível. Esse também pode ser um dos motivos pelos quais os anciãos aproveitam para participar da primeira missa: é o momento mais calmo do dia da festa.

Sobre a relação com as imagens, de acordo com Assmann (2008), Aby Warburg pode ter sido o primeiro a tratar sobre as imagens, objetos, como objetivações culturais, portadores de memórias. De acordo com o autor, objetos externos desempenham papéis na memória pessoal. Nossa memória existe, pois, é alimentada, provocada, em um processo de interação constante, não apenas com outras pessoas, mas também com objetos, considerados símbolos externos. A memória, neste sentido, é baseada no contato material entre uma mente que lembra e um objeto que faz lembrar.

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes pode ser um exemplo de objeto que, tanto no sentido devocional quanto no sentido social, de afeição, tem diversos significados para a comunidade de São José do Norte. A imagem remete a memórias vividas por antepassados, situações de milagres concedidos, do tempo de festa, dentre outras memórias.

Na Figura 30, o Sr. Miguel, que não foi entrevistado, mas colaborou para que a pesquisa ocorresse, contempla a imagem e, provavelmente, recorda de situações e pessoas fizeram parte de sua trajetória.



Figura 30: Fiel fazendo oração à Virgem Maria, 2015.
Fonte: Da autora.

4.3.2 Após a primeira missa, a cidade continua em preparação

Após a missa das 07h, na praça principal e no centro histórico, se identifica certo frenesi no intuito de deixar tudo preparado em tempo, pois os devotos não param de desembarcar na estação hidroviária e os produtos devem estar disponíveis para o público. Cada indivíduo com seu cargo, atribuição. Conforme nos fala Mauss (1924), o fato social total se caracteriza pela integração, nele, dos diversos setores da sociedade em determinado momento, e isso foi percebido sob diversos enfoques.

Na Figura 31, à esquerda, um senhor, vendedor de camisetas com a serigrafia de imagens de Nossa Senhora dos Navegantes, Yemanjá e outros santos, preparou cedo seu varal no muro da frente da matriz São José, e à direita da Figura 31, algumas banquinhas da igreja; ao fundo, o palco para atrações artísticas, agendadas para ocorrer no final do dia. As barracas de *souvenirs* da comunidade São José, à direita da imagem, são emprestadas pela Prefeitura Municipal, para vender objetos como: camisetas, bonés, bandeirolas, chaveiros, bijuterias, imagens de Nossa Senhora dos Navegantes e de diversos santos católicos, terços, coletes salva-vidas, devocionários, livros, calendário litúrgico e outros itens.



Figura 31: À esquerda, o vendedor e suas camisetas de Navegantes e Yemanjá, à direita, as bancas da igreja e ao fundo o palco de apresentações da festa, 2015.

Fonte: Da autora.

Conforme dito, as camisetas oferecidas pelo vendedor estampam imagens de Nossa Senhora de Navegantes e de Yemanjá, sincretismo ligado à umbanda que ocorre, de acordo com documentos analisados, desde o século XX nesta festa. Percebeu-se, na festa do ano seguinte, em 2016, que a organização foi mais rigorosa

com relação à venda de objetos na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Na Figura 32 pode-se ver, à esquerda, servidores da Prefeitura Municipal com crachás de identificação, preparando-se para a fiscalização com relação ao uso do espaço por vendedores de mercadorias e alimentos e, à direita, um servidor explicando a um índio Kaingang as normas para a venda de produtos na festa, onde ele poderia dispor seus produtos sem correr o risco de tê-los confiscados.



Figura 32: À esquerda, servidores da prefeitura preparando a fiscalização, à direita, um servidor orienta o indígena a respeito das normas para comercialização, 2016.

Fonte: Da autora.

Ainda pela manhã a ambulância se posiciona atrás do palco, e seus funcionários permanecem de plantão por todo o período da festa. Simultaneamente, há a ronda da Brigada Militar, defronte às escadarias da igreja, conforme a Figura 33:



Figura 33: À esquerda, ambulância atrás do palco, à direita, carro da brigada militar defronte à igreja, 2015.

Fonte: Da autora.

A Figura 34 mostra que essa preparação se estende às ruas adjacentes. No cais do porto, mais uma viatura e agentes da Brigada Militar, à esquerda, e, à direita três funcionários da Guarda Municipal de São José do Norte.



Figura 34: À esquerda, uma viatura e agentes da Brigada Militar no cais do porto, à direita, funcionários da Guarda Municipal, 2015.

Fonte: Da autora.

As imagens acima demonstram o aparato de segurança pública terrestre mobilizado neste dia para atuar durante a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Simultaneamente, nas ruas do centro histórico, ambulantes montam suas tendas, tirando os produtos das caixas e mochilas. São vendidos diversos produtos, conforme pode ser visto na Figura 35.



Figura 35: Ambulante organizando seu espaço de venda para a festa, 2015.

Fonte: Da autora.

A Figura 36 mostra uma ambulante em sua tenda, com produtos que remetem à discussão concernente à questão do catolicismo popular, com a devoção a vários

santos. Pode-se ver, em seus produtos, imagens de santos dentro de frágeis objetos de vidro, alguns com uma vela inserida na parte superior.



Figura 36: Ambulante organizando seu espaço de venda para a festa, 2016.
Fonte: Da autora.

Podem ser identificadas na Figura 36 as imagens de três devoções femininas: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Navegantes e o Orixá Yemanjá. Desta diversidade de imagens expostas para venda na festa pode-se aferir a questão do catolicismo popular conforme já dito, comum entre as comunidades da península, assim como a questão do sincretismo religioso de Navegantes com Yemanjá, pois houve uma mistura étnica, cultural, religiosa, e os traços desta mistura aparecem com maior veemência em tempos atuais. É válido salientar que a festa de Yemanjá é comemorada durante a noite de 1º a 02 de fevereiro, e verificou-se na fala local que grande parte dos devotos participam das duas festas, tanto na umbanda, na praia do Mar Grosso, quanto na católica, no centro de São José do Norte.

4.3.3 Missa Solene das 10h30

A interrupção do tempo social envolve talvez um dos elementos mais constantes da programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes: é a missa das 10h30. Conforme estudado em documentos e fontes primárias, essa missa acontece da mesma forma que ocorria anualmente no passado, de forma mais solene,

com preparação de oferendas e cantos, a presença do bispo diocesano, prefeito municipal, casais festeiros, hierarquias sociais e religiosas, com a igreja absolutamente lotada, conforme pode ser visto na Figura 37.



Figura 37: Igreja São José antes da missa solene da festa de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

A Figura 37 mostra os fiéis aguardando pelo começo da missa. Nesta missa é preciso chegar alguns minutos antes para garantir assento, quem chega na hora permanece em pé durante todo o rito. Observam-se vários idosos presentes e alguns bancos à frente, reservados para os casais festeiros através de fitas brancas. Os festeiros participam da procissão de entrada, com o bispo e o pároco. Se fazem presentes também profissionais das comunicações, mídias, rádio e televisão regionais, tal como antigamente. Pelo menos uma rádio AM faz a cobertura ao vivo durante toda a missa. De acordo com o depoente, frei Natalino, essa transmissão ao vivo é prestigiada com a audiência de Rio Grande e região. Na procissão de entrada, os casais festeiros do ano conduzem algumas oferendas a serem deixadas no altar durante a missa, como ocorreu nas missas da novena, mas com mais elementos que representam a cultura local, como se vê na Figura 38.



Figura 38: Momento da entrada das ofertas na missa solene da festa de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora, 2015.



Figura 39: Objetos no altar da missa solene da festa de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

Na Figura 38, dois casais aparecem na procissão de entrada da missa solene. O primeiro casal conduz ao altar uma réstea de cebolas, simbolizando a principal cultura da terra em São José do Norte. De acordo com a fala local, a cidade já foi a maior produtora de cebolas do país, o que justifica a réstea na procissão de entrada da missa, muitos ainda plantam e precisam desta colheita. As résteas de cebolas aparecem no contexto da festa de Nossa Senhora dos Navegantes deste 1875, conforme o relato de Fidêncio. O segundo casal em procissão leva uma cesta de

hortifrutigranjeiros, também produzidos na península. Estes e outros símbolos são conduzidos e dispostos na frente do altar, conforme se pode observar na Figura 49.

A Figura 39 apresenta vários objetos, símbolos da cultura local, passíveis de análise principalmente pelo contexto em que se encontram. Se pode ver à esquerda da imagem um peixe fresco, embalado em plástico, perto de um barco e uma rede de pescaria em miniatura. No degrau acima, próxima ao arranjo de flores naturais, uma carteira de trabalho ao lado de um terço mariano. À direita, acima, uma réstea de cebolas e no degrau abaixo um cesto de hortifrutigranjeiros, com tomates, cebolas, bananas, laranjas. Salienta-se que os objetos foram dispostos no altar da Matriz São José, por festeiros no começo da missa solene da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 2015.

Os objetos expostos são representações objetivas para que a Virgem Maria abençoe as atividades laborais da comunidade, e ao mesmo tempo uma forma de agradecimento pelos frutos do trabalho. De acordo com Hansen (2001, p. 738), a *“representação significa o uso de signos no lugar de outra coisa: no festejo são roupas, cores, cenas, personagens e alegorias postas no lugar, por exemplo, de princípios abstratos e posições da hierarquia [...]”*.

Importante enfatizar a relação existente na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, entre prosperidade da cultura pesqueira e agrária e a grandiosidade da festa. De acordo com a fala local, quando as safras agrárias das diversas culturas locais, agricultura e pescado são boas, a festa é maior, a igreja mais enfeitada, há mais barcos, mais pessoas participando e contribuindo financeiramente para que a festa aconteça. E o contrário, da mesma forma, se os negócios, se a economia vai mal, a situação é refletida na festa onde se verificam-se mais pedidos, a liturgia muda, principalmente para pedir a ajuda divina para a superação das dificuldades. Essa análise preliminar justifica, de certa forma, a disposição dos elementos no altar, pela esperança em um futuro melhor e ao mesmo tempo agradecimento pelo sustento que a terra e as águas lhes dão.

Ainda sobre os objetos ofertados no altar, é possível estabelecer reflexão baseada em Mauss (1924, p. 25), da teoria da dádiva. De acordo com o autor, os objetos têm alma, não são apenas matéria, mas contêm parte de quem os doa, o doador dá algo de si no objeto. Em contrapartida, na teoria da dádiva de Mauss (1924, p. 35), existe a obrigatoriedade tanto em receber quanto em retribuir. Portanto, é

possível pensar que, doando os frutos do seu trabalho, de seu suor, os devotos de Nossa Senhora dos Navegantes de certa forma esperam algo em troca, a retribuição divina, de uma boa safra, um emprego, de acordo com os objetos relacionados ao trabalho, pois a doação pessoal, de entrega da vida, também pode ser retribuída através da boa saúde, da cura de uma enfermidade, da gestação desejada e outros tantos processos (que podem ser chamadas de ofertas) e espera de retribuições para essas dádivas pessoais que podem ocorrer na festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Pode se utilizar a perspectiva da teoria da dádiva, para explicar o que foi dito anteriormente, sobre a relação entre a grandiosidade da festa e a prosperidade econômica das safras. A boa safra é um dom, uma bênção, uma dádiva recebida para o sustento das famílias e que deve ser retribuída. A retribuição pode vir em troca da participação humana ou financeira na festa. Uma outra abordagem, que será vista a seguir, na perspectiva da teoria da dádiva, é o pagamento de promessas em troca de milagres concedidos pela Virgem Maria.

É possível aferir, portanto, que a relação que se estabelece entre os objetos dispostos no altar (lugar da representação do sacrifício de Jesus) e a tradição luso-brasileira trazida, mantida e adaptada pelos açorianos é evidente, devido à marca do catolicismo e às atividades agrárias desenvolvidas. A participação de diversas representações sociais (comerciantes, agricultores, pescadores) fez com que não apenas a festa de Nossa Senhora dos Navegantes se mantivesse, mas também o catolicismo popular e a crença na proteção dos santos, além do modo de vida ligado à subsistência pelos frutos das águas e da terra. Celebra-se assim, na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, essas riquezas, esses dons, algo que, conforme visto nos capítulos anteriores, advém também de heranças culturais longínquas, desde os povos da antiguidade.

4.3.4 Almoço comemorativo no salão paroquial

A missa festiva estende-se até às 12h, quando acontece o almoço no salão paroquial da matriz São José. Em nenhum dos anos da pesquisa o cardápio do almoço continha pescados ou frutos do mar. O cardápio, em todos os anos de pesquisa não variou: é frango assado, arroz branco, salada de batatas, verduras (tomate, alface,

pepino, cebola) e frutas cortadas (melancia, pêsego). O valor do ingresso também não variou, quinze reais por pessoa, servindo-se à vontade. De sobremesa são vendidas fatias de pudim de leite. Não há bebidas alcoólicas disponíveis para a comercialização, apenas água e refrigerantes.

A Figura 40 mostra o salão paroquial no momento do almoço em 2015. Presentes no almoço, em todos os anos: o clero, padre, bispo diocesano, ministros e diáconos, festeiros, os leigos representantes das comunidades da paróquia, e outras pessoas da comunidade. Trabalhando, servindo as bebidas, retirando os pratos, fazendo a reposição do buffet, atuam, muitas vezes a família, mãe, vó, filhos.



Figura 40: Almoço no salão paroquial na festa de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

É possível perceber que falta espaço para todos, quem não comprar com antecedência, não consegue almoçar no salão paroquial. Em suma, quem participa do almoço festivo não são turistas ou visitantes, mas principalmente pessoas ligadas à igreja. Em um almoço da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, foi possível conhecer uma festeira que foi extremamente importante como colaboradora da pesquisa. Ela e o esposo eram festeiros daquele ano (2015), Ex-pescadora, vereadora e presidente da associação de pescadores de São José do Norte. Através dos contatos fornecidos por ela, foi possível visitar vilas de pescadores, participar de reuniões da associação de pescadores e entrevistar pescadores artesanais que ainda

atuam nesta profissão no interior da península. Dessa forma foi possível colher outras impressões da festa, do pescador pequeno, que precisa se deslocar se quiser participar da festa. Essa festeira chama-se Cinelande Borges. Ela veio a falecer no decorrer da pesquisa, no começo de 2017. Foi feita uma menção de agradecimento e uma homenagem no Apêndice deste trabalho.

Logo após o almoço, às 14h os fiéis que pretendem embarcar são convidados a dirigirem-se aos barcos para a procissão marítima, que tem início às 15h. Todos devem portar seus próprios coletes salva-vidas e o ingresso, no cais do porto, para o embarque das imagens de Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro, São José e o Sagrado Coração de Jesus. Nesta parte do trabalho foi possível verificar que, para a maior parte da comunidade de São José do Norte, efetivamente há a interrupção do tempo social e a suspensão temporária das atividades diárias.

4.4 Articulação em torno de um objeto focal, que constitui a motivação principal de festa

O quarto elemento mencionado por Guarilello (2001) refere-se a um objeto focal que é a motivação principal para a realização da festa. Pode-se afirmar que este elemento é Nossa Senhora dos Navegantes e o fator motivador seria a devoção em torno da sua imagem. Essa motivação foi percebida nos momentos que antecedem a festa, e durante a mesma, principalmente durante as procissões marítima e terrestre. Mesmo aqueles que não são devotos, não estão ali tendo a fé como principal objetivo, estão articulados por causa da festa, seja no comércio, na camaradagem, em serviço público. Portanto, apesar de o objeto focal que impulsiona a festa ser à devoção à Nossa Senhora dos Navegantes, outras motivações, como a festa em si, estimulam a participação de muitos não devotos, que integram igualmente o conjunto dos festejos.

4.4.1 Indo para as águas: preparação da procissão marítima

Aguardando a preparação para a saída das imagens dos santos da Matriz São José, em direção ao cais do porto para a procissão marítima, observa-se que a característica da praça, a ocupação dos espaços pelos devotos, foi a mesma ao longo das festividades em que participei, nos quatro anos que envolveram a pesquisa de

campo: a movimentação faz pensar na figura de um caos, reportada no relato de alguns párocos no Primeiro, Segundo e Terceiro Livros Tombo analisados anteriormente.

A sensação térmica de calor é alucinante. Os bancos da praça, as calçadas das ruas próximas à praça, os bares, botecos, *trailers*, interior da igreja, qualquer sombra possível serve de abrigo. Na praça principal, defronte à Matriz São José, crianças correndo, brincando, bebês de colo, jovens, adultos e vários idosos. As pessoas nos bancos da praça, em cadeiras de praia ou sentadas no meio fio, conversavam alegremente, riam, bebiam cerveja, partilhavam o chimarrão. Sorvetes e picolés circulavam pelas mãos assim como os carrinhos de vendedores desses produtos pelas ruas. Som era de pagode tocando ao fundo, em um *trailer*. A percepção é que o povo estava “curtindo” aquele momento, se divertindo com amigos e familiares.

O interior da igreja, no dia da festa, parece em alguns momentos a extensão da praça, pois os devotos se abrigam na edificação e comem, bebem, conversam, deixando de haver, temporariamente, a separação entre o espaço sagrado e o espaço profano (Eliade, 1992). No ano de 2013, um assunto vigorava em algumas rodas de conversa: o vendaval com temporal que ocorreu na noite anterior, que se continuasse, ou se intensificasse, inviabilizaria a festa, mas que Nossa Senhora dos Navegantes fez com que acalmasse e que fizesse bom tempo, para que a festa em sua honra não deixasse de ocorrer.

Conforme a Figura 41, ao redor da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, desde o turno da manhã, fiéis fazem homenagens, tocando-a, rezando, fazendo suas preces pessoais, neste momento de forma mais ágil, pois formam-se pequenas filas para tocar na imagem. Alguns fiéis tocavam na embarcação que leva a imagem da Virgem Maria, fazendo preces e orações, demonstrando fé e respeito à padroeira dos trabalhadores do mar, outros apenas contemplavam-na, aguardando a sua vez, para ter o seu momento particular com a imagem da Virgem Maria. Nesses momentos da pesquisa reiteram-se as motivações do trabalho de campo, na expressão da devoção popular, através dos significados de Nossa Senhora dos Navegantes e da festa em sua honra para esta comunidade, possíveis razões de sua longevidade e vitalidade. O Jornal Agora de 03 de fevereiro de 2003 afirma que,

naquele ano, os devotos chegaram a formar filas para chegar perto da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes.



Figura 41: Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes na nave lateral, antes da procissão marítima, 2013.

Fonte: Da autora.

Antes da procissão marítima do ano de 2015, alguns oficiais da Marinha do Brasil, devidamente uniformizados (Figura 42), chegaram à igreja São José para prestarem também suas homenagens e acompanharem o cortejo que conduz as imagens aos barcos que aguardavam atracados no porto. Em pesquisas de campo no local de outras festas e procissões religiosas (festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Pelotas, Romaria de Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria, Corpus Christi em Flores da Cunha, Romaria de Guadalupe em Pelotas, dentre outras), não foi verificada a presença de oficiais, em serviço, durante a comemoração religiosa, para rezarem, fazerem homenagens e participarem como devotos.

Neste caso, os três oficiais da Marinha do Brasil estavam trabalhando, iriam fazer a segurança dos barcos que participariam da procissão, e se dirigiram a Matriz São José para fazer a sua oração, seu agradecimento à Nossa Senhora dos Navegantes, pois é Ela que os protege nas águas, nas situações de perigo, que faz parte de seu ofício cotidiano. Esta ação dos oficiais foi peculiar na festa de Navegantes, e contribuiu para a compreensão da amplitude da devoção mariana na região.



Figura 42: Oficiais da Marinha do Brasil na festa de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

Juntamente com o clero, com a Banda Municipal Democrata e com a massa popular, às 15h a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é conduzida para fora da matriz São José em direção ao cais do porto, conforme a Figura 43, juntamente com as imagens de São José (padroeiro da cidade), de São Pedro (o “apóstolo pescador”) e do Sagrado Coração de Jesus, conforme a disposição já mencionada no Capítulo 01, onde ocorrerá o embarque para a procissão marítima.



Figura 43: Saída da imagem de Navegantes da Matriz São José, 2015.
Fonte: Da autora.



Figura 44: Banda Municipal Democrata em cortejo com as imagens até os barcos, 2015.
Fonte: Da autora.

Às 15 horas, soam os sinos da Matriz São José, anunciando a saída da procissão em direção ao cais do porto. A depoente Simone, vizinha da paróquia, afirma que este é um dos momentos mais esperados da festa, a saída da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes da igreja:

As pessoas vêm por uma questão cultural, pela fé, pela crença, fazer homenagens, pagar promessas, as pessoas são muito fieis e vêm com esse intuito, de passar o dia. O foco principal é a saída da Santa para o mar e a chegada da Santa do mar. Quem tem disponibilidade embarca junto com ela e vai para o mar, e também caminha na procissão, da missa festiva, do almoço na igreja [...]. Tu vêes que tudo gira em torno daqui, antes, quando a festa era menor, as bancas de camelôs e comidas ficavam todas aqui, e foi aumentando de um jeito que agora não dá mais, não tem mais espaço para todos, as pessoas e o comércio (Sra. Simone, vizinha da paróquia, entrevistada em 02 de fevereiro de 2016).

Juntamente à Virgem Maria, em procissão, são levadas as imagens de São Pedro, o apóstolo pescador, São José e a imagem do Sagrado Coração de Jesus. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, em procissão, encontra-se no barco-andor confeccionado no final do século XIX, conforme visto no capítulo anterior, conforme a Figura 45.



Figura 45: Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes sendo conduzida para a embarcação, 2013.
Fonte: Da autora.

Pode-se verificar, na fotografia da festa de 2013, o barco onde está a imagem da Virgem Maria enfeitado com bandeirinhas de diversas nações, flores artificiais brancas e azuis, fitas. Abaixo do barco, um tecido azul simula as águas navegadas pela padroeira dos trabalhadores do mar, com pequenos peixinhos artesanais anexados, feitos em crochê. Observam-se vários homens ao redor do andor, talvez para haver um revezamento na condução da imagem até o cais do porto.

Esta foi uma peculiaridade da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, a quantidade de homens presentes, envolvidos, participando. Uma característica que contraria os antigos costumes, citados por Amaral (2003), sobre o comportamento masculino⁴⁵ em ritos e festas católicas. De acordo com a autora, antigamente, os homens eram os acompanhantes, cabendo à mulher o papel de participar de sacramentos, festas e atividades na igreja. No caso da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, além de ter surgido por iniciativa de homens, ainda conta

⁴⁵ Os homens iam somente na condição de “acompanhantes” e, como tais, dividiam os espaços das igrejas, fumando e colocando seus assuntos em dia, enquanto os sacerdotes tentavam conduzir as cerimônias religiosas (AMARAL, 2003, p. 156).

com a atuação ativa deles, como festeiros, organizadores, músicos, dentre outras atividades, talvez por serem os que recebem diretamente as graças da Virgem Maria, protetora dos trabalhadores do mar, os pescadores, que arriscam sua vida nas águas para prover o sustento da família.

Dando continuidade, no pequeno trajeto da igreja até o cais do porto, seguem juntamente com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes as imagens de São Pedro, decorada com peixes de papel anexados a uma rede, que simula uma rede de pesca, sobre um tecido da cor verde, São José, decorado com lírios brancos sobre tecido da cor amarela e a imagem do Sagrado Coração de Jesus (que nesse momento da procissão não foi fotografado, mas depois sim), também decorados (Figura 46).



Figura 46: Imagens de São Pedro e São José, respectivamente, sendo conduzidos com a Imagem de Navegantes para as embarcações, 2013.

Fonte: Da autora.

A Banda Musical Democrata, com seus integrantes trajados uniformemente, entoava canções marianas, acompanhando o cortejo. A banda é municipal, seus integrantes são, na maioria, servidores públicos. As imagens, a banda e a multidão de devotos seguem para as águas e no trajeto passam ao lado dos bares onde o povo bebia cerveja e fazia samba. Alguns levantaram para assistir a procissão passar, a maioria não. Alguns se “benzeram”, com o sinal da cruz, mas não seguiram a

procissão. Alguns devotos e devotas, em procissão, levantaram a voz, aparentemente para tentar abafar o samba. Sagrado e profano se encontram, lado a lado, com certa permeabilidade, mas ainda caracterizando oposição.

De acordo com Assmann (2006), na memória comunicativa, ou geracional, o ente mais velho relembra o que lhe foi ensinado por seu avô e transmite esses ensinamentos, enriquecidos pela sua experiência, para seu neto. A teoria da memória geracional nos ajuda a compreender como as tradições são, de certa forma, selecionadas pelas pessoas, como elas são hierarquizadas, consideradas importantes e que, portanto, merecem ser transmitidas para os seus. Durante a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte foram identificados diversos exemplos de como as presentes gerações estão transmitindo a tradição da festa para as futuras gerações, para as crianças. Um desses exemplos é o pescador decorando o barco com o filho, ou a vó fazendo quitutes para celebrar a festa em família.

A Figura 47 mostra uma criança vestida de anjo, participando da festa de Nossa Senhora dos Navegantes com sua mãe (pode-se vê-la no lado direito da foto, pois não quis aparecer na fotografia), demonstrando uma forma de transmissão da memória comunicativa, ou geracional (Assmann, 2006), transmitida, neste caso, da mãe para o filho.



Figura 47: Menino vestido de anjo, acompanhando o cortejo até os barcos para a procissão marítima de Navegantes, 2015.

Fonte: Da autora.

O menino na Figura 47 possivelmente vai lembrar, quando adulto, dos momentos de sua mãe o levando pela mão para participar da festa de Navegantes e o que isso significou para ela, para a família. No futuro a festa de Navegantes, para ele, pode remeter a essas memórias, que podem passar a ser uma referência, algo concreto que remeta a sua infância, sua criação, o convívio familiar vicinal, dentre outros. Assim a festa está no corpo social de São José do Norte, reatualizada anualmente, com intensidade e carregada de memórias e significados. Essa relação entre mãe e filho na festa pode ser um exemplo de memória comunicativa. De acordo com Assmann (2008), a memória comunicativa vive na interação e na comunicação cotidiana, transitando entre membros próximos, familiares, amigos. Pode-se afirmar que este pode ser um momento de pagar uma promessa, onde a vida da criança representa a oferta, é um inocente que está sendo ofertado, entregue à Virgem Maria, para agradecer por uma graça alcançada, e para demonstrar fidelidade à Virgem Maria. Este contexto de “mostrar” a penitência, a oferta, também pode ser elemento simbólico de continuidade da festa, pois serve de exemplo a outros possíveis devotos que, quando precisarem, podem recorrer à ajuda de Nossa Senhora dos Navegantes.

O embarque das imagens ocorre ordenadamente, pois, como dito, cada um tem o seu colete salva-vidas e seu “ingresso” que determina em que barco deve embarcar. Cada embarcação da procissão é supervisionada por uma equipe de oficiais da Marinha do Brasil, durante toda a viagem. A Figura 48 mostra o momento do embarque da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, juntamente com a Banda Democrata e dezenas de fiéis.

Cada imagem ocupa uma embarcação diferente. No barco da Virgem Maria, vão os integrantes da Banda Democrata, a maior parte dos fiéis, representantes da igreja, dentre centenas de fiéis que se dividem nas embarcações oficiais, mediante o uso de coletes salva-vidas e apresentação das devidas senhas de identificação fornecidas semanas antes pela secretaria paroquial.



Figura 48: Momento do embarque da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

No primeiro ano de participação na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013, apesar de querer embarcar na procissão marítima, sabia que seria difícil, pois era a primeira vez na cidade, não tinha estabelecido contatos previamente, e o ingresso para o embarque deveria ter sido retirado com antecedência. Já estava conformada em assistir do cais do porto a partida da procissão marítima e em aguardar o seu retorno. Foi quando uma senhora, vendo a câmera fotográfica e percebendo a vontade de embarcar, me abordou e ofereceu o seu ingresso, para participar da procissão marítima na embarcação onde estava a imagem de São José. Surpresa com essa atitude, agradei e perguntei por que ela estava me oferecendo o seu ingresso, se ela não gostaria de ir. Ela respondeu:

“– Eu até gostaria, mas não estou arrumada de acordo para ir...”.

Pensei: como arrumada? Eu estava calçando chinelos de borracha, *short* e camiseta, não estava, com certeza, com a indumentária mais adequada do que aquela senhora nortense, que trajava um vestido estampado e sandálias de couro (me preocupei em averiguar os trajes dela, para saber se tinha fundamento sua preocupação).

O respeito, a solenidade, a importância social com a qual os nortenses contemplavam a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, expresso por aquela senhora que queria embarcar mas não se achava “digna” devido aos trajes, por não ter se arrumado se assemelha a alguns trechos descritos nos Livros Tombo, na

pesquisa histórica e documental da festa. Há décadas os trajes escolhidos para participar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes são os melhores que a família pode oferecer, e caso os trajes não condigam com a solenidade da festa, é melhor que o devoto, adulto ou criança, fique em casa.

Desta forma, em 2013 subi a bordo da embarcação referente à “passagem” cedida pela senhora, que era aquela que conduzia a imagem de São Pedro, o apóstolo pescador, na procissão marítima (Figura 49). A embarcação tinha capacidade para centenas de pessoas.



Figura 49: Imagem de São Pedro durante a procissão marítima, 2013.
Fonte: Da autora.

4.4.2 A procissão marítima

Conforme visto, as festas podem ser consideradas como dispositivos de memória, um tipo de documento aberto, em constante atualização, que busca vencer o esquecimento, legando à posteridade culturas, tradições locais de forma consciente, premeditada, alimentando e orientando o processo de construção da memória social. Guarinello (2001, p. 972) afirma que dentre os produtos sociais gerados por uma festa, o mais crucial e geral é:

[...] a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é

comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e espaço sociais (GUARINELLO, 2001, p. 972).

O autor consegue, nesta citação, sintetizar de que forma a festa participa deste enlace entre memória e identidade. Na procissão marítima é possível perceber através de diversos aspectos como a memória da festa de Nossa Senhora dos Navegantes está relacionada à identidade social do pescador, do trabalhador do mar. Supostamente, foram os pescadores que deram início às festividades em honra a Nossa Senhora dos Navegantes em 1811, e nesse momento, da procissão marítima da festa, eles se tornam os protagonistas, junto à Virgem Maria.

A festa, uma invenção, uma construção do passado, reproduzida no presente, pode ser um elemento afirmador de identidades através desta tradição que é transmitida, mobilizada por sujeitos sociais através de uma cadeia geracional. Além de afirmar identidades e estar inserida no conjunto de práticas sociais, a tradição possui sentido situacional, pois não pode ser descolada do momento no qual é reativada e reinventada. Hobsbawm (2008) define tradição como comportamento de uma sociedade que segue regras internalizadas e aceitas pelo senso comum. Estas regras podem ser de natureza ritual ou simbólica e pretendem estabelecer normas de comportamento e outros valores morais. Elas criam uma relação direta com o passado objetivando validar a “tradição” em questão, dar continuidade à história de uma época.

O pescador vive, em seu ofício, alta periculosidade, conforme visto nos capítulos anteriores, sendo este um dos motivos da invocação mariana em honra à padroeira dos trabalhadores do mar. De acordo com Dias (2002), os povos que vivem perto do mar possuem essa característica, de serem mais ligados ao místico, ao religioso, de reconhecerem as graças, as dádivas, principalmente por meio da natureza.

O Jornal Agora, em 04 de fevereiro de 2003, menciona que foram registradas mais de quatrocentas embarcações participando da procissão marítima, mais quatro rebocadores. Torres (1999) enfatiza que o culto a Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte relaciona-se diretamente à relação que o nortense vive com as águas da Lagoa dos Patos e Oceano Atlântico, sendo assim uma das principais

expressões do cotidiano da população. A devoção popular é expressa pelos que participavam da festa tanto nos barcos quanto na multidão que não pôde embarcar, tendo ficado no cais do porto, aguardando os barcos voltarem para a procissão terrestre, conforme visto na Figura 50.



Figura 50: Multidão assistindo a saída da procissão marítima no cais do porto, 2013.
Fonte: Da autora.

No ano de 2013, mesmo com o dia nublado, havia dezenas, talvez centenas de embarcações participando do cortejo da procissão marítima, levando devotos de Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 51). Nos anos que compreenderam a pesquisa percebeu-se que, neste momento da festa, quando o cortejo de embarcações figura como atração principal de festa, a figura do pescador ganha destaque e eles de certa forma “ostentam” este papel (Martins, 2011, p. 71). Essa ostentação mencionada pelo autor também é observada em outras festas religiosas, ao auxiliar em ritos, ao participar das celebrações. Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes é na procissão marítima que se pôde observar esse elemento específico: nos barcos percebe-se na postura, na decoração, houve uma preparação e há o orgulho do desfile, do mostrar-se pescador e, logo, devoto da Virgem Maria.



Figura 51: Embarcações na procissão marítima da Festa de Navegantes, 2013.
Fonte: Da autora.

Na embarcação de São Pedro, durante a procissão marítima do ano de 2013, uma equipe da paróquia São José foi responsável pela condução das rezas, cantoria e homenagens. As palavras eram em honra à Virgem Maria, em agradecimento, ou fazendo pedidos à Santa, conforme se pode ver na Figura 52, as senhoras vestidas na cor verde, com adesivos que as identificavam colados no peito.



Figura 52: Equipe de oração e animação a bordo do barco de São Pedro, 2013.
Fonte: Da autora.

A maioria dos responsáveis pelas embarcações que participaram da procissão marítima se preocuparam com a ornamentação das mesmas. Bandeirinhas coloridas, balões, a bandeira nacional, bandeiras de times de futebol, davam cor ao dia cinza da minha primeira festa de Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 53). Destaca-se os diversos tipos de passageiros embarcados nos barcos menores, famílias, mulheres, crianças, idosos, jovens, com caixas térmicas, tomando cerveja, comendo lanches, tocando as “suas” músicas, que competiam com as músicas entoadas pelos fiéis nos barcos que conduziam os santos. Assim, foi possível perceber de outra forma que a festa possui vários significados, conforme a posição e o papel que desempenha o indivíduo que está sendo observado.



Figura 53: Algumas embarcações decoradas na procissão marítima da Festa de Navegantes, 2013.
Fonte: Da autora.

Minha presença talvez causou estranhamento por parte de alguns devotos, talvez por ser uma desconhecida, ou pela câmera fotográfica, ou pela ansiedade em registrar quantos mais momentos fosse possível naquele espaço-tempo. Neste sentido, alguns pareciam estar se sentindo invadidos em sua intimidade, sua mística, sua fé, a festa seria um momento de respeito. Outros devotos pareceram sentir orgulho, talvez por ter sua manifestação de fé registrada, por alguém ter interesse naquele momento relacionado à sua fé, à sua prática social.

Nos dois anos que foi possível embarcar na procissão marítima, 2013 e 2015 foi possível identificar a diversidade de representações institucionais presentes na procissão marítima, conforme pode-se ver na Figura 54, para fazer a segurança da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, os bombeiros, a Polícia Federal, lanchas da Marinha do Brasil e outros acompanham a procissão marítima, fazendo com que os barcos menores não se aproximem dos maiores, que as crianças estejam vestindo o colete salva-vidas, que não haja mergulhos, que se respeite a capacidade das embarcações, que não podem circular lotadas, que se mantenha velocidade moderada e distância entre embarcações, se evite ultrapassagens ou manobras que possam colocar em risco os embarcados ou os demais participantes da procissão, dentre outras regras. O descumprimento das normas previstas pela Lei de Segurança no Tráfego Aquaviário⁴⁶ pode ocasionar a detenção da embarcação e/ou do condutor.



Figura 54: Monitoramento de segurança da Força Militar Nacional na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.
Fonte: Da autora.

De acordo com Martins (2011, p. 87), levar miniaturas em romarias e procissões é uma prática recorrente em festas religiosas no Brasil. Réplicas de casas, carros e outros objetos são ofertados, seja para pedir, para solicitar proteção ou

⁴⁶ Lei número 9.537 de 11 de dezembro de 1997.

agradecer. O autor afirma que essas oferendas são feitas, na maior parte das vezes por mulheres, pois é delas o lar, é ela que recebe a graça da gestação, dentre outros motivos. Em 2013, um dos devotos de Nossa Senhora dos Navegantes que estava participando da procissão marítima, sozinho em seu barco, chamado “Senabio”, oriundo da Z-1 ⁴⁷ conduzia uma miniatura de um barco, ornamentado com bandeirinhas brancas e azuis, tendo a bordo uma pequena imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. Ao me ver registrando os momentos da festa, a bordo do barco de São Pedro, o pescador gritou, de seu barco:

“- Ei moça, tira foto da minha Nossa Senhora também!”

A Figura 55 mostra o pescador em seu barco, navegando na procissão marítima com sua santinha, a qual ele pediu que fosse registrada.



Figura 55: Pescador no barco Senabio na procissão marítima da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.
Fonte: Da autora.

A atitude do pescador pode ser interpretada de diversas maneiras. Primeiramente, pode-se caracterizar como uma demonstração da devoção à Virgem Maria, pois o pescador nortense quis não apenas ser identificado pela sua atividade laboral, mas como um pescador local na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, explicitamente devoto da Virgem Maria. Ele preocupou-se com que se

⁴⁷ De acordo com o Documento 29/2013 da Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul, a Zona de Pesca (Z-1) refere-se aos pescadores do município de Rio Grande, Z-2 de São José do Norte e Z-3 de Pelotas.

fizesse fotografar não apenas ele, mas todo o contexto com no qual ele estava inserido, que fazia sentido para ele, que o identificava. Pode ser percebida a noção de pertencimento àquele momento, de “exibir” sua fé, sua devoção, sua identidade não apenas espiritual, mas como um pescador devoto.

Outro aspecto interessante a ser observado é relativo à veemência do catolicismo popular, a veneração a imagens de santos, representado pela imagem da Virgem Maria em destaque no barco Senabio. Ao levar a imagem da Santa para a procissão marítima o pescador demonstrou a afeição, a devoção pela imagem, o significado que tem para ele o fato da imagem estar na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Ele a levou para que essa imagem recebesse as bênçãos, e esse objeto abençoado, levado para casa, para os seus, seria uma proteção, uma força, um amuleto. Essas são características do catolicismo devocional, trazida pelos portugueses, bem como de outras religiões: a afeição, a crença no poder dos objetos sacros, a devoção a diferentes santos, conforme a necessidade.

Pode-se refletir também sobre as razões que levaram o pescador a pedir para ser fotografado, sobre sua vontade de fazer parte deste conjunto de imagens da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes que estava sendo coletado. Partiu dele querer fazer parte deste registro, da história da festa.

A esta altura, de total desconhecida, já tinha me relacionado com dois devotos: a senhora que deu a sua “passagem” para o barco de São Pedro e o pescador que pediu para que o fotografasse com sua imagem da Virgem Maria. Ambos, sem saber, estavam dando sentido, moldando as categorias de pensamento possíveis sobre a festa, revelando o carisma hospitaleiro do povo nortense, a identidade com relação à devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, a solenidade e importância atribuída a religiosidade, ao ritual da procissão, percebida na fala sobre a “roupa inapropriada” para embarcar e na vontade de que se registrasse a “sua” imagem de Maria. Momentos e reflexões que estavam dando densidade ao que, no ano seguinte seria o projeto de tese de ingresso no doutorado.

Acompanhando a procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, há centenas de barcos menores, chamados também de botes, enfeitados, com famílias inteiras, que estão ali, cada um à sua maneira, prestigiando a devoção de Nossa Senhora dos Navegantes, sua padroeira. A procissão marítima percorre as águas da Lagoa dos Patos, até a Ilha da Marinha (conforme mapa já disposto na Figura 01),

fazendo o contorno desta e passando por todo o cais do porto antigo de Rio Grande. A Figura 56 mostra algumas embarcações na procissão marítima do ano de 2015, quando foi possível participar da procissão marítima no barco onde estava a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes.



Figura 56: Barcos na procissão marítima de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

Em 2015 o barco onde está a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes permanece, durante todo o tempo da procissão, cercado por embarcações menores, enfeitadas com bandeirinhas azuis e brancas e/ou balões, repleta de devotos. Nesses pequenos barcos ocorrem as mais diversas demonstrações de fé e interação social. Alguns são devotos, que cantam as músicas entoadas pela banda, participam das orações, tendo atenção ao lado espiritual do momento. Em outros barcos a percepção é outra, as pessoas fazem a “sua” festa dentro da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, com churrasco, cerveja, música alta, soando buzinas, gritos, demonstrando o momento integrador da festa, como um espaço democrático de encontro, acima de tudo, de celebrar a vida. De acordo com Jurkevics (2005, p. 85), é justamente esse trânsito de atividades sagradas e profanas nas manifestações religiosas que caracteriza a religiosidade popular, a celebração através de práticas

não convencionais na igreja e que proporcionam o encontro dos homens com o mundo espiritual.

Durante grande parte do percurso da procissão marítima a banda Democrata entoa músicas em honra a Nossa Senhora dos Navegantes, conforme a Figura 57:



Figura 57: Banda Democrata na procissão marítima de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

Quando a procissão passa ao lado de Rio Grande, em praticamente toda a extensão portuária daquela cidade, ocorre um dos mais emocionantes momentos da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, quando centenas, talvez milhares de pessoas amontoam-se para prestar homenagens, jogando flores, cartas, moedas e outras oferendas.

Jogar oferendas nas águas do canal foi uma prática observada durante todos os anos da pesquisa. A edição de 04 de fevereiro de 1990 do Jornal Agora menciona que a gratidão doa devotos é demonstrada por essa prática. De acordo com a reportagem, naquele ano foram oferecidos, jogados no canal Miguel da Cunha durante a passagem da imagem da Santa flores e até casacos. As Figuras 58, 59 e 60 mostram parte deste fenômeno.



Figura 58: Multidão assistindo à procissão marítima, em Rio Grande, 2015.
Fonte: Da autora.

Acima, os devotos e curiosos se amontoam no Clube de Regatas de Rio Grande. Algumas crianças e jovens aparecem dentro da lagoa, aproveitando a festa para se banhar. Há aplausos, gritaria de “Viva Nossa Senhora: Viva!”, foguetes, partindo tanto dos botes da procissão quanto de Rio Grande. Algumas pessoas que estavam embarcadas, participando da procissão marítima, se jogam na água. Esse banho nas águas, durante a procissão marítima, de acordo com alguns pescadores, tem propriedades milagrosas, é como “se benzer”, um momento para fazer os pedidos para Nossa Senhora dos Navegantes.

Eu sou devoto de Nossa Senhora dos Navegantes. A gente toma banho, faz promessa, lá na procissão quando passa por Rio Grande, é bom né, para o cara se abençoar né, o cara toma o banho, todo o pescador diz que é bom. A gente pede pelo barco, para manter, pelos peixes (Pescador Rubinho, entrevistado em 02 de fevereiro de 2016).

Abaixo, na Figura 59 pode se acompanhar a multidão em Rio Grande, à esquerda no prédio da Alfândega e à direita no entorno do Mercado público municipal.



Figura 59: Multidão assistindo à procissão marítima, próximo ao prédio da Alfandega, em Rio Grande, 2015.

Fonte: Da autora.



Figura 60: Multidão assistindo à procissão marítima, próximo ao prédio do Mercado Público Municipal, em Rio Grande, 2015.

Fonte: Da autora.

O pescador relata seu sentimento quando a procissão passa pelo cais do Porto de Rio Grande, durante a procissão marítima: “Aquilo quando passa a procissão por Rio Grande, aquilo dá uma emoção no cara, todo mundo te olhando, batendo palma, soltando foguete. O pescador de São José do Norte é sempre esquecido, mas no dia da festa não” (Pescador Rubinho, entrevistado em 02 de fevereiro de 2016).

A procissão marítima leva, em média, três horas de duração. Praticamente o tempo todo, os fiéis, dentre eles idosos e crianças, ficam em pé, sob o sol e calor intenso cantando, rezando. Uma impressão pessoal é o fator penitencial desta condição. A Figura 61 é uma fotografia do desembarque da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, após a procissão marítima.



Figura 61: Desembarque da imagem de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

No desembarque, milhares de pessoas aguardam o regresso dos santos. Há uma aglomeração de fiéis, maior do que qualquer outro momento da festa, para dar início à procissão terrestre pelo centro histórico de São José do Norte. Além de fazer das imagens dos santos, presas em andores, deve ser feito o desembarque das centenas, possivelmente milhares de fiéis dos barcos que acompanharam a procissão. A grande parte dos pequenos botes seguem para suas casas, seja na cidade ou na vila, pois sua participação, sua “obrigação” em homenagear a Virgem Maria na sua festa foi feita.

4.4.3 A procissão terrestre

Após o desembarque, ocorre a procissão terrestre pelas ruas do centro histórico da cidade com as quatro imagens. Depois de mais de três horas em pé, navegando na procissão marítima, as caminhadas pelo centro histórico da cidade, durante os anos de desenvolvimento da pesquisa de campo, foram momentos difíceis, pelo esgotamento físico. Com o calor já mencionado anteriormente, a continuidade às homenagens da Nossa Senhora dos Navegantes pode ser considerada um ato de fé extrema, fundamentalmente para os devotos idosos, com dificuldade de movimentação ou crianças. A Figura 62 mostra a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em 2015, sendo conduzida para a procissão terrestre pelos devotos.



Figura 62: Andor de Nossa Senhora dos Navegantes no início da procissão terrestre, 2013.
Fonte: Da autora.

A caminhada da procissão terrestre toma ritmo com músicas entoadas pela banda Democrata, dezenas do terço, oração Salve Rainha, Ave Maria e cantos católicos principalmente em honra à Virgem Maria. Diversos devotos demonstravam exaustão durante a caminhada. Em alguns momentos havia silêncio, ouvia-se apenas os murmuros e passos. Uns se apoiavam nos outros, de braços, ou se abraçavam. Alguns seguiam de pés descalços, como uma forma de pagar promessas, uma penitência. De acordo com Jurkevics (2005, p. 86) a caminhada em procissão simboliza o caminho percorrido pelos devotos em direção ao sagrado.

Assim, o cortejo é um meio, um instrumento que significa muito mais que o simples fato de um grupo de pessoas marcharem juntas, uma vez que naquele momento estão irmanados. Portanto, a representação é a caminhada espiritual. [...] Os devotos unem-se, afastando-se das trevas e dos pecados (JURKEVICS, 2005, p. 86).

O trajeto não é contínuo, durante a caminhada, há paradas para bênçãos a lugares públicos como a Estação Hidroviária, de onde saem e por onde chegam as lanchas com destino/origem a cidade do Rio Grande, o Clube Social Sócrates, o hospital, posto de saúde e, no ano de 2016, houve uma parada para uma bênção espacial, em frente à casa de uma paroquiana que se encontrava enferma. Nessas paradas, o pároco local, com o microfone ligado em um carro com auto-falantes, fala sobre a importância desses lugares para a sociedade, para as atividades cotidianas e

ele, junto aos fiéis, através da imposição das mãos, os abençoa, em nome de Nossa Senhora dos Navegantes. Durante todo o percurso da procissão terrestre o carro de som transmite as palavras do pároco, orações, dezenas do terço, canções marianas e palavras de motivação como: “*Viva Nossa Senhora dos Navegantes!*”. E o povo responde: “-*Viva!*”. Durante todo o trajeto da caminhada observou-se demonstrações de fé e devoção, diversos pagadores de promessas, crianças e bebês vestidos de anjos, pessoas descalças, e outros.

Tinhorão (2000, p. 72) afirma que a origem das procissões católicas vem da procissão do Corpo de Deus, chamada de *Corpus Christi*, que em Portugal era precedida, na véspera, por solenidades com presença de ilustres cidadãos, espetáculos que agradavam a população. Fatores que tornaram a tradicional procissão de Corpus Christi, em Portugal, um ato religioso-profano nacional e oficial e um paradigma para outras procissões.

Geertz (1989, p. 128) afirma que as atividades simbólicas da religião como sistema cultural, como as procissões, objetivam reproduzir, intensificar e tornar invioláveis as manifestações religiosas. De acordo com Cirlot, citado por Marques e Santos (2004, p. 08), a palavra procissão se refere à ideia de uma marcha, representada no cortejo litúrgico, e toma o significado de uma peregrinação terrena, mas também de um permanente avanço em direção ao divino.

[...] a procissão funciona como um fenômeno simbólico coletivo, de alcance ilimitado, capaz de aglutinar em torno de si pessoas, grupos ou categorias sociais distintas, a partir de um sentimento construído pela e para a comunidade. É por isso um evento social religioso previsto, informal e de reforço que escapa do universo cotidiano por fundir num mesmo espaço/tempo a espontaneidade, a descentralização, a despersonalização e a continuidade. É, portanto, um reflexo da religiosidade popular, fundamentado pela tradição eclesiástica, às vezes resultante diretamente da Igreja, às vezes das Irmandades ou Confrarias que, por muito tempo, foram responsáveis por estes eventos (MARQUES e SANTOS, 2004, p. 08).

Na procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, já com acentuado esgotamento físico, aparentemente os caminhantes encontram forças para continuar na caminhada uns nos outros, de mãos, de braços, se solidarizando. Pode-se aferir que essa simbologia de coletividade, de união entre os devotos, no momento da procissão, é uma característica que reforça os laços, onde se percebe o

companheirismo com o próximo, nas relações entre nortenses. Esse altruísmo, essa relação de hospitalidade, foi percebida nos depoentes e até em desconhecidos, como a senhora que me deu o seu ingresso para o barco de São Pedro, na primeira festa.

O cortejo segue nesta ordem: a imagem da Virgem Maria, de São Pedro, São José e Sagrado Coração de Jesus, conforme a formatação inicial, antes da procissão marítima. A Figura 63 mostra as quatro imagens dos santos durante a bênção do pároco sobre as obras da estação hidroviária da cidade, que na época estava passando por reformas, e a multidão que acompanhava a procissão terrestre.



Figura 63: Imagens dos santos durante a bênção da hidroviária na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.
Fonte: Da Autora.

A Figura 64 registra a bênção ao hospital da cidade. Pode-se perceber que alguns funcionários, pacientes, acompanhantes se dirigem às sacadas, às janelas e à frente do prédio para acompanhar essa bênção proferida pelo pároco. As imagens dos santos são dispostas de frente ao local a qual está sendo feita a bênção.



Figura 64: Imagens dos santos durante a bênção do hospital local na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.
Fonte: Da Autora.

As Figura 65 e 66 mostram vários devotos descalços, seguindo a procissão terrestre de 2015. Em oportunidade de conversar com alguns desses fiéis, foi possível identificar diversas razões para estar descalço na procissão. O mais recorrente é o fato de estar pagando uma promessa, pela recuperação da saúde de um filho, ou familiar, por ter entrado na faculdade pública, por conseguir um emprego, dentre outros. Também há aqueles que estão ali para pedir uma graça: passar de ano na faculdade, pelas pessoas doentes internadas. Neste contexto de devotos pagadores de promessas, é possível novamente estabelecer relação com a teoria da dádiva de Mauss (1924), na eterna reciprocidade e na certeza que dando, se receberá, e se receber, haverá de doar. A doação do fiel é a penitência, assim ele prova aos demais seu respeito à devoção, externa sua fé, e torna-se um exemplo aos que, quando precisarem, saberão que podem contar com Nossa Senhora dos Navegantes. Cerca de vinte devotos descalços foram abordados utilizando a metodologia da observação participante, e todos eles apontaram que seria um ato de sacrifício, de penitência ou agradecimento e não por ser um hábito do devoto andar com os pés descalços.



Figura 65: Devotos de Navegantes caminhando descalços na procissão, 2015
Fonte: Da autora.

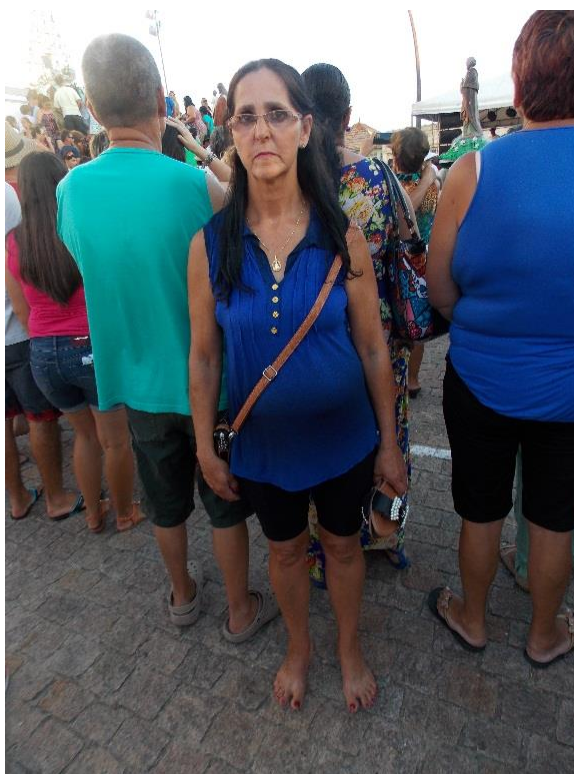


Figura 66: Devota de Navegantes descalça, após a caminhada, 2016.
Fonte: Da autora.

Hansen (2001, p. 738) afirma que o uso dos espaços no tempo da festa pode revelar um processo simbólico de delimitação deste espaço para a produção do discurso da festa, fazendo incorporar, fora do templo, nos espaços sociais, o discurso da festa e envolvendo a comunidade de forma geral. Esta prática foi utilizada nas festas sociais e religiosas do Brasil colonial, expressando mais um traço da herança luso-brasileira na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, desde o século XIX, quando havia, por exemplo, a procissão terrestre percorrendo as principais ruas da cidade, no traslado das imagens dos santos para a igreja nova.

Na época do Brasil colônia, essa prática pode ser significada como tentativa de hegemonizar a tradição cristã católica, parecendo que a cidade inteira “vive” a festa, que ela permeia o paço público. Na pesquisa de campo, foi percebido que a comunidade de São José do Norte realmente “vive”, “abraça” a festa, as casas se abrem, os moradores saem para receber a bênção da Virgem, os barcos percorrem a procissão fluvial, enfim há um engajamento coletivo presente em todos os momentos festivos em honra a Navegantes. É “a festa” da cidade. A Figura 67 mostra o andor de Nossa Senhora dos Navegantes sendo levado de costas para a fachada da igreja, para ficar de frente para a multidão nos momentos finais da festa.



Figura 67: Imagens dos santos durante a bênção do hospital local na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.
Fonte: Da Autora.

Neste momento de encerramento da solenidade da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, os integrantes da Banda Municipal Democrata, entoam músicas

mais animadas, menos penitenciais, é um momento de alegria pois encerra-se a festa com sucesso (novena, missas, almoço, procissões marítima e terrestre). A Figura 68 mostra parte da multidão, da banda Democrata (em 2013 vestindo uniforme vermelho, em 2015 uniforme azul), o carro de som que acompanhou a procissão, e ao fundo árvores da praça da matriz São José, vista de cima das escadarias da igreja.



Figura 68: Imagem da multidão no encerramento da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2013.
Fonte: Da Autora.

A programação, após todos os ritos, missas, procissões marítima e terrestre, homenagens, cânticos e orações, envolveu apresentações artísticas no palco, defronte à Matriz São José. As atrações artísticas variaram no decorrer dos anos de pesquisa: banda gospel, teatro, dentre outros. Em um dos anos, enquanto a procissão marítima acontecia, houve a apresentação da banda dos fuzileiros navais de Rio Grande. O que ocorreu em todos os anos foi a programação de bandas de forró, sertanejo, funk e outros estilos, o que será abordado em seguida.

4.5 Produção social que gera produtos materiais, comunicativos, significativos

A última característica citada por Guarinello (2001) remete aos produtos, aos resultados significativos, simbólicos ou concretos que provêm da festa. Vários elementos já mencionados podem ser considerados produtos materiais e imateriais, comunicativos, emotivos relativos à festa. Serão analisados os seguintes produtos: a disputa pelas flores que adornam o barco no dia da festa que ocorre entre os devotos, os relatos de promessas e de milagres concedidos por Nossa Senhora dos Navegantes aos fiéis e a interação social que ocorre no dia da festa à noite, quando a programação da igreja encerra.

4.5.1 A disputa pelas flores e o encerramento da festa

Conforme visto, quando a procissão regressa para a Matriz São José, há a bênção final e logo após as imagens são conduzidas para o interior da igreja. Depois disso, há o sorteio dos casais festeiros para a festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano seguinte, com comemoração e homenagens aos atuais e futuros festeiros. Os casais festeiros dançam uma “marca”, como se diz na cidade, uma música entoada pela banda Democrata, para encerrar as atividades oficiais. Essa dança, em alguns anos ocorreu na rua, defronte à igreja, e outras vezes no salão paroquial. A Figura 69 mostra esse momento, em dois anos diferentes.



Figura 69: Baile dos Festeiros, à esquerda na praça, em 2015; à direita baile no salão paroquial, em 2016.

Fonte: Da autora.

Quando a imagem de Nossa senhora dos Navegantes volta para o seu espaço, no interior da igreja, os fiéis passam a disputar, com certa agressividade, as flores que decoraram o barco-andor durante a festa. As flores não são naturais, são de plástico ou feitas em tecido e, de acordo com alguns devotos, a infusão feita com essas flores é milagrosa, curativa. Pode-se beber, borrifar na casa, em objetos, nas pessoas. A Figura 70 mostra o momento da disputa dos devotos de Navegantes pelas flores artificiais.



Figura 70: À esquerda, vários devotos disputando as flores, à direita, um colaborador tenta distribuir as flores entre os devotos, 2016.

Fonte: Da autora.

Um homem vestindo a camiseta da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano anterior, supostamente pertencente à organização, faz a distribuição das flores entre os devotos que disputam e clamam pelos objetos. Não há flores para todos os devotos, por isso a agressividade, o empurra-empurra. Na disputa pelas flores do ano de 2016 foi possível ficar com um ramalhete artificial.

4.5.2 Promessas e milagres concedidos por Nossa Senhora dos Navegantes

“A palavra grega para denominar o sacrifício significa também festa religiosa (thysia)” (FUNARI, 2009, p. 47). Os sacrifícios, de acordo com o autor, são parte essencial do culto e das festas, acompanhados por cânticos, cultos, danças, movimentos.

Normas e valores da vida social definem significados e importâncias. A vida em comunidade dá significado e estrutura para nossas experiências que ficam no sentimento, na memória. Amor, empatia, dor, culpa contribuem para moldar, para definir nossa memória. Esses sentimentos dão referência e significado a um determinado contexto cultural na memória (Assmann, 2006, p. 03). O clamor de agradecimentos à Virgem Maria por graças alcançadas e milagres esteve presente em todas as festas de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte.

Os sentimentos acima mencionados por Assmann (2006) foram captados, percebidos, tanto pela experiência da pesquisa quanto em depoimentos. Participar da festa, agradecer, louvar, para alguns devotos é uma questão de coerência, é uma obrigação, pois sem ela, a presença deles ali, ou a vida de um ente querido, não seria

possível. A experiência da penitência alivia a memória da dor, reforça a fé, dá ênfase à memória dos milagres, colocando aquele devoto como um dos protagonistas da festa. Em um processo de socialização e de memória geracional (Assmann, 2006), os exemplos de memórias dos milagres são transmitidos a familiares, amigos e até para desconhecidos, pois quem precisa não pensa duas vezes, pede para a Mãe.

Pode-se pressupor que o ato de agradecimento por milagres são produtos significativos, simbólicos e comunicativos marcantes na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A memória dos milagres contempla um dos principais significados da devoção identificados na pesquisa. Desta forma, a seguir, seguem alguns depoimentos que têm como tema principal a memória de milagres que podem ser considerados produtos significados no universo da festa e motivações para a participação popular na festa, que demonstram a razão de sua longevidade.

O Sr. Jorge Antiqueira, paroquiano com cerca de noventa anos, entrevistado em sua residência, em São José do Norte, 05 de fevereiro de 2014, fala sobre sua percepção acerca dos pagadores de promessas e da diversidade de promessas que fazem a Nossa Senhora dos Navegantes:

Gente pagando promessa é o que não falta. Mandam fazer vela do tamanho de uma pessoa. Teve um ano que foi tanta vela que tivemos que providenciar um lugar separado, podia ter um incêndio! Velas em formato de pé, perna, isso tudo é milagre que a pessoa recebeu, é pagamento de promessa. O brasileiro é assim, tem o hábito de fazer negociata com Deus (risos), não é? (Sr. Jorge Antiqueira, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

De acordo com o depoente, a promessa é uma forma de negociação com o divino e a festa de Nossa Senhora dos Navegantes é o momento de quitar as dívidas contraídas no decorrer do ano. De acordo com Le Goff (2003, p. 443), o ex-voto pode ser prometido antes ou depois da realização do milagre pelo santo, e demonstra o reconhecimento, o agradecimento pela graça alcançada. O depoente afirma que os ex-votos existiam, embora nos anos da pesquisa não tenha sido verificado alguma recorrência, e também fala sobre essa ser uma característica dos brasileiros, manter uma relação de negociação com Deus. O Sr. Jorge participou da organização da festa de Nossa Senhora dos Navegantes por vários anos, é tio da depoente Sra. Maria José André.

Conforme dito, a novena da festa de Nossa Senhora dos Navegantes é um dos momentos considerados onde a Virgem Maria concede milagres aos devotos. A festeira Fátima Veloso comenta sobre uma graça concedida durante a novena da festa de 2015. Ela foi entrevistada no salão paroquial, durante o almoço festivo, na presença de seu esposo.

Eu tenho a minha mãe com 88 anos, ela tem problema de saúde muito grave e nesse ano, no oitavo dia da novena ela não pode vir por que ficou mal mesmo, e eu pedi a Deus, a Nossa Senhora me ajudasse a interceder a Deus que ela melhorasse e ela conseguiu vir ao nono dia da novena e veio também hoje. Então a gente ganha as graças sim, é só pedir e ter fé que recebe na hora. E a festa dos Navegantes é isso! É o amor, é a força do amor da mãe (Sra. Fátima Veloso, festeira do ano de 2015, entrevistada em 02 de fevereiro de 2015).

No depoimento, percebe-se a questão da reciprocidade, e o significado da festa de Nossa Senhora dos Navegantes para essa festeira: “a festa dos Navegantes é isso”, ou seja, através das graças concedidas, a Virgem Maria demonstra o amor. São provas, evidências de que há uma retribuição da presença na festa, do sacrifício em honra a Nossa Senhora dos Navegantes. E há também a consideração do tempo feita no depoimento “só pedir e ter fé que recebe na hora”, ou seja, de acordo com a depoente, não há dificuldades, existe uma facilidade no acesso ao milagre por intermédio de Nossa Senhora dos Navegantes.

Martins (2011, p. 73) afirma que os pagadores de promessas “dão visibilidade ritual, reproduzem e recomeçam as dimensões históricas e simbólicas profundas da realidade social da qual são agentes ativos” (MARTINS, 2011, p. 73). O pagamento da promessa instiga, testemunha o milagre, servindo de exemplo para os demais. O agricultor Reinaldo Lemos, entrevistado durante a procissão marítima do ano de 2015, na embarcação que conduzia a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, também fez o relato sobre um milagre que lhe teria acontecido, de certa forma justificando sua presença na procissão marítima.

Olha, eu era católico, mas nunca tinha tempo para ir na igreja, participar na comunidade. Ficava sempre envolvido com lavoura, eu vivia bem, com saúde, nunca me deu nada. De repente senti um caroço na garganta, mas não tinha dor. Fui nos médicos daqui do Norte e ninguém sabia me dizer o que era. Então fui num especialista, o melhor que tem no Rio Grande. Era um tumor maligno. Comecei a

fazer quimioterapia, o médico disse que o meu caso, no pescoço, ia ser difícil, mas que eu tive muita sorte que deu para perceber a tempo, que estava no início. Na primeira sessão já me caiu o cabelo, senti mal, enjoo, e entreguei a Nossa Senhora, que tivesse força para aguentar aquilo e vencer a luta. Prometi que iria embarcar na procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes todo o ano, mesmo que eu não me curasse, por que tinha que ter fé, e que iria levar a minha imagem de Nossa Senhora Aparecida embarcada comigo. Continuei fazendo minhas quimioterapias, e olha, fui melhorando, até que fiz a operação. Durou 5 horas, mas tirou tudo, não ficou uma célula ruim. E hoje vivo com a fé, agradeço por cada dia que Deus me dá, e cumpro a promessa todo o ano na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes (Sr. Reinaldo Lemos, agricultor, entrevistado em 02 de fevereiro de 2015).

Conforme o depoimento do Sr. Reinaldo, “nunca me deu nada”, ou seja, não havia um motivo, uma necessidade de prometer algo à Virgem Maria ou se tornar um devoto. No momento de dificuldade ele recorreu à promessa, quando percebeu que não seria possível suportar a doença. Com a cura, se tornou um devoto assíduo na procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes. O depoente faz claramente essa separação: ele precisou, por isso recorreu. É um exemplo de produto significativo e comunicativo que se manifesta. Aparentemente seu envolvimento com as atividades relativas à igreja se resumem a essa prática de ir na procissão para pagar sua promessa. O pagamento das promessas evidencia e justifica a fidelidade na participação na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, algo recorrente em diversos depoimentos. O devoto está ali por que recebeu uma graça, uma cura e precisa agradecer. A Figura 71 é a fotografia do devoto Sr. Reinaldo Lemos durante a procissão marítima de 2015, logo após a entrevista.



Figura 71: Devoto pagando uma promessa na procissão marítima da festa de Navegantes, 2015.
Fonte: Da autora.

A teoria da dádiva de Mauss (1924) é observada nos pagadores de promessas da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Se o milagre foi atendido, é preciso pagar por ele, ou retribuir. O depoente Sr. Oswaldir afirmou em seu relato, que “as pessoas fazem promessas e pagam no dia de Nossa Senhora dos Navegantes. Subir a escadaria da igreja de joelhos, caminhar descalço na pedra, na procissão, fazem o que podem [...]”. De acordo com a depoente Sra. Maria José André, as promessas sempre foram corriqueiras na comunidade. Tem-se o hábito de pedir aos Santos para, depois da graça alcançada, pagar pelo milagre.

Para a comunidade de São José do Norte é muito importante essa devoção. Você percebeu o quanto de gente que paga promessa? Inclusive nesse ano tem uma senhora que deu uma roupa de anjinho para a minha irmã, que era para ela deixar na igreja, por que recebeu um milagre: a guriuzinha nasceu de sete meses e estava com dificuldades para se desenvolver, e ela conseguiu viver. Então essa senhora que fez a promessa e já faz três anos que a senhora vem e traz a guriuzinha vestida de anjo para a festa de Navegantes, para participar da procissão. E não é só gente do centro, as pessoas do interior vêm para pagar suas promessas no dia 02, e vem mais gente de Rio Grande, tem uns parentes que não via o ano todo, esses sempre vinham todos os anos para a festa, nem precisava avisar, a visita era certa. A gente já esperava. O meu tio, irmão da minha mãe só deixou de vir quando ficou doente, ai logo ele morreu. Ele não embarcava mas vinha e participava de tudo, era uma alegria. E vinha tanta gente que até tarde da noite as pessoas pegavam a lancha para

voltar a Rio Grande (Sra. Maria José, entrevistada no dia 03 de fevereiro de 2016).

A depoente relata que há anos uma senhora deixa na igreja um ex-voto: a roupa de anjo de um bebê curado por intermédio de um milagre de Nossa Senhora dos Navegantes. Não foi encontrado o local onde são guardados esses ex-votos na igreja São José. A Sra. Maria José ainda afirma que a visita anual dos pagadores de promessas no dia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes era certa: alguém da família ou amigos frequentemente recebiam uma graça e tinham que vir pagar. A festa tinha assim, uma adesão comunitária e familiar, anualmente. As promessas envolvendo a cura de bebês foram afeição recorrentes nos anos de pesquisa na festa, sendo essa também uma característica que se pode considerar um produto social da festa, significativo, comunicativo e emotivo dos pagadores de promessas – neste caso, especialmente mulheres agradecendo por seus filhos, netos, sobrinhos, dentre outros. A Figura 72 mostra algumas dessas mulheres durante a procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes. A devota da esquerda agradece pela cura de seu filho que está em seu colo, vestido de anjo com uma roupa de cetim verde claro, com asas e aureola. Ela percorreu toda a procissão terrestre com o bebê no colo. A devota do lado direito da imagem é a irmã da depoente Sra. Maria José André, mencionada no relato acima, levando a roupa de anjo para a igreja São José.



Figura 72: Devotas pagando promessas pela cura de crianças na procissão terrestre da festa de Navegantes, 2016.

Fonte: Da autora.

Os relatos de milagres são recorrentes também nas falas dos pescadores da comunidade da Várzea. “Aqui uma vez os pescadores foram pescar para o lado da lagoa e o bote furou. Eles passaram o dia todo em cima da casinha do barco, afundando, até que conseguiram pedir socorro na praia. Isso sim foi um milagre!” (Pescadora da comunidade da Várzea⁴⁸).

Essa depoente refere-se a um milagre concedido nas águas, durante o trabalho dos pescadores, que se encontravam à deriva. Conforme dito, existe uma proximidade entre a profissão do pescador e o perigo diário que correm nas águas, o que leva tanto eles quanto às famílias a recorrerem às promessas e agradecimentos. Supostamente foi essa a principal motivação para a existência da festa: a proteção daqueles moradores da península que trabalham no mar. O depoimento abaixo, da Sra. Lucília Lopes, é um dos milagres mais marcantes registrados no decorrer da pesquisa. A Sra. Lucília foi entrevistada durante a procissão marítima, na embarcação que conduzia a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes.

O meu neto tinha 7 anos, era uma criança linda, saudável, não tinha nada. Até então nunca teve doença nenhuma. Teve a formatura dele da pré-escola em novembro. Quando foi em dezembro, ele começou a apresentar uma febre alta, assim, do nada. A mãe dele trabalhava, e então me disse para levar ele no médico para ela. Eu fui. O médico examinou, examinou e não achou nada, mandou de volta para casa. Eu não me contentei com aquilo, era muita febre, ele disse só para dar analgésico. Levei no outro médico e ele disse a mesma coisa que o outro, que não tinha diagnóstico para o meu neto. Nisso a gente já tinha feito vários exames e não dava nada, mandava em outro laboratório, nada, não aparecia doença nenhuma, todos os exames normais. Eu vim para casa e liguei para um médico amigo meu que examinou e também não encontrou, e a febre aumentando. Fomos a um médico de Rio Grande e ele internou o meu neto e fizeram tudo que é tipo de exames, biópsia, não aparecia nada. Chamaram diversos especialistas e não descobriam nada. E ele cada vez pior. Nós ficamos com ele internado todo o mês de dezembro. Quando foi no dia 18 eu cheguei nesse médico e disse para ele: doutor eu não sou rica, mas eu entrego tudo o que eu tenho, o pouco que eu tenho para o banco e levo o meu neto onde for para salvar ele, mas me diz o que ele tem. Ele respondeu que se eu não confiava nele por que levei meu neto para lá? O tempo todo, dias rezando, pedindo para Nossa Senhora ajudar. Minhas amigas também imploravam pela saúde do meu neto. Quando foi no domingo, dia 23, eu cheguei no hospital e ele começou a ter convulsões. Convulsões que ele pulava na cama, e o pai dele apertava ele para não cair da cama, uma atrás da outra. Eu comecei a gritar, a implorar dentro do hospital. Liguei para

⁴⁸ Essa pescadora foi entrevistada na comunidade da Várzea, durante uma reunião da Associação de Pescadores. Não foi tomado nota do nome dela.

os parentes virem, eu não aguentava mais. Uma enfermeira então ligou para o médico, para ele vir para o hospital, por que o paciente dele estava morrendo. Eu pedi a Deus, a Nossa Senhora, a todos os santos pela vida do meu neto. Me deram um sedativo. Nós conseguimos uma ambulância e levamos ele para Porto Alegre. Eu não fui de ambulância, fui de ônibus. Desesperada, pedi para todos os passageiros me ajudarem a pedir a Deus pelo meu neto. A doutora que poderia atender ele estava de férias no Rio de Janeiro, e ela voou para Porto Alegre. Atendeu o meu neto. Eu abraçava ela, foi Jesus quem enviou ela para salvar o meu neto, eu tenho certeza. No dia 29 de janeiro nós voltamos para São José do Norte com o meu neto forte, curado, pela honra e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo. Hoje ele está fazendo 19 anos. Ele tinha um vírus que afetava todos os órgãos dele. Não se alojava, mas afetava. E eu prometi para Nossa Senhora que se ela me curasse ele e se no dia dela eu estivesse em São José do Norte com ele de volta, eu ia acompanhar a procissão em todos os anos enquanto eu tiver forças (Sra. Lucília Lopes, devota de Nossa Senhora dos Navegantes, na procissão marítima de 2015).

A emotividade, a memória deste milagre demonstra o sentimento de gratidão da devota com relação a Nossa Senhora dos Navegantes. E as lágrimas derramadas durante o depoimento reproduzem esse sentimento de gratidão, de respeito. A riqueza de detalhes, as datas, a sequência narrada de fatos, o relato dos acontecimentos em minúcias, como se tivessem acontecido há pouco tempo, demonstram como para essa depoente é viva a memória da dor pela qual passou a família.

Quem recebeu a graça torna-se cúmplice do santo, age como tal alardeando seus poderes. O milagroso silencia sobre seus milagres, e seu silêncio é próprio da santidade. Quem recebe o milagre é quem, na sua gratidão, deve falar do acontecido, exibir os detalhes, as evidências, as provas – testemunhar (MARTINS, 2011, p. 79).

Existe nesse relato uma explicação, um esforço para justificar sua presença, uma vontade de provar que Nossa Senhora dos Navegantes realmente concedeu esse milagre. Em alguns momentos o relato é feito de olhos fechados, pois, possivelmente essa é uma das várias vezes que se está relatando, detalhando as evidências do milagre. Tal como o Sr. Reinaldo, a Sra. Lucília precisa pagar essa promessa enquanto estiver viva. Esse exemplo também pode explicar de que forma há o envolvimento emocional, a comoção coletiva da comunidade em diversos estratos sociais locais.

Os milagres e os testemunhos dos pagadores de promessas são importantes produtos materiais, imateriais, comunicativos e significativos da festa de Nossa

Senhora dos Navegantes de São José do Norte. A devoção se cristaliza em torno do milagre, das graças concedidas aos devotos pelo santo, conservando a “memória dos milagres” (Le Goff, 2003, p. 443).

4.5.3 A igreja fecha, mas a festa continua...

Depois do encerramento das atividades da igreja, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes continua na praça, nos bares, nas boates, nos fandangos, nas lancherias. As barraquinhas de alimentação, assim como as de vendedores ambulantes, ficam repletas de clientes. Há filas para embarcar na lancha, para regressar a Rio Grande. De acordo com Del Priore (2001, p. 280), a festa também pode ser um momento privilegiado no qual se pode ultrapassar ou abolir a ordem e a repressão ao desejo individual – é um momento de aspiração popular à subversão social.

Em sociedades como a nossa em que se exige uma renúncia cada vez maior ao hedonismo, a festa seria um parêntese necessário e compensador no esmagador e silencioso processo do apagamento do eu [...] graças à festa cada um sente que está entre todos e ao mesmo tempo reconstituindo e recolhendo-se em sua identidade ameaçada pela vida séria, quotidiana e regrada do mundo social (DEL PRIORE, 2001, p. 280).

A autora menciona acima elementos ontológicos que nos remetem a refletir em como a festa se relaciona com o indivíduo, o íntimo, a sensibilidade, a inserção social, pertencimento, acolhimento, identidade. Nesta perspectiva, o momento de festa é reservado para experiências de prazer, que estão cada vez mais comprometidas nos modos de organização de vida cotidianos. Modos de vida esses que confrontam as identidades, fazendo com que todos sejam iguais, máquinas de produzir e consumir, apreendedores de uma mesma “cultura”, “tradições” e “legados”.

Durante o dia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no decorrer dos anos que compreenderam essa pesquisa, foram observados espaços e momentos de manifestação de grupos diversificados que se encontravam ali para expressar a sua cultura, sua identidade, como capoeiristas, sambistas, pagodeiros, artistas de rua, artesãos, dentre outros. Alguns depoentes mencionaram isso de forma crítica, no sentido de não haver uma contrapartida para a igreja.

Quem mais fatura com a festa são os bares na volta da festa e as empresas de transporte do canal. Os restaurantes melhores nem abrem por que não vale a pena, não é o público. Os bares ficam cheios, e quando a festa é perto do carnaval então, mais ainda por que vem as escolas, os blocos para tocar, passam o dia bebendo, e ninguém ajuda a igreja [...] (Sr. Jorge Antiqueira, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

O Sr. Jorge comenta, na condição de antigo organizador, sobre os benefícios econômicos que são gerados com a festa, como não são equânimes, e comenta também sobre a injustiça desse beneficiamento de empresas de alimentação e bebidas em detrimento aos ganhos da igreja. De acordo com o depoente, os bares só ganham por causa da igreja, vez que se não houvesse a festa não teria essa movimentação de clientes.

A Figura 73 apresenta fotografias do dia da festa, à noite, nos arredores da Matriz São José e no cais do Porto. Observa-se a circulação de pessoas, à noite, no dia 02 de fevereiro, em diferentes pontos dos arredores do centro de São José do Norte. Resíduos recicláveis são encontrados nas calçadas, nas ruas. Bares, boates, bailões funcionam não apenas à noite, abrem durante o dia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A sogra do pescador Rubinho foi encontrada na saída de um desses bailões. Após participar com a família da procissão marítima, fazer suas oferendas junto às filhas, aos netos, ela aproveitou para ir à festa à noite para “dançar uma marca” em um dos bailões e para comprar uma imagem de Yemanjá de um ambulante que estava comercializando na festa. Não há uma divisão, uma separação entre motivações: fé, diversão, devoção, entretenimento. A festa para esta senhora tem significados diversos, múltiplos, sendo uma oportunidade de encontrar a família, os amigos, reunir vizinhos, rezar, oferecer, consumir e também se divertir.



Figura 73: Danceteria, boate, lancheria e rua repletos de pessoas, 2016.
Fonte: Da autora.

Alguns depoentes mencionaram e questionaram a diferença de motivação em participar da festa, vezes pela fé, pelo encontro com o sagrado, vezes pela diversão, pela algazarra, por curtir o feriado. A festeira Fátima afirma que seria importante lembrar da motivação religiosa que oportuniza essa festa:

O que vale é a fé de cada um de nós. Para muitos talvez não passe de um dia festivo, mas para nós significa a força, a esperança, a vida, a saúde que a gente pede e nesse dia eu tenho certeza que a gente ganha o que pede e mais a ajuda nos nossos problemas (Fátima Veloso, entrevistada em 02 de fevereiro de 2015).

Seja qual for a motivação dos participantes da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, o que deve ser mencionado é que são todos estes que fazem a festa ser essa manifestação diversificada e representativa para São José do Norte. Na seleção de depoentes, não foi delimitada uma hierarquia, como por exemplo apenas organizadores, festeiros, clero, pescadores. Outrossim foi priorizado dar voz a diferentes atores sociais que promovem, que executam, participam da festa, se divertindo, rezando, dançando, criticando, pagando promessas e outras atuações possíveis. O faturamento de bares, lancherias, bailões, boates, danceterias,

restaurantes e de outros, podem ser considerados produtos materiais, financeiros, que afetam diretamente a economia da cidade neste dia, proporcionando a geração de empregos temporários, lucro e possíveis investimentos.

A análise dos dados neste capítulo reitera a hipótese levantada no começo da pesquisa para a elaboração da tese: que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte pode ser considerada um “fato social total” (MAUSS, 1974). O fato social total se revela a partir de duas compreensões do “total”: A primeira refere-se à totalidade no sentido de que a sociedade inclui os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros, sem haver nenhuma hierarquia prévia que justifique uma economia natural que precederia os demais fenômenos sociais. Mas totalidade, também, no sentido de que a natureza dos bens produzidos pelos membros das comunidades não é apenas material, mas, sobretudo, simbólica (MARTINS, 2005, p. 46).

Esta concepção não é recente na historiografia de festas. De acordo com Jancsó e Kantor (2001, p. 09), nos anos 1960, Affonso Ávila estudava festividades públicas numa perspectiva análoga à do conceito de fato social total. O historiador afirmava que a festa barroca representaria um fato civilizacional, uma *forma mentis*⁴⁹ que se expressaria através de uma cultura lúdica, sensorial e persuasória, colocando em evidência a complexidade sociopolítica dos fenômenos festivos como momentos de reiteração da ordem política e interações, como por exemplo a integração de diversas etnias.

O capítulo a seguir é composto por fotografias antigas e depoimentos sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, objetivando costurar as interfaces, entre o que foi visto no estudo histórico da festa (Capítulo 3) e no estudo etnográfico da festa como ocorre atualmente (Capítulo 4), usando-se para isso de fragmentos de memória de depoentes, em que a memória oral é estimulada pela memória visual.

⁴⁹ Locução latina que significa forma, ideia, cenário da mente. Uma estrutura mental, especialmente no que diz respeito à maneira de pensar e de compreender a realidade, que é determinado no indivíduo, por natureza e educação (Dizionario Treccani. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/forma-mentis/>).

CAPÍTULO 5 – Memória Cultural: a festa em depoimentos e imagens

A estrutura cultural, suas modificações, adequações, significados que são mutáveis no decorrer do tempo, são história (Sahlins, 2011). O autor afirma que as relações simbólicas de ordem cultural podem ser consideradas objetos históricos e que cada sociedade tem seu tempo e sua forma própria de produzir a sua historicidade. A memória, neste contexto, é capaz de alimentar o sentimento de nossa continuidade (CANDAU, 2009, p. 46), dando sentido individual e coletivo à historicidade. De acordo com Ricoeur (2007, p. 108), é à memória que está vinculado o sentido de orientação na passagem do tempo, do passado para o futuro, seguindo o tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, da expectativa à lembrança, através do presente vivo.

São pontos de referência de nossa memória individual que a inserem na coletividade a qual pertencemos. Como no exemplo de Santo Agostinho, citado por Ricoeur (2007), a memória é pessoal e através dela nos situamos social e espiritualmente. De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva, formada por várias memórias individuais, é a interpretação compreensiva da realidade, uma análise causal da memória.

A memória coletiva pressupõe que acontecimentos reais foram vividos em comum. Halbwachs (1990) enfatiza que a vida não faria sentido se não fizéssemos parte de uma comunidade afetiva. De acordo com o autor, a memória individual existe, mas está afixada em quadros dispostos na coletividade. As lembranças, assim, se formam a partir das molduras sociais, a partir de meu trabalho, minha família, minha comunidade, meu meio social (Halbwachs, 1976), minhas referências. Portanto, não é o passado que sobrevive, mas uma reconstrução que se faz do passado. Considera-se que as memórias da festa estão relacionadas às atividades dos devotos, do trabalho, da família, da casa, relações sociais, rotina da vida. A crença pode estar relacionada às dificuldades, ao sentimento de gratidão, de proteção, que se materializa na festa. A memória da festa é a construção individual que se faz, e a análise dessas memórias pode fazer com que seja possível a intersecção de informações, características e fatos que se tornam congruentes na construção da história da festa.

Jan e Aleida Assmann (2006, 2008, 2001) complementam o conceito de memória coletiva de Halbwachs (1976, 1990), desmembrando-o em memória cultural

e memória comunicativa. De acordo com os autores, esses são dois *modi memorandi*, duas maneiras diferentes de lembrar, relacionando o tempo, a identidade e a memória. A memória cultural é uma forma de memória coletiva, assim como a memória comunicativa, ou geracional. Em ambas são transmitidos a identidade cultural, fazeres, saberes, crenças. Em cada lugar, os grupos fazem as suas memórias por diferentes meios e esses meios armazenam a sua memória cultural. De acordo com Assmann (2008), a memória comunicativa tem durabilidade limitada, em um período de tempo de interação de três gerações. Na pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte foi possível perceber que a memória comunicativa, geracional, aparentemente, perdura por mais que esse tempo.

Os trechos de depoimentos abaixo, por exemplo, têm algo em comum: todos eles remetem a relações familiares, ou geracionais como pressuposto fundamental para ser o que são hoje, no que tange ao trabalho ou à devoção em Nossa Senhora dos Navegantes. Os trechos foram extraídos de entrevistas concedidas a partir da utilização do método da história oral e partem de diversas categorias de depoentes, no caso, um pescador, uma festeira, uma paroquiana e um professor.

Eu tenho o meu bote, aprendi a pescar com o meu pai [...]. Aqui ó, essas crianças (brincando no bote), eu era assim quando era pequeno, eu passava brincando de pescador, isso tudo aí (as crianças) vão ser pescadores também!” (Pescador Rubinho, entrevistado em 02 de fevereiro de 2016).

A nossa fé vem dos nossos pais, dos avós [...]” (Festeira Fátima, 2015).

Aqui em casa a mãe nos criou dentro da igreja, primeira comunhão, tudo, sempre nos ensinou a rezar, a importância de participar da igreja, a gente se criou assim. Temos os pequenos que são bisnetos, estão nessa mesma linha, participam todos. Eu quando era mais nova mesmo, antes de dar uma voltinha no centro, ia na igreja dar uma rezadinha antes, para depois sair a passear (Sra. Simone, entrevistada em 02 de fevereiro de 2016).

A minha vó paterna era muito católica, italiana. O pai conta que antes de dormir na casa todos tinham que rezar. E ele e os tios de molecagem, ficavam rindo embaixo das cobertas, e vinha a vó com a vara de marmelo e dava-lhes pau. E a mãe e irmã passavam na igreja também [...]. Desde que eu me conheço por gente eu participo de festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Eu sou devoto, fui eu quem escreveu o hino para a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Nunca me passou pela cabeça escrever um hino na vida, foi o padre quem me pediu, me deu uns papéis, documentos da igreja, consegui captar tudo, e o hino toca sempre na festa desde então, na igreja, na

procissão marítima, por terra (Sr. Loreno de Lemos Pastore, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

Este capítulo visa a analisar a memória da festa Nossa Senhora dos Navegantes a partir de depoimentos e antigas fotografias sob a perspectiva da memória cultural (Assmann, 2006). Conforme enfatizado, os depoimentos, as memórias da festa contribuem para a confirmação e complementação do estudo da diacronia da festa, feita no Capítulo 03 e para a compreensão de elementos estudados no Capítulo 04, fazendo, de certa forma, uma amarração do trabalho de história e memória da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A história oral, enquanto disciplina e metodologia, pode ir além desta confirmação e complementação, possibilitando o desvelar de outros sentidos, outras significações da festa. De acordo com o autor, “o ato de lembrar, dentre outras coisas, introduz ordem e estrutura à vida interna do indivíduo” (ASSMANN, 2006, p. 02).

O que pode ser lembrado é texto; o texto é a base da comunicação, sempre envolve o passado – a escrita seleciona o que é importante. Para o autor, texto não é só o escrito, a imagem é um texto, a cultura material é um texto, a expressão cultural, dentre outros. A memória é a ponte entre o passado e o presente (Assmann, 2006). A festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, nesta tese, se transforma em texto através da descrição de diversos momentos e atores sociais que fazem a festa, em um fenômeno sociocultural religioso. Ao mesmo tempo, na perspectiva do autor, o texto (que pode ser uma estátua, uma pintura) é um suporte onde a memória pode se objetificar, se reatualizar.

De acordo com Assmann (2006) o que lembramos, o que cultuamos são heranças naturalmente “escolhidas” para serem mantidas vivas entre as comunidades. Segundo o autor, a necessidade de recordar o passado é benéfica, tanto para o individual quanto para o coletivo. No decorrer da vida, formamos, um “palco” de prioridades, de tradições, de memórias que foram selecionadas para ali estar. Desta forma, organizam-se as memórias, e essas acabam por justificar determinadas ações, estas têm coerência em um corpo social.

A necessidade de recordar eventos deu origem à escrita, ao texto. A hermenêutica concentra seu conhecimento acessando os textos sobre fatos memoráveis. A teoria da “memória cultural”, ao contrário, investiga as condições que permitem que o texto, suporte de memória, seja estabelecido e transmitido (Assmann,

2006). Nesta tese, pesquisamos um objeto considerado memorável, principalmente pela comunidade que celebra a festa, para aqueles que a organizam, fazem as promessas, que recebem as graças da Virgem Maria, se divertem.

A descrição da festa foi produzida através de contribuições desta comunidade. O estudo da memória cultural é necessário para que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, enquanto um suporte de memória, possa ser mantida e transmitida às gerações futuras.

A memória cultural contribui para interpretar, compreender, perceber o papel do passado na constituição do mundo atual por meio do diálogo e da intercomunicação. O entendimento, a interpretação é de quem lembra, de quem recorda. Assim, este capítulo traz a memória da festa, através de depoimentos e fotografias antigas, verificando assim as recorrências existentes na diacronia. Desta forma, atinge-se um equilíbrio, na combinação entre a análise do ritual presente, que releva a memória nas experiências, e a história oral, como uma forma de acessar as memórias do passado. São perspectivas diferentes que, neste objeto de pesquisa, se complementam. Além de memórias, no final do capítulo é possível verificar aspectos sobre a visão de alguns dos depoentes com relação ao futuro da festa.

Para a elaboração deste capítulo, foram entrevistados quatorze depoentes, selecionados pela sua relação com a festa, pela sua atividade profissional, por terem recebido milagres, concedidos pela Virgem Maria e assim registrar o que desta história foi retido pela memória dos depoentes e pelas antigas fotografias. Houve a preocupação com a heterogeneidade na seleção dos depoentes, sendo 01 padre, 01 professor aposentado, 01 festeira, 04 pescadores, 02 paroquianos, 02 pagadores de promessas, 02 vizinhos da paróquia e 01 filha de pescadores. Foi utilizada a metodologia da história oral, utilizando aparelho gravador em todas as fases da entrevista. Todos os depoentes autorizaram a publicação de seus nomes e relatos no presente trabalho. A história oral, de acordo com Pozzi (2012), tem a subjetividade humana como elemento determinante da pesquisa, uma fonte tão importante quanto fatos, documentos, dentre outros.

Quando trabalhamos com fontes orais, devemos traçar um caminho complexo cobrindo três níveis distintos, mas interconectados: um fato passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que ouvimos) e uma relação fluida, duradoura (a interação entre esses dois fatos) (PORTELLI, 2016, p. 18).

O fato passado é a festa que ocorria no passado, descrita e analisada no Capítulo 03 através de fontes primárias e documentos; já as narrativas do presente, como será visto nesse Capítulo, não se detêm no passado, mas se preocupam com o futuro da festa.

Além dos depoimentos e da análise dos mesmos, o capítulo traz algumas fotografias antigas da festa de Nossa Senhora dos Navegantes que foram obtidas junto a alguns dos depoentes, pertencentes a seus acervos particulares, ao passo que outras estão arquivadas em um grupo fechado⁵⁰, disponível em uma rede social, específico de fotos antigas da cidade de São José do Norte.

Alguns dos entrevistados já foram mencionados em capítulos anteriores. Em cada inserção de depoente, foi mencionada a situação da entrevista, ano, local, circunstância. No decorrer das transcrições das entrevistas foram registradas não apenas as palavras, mas os sentimentos dos depoentes com relação ao tema. Sentimentos como fidelidade, respeito, esperança, fé, agradecimento, e outros, que foram registrados, analisados e interpretados à luz de entrevistas e de observação participante nas festas de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, realizadas nos últimos anos.

O capítulo foi dividido em oito subtítulos, para organização e melhor fruição da leitura, visto que são diversos elementos: Histórias e Memórias do começo da festa; Preparação da festa: Visitas, roupas e comidas; Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro e os pescadores; Nossa Senhora nas ruas: a memória geracional através das décadas; Conflitos; Sincretismo Religioso; Moradores da Comunidade da Várzea e a devoção e Dificuldades para a continuidade da festa.

5.1 Histórias e Memórias do começo da festa

O contato com paroquianos e devotos, as experiências na comunidade, os vestígios encontrados na igreja possibilitaram o conhecimento de suas impressões sobre o surgimento da festa e sua principal motivação. O frei Natalino Fioroti, ex-pároco da matriz São José fala sobre a existência de registros que confirmam que a festa teve início no ano de 1811.

⁵⁰ “São José do Norte Fotos Antigas”, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/600656979997041/>.

Havia uma dúvida com relação ao ano que ocorreu a primeira festa de Nossa Senhora dos Navegantes, se foi 1809 ou 1811. Havia documentos da igreja que falavam que em 1809 já havia acontecido alguma festividade, talvez menos formal. O ano certo, confirmado é 1811, quando há registros de que houve uma festa em honra a Nossa Senhora dos Navegantes (Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

O frei Natalino por ter sido pároco tem essa memória da existência de uma documentação que comprova o ano de início da festa. O pároco atual e o anterior a ele desconhecem tal documentação. Durante a pesquisa documental na paróquia, foram encontrados os registros mencionados no Capítulo 03, afirmando sobre a existência da devoção, mas não uma comprovação de que a festa teve início em 1811. Na percepção da festeira Fátima Veloso, o surgimento da festa de Nossa Senhora dos Navegantes foi um ato de esperança e alento em meio a dificuldades enfrentadas pelos moradores da península no começo do século XIX.

A festa começou com uma grande fé, uma necessidade que as pessoas daquela época tinham de ter esperança porque tinha carência de tudo naquela época e veio Nossa Senhora para suprir, para fortalecer aquele povo no passado e continua sendo assim todos os anos para nós (Fátima Veloso, entrevistada em 02 de fevereiro de 2015).

O depoimento da festeira tende a comparar os significados da festa no passado e em tempos atuais, demonstrando como a festa existe no imaginário da comunidade. De acordo com a depoente Maria José, A devoção era tão representativa para o município que, se confundia o nome da matriz: ao invés de chamá-la de igreja São José, chamavam-na igreja Nossa Senhora dos Navegantes, conforme relato:

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é tão marcante que por muitos anos a igreja matriz foi chamada de igreja Nossa Senhora dos Navegantes e na realidade ela é matriz São José. Mas como a festa de Nossa Senhora dos Navegantes é a festa mais marcante da comunidade, o pessoal por muito tempo chamou a igreja de Nossa Senhora dos Navegantes. Depois é que os padres começaram a falar que não era para chamar, que não era o certo [...] e a festa de São José que deveria ser maior que a de Nossa Senhora dos Navegantes. Mas nem se compara, é muito menor, não tem a expressão da festa de Nossa Senhora dos Navegantes (Sra. Maria José, filha de pescador português, entrevistada no dia 03 de fevereiro de 2016).

É demonstrada no relato a autoridade eclesial no sentido de impor que fosse São José o padroeiro da igreja inaugurada em 1860, e não Nossa Senhora dos Navegantes. Mas em compensação, a festa do padroeiro “nem se compara, é muito menor, não tem a expressão da festa de Nossa Senhora dos Navegantes”, ou seja, a vontade popular de que a padroeira fosse a Virgem Maria, padroeira dos trabalhadores do mar, é expressa através da grandiosidade da festa. A depoente ressalta ainda que a festa já foi maior do que é atualmente e que hierarquias de grupos hegemonicamente masculinos eram os principais organizadores.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes começou pequena, foi se transformando com os anos, já foi muito maior do que é agora. Agora tem em outros lugares [...] Antigamente o pessoal de Pelotas vinha para cá, vinha barco de Porto Alegre, de todos os lugares do estado para a festa dos Navegantes em São José do Norte, tanto o pai quanto a mãe contavam [...] Existia antigamente as Irmandades, que eram compostas por homens, que comandavam, que organizavam a festa. E tinha que ser homens pois os santos eram muito pesados. As mulheres levam só a imagem do Sagrado Coração de Jesus, que é pequena. A imagem do Sagrado Coração de Jesus começou a participar da procissão por causa da força do Movimento do Apostolado da Oração aqui na cidade. Só as mulheres levam ele (Sra. Maria José André, filha de pescador português).

É possível verificar no depoimento da Sra. Maria José a questão de São José do Norte ser o centro das atenções em função da festa, pois antes a mesma não existia em outros lugares, apenas lá: “Agora tem em outros lugares [...]”. Há uma entonação de nostalgia, de saudade daquele tempo em que a festa era maior na fala da depoente. Ela também pondera questões de gênero com relação à logística da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Essa questão referente à atuação masculina pode ser diretamente relacionada à atividade da pesca, pois é uma profissão até hoje eminentemente masculina, o que incentivava o envolvimento com a festa em honra à padroeira dos trabalhadores do mar. A presença feminina, de acordo com a depoente, pode ter sido uma estratégia do grupo feminino de protagonizar o traslado de pelo menos uma imagem representativa de seu grupo: o Sagrado Coração de Jesus, que era mais leve. Conforme visto, esta imagem ainda é conduzida por mulheres na festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é a principal que acontece aqui no município. É a principal devoção do povo daqui. Eu sou aposentado do DEPREC, antes era bonito de ver, na época das parselhas, agora é bem menos, os barcos maiores não são daqui, são de fora. Ficou só aqueles que tu viste na procissão, não são muitos! (Sr. Jorge Antiqueira, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

A memória se apoia em espaços, lugares, ruas, edificações, objetos. São os chamados pontos de apoio da memória (HALBWACHS, 1990). De acordo com Nora (1984), para que um lugar seja chamado de “lugar de memória”, deve estar permeado de significados, afecções de um determinado coletivo. Toda a celebração, ritual de fé, ocorre em um determinado local, e este passa a ser importante para aquele coletivo. Pode se chamar de “sacralização” do lugar, quando esse passa a ter importância ímpar, por isso lugar de memória (GIL FILHO; CORREA GIL, 2001, p. 51). Os lugares de memória são estruturas de apelo para a identidade de grupos ou indivíduos (CANDAUI, 2009, p. 48).

A expressão “era bonito de ver” e outras expressões saudosas com relação à memória da festa foram recorrentes nos depoimentos quando os depoentes eram questionados sobre “como era a festa”. A memória da festa está em diversos lugares da cidade, inclui-se nestes lugares o canal, as águas, as antigas embarcações, conforme o depoimento do Sr. Jorge. A Figura 74 mostra uma fotografia antiga da procissão marítima de Nossa senhora dos Navegantes em São José do Norte.



Figura 74: Procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes.
Fonte: Museu da Comunicação Rodolfo Martensen, Rio Grande.

Na fotografia, pode-se ver duas pessoas que observam a embarcação decorada com bandeiras, com pessoas a bordo. De acordo com Joly (2012), é necessário se situar no contexto histórico onde foi registrada a fotografia, e tentar compreender a percepção e as motivações do autor responsável pela captação da imagem. Como o depoente afirmou, a festa, a procissão dos barcos “era bonito de ver”, logo, o registro possivelmente foi feito nesse intuito: o de gravar, tornar eterno algo bonito, um dia especial, que mobiliza não apenas pessoas, mas embarcações, clero, pescadores, devotos, em torno de um objetivo em comum: homenagear Nossa Senhora dos Navegantes.

5.2 A Preparação da festa: visitas, roupas e comidas

As pessoas vinham do interior da península, de outras cidades do estado, para participar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Sendo assim, nos dias de preparativos para a festa, ocorria também reencontros familiares, com parentes hospedando-se em casas de amigos e familiares. A festa religiosa, conforme Jurkevics (2005, p. 75), era, para algumas comunidades, a única oportunidade de sair de casa, encontrar outras pessoas.

As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram pouco abundantes. Somado a isso, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento [...] (JURKEVICS, 2005, p. 75).

Assim, a preparação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, nas famílias, indumentária, alimentação, organização, foi algo recorrente na memória dos depoentes, como a festeira do ano de 2015, Fátima, entrevistada durante o almoço festivo no salão paroquial:

A festa para mim significa uma grande dádiva uma grande graça de Deus. É uma oportunidade de fortalecer tanto o espírito quanto o corpo. Não tem nada maior para nós [...]. Ela é um símbolo de mãe, de união, ela une os irmãos. Gente que é da família própria da gente, que às vezes fica o ano todo sem se ver, mas nesse dia se vê. É um dia de confraternização dos irmãos, da família, por que a igreja é uma

família dispersa pelo mundo todo, em nome de cristo que a gente se reúne, em nome de Cristo que a gente festeja Nossa Senhora. É uma graça! (Sra. Fátima Veloso, entrevistada em 02 de fevereiro de 2015).

No depoimento da festeira é possível verificar os sentidos e relações atribuídos à festa, como um momento de unidade, harmonia, mas principalmente de reencontrar a família. “Não tem nada maior para nós” - esta foi a frase escolhida pela depoente para expressar o significado da festa e da devoção. O Sr. Guaraci Ferrari e a Sra. Simone também mencionam memórias de reencontros familiares oportunizados pela festa:

Nós recebíamos os parentes que moravam no interior, a nossa casa ficava cheia, a gente morava naqueles sobrados, tinha 16 peças, era colchão pela sala, por todo lado, a gurizada, a gente dormia todos juntos na sala, era uma festa, os Navegantes era uma festa mesmo! Os parentes vinham para o centro para participar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, parentes também aqui de Rio Grande, a casa enchia. Chegava os Navegantes, a gente já sabia que ia ter bastantes visitas (Sr. Guaraci Ferrari, entrevistado em 18 de janeiro de 2014).

Hoje em dia tem até excursões que vêm para conhecer; antes não vinha nada. Antes era só o nosso povo e o povo de Rio Grande. Agora está assim de gente de fora. Os parentes de fora aproveitam para vir para a festa e ver toda a família, só não vêm quando morreram ou por motivo de doença. Aqui, a casa da minha mãe, como é bem no centro, acaba sendo um ponto de encontro da família (Sra. Simone, entrevistada em 02 de fevereiro de 2016).

O Sr. Guaraci afirma que “Navegantes era uma festa mesmo!”. Em suas memórias, o rito católico não representava o foco principal. Estas ligavam-se às consequências da festa: as visitas, os primos, a bagunça. Então não era uma festa comum, “era uma festa mesmo!”. Assim a casa cheia, ter a possibilidade de reencontrar familiares, as memórias felizes de convívio com a família e amigos – todos esses fatos se relacionam às memórias dos preparativos para a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, de acordo com a fala dos dois depoentes. Desta forma, percebe-se que a preparação para a festa não se referia apenas à parte sacramental, aos paramentos e ritual, enfim, ao contexto religioso; no interior das casas, das famílias, havia a preparação das comidas, das camas, das roupas a serem vestidas na festa, o exercício da hospitalidade, do bem receber. A temporalidade da festa era

um elemento norteador da organização social e familiar de nortenses. O depoente Sr. Oswaldir dos Santos também menciona estes aspectos em sua fala:

O meu avô era pescador. Tinha parelha de pesca, barcos que pescavam na lagoa e outros que iam em alto mar. Minha família era muito religiosa. Minha vó vivia dentro da igreja; eu fui coroinha, quase fui padre, acho que a religiosidade tem a ver com os açorianos, por que todos na época eram assim. O meu avô tinha prestígio na cidade, mesmo sem ser político. Quando tinha festa dos Navegantes, o capitão dos portos, que era a maior autoridade na época, ele ia lá no Norte, num baita navio da marinha. Encostava, daí descia ele, o capitão né, com aquele pelotão de marinheiros – era solene, uma atração no dia da festa. Eles iam até a casa do meu vô. O capitão dispensava os marinheiros. E ele, mais um tenente lá, entravam e almoçavam lá com a gente, só no dia da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (Sr. Oswaldir dos Santos, filho e neto de pescadores, entrevistado em 16 de janeiro de 2014).

Acima, o depoente descreve como lembra de sua infância, principalmente com relação ao ofício do avô, pescador. Debita a religiosidade da sua família à herança dos costumes católicos dos açorianos. E é possível relacionar, neste caso, como o ofício do pescador é imbricado na devoção de Nossa Senhora dos Navegantes. O depoente afirma que, na cidade, um pescador poderia ter o prestígio de uma autoridade política, tanto que oficiais da marinha do Brasil passavam o dia da festa na casa deste, em questão. A memória da festa para o Sr. Oswaldir remeteu ao *status* social do avô, ao reconhecimento de seu prestígio pela visita de uma autoridade, à grandiosidade do transporte oficial e à intimidade, à informalidade: “almoçavam lá com a gente”. O depoente continua:

A Festa de Navegantes parava a cidade toda. Como era um fato atípico, fora do cotidiano, a minha vó, uns três dias antes, juntava umas empregadas, umas vizinhas, e elas ficavam três dias antes da festa assando galinha. O vô mandava vir os vinhos de barril, aí quando acabava o vinho, a vó limpava o barril para depois armazenar os frangos assados ali, para o banquete que davam. Era uma coisa fantástica. [...] Era um acontecimento religioso, claro, mas também social. Eu lembro que a minha primeira roupa, o meu primeiro terno, eu ganhei do meu pai, para ir na Festa de Navegantes. As pessoas se arrumavam, se trajavam, compravam roupa nova e tal para ir na festa. Tinha o lado religioso, e tem, mas em épocas passadas tinha esse *glamour*, e tal. Os familiares que moravam no interior escolhiam essa data para vir visitar os parentes na cidade. Isso até hoje ainda acontece (Sr. Oswaldir dos Santos, filho e neto de pescadores, entrevistado em 16 de janeiro de 2014).

O depoimento acima descreve a festa corroborando o entendimento de Guarinello (2001), vendo-a como um acontecimento fora do cotidiano, fora da rotina, de se preocupar com a roupa, com a comida, com as bebidas, com as visitas. O depoente se lembra da preparação da comida para bem-receber os visitantes, a integração social na véspera da festa, representada pelas mulheres que preparavam a comida é um dos exemplos percebidos, na memória do depoente como uma organização social, onde se criam vínculos afetivos, experiências significativas, memórias sociais, vinculadas a festa. Vale recordar que os encontros familiares para a preparação de alimentos para a festa ocorrem ainda nos dias de hoje, conforme testemunhado em campo.

Destacavam-se neste contexto social quem podia arcar com essa preparação, os patrões. Mas pode-se aferir que havia circulação de renda e trabalho ao redor da preparação da festa, o que nos leva novamente a citá-la como um fato social integrador, um fato social total (Mauss, 1924).

Sobre a preocupação com a indumentária, com a roupa que seria usada na festa, pode-se estabelecer vínculos com a primeira festa analisada, na observação da “arrumação” dos passageiros embarcados na lancha para São José do Norte, e também quando a devota de Nossa Senhora dos Navegantes afirmou que não estaria adequadamente vestida para embarcar. Este elemento, esta preocupação com a indumentária, com a roupa do dia da festa, é algo recorrente, uma prática do passado, presente na memória, na fala de outros depoentes.

No cais do porto, na véspera da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2016, por exemplo, foi possível conversar sobre esse assunto com um senhor que estava pescando com linha, o Sr. Alex. Foi uma conversa informal, não gravada. Este senhor, pescador aposentado, afirma que é devoto da padroeira dos trabalhadores do mar e lembra que, quando pequeno, queria muito participar da festa, mas não podia, pois não tinha uma camisa social para ir. Essa se tornou, para o depoente, uma memória traumática: querer participar da festa, mas não poder por não ter a roupa adequada. Este trauma se refletiu quando o Sr. Alex foi questionado se hoje ele e a sua família participam. Ele respondeu que “não faz mais tanta questão” e permaneceu em silêncio por algum tempo. Vovelle (2004, p. 184) afirma que, na pesquisa é preciso,

às vezes, interpretar os silêncios. O silêncio do Sr. Alex fez com que emergisse na pesquisa esta inquietação: quantas memórias silenciosas existem com relação à festa? As memórias sobre a roupa de festa são possivelmente como as do Sr. Alex, pois grande parte da população não teria recursos para fazer roupas novas, adquirir sapatos novos para toda a família.

O Sr. Guaraci Ferrari, nortense, professor aposentado, associa a questão da roupa à grandiosidade da festa, afirmando que havia uma comoção geral, uma animação contagiante da comunidade com relação à preparação para a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes:

Eu nasci e me criei em São José do Norte e sei que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes era o acontecimento maior de todos os tempos. Só tinha uma festa que era um pouco mais quente do que a de Navegantes, que era a do Divino Espírito Santo, que eram três dias de festa, com barracão, bailes, leilões, era uma maravilha. Mas a de Navegantes era maior pela movimentação. Aquela preparação, a cidade preparada para a festa era contagiante, aquele clima que a festa criava em São José do Norte, todo mundo se sentia bem, e todo mundo se enfeitava, se arrumava, o que tinha de melhor, para aparecer nos Navegantes. Era bom demais! (Sr. Guaraci Ferrari, entrevistado em 18 de janeiro de 2014).

Aparentemente saudoso, o Sr. Guaraci compara a tradição açoriana da festa do Divino Espírito Santo com a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Afirma que a preparação para a festa estimulava a comunidade a se preparar, se arrumar para “aparecer nos Navegantes”, o que nos remete à visibilidade da cidade quando acontecia a festa e o entusiasmo da população com relação ao fato de ser visto. As memórias de alegria contagiante, de sentir-se bem, são confrontadas com as memórias do Sr. Alex, que não tinha recursos para ter uma camisa para a festa. A festa, assim, demonstra como era a segregação social: para os que tinham recursos, a festa era um momento lúdico, especial, de encontro, celebração. Para os que não podiam financiar a roupa, por exemplo, a memória é de afastamento, discriminação.

A depoente Maria José recorda a questão da indumentária para a festa de forma concisa, afirmando como se dava socialmente a questão da roupa e a participação na festa:

A minha mãe com 97 anos conta [que] a mãe dela, minha vó, e a minha tia avó, que para essa festa, as pessoas se preparavam e faziam

roupas especiais para a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Todo mundo fazia roupa nova. Agora até as pessoas se arrumam, mas não tanto como antes. Por exemplo, a mãe conta que eram três dias de missa, tríduo antes da festa. E as pessoas faziam uma roupa para cada dia do tríduo, e mais uma para o dia da festa. Os que tinham mais dinheiro, claro. Os que tinham menos condições faziam uma só para o dia da festa. Mas aquelas roupas eram tradicionais, roupa, chapéu, sapato [...] Eu me lembro de pequena que era feito vestido especial para a festa dos Navegantes. Inclusive tinha uma foto que nós tiramos quando éramos pequenas que a mãe tirou, levou no fotógrafo, e nós levamos os vestidos na sacola para nos vestirmos lá no fotógrafo. Eu lembro de ter tirado essa foto, com vestido lindo, branco, combinando com a meia branca, sapato branco. Eu tinha uns 5 anos. Eu me lembro como se fosse hoje, a mãe me levando para fazer a foto com o vestido da festa de Nossa Senhora dos Navegantes [...] Quem não tinha roupa nova não ia à festa, ficava em casa. Não podia ir na festa com roupa velha, roupa e sapato (Sra. Maria José, entrevistada no dia 03 de fevereiro de 2016).

Quando era pequena as pessoas ainda tinham o mito de colocar roupas novas para a festa, vestido, sapato novo. Não tinha isso de ir de bermuda, de chinelo de dedos para a festa. Tinha que ser roupa de festa, vestido de renda, camisa social, agora não tem mais nada disso. Tu vê, onde já se viu participar da procissão do mar de biquíni? É uma falta de respeito, mesmo sabendo que a cidade tem praias, tem que ter respeito (Sra. Simone, vizinha da paróquia, 02 de fevereiro de 2016).

Os depoimentos acima coincidem sobre a questão da roupa para a festa. A Sra. Maria José afirma que não era possível ir à festa com a roupa velha. Já a Sra. Simone afirma que isso era um “mito”, e que entende que isso deveria continuar ocorrer atualmente, mas não ocorre, pois as pessoas não teriam mais respeito no que se refere às roupas no dia da festa. A memória das roupas da festa de Nossa Senhora dos Navegantes foi recorrente em diversos depoimentos.

Na Figura 75, de meados do século XX, pode se ver as pessoas nas ruas de São José do Norte em uma festa de Nossa Senhora dos Navegantes.



Figura 75: Procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, anos 1960.
 Fonte: Grupo de fotografias antigas de São José do Norte.

A questão da indumentária mencionada nos depoimentos acima pode ser percebida na Figura 75, pois as pessoas que participam da procissão terrestre estão bem vestidas, homens com camisas, gravatas, casacos (ternos, possivelmente), oficiais com fardas, mulheres com vestidos.

Uma vez, acho que na década de 1970, o cerimonial tinha o capitão dos portos, e ele chegava na cidade como se fosse o Papa, com comissão para recepcionar, bandeiras, prefeito, festeiros, ele vinha para a casa do festeiro, mas o meu vô era muito querido e conhecido, então eles iam na casa do meu vô, até deputados. Tinha então, reservada na casa do vô, a cadeira do deputado, do comandante, do capitão dos portos [...] (Sr. Oswaldir dos Santos, filho e neto de pescadores, entrevistado em 16 de janeiro de 2014).

Pode-se observar na Figura 67, perto do canto superior direito, o andor com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes sendo conduzido à frente da procissão terrestre. Parte da multidão de devotos a segue, mas as pessoas ao fundo estão viradas de costas para a imagem, como se estivessem querendo ver ou falar com uma figura importante. Como naquele local da procissão estão posicionados homens fardados, com capacetes, marinheiros, dentre outras indumentárias, é possível que

fossem autoridades civis ou políticas sendo referenciadas durante a festa, corroborando com o depoimento do Sr. Oswaldir, acima disposto. Algo peculiar na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que se pode perceber na Figura 75, é a marcante presença masculina, seja de oficiais e autoridades militares, conforme se pode ver na figura acima, ou de homens devotos de Nossa Senhora dos Navegantes. Isso ocorreria desde a concepção da festa em 1811, idealizada por trabalhadores homens. Historicamente, e até os tempos hodiernos, é o homem que trabalha nas águas, é ele que sai para pescar. As mulheres ficam em casa no cuidado dos filhos e da casa. Quando o homem volta do trabalho, a mulher ajuda na preparação do peixe, na separação e limpeza (organização observada em pesquisa de campo em vilas de pescadores artesanais).

Esse protagonismo do homem no ofício da pesca, essa exposição aos perigos das águas, coloca-o como protagonista também no momento das homenagens a Nossa Senhora dos Navegantes, conforme já dito, baseando-se na teoria da dádiva (Mauss, 1924): se ele oferecer sacrifícios em forma de participação, contribuição para a Santa, ela retribuirá com a graça de lhe proteger a vida e lhe dar o sustento. A Figura 76 é a fotografia da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes no andor, possivelmente sendo preparada para a festa, por alguns homens, no interior da Matriz São José.



Figura 76: Nossa Senhora dos Navegantes no andor, na Matriz São José.
Fonte: Grupo de fotografias antigas de São José do Norte.

Na Figura 76 observam-se três homens vestindo bombachas. A preparação da imagem e mesmo a sua ornamentação ser feita por homens é um aspecto peculiar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Pode-se perceber que se trata do mesmo barco-andor que é utilizado atualmente e que o mesmo antigamente era decorado com muito mais detalhes que hoje.

5.3 Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro e os pescadores

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes dá identidade para o povo de São José do Norte, o povo tem a identificação com Nossa Senhora dos Navegantes, eles se sentem cidadãos, com orgulho de ser de lá (Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

Pode se afirmar que a memória e a identidade se concentram em lugares, considerados lugares privilegiados, que se constituem como referências perenes, percebidas como um desafio ao tempo (CANDAU, 2011, p. 156). Guarinello (2001, p. 972) afirma que as identidades produzidas na festa são distintas, mas podem estar presentes em uma dada festa.

Podem ser identidades fortes, ou seja, pode dar-se que a festa seja apenas mais um elemento, um reforço dentro de uma identidade mais ampla, que a produz como festa [...] podem ser identidades segmentárias ou grupais, que expressam sua singularidade em meio ao corpo social, através de festas que lhes são próprias; ou mesmo identidades fracas, sendo a festa o principal polo agregador de uma identidade por vezes fugidia entre participantes díspares e desconectados (GUARINELLO, 2001, p. 972).

A identidade vinculada à festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte é a do pescador, do trabalhador do mar, da lagoa. A eles historicamente se atribui o surgimento da festa. Dentre as segmentações mencionadas por Guarinello (2001), a que podemos considerar, neste caso específico, é uma identidade referente a um grupo, que pode, através da festa, expressar suas singularidades, sua fé, devoção, intimidade e agradecer à sua padroeira. Esse subtítulo foi criado para evidenciar essa relação entre pescadores e a Nossa Senhora dos Navegantes, que está na memória dos depoentes sob diversas perspectivas, como o respeito a fazer primeiro a honra, o louvor à Virgem Maria, e depois trabalhar:

Durante o ano existem duas festas que são dos pescadores: a de Nossa Senhora dos Navegantes e a de São Pedro. A festa de São José, que é o padroeiro, é a menor das três. Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, as pessoas fazem questão de ir ao encontro do barco com a imagem da Virgem Maria. Os pescadores de São José do Norte respeitam Nossa Senhora dos Navegantes, tanto que, por lei, a pesca está liberada no dia 1º de fevereiro, mas o pescador não vai pescar, ele só parte para a pesca no dia 02 à noite ou na madrugada do dia 03 de fevereiro. Todos os pescadores – os que vão pescar camarão no Barranco, os barcos de pesca do oceano, os botes de pesca na lagoa, todos eles, [e] chega a ter 600 deles participando da procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes – nenhum deles vai pescar. Eles não trabalham. Ai você vê o respeito: primeiro vem a festa, pede-se a bênção para o trabalho, a proteção de Nossa Senhora dos Navegantes, e depois se vai para o trabalho. Todos os pescadores teriam perdido dois dias de trabalho, desde a abertura da temporada de pesca. É um prejuízo economicamente, mas os pescadores param, deixam tudo preparado: o gelo, as redes, alimento, água, combustível; vão para a festa e depois saem para pescar. Mostra o quanto é importante a hora de pedir, rezar, pedir proteção para o trabalho (Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

Antes tinha mais pescadores, mas ainda tem. E olha que já faz dois anos já que não dá nada de camarão. Mas o pessoal ajuda ainda, mas não é tanto. Eu até hoje dou dinheiro para eles fazer a festa. Quando eu pescava, enfrentava o oceano, na safra da tainha, um frio, eu era festeiro, meu pai também, meu irmão... meu pai tinha parrelha aqui, bem ali na frente do cemitério, tinha uma croa⁵¹ muito grande lá, então ali tinha quatro parrelhas. Aquele tempo se pescava tainha e camarão. Assim que eu me criei, eu gostava muito. Nós fazíamos três lugares: a barra, aqui a croa, e na várzea. Na Várzea pegava cascote e bagre; na Barra nós pescava curvina, tubarão e miraguaia, e aqui na croa tainha e tubarão. Os botes eram todos embandeirados. Eu embandeirava o meu. Ia eu, a mulher e os guris na procissão marítima. O pessoal tinha aquela fé. Era Nossa Senhora dos Navegantes com São Pedro, o pescador (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

O Sr. Natálio reitera em seu depoimento sobre como a festa de Nossa Senhora dos Navegantes era farta em comparação com o que ocorre atualmente, provavelmente devido à diminuição das safras de pescados, principalmente da Lagoa dos Patos. Conforme mencionado nos capítulos anteriores, quanto maior as safras, maior a festa. Quando questionado sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, o depoente faz o exercício de, primeiramente, relacionar as espécies de pescados que

⁵¹ Proximidade a bancos de areia.

eram encontrados em cada região, e, na sequência, discorrer sobre a união familiar que havia no contexto do ofício de pescador e, por fim, sobre a devoção à Nossa Senhora dos Navegantes. Enfatiza-se o catolicismo popular de devoção a santos católicos: a devoção não é apenas na Virgem Maria, mas em “[...] Nossa Senhora dos Navegantes com São Pedro, o pescador” (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

Pode-se perceber como a memória da festa relaciona-se assim com a identidade pesqueira, o trabalho, a herança do pai, o sacrifício, expressado no depoimento pelo sentimento de frio, as diferentes safras e o sentimento saudoso “assim que eu me criei, eu gostava muito”. De acordo com Portelli (2016), a memória é mais do que um registro de experiência, do que um arquivo de dados, ela é uma ação de interpretação e reinterpretação e organização de significados (PORTELLI, 2016, p. 159).

Neste contexto também é possível estabelecer a relação com a memória geracional (Assmann, 2006). De acordo com o autor, lembrar é colocar outras memórias para traz, ordenar, hierarquizar as coisas importantes. Essa “seleção” dá horizonte e perspectivas aos espaços de memória individual, emocionalmente mediados. A lembrança do frio, do pai, do irmão, ambos festeiros, o fato de participar da procissão com a esposa e os filhos, a referência a São Pedro, mesmo quando questionado sobre Navegantes, são norteadores de uma identidade, de afeições específicas de um tempo, de símbolos, de elementos escolhidos para serem lembrados por fazerem sentido na vida do depoente.

Uma das imagens que pode permear as lembranças deste depoente são as Figuras 77 e 78, que mostram antigas fotografias da procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, no começo e meados do século XX. Mesmo com dificuldades de visualização pela baixa resolução, é possível ver a multidão embarcada, assim como as bandeirolas enfeitando os barcos.



Figura 77: Procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes na década de 1940.
Fonte: Museu da Comunicação Rodolfo Martensen, Rio Grande.



Figura 78: Procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente.
Fonte: Museu da Comunicação Rodolfo Martensen, Rio Grande.

Todo mundo vai até hoje, todo ano, meu guri vai até hoje acompanhar a procissão marítima. Quem é pescador, minha filha, vai sempre! Era coisa bonita nessa igreja, antes, quando chegava meio-dia tocava a buzina, tocava o sino, seis horas Ave-Maria, aí nós estávamos no mar, nós nos benzíamos...nós éramos muito religiosos, e somos até hoje. E ela cuidava de nós, nunca nos aconteceu nada! E para agradecer, todos os pescadores ajudavam na festa, e participavam da festa (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

A memória do Sr. Natálio ampara-se na descendência, podendo-se presumir certo orgulho de seu filho participar embarcado na procissão marítima. Reitera também o fato de ser pescador. Quem considera-se pescador, deve participar, ou não se “enquadra” na categoria, o que demonstra o significado intrínseco da devoção com o ofício do homem do mar. Algo interessante passível de análise é a memória do soar do sino no solene dia da festa, das buzinas no horário do meio-dia, da emoção em compartilhar com os companheiros de trabalho esta devoção no mar. Todos devotos de Nossa Senhora, ela haverá de proteger no trabalho do mar! E a confirmação: “[...] ela cuidava de nós, nunca nos aconteceu nada!”. E novamente o empírico nos remete à análise de Mauss (1924): “E para agradecer, todos os pescadores ajudavam na festa, e participavam da festa”.

A Figura 79 também apresenta uma fotografia antiga da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Cinco ou mais embarcações decoradas são registradas.



Figura 79: Barcos na procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente.
Fonte: Museu da Comunicação Rodolfo Martensen, Rio Grande.

O sentimento de agradecimento, promessas e pedidos que ocorrem na festa se estende, ao longo do ano, por meio dos familiares dos que estão no mar ou na lagoa trabalhando, conforme lembra o depoente Natalino Fioroti:

Durante o ano todo a igreja ficava aberta e as pessoas iam até a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes espontaneamente para agradecer, fazer pedidos, de forma pessoal, familiar. Quem tinha o

marido pescador, o homem ia pescar e a esposa ficava em casa, e enquanto o marido não voltava ela ficava em oração, com a vela acesa, com uma imagem, uma lembrança, uma foto, pedindo a proteção dessa pessoa que está trabalhando (Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

Quanto às relações familiares, a memória do depoente se refere ao comportamento dos devotos com relação à Nossa Senhora dos Navegantes no decorrer do ano. Quando os homens estão na pesca, embarcados, as mulheres estão rezando para que a Virgem cuide de suas vidas no trabalho. Essa reciprocidade demonstra os significados e relações entre a devoção, a família e a pesca na memória. O pescador Rubinho recorda quando foi salvo de um acidente, atribuindo a Deus sua sobrevivência:

É um perigo trabalhar no mar, tu não sabes, tudo pode acontecer! Esse ano mesmo um navio grande quase passou por cima do meu bote, levou com ele uma rede minha, novinha. Só deu tempo de cortar a rede, os proeiros que estavam comigo se apavoraram, quando viu o navio estava em cima de nós. Aquilo foi Deus, cara, senão eu não estava aqui, eu estava morto. E se me leva o bote, eu ficava como? Eu não tinha nada, eu era proeiro, agora há uns três anos que eu tenho o meu bote. Tu vêes que tem uma proteção, ontem estava um ventão forte, hoje, dia da festa, tudo calmo, bonito, até na água tem diferença (Pescador Rubinho, entrevistado em 02 de fevereiro de 2016).

O agradecimento a Nossa Senhora dos Navegantes pela proteção era feito na festa, para o pescador, na procissão marítima:

Antes era só três dias, tríduo, agora é nove dias, novena. Existia um barco que era igual ao barco da Santa, se chamava Itaqui. Esse barco não aparece mais, todos gostavam, era para eles o barco da Santa. E procuravam... dali a pouco aparecia no horizonte, ele vinha de São Lourenço para a festa aqui no Norte, e era foguete, uma festa (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

O Sr. Natálio recorda a embarcação que vinha para a festa, o “barco da Santa”. O depoente, enquanto falava, chegava a olhar no horizonte e gesticular como se estivesse vendo o “Itaqui”. A ativação da memória da festa promoveu, no decorrer da pesquisa, as mais diversas emoções nos depoentes.

Uma das recorrências nas falas dos entrevistados é a comparação das festas de Nossa Senhora dos Navegantes atuais e de outrora. Um dos aspectos enfatizados

é a opulência da pesca há algumas décadas, o que não é mais percebido em tempos hodiernos. Como fala o Sr. Oswaldir dos Santos, filho e neto de pescadores: “Na volta, os pescadores, a tripulação, saíam do cais com os bolsos cheios de dinheiro, era lindo de ver [...]”. Este depoente afirma que antigamente o ato de participar da festa era de agradecimento, e hoje se percebe que as motivações são outras:

A festa de navegantes, há 30 anos, eu lembro bem, era uma festa que a gente percebia, no comportamento das pessoas, que era um manifesto de agradecimento, todo mundo ia para agradecer para Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro, São José... hoje tu vai na procissão e vê que as pessoas vão lá na procissão para pedir, pelo amor de Deus pra poder mudar a vida. Existe essa grande diferença. O ato da religiosidade é o mesmo, mas a motivação mudou completamente (Sr. Oswaldir dos Santos, filho e neto de pescadores, entrevistado em 16 de janeiro de 2014).

O depoente afirma que isso ocorre devido à crise em diversas safras de pescado, principalmente na Lagoa dos Patos. Os frutos do mar, das águas salgadas diminuíram, há uma escassez, fato que atinge diretamente o pescador artesanal, os pequenos botes de pesca em água doce. Verifica-se assim novamente no estudo da memória da festa a relação intrínseca que existe entre a festa, a devoção e o êxito ou escassez das safras de pescados e de culturas da terra, conforme afirma a depoente Fátima Veloso:

Está tudo difícil aqui, a pesca, a cebola, a agricultura, esse tempo ruim que está, sol, chuva, alaga tudo, os agricultores também perderam bastante, tiveram prejuízo. Então a quem eles recorrem? À mãe. Sempre eles vêm para pedir forças, fazendo as orações para ela encontrar um meio deles terem recursos para trabalhar. Na força da oração, do amor a Cristo, e a Nossa Senhora, eles lutam e ela orienta espiritualmente para que a gente possa conseguir enfrentar as dificuldades. É uma força interior que a gente recebe (Fátima Veloso, entrevistada em 02 de fevereiro de 2015).

Supostamente a Virgem Maria serve de consolo e esperança para o pescador e o agricultor nortense, assim como para diversos outros agentes sociais.

5.4 Nossa Senhora nas ruas: a memória geracional através das décadas

As procissões reuniam muito mais gente do que as missas. Muito mais pessoas demonstrando a fé na procissão do que participando da

eucaristia, que é a expressão maior do catolicismo. É uma característica cultural local. E mesmo assim, em festas religiosas a missa ficava cheia, com pessoas assistindo em pé (Frei Natalino Fioroti, antigo pároco da Matriz São José).

No decorrer da pesquisa foi possível desenvolver reflexões acerca do comportamento das pessoas com relação à festa hoje e antigamente, através da pesquisa documental e de depoimentos. Conforme o depoimento acima, a devoção é visível. Em nossa pesquisa de campo, podemos abordar devotos de Nossa Senhora dos Navegantes em diversos lugares da cidade, nas ruas, nas casas, nos bares, cais do porto. Porém a questão da “roupa de festa”, do sincretismo evidenciado em fontes primárias, do rigor ritualístico com que era celebrada a festa na igreja no passado, além de outros aspectos possíveis, fez com que uma parte significativa dos participantes não priorize a participação em missas, novena e outras atividades realizadas na igreja. Nossa Senhora está nas ruas, a população demonstra a devoção nos barcos, na procissão marítima, mas principalmente nas ruas, na caminhada da procissão terrestre. O depoimento do frei Natalino confirma essa reflexão com relação à festa, reflexão essa que já foi mencionada algumas vezes nos documentos analisados.

De acordo com Assmann (2006), a memória está dividida em memória episódica e semântica. A memória episódica refere-se às experiências, aos significados que assimilamos e interpretamos quando jovens e que nos acompanham no decorrer da vida. A memória semântica é a memória do aprendizado, a memória disciplinar, oficial, que nos prepara para a socialização, para o convívio comum. De acordo com a pesquisa sobre a história e memória da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, é possível afirmar que existe relação entre as memórias episódica e semântica nos relatos sobre a festa, como algo aprendido, herdado de gerações anteriores, mas também sentido, vivenciado, experienciado com emoção. De acordo com Assmann (2006), as formas de relação que têm emoção trazem estrutura, perspectiva, relevância, definição e horizonte para a memória, contribuindo para sua manutenção.

Nos depoimentos foi possível perceber como as memórias estão relacionadas ao convívio familiar, ao trabalho, à socialização, a memórias geracionais, ou seja, aquelas transmitidas em uma cadeia geracional, carregada de significados e sentimentos, transmitidas por antepassados e por isso mais importantes que outras,

em uma hierarquia. São ações, tradições, memórias “escolhidas” para serem transmitidas para as gerações futuras. A memória das promessas foi verificada em diversos depoimentos.

Quando a gente era criança, fazia tudo que é promessa, a gente prometia velas. Aí eu lembro que já tinha tanta vela prometida, então a mãe um dia pegou um móvel, decorou, enfeitou, colocou as imagens das promessas e começamos a pagar as promessas, em casa mesmo. Botou os castiçais e cada um era responsável pelas suas velas, quando terminava a vela a gente ia lá e acendia outra, passamos o dia pagando promessa. Aí um de nós deixou a vela meio solta e ela caiu, o móvel era de madeira, a toalha branca, prendeu fogo em tudo. Quando a mãe viu o fogo já estava chegando no forro da casa, e foi um milagre, por que era tudo de madeira, forro, assoalho, Deus que não quis, para mim foi um milagre. A mãe disse: estão proibidas de fazer promessa (risos). [...] Sempre fizemos promessas, sempre, é missa, é terço, sempre tem um que tem que pagar. Se é uma coisa muito séria eu prometo ir na procissão marítima dos Navegantes, eu não gosto que é muito cansativo, mas se promete tem que ir né? A gente não tem do que se queixar, a gente recebe muitos milagres de Nossa Senhora. O meu cunhado ficou na UTI desenganado guria, ia morrer, a médica falou que não tinha jeito, falência múltipla de órgãos. Aí começamos a rezar, fazer promessa, não é que ele está bem? [...] O apelido dele é milagre, agora mesmo tem um monte de promessas para pagar (risos) (Sra. Maria José, filha de pescador português, entrevistada no dia 03 de fevereiro de 2016).

Essa é uma das motivações pelas quais é possível encontrar pagadores de promessa em todas as festas durante a pesquisa: é uma prática tradicional local. A festa, na memória da depoente, não poderia ser descrita senão com histórias familiares, que se pode chamar de memórias episódicas, assimiladas na infância, sobre as promessas. E, na análise do relato, é possível perceber que há classificações de promessas. Uma promessa de algo importante deve demanda participação na procissão marítima – o que exige penitência pelo cansaço, conforme mencionado no capítulo anterior; já promessas de coisas corriqueiras podem ser pagas de outras formas mais amenas. A negociação, a troca com a Virgem Maria, tem o dia marcado: o dia da festa.

Nas Figuras 80 e 81 é possível ver como era no passado a procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes defronte à matriz São José.



Figura 80: Procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente, defronte à Matriz São José.

Fonte: Acervo pessoal do depoente Oswaldir dos Santos.



Figura 81: Procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, antigamente, defronte à Matriz São José.

Fonte: Acervo pessoal do depoente Oswaldir dos Santos.

As Figuras 80 e 81 se assemelham às fotografias registradas nas festas de 2013 a 2016, dispostas no capítulo anterior, quando da realização da observação participante. As ações, tradições, são repetidas no mesmo espaço, acerca da mesma devoção, por antepassados dos nortenses que hoje fazem a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Se observa a predominância de homens, pela questão do ofício e para carregar o barco-andor. Pode-se ver as pessoas na praça, defronte à Matriz São José, para acompanhar a procissão. A solenidade deste momento, quando a Virgem Maria volta à igreja, após a procissão marítima, pode ser compreendida pela motivação em registrá-lo, tanto antigamente como em tempos hodiernos. O fotógrafo estava posicionado no topo das escadarias da matriz São José, de onde tinha uma visão privilegiada da procissão. Foi dali que ele decidiu, de acordo com Joly (2010), “imortalizar” aquele momento da festa, definindo sob sua perspectiva, os seus significados.

De acordo com Assmann (2006), as normas e valores da vida social definem significados e importâncias. Os significados e a hierarquia do que é e o que não é importante podem ser definidos na vida em comunidade, em família, na observação do outro, nos processos de socialização. Desta forma é possível afirmar que a vida em comunidade pode dar significado e estrutura para as experiências e estas experiências significativas ficam retidas na memória (Assmann, 2006). A Figura 82, neste contexto, reflete o que o autor afirma, sobre a memória geracional, cultural, sobre os laços comunitários, contribuindo para compreender os motivos da festa de Nossa Senhora dos Navegantes representar e significar tanto para os nortenses.

A Figura 82 é talvez a mais expressiva dentre as fotografias antigas obtidas até o momento, pois demonstra a hipótese que a pesquisa busca comprovar, de que existe um processo de memória cultural, onde a estrutura simbólica em torno da festa de Nossa Senhora dos Navegantes remete à legitimidade, identidade e coesão social da comunidade de São José do Norte. Pode-se aferir que anualmente, na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, essas imagens e cenas são atualizadas, ressignificadas e transmitidas às gerações futuras, conforme foi feito desde o ano de 1811. No detalhe da Figura 82, pode-se ver a senhora de vestido, com o rosto marcado pela exposição ao sol, o semblante de uma pessoa aparentemente humilde, conduzindo, na procissão terrestre, quatro crianças, os meninos com trajes elegantes, camisa, paletó, sapatos, a menina com vestido branco, corroborando os depoimentos

do começo deste capítulo. Ao lado da senhora, uma mulher com traços de descendência africana, com vestido e lenço no cabelo. Atrás deles o barco-andor com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes e ao fundo alguns sobrados do centro histórico de São José do Norte.



Figura 82: Devotas com crianças participando da procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, em meados do século XX.

Fonte: Acervo pessoal do depoente Oswaldir dos Santos.

A mulher talvez seja a avó das crianças. Estas hoje podem ser avôs e avós ou pais que levam seus netos ou filhos a participarem da festa, conforme observado na pesquisa de campo. A memória geracional, a emoção, os significados se atualizam e contribuem para que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes tenha continuidade.

De acordo com Joly (2010, p. 128), é preciso considerar o objetivo do autor da fotografia: enquadramento, iluminação, pose dos modelos, ângulo, dentre outros. A fotografia é construída, assim como seus significados. Mesmo sendo uma fotografia espontânea da festa, pode-se afirmar que o fotógrafo quis registrar essas pessoas participando da procissão terrestre, tendo como fundo a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes no centro histórico de São José do Norte. Assim a padroeira dos trabalhadores do mar permanece nas ruas – através da descendência, da memória semântica, geracional, que se manifesta pelos que participaram dela na infância e querem mantê-la.

5.5 Conflitos

As memórias da festa, separadas em categorias, foram coletadas através do uso da metodologia da história oral. Os depoimentos utilizando essa metodologia, de acordo com Portelli (2016, p. 10), não são encontrados, mas “cociados”, transcritos, analisados através do trabalho de pesquisa. Existe, assim, um estímulo de memória, e simultaneamente a “arte da escuta” (PORTELLI, 2016, p. 10). Esse subtítulo foi criado através da necessidade de dar visibilidade às memórias de conflitos acerca da festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

5.5.1 Pescadores e comerciantes

Juntamente com os agricultores, pescadores e comerciantes tinham representação como festeiros nas festas de Nossa Senhora dos Navegantes. O conteúdo analisado nesta parte do trabalho se refere principalmente a críticas concernentes à gestão da festa, inseridas no contexto de conflitos entre pescadores e comerciantes, registrados principalmente nas memórias do Sr. Natálio Viana.

Isso aqui, o canal ficava cheio. Agora não vem mais esses veleiros, nem existe mais. A Santa só vai em barco de pesca mesmo, antes era vela, ia bem devagarinho a procissão. Vinha gente aos montes de Rio Grande, rebocador, vinha tudo, e agora foram dando fim da festa, só querem dinheiro. E se fazia também outra festa grande aqui que era a Festa de São Pedro, para dar dinheiro para a igreja, jantar dançante, tinha cerveja, pescador gosta de cerveja, tomava cerveja, ia bem. Agora cortaram a cerveja, quando tem lá que outra, é só com

refrigerante. Refrigerante muitos não gostam de tomar, melhor tomar cerveja que refrigerante, é melhor. Agora ficou nisso que tá aí, as pessoas vão por que têm amor mesmo. Eu vou na procissão com o meu filho, na canoa dele, vou na missa, mas é fraco. Meu filho ainda pesca aqui na volta, mas o Ibama está amolando muito a gurizada aqui na volta aqui de dentro. Eles pensam que não tem peixe é por culpa dos pescadores, mas não é! (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

O Sr. Natálio recorda que antes a procissão marítima era maior, e o veleiro dava um *status*, o que se pode chamar de charme, agora, “vai em barco de pesca mesmo”, havendo assim uma desqualificação. Chama atenção que não há nada divertido, pois tiraram a bebida alcoólica, agora só vai os que “têm amor mesmo”. Ou seja, antes também tinha a diversão, agora não mais. É uma crítica à gestão, à organização da festa por parte da igreja.

A questão do investimento na festa de Nossa Senhora dos Navegantes foi apontada por alguns depoentes, pois deve-se “arrumar a casa” antes de receber as visitas. A pintura da igreja, por exemplo, é algo que envolve os preparativos para a festa de Nossa Senhora dos Navegantes e envolve conflitos pois é algo oneroso. O depoente, Sr. Natálio Viana, afirma que, anos antes, entre pescadores e comerciantes, era possível fazer a pintura interna e externa da igreja:

Essa igreja dentro estava caindo o reboco, dentro e fora, na frente, e ninguém se importava. Quando nós (pescadores) nos aposentamos, o padre veio pedir dinheiro para nós, e nós demos, uns 30 ou 40 mil reais. Deu para rebocar toda a igreja por dentro. Os pescadores que rebocaram a igreja, ninguém do comércio ajudou, aqui o comércio era miserável, não dava um tostão, há uns 30 ou 40 anos. Para reformar, eles dividiam a igreja, os pescadores ficavam com uma torre, a comunidade com o meio e a outra torre não me lembro. Eu sei que ninguém ajudou, ninguém pagou sua parte e sobrou para os pescadores pagarem tudo. Inda pagaram aqueles bancos da igreja que estão lá. Tudo feito pelos pescadores! Esse padre, esqueci o nome, estava sempre se metendo do lado dos pescadores, sempre que ele pedia os pescadores ajudavam (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

Percebe-se no relato do Sr. Natálio um tom de rivalidade entre pescadores e comerciantes, e ao mesmo tempo orgulho por ser pescador e ter contribuído para a manutenção da igreja – o próprio padre, a autoridade eclesial vinha pedir a contribuição deles. Esses elementos estão presentes no mesmo depoimento, com ênfase na questão econômica, pois quando tinha maior circulação econômica entre

os pescadores, eram eles que tinham “autonomia” para investir na festa; mas com a decadência da atividade pesqueira, em São José do Norte, o pescador, enquanto categoria representativa, perdeu esta vitalidade entre os apoiadores e entre aqueles que tomam decisão sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

A festa era só dos pescadores, eram três festeiros pescadores. Eles tiravam dinheiro, sobrava dinheiro, botava duas bandas de música, na procissão marítima, e tinha almoço para o comandante do porto e para os festeiros. A banda também almoçava cá. E isso foi indo, foi indo, que agora tiraram o pescador fora da festa, botaram só comerciantes (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

É possível perceber que há certa mágoa, por parte deste pescador, no sentido de perda da influência deste setor sobre a organização da festa, o que este relaciona com a perda de grandiosidade da festa, vinculada assim à decadência da pesca. A este devoto agradava saber que estava fazendo parte da organização, contribuindo financeiramente, pois sua família adquiria *status* junto à comunidade. O Sr. Natálio, viúvo com quase 90 anos, esteve presente em todas as festas de Nossa Senhora dos Navegantes no decorrer da pesquisa. Ele aparece na Figura 83 com seu filho, que atualmente tem seu barco e também pesca.



Figura 83: Sr. Natálio Viana com seu filho na Matriz São José, 2016.
Fonte: Da autora.

Nesta ocasião eles estavam saindo do último dia da novena da festa de 2016. O filho havia vindo para visitar o pai e participar da festa. Sabe-se, através de fontes

primárias pesquisadas, que anteriormente os festeiros na festa de Nossa Senhora dos Navegantes pertenciam aos três setores, pescadores, agricultores e comerciantes. A memória da festa para este depoente permeia a mágoa do declínio da pesca, assim como as ações da organização da festa, que a seu ver afastam o pescador do núcleo decisório, levando a medidas que tornam a festa menos interessante, como a proibição de venda de cerveja em várias situações. Há um tom de “eles não sabem o que estão fazendo” no relato do Sr. Natálio.

5.5.2 Disputa com Rio Grande

O “território da história oral” (Portelli, 2010, p. 210) é composto por uma narrativa dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro do pesquisador com o narrador. Destes encontros formais, gravados e informais, pelas ruas de São José do Norte, quando o assunto era a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, foi evidenciado por diversas vezes este tema: a disputa com Rio Grande.

Há sólidos indícios da rivalidade existente entre São José do Norte e Rio Grande com relação à festa de Nossa Senhora dos Navegantes, testemunhados desde o século XIX, como aponta o relato de Fidêncio (1875), e ao longo do século XX, como registra a documentação gerada e conservada pela igreja. O Sr. Natalino Fioroti fala sobre essa disputa:

Há uma tentativa de Rio Grande de cooptação para dizer que a festa de Navegantes é sua. É uma luta histórica entre Rio Grande e São José do Norte, essa tentativa de puxar a festa. Em Rio Grande muitos entendem que a festa é de lá. Na verdade, pela proximidade, por compartilhar a atividade de trabalho, por essa ligação, são cidades muito ligadas. A festa sempre foi de São José do Norte, mas com intensa participação e apoio dos riograndinos, tanto que o trabalho da lancha que faz o transporte entre as cidades nesse dia não tem hora para começar e terminar de operar. É o dia todo funcionando. O povo de Rio Grande vem em peso para participar da festa, e o contrário não ocorre! Não há um dia de festa em Rio Grande que faça deslocar as pessoas de São José do Norte. Então se cria o fenômeno. Era um medo constante dos pescadores que a festa passasse a ser realizada em Rio Grande [...]. Teoricamente o bispo tem autonomia para decidir onde fazer, mas o povo de São José do Norte sempre pressionou. Nessa festa o bispo nunca falha, vai sempre, por que quando ele fala ali ele sabe que está falando para São José do Norte e para Rio Grande, todos os pescadores estão ali, toda a população da região [...] (Frei Natalino Fioroti, antigo pároco da Matriz São José).

O relato confirma os dados obtidos em pesquisa documental e em fontes primárias com relação ao medo dos nortenses de perder a festa para Rio Grande, por este ser um centro urbano mais populoso, mais desenvolvido. É uma luta constante, que exige vigilância por parte da comunidade de São José do Norte. Essa inquietude com relação ao tema foi expressa pelo professor Loreno Pastore, que em entrevista, emocionado, chegou a alterar a entonação da voz:

A cidade de Rio Grande faz uma propaganda tendenciosa [...]. Eles não gostam de dizer que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes é de São José do Norte [...]. A festa é do Norte e não do Rio Grande! Eles procuram não falar em São José do Norte, procuram misturar na notícia a festa de Nossa Senhora dos Navegantes com a de Yemanjá, no Cassino, e dizem 'festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Lagoa dos Patos', entende? Evitam dizer São José do Norte. Eu vou formar um grupo aqui na cidade, com um advogado, vamos pressionar e para o ano que vem vamos conseguir patrocínio para fazer uma propaganda paga, para dizer que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes é de São José do Norte [...]. Esse ano, às 19h, eu fiz questão de vir para casa para ver o noticiário, e ver como iam falar da festa. Foi a mesma enrolação de sempre: Festa em Porto Alegre, festa em Pelotas, festa de Yemanjá no Cassino e festa na Lagoa dos Patos [...]. Se é um turista não vai saber onde é! E esse ano entrevistaram algumas pessoas que estavam assistindo a procissão no porto de Rio Grande. Por que não vieram entrevistar aqui em São José do Norte? (Sr. Loreno de Lemos Pastore, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

“Perder” a festa de Nossa Senhora dos Navegantes é algo que incita o temor nos depoentes que mencionaram esse assunto. A questão da altivez, de por um dia no ano ser melhor, ser mais do que Rio Grande alimenta o ego dos nortenses, como dizia Fidêncio (1875), no século XIX “Na frente da igreja via-se fluctuar aos caprichos das brisas uma profusão de bandeiras e galhardetes multicores, que pareciam dizer incessantemente adeus ao Rio Grande, que de cá de longe lançava uns olhares cheios de inveja para sua vizinha fronteira”. No relato do Sr. Loreno, é uma injustiça não promover São José do Norte, não indicar a cidade como o lugar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. É assim que o povo gostaria de ser conhecido, de acordo com os depoentes.

É uma festa religiosa que demonstra a ligação entre a pessoa humana e Deus, essa é a principal importância da festa. Outra coisa bastante

relevante: é o dia em que São José do Norte atrativamente está acima de Rio Grande. É o dia em que Rio Grande vem para São José do Norte, isso é mostrado através do bate e volta da lancha, pela manhã vai de Rio Grande para São José do Norte cheia, e à noite volta cheia. Os empresários, comerciantes e Rio Grande querem ver o nome de sua empresa no material da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, procuram para ajudar a custear. São José do Norte vira notícia, todos os meios de comunicação informam e dão cobertura na festa, primeiro a de Yemanjá, e quando acaba, todos têm um foco: a Nossa Senhora dos Navegantes. Toda a mídia se volta para São José do Norte. Muita gente de Yemanjá vem a São José do Norte para ver ou para participar da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes [...]. Enfim, é o dia em que São José do Norte aparece no cenário, anualmente (Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

Apesar de ter passado pelo “filtro da linguagem” (Portelli, 2016, p. 18), foi possível perceber que o conflito entre São José do Norte e Rio Grande é evidente e os depoentes se esforçam para explicar, situar. De acordo com o autor, os depoentes não recordam passivamente os fatos, eles significam os fatos para depois selecionar o que vão transmitir. O depoente também comenta sobre a questão do sincretismo religioso, que é divulgado, noticiado no dia 02 de fevereiro, o tema seguinte a ser abordado.

5.6 Sincretismo religioso

O sincretismo religioso, de acordo com Ferretti (2001, p. 13) pode existir em todas as religiões, não sendo uma exceção, mas o estado natural do processo religioso. Seres diferentes, plurais podem compreender, vivenciar, crer das mais diversas maneiras sua espiritualidade. Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes se percebe a existência do sincretismo, as diferentes formas de assimilação dos elementos, das ações, das performances, objetos. Nos arredores da península, há capelas em honra a Yemanjá.

Através do estudo de documentos e fontes, desde a década de 1950 foi apontada a possibilidade de existência do sincretismo religioso entre Nossa Senhora dos Navegantes e Yemanjá na festa em São José do Norte. Antigamente esse fato era visto, explicitamente por parte da igreja, com preconceito, como algo a ser combatido, bem como Ferretti (2001) comenta sobre a origem do termo sincretismo e a cisão, a impureza, ou incapacidade de compreensão de uma determinada religião

que a palavra remetia. Atualmente católicos participam da festa feita para Yemanjá na praia do mar grosso e umbandistas participam da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, conforme relato do frei Natalino:

Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes participam também pessoas de outras religiões. Espíritas, umbandistas, e às vezes da mesma família. Muitas dessas pessoas vão para rezar, têm pescadores na família, vão para agradecer. E tem também aqueles que vão para o almoço, para o baile, jantar, se encontrar com os outros, lazer, se encontrar com parentes, amigos, conversar (Frei Natalino Fioroti, entrevistado no dia 08 de outubro de 2015).

Há atualmente uma tentativa de assimilação, de tolerância com relação à religiosidade. Alguns depoentes católicos, quando questionados, não fizeram questão de recordar, de refletir sobre esse tema, pois para eles a prioridade seria falar sobre a sua devoção, a devoção dos católicos como eles. Porém, para outros depoentes, fazia-se necessário expressar como era a realidade, de que forma a fé se manifestava entre as duas religiões. A devoção nas duas santas - Nossa Senhora dos Navegantes e Yemanjá – dá estabilidade, força, esperança a famílias de São José do Norte, sendo visível o sincretismo, principalmente nas oferendas depositadas durante a procissão marítima.

A devoção me ajuda a ser pescador. Na verdade, o cara sem fé não faz nada. Acreditar na santinha, é importante, eu também sou de umbanda, eu gosto de me benzer, fazer uma segurançazinha, sabe como é. 'Na real' eu acredito em tudo que é religião, Deus é um só! Eu aprendi a ter fé com esses caras mais velhos na pescaria, esses caras têm uma fé do caramba: Navegantes, Yemanjá [...], isso eu fui 'pegando' com o tempo, que para ser pescador tem que ter a fé. Quando eu estava aprendendo a ser pescador, os pescadores mais velhos me diziam que eu ia ser um bom pescador por que eu tinha fé, eu acreditava. Se sair para o mar sem fé tu não faz nada (Pescador Rubinho, entrevistado em 02 de fevereiro de 2016).

No depoimento do pescador Rubinho a pesca não seria possível sem ter fé, e a fé não apenas em Nossa Senhora dos Navegantes, mas também em Yemanjá. Não existem preconceitos ou traições. O pescador precisa de proteção e vai pedir para quem acredita. Na análise do depoimento, é possível mencionar Assmann (2006), pois se trata de uma herança cultural, de uma memória episódica: o jovem pescador viu que os pescadores mais velhos tinham fé e pediam a proteção igualmente de Nossa Senhora dos Navegantes e de Yemanjá – e, assim, ele faz o mesmo.

5.7 Os Moradores da comunidade da Várzea e a devoção

Guarinello (2001, p. 972) afirma que a produção de identidade em uma festa não significa produzir um consenso, uma identidade homogênea entre os participantes. Como produto de uma realidade social, expressando ativamente essa realidade, a festa pode reproduzir os conflitos, tensões, censuras, ao mesmo tempo atuando sobre eles: “[...] o que chamamos de festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reintegração, produção e negociação das identidades sociais” (GUARINELLO, 2001, p. 973).

Na visita a vilas de pescadores de interior de São José do Norte, especificamente na localidade denominada Várzea, encontrada no litoral da Lagoa dos Patos, distante cerca de 20 quilômetros da sede do município, foi identificado um posicionamento diferente no que tange à percepções e memórias da festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Nesta comunidade prevalece a atividade pesqueira como principal fonte de renda das famílias. De acordo com uma pescadora moradora da comunidade da Várzea, a fé e as festas religiosas são importantes para manter a esperança:

A fé aqui para nós da colônia de pescadores é muito importante, por que aqui nós temos um bocado de dificuldades. A gente está sempre caindo e levantando, e a dificuldade está aí para ver se a gente tem mesmo fé. Deus vai tocando no coração das pessoas para ver se a pessoa tem fé. Tem uns que se dizem católicos, mas na hora (reticências) [...] Eu aqui tenho a devoção do Sagrado Coração de Jesus, que é a nossa igreja, mas acredito muito na Nossa Senhora de Fátima, sou devota (Pescadora da comunidade da Várzea em São José do Norte).

Os moradores da vila de pescadores da Várzea, assim como muitas outras localidades no interior, vivem da pesca artesanal. Geralmente o pescador vai para a pesca às 06h e, se estiver “dando peixe”, ficam na água até às 16h. Ao chegar em casa, os familiares auxiliam na limpeza dos pescados. Há poucos anos a energia elétrica foi instalada no local, havendo assim a possibilidade de congelamento dos pescados. A pescadora fala sobre a dificuldade em se manter na atividade da pesca artesanal:

A gente tem que ter fé, por que a coisa está muito difícil. O ano passado mesmo, o pescador não teve safra, e esse ano de novo. Eu digo lá em casa para não desistir, para ter fé, não pode desanimar, continuar insistindo. Aqui mesmo na comunidade as pessoas ficam dizendo – não vai dar camarão, não vai dar camarão, eu digo, olha, nunca é tarde, para Deus tudo é possível, Deus nunca deixa os filhos Dele na mão, ele não dá o camarão, pode dar outra coisa, o siri por exemplo. Não pode desanimar, tem que ter fé [...] (Pescadora da comunidade da Várzea em São José do Norte).

Quando perguntados sobre a devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, a maior parte dos moradores da vila de pescadores afirmaram serem devotos. Porém, grande parte não participa da festa há alguns anos. Mesmo tendo barcos para se deslocarem até a sede da cidade, de onde sai a procissão marítima, preferem não ir, pois, de acordo com eles, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte atualmente é apenas comercial, com ambulantes, lancherias, bares, e outros atrativos que exigem que se tenha dinheiro para participar: “[...] quem tem criança, vai a Navegantes só pra se incomodar, vale mais a pena colocar cinquenta reais de diesel no barco e ir para a festa em São Lourenço do Sul [...]”, afirma uma pescadora da Várzea.

Assim, pode se afirmar, de acordo com o contato estabelecido com pescadores e famílias nas vilas do interior da península, que atualmente são mais frequentadas por estes as festas religiosas de comunidades, em devoção a diversos santos católicos (festa de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, São Pedro, Sagrado Coração de Jesus, Divino Espírito Santo, Santo Antônio, dentre outras), talvez por acharem que os festejos de Nossa Senhora de Navegantes tenham se afastado do sentido religioso original, além de demandarem investimento econômico incompatível com suas possibilidades. Bunse (1981, p. 39) comenta sobre a existência dos chamados “bolantes”, que são pequenos chalés de madeira que podem ser armados sobre rodas, semelhantes a uma carreta, puxada por bois (Figura 84).



Figura 84: Bolante - chalé móvel, 2014.
Fonte: Da autora.

Quando há festa em comunidades próximas, os bolantes são levados para perto delas, servindo de abrigo para a família à noite, durante o tríduo preparatório, missas, baile, e outras atividades da programação da festa. Alguns bolantes foram encontrados durante a pesquisa de campo, ao fundo das casas dos pescadores, em comunidades afastadas cerca de 20 quilômetros do centro de São José do Norte. A Figura 84 é um dos bolantes encontrados, na comunidade de pescadores da Várzea.

5.8 Dificuldades para a continuidade da festa

O estudo da festa de Nossa Senhora dos Navegantes trouxe a possibilidade de conhecer, de vivenciar aspectos da memória, identidade, aspectos culturais, sociais, econômicos, as dificuldades dos habitantes, conflitos do passado e presente, expectativas, anseios. Os relatos coletados mostram que a visão dos depoentes com relação à festa não se restringe ao rito, ao mito, mas também às preocupações com relação à instabilidade do território enquanto “lugar da festa”, a estrutura que dá suporte à festa, ao “tempo comum”, que é o resto do ano, suas condições de vida, de subsistência. A festa, nesse sentido, é uma maneira de dar visibilidade à península, às águas, de mostrar que delas provém a vida, o sustento de famílias nortenses.

Agora a Capitania dos Portos quer todo mundo de colete salva-vidas enfiado no pescoço, depois do acidente com o Bateau Mouche. Uma vez foi engraçado por que a banda Democratas, aquele cara que toca o baixo tubo, instrumento grandão, era quase do tamanho do homem,

e eu disse para o Capitão dos Portos – Está vendo aquele cara ali capitão? O instrumento é do tamanho dele, enfiado no pescoço, como ele vai enfiar o salva-vidas no pescoço? Vai morrer asfixiado antes de morrer afogado! Dizer que esse barco não é seguro, claro que é! Um barco daqueles tem 50/100 toneladas de capacidade, eles vêm com lastro, para colocar o gelo, para gelar o peixe, então o barco não vira fácil não! [...] A Capitania vem para um lado, a falta de peixe vem pelo outro, então a festa religiosa pode se manter, mas a procissão, realmente, está difícil. As coisas vão se modificando, antes a banda Democratas tocava na missa da manhã, e depois almoçava no salão, e tocava à tarde também. Agora que está entrando menos dinheiro, menos patrocínio, o padre cortou essa história de dar almoço para a banda. Esse ano mesmo a banda não foi tocar na missa, sem almoço (Sr. Jorge Antiqueira, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

Conforme visto, de acordo com o Sr. Jorge, a burocracia das instituições estatais são um risco para que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes possa continuar, bem como a escassez do pescado, que afasta o jovem, filho e neto de pescadores, da vontade de exercer a mesma atividade de seus antecessores. Há outras possibilidades de trabalho, conforme cita o próprio Sr. Jorge:

Os mais jovens estão desistindo de pescar, de plantar, vão estudar e fazer outra coisa. Quem quer pescar, plantar? Passar necessidade? [...] Para dar peixe mesmo e valer a pena só em alto mar, muito longe, para quem tem o barco grande... para os pequenos não tem mais. Com esse estaleiro que veio, os pescadores pequenos estão deixando o barco para ir trabalhar lá no estaleiro. A festa religiosa de Navegantes pode até continuar, mas vai diminuir, vai perder o vigor. Os barquinhos davam um trabalho, a Capitania tinha que cuidar, era muito bonito, tinha até concurso para ver de quem era o barco mais bonito, hoje não [...] (Sr. Jorge Antiqueira, entrevistado em 05 de fevereiro de 2014).

[...] está terminando o ciclo da cebola e da pesca em São José do Norte. O principal problema é que as descendências, ninguém quer ficar mais lá, filho de agricultor, de pescador, não querem ficar lá. O cara em vez de querer plantar ou pescar, pega um emprego no EBR, no estaleiro, na Flopal, e se não tiver lá, vem pra Rio Grande, pega emprego em Rio Grande...pescador é a mesma coisa! A atividade da pesca está em fase de extinção, as pessoas que estão na pesca hoje não são mais jovens, estão no limite físico. Mas a extinção é da pesca de água doce, da pesca na lagoa. No mar não vai acabar tão cedo [...] (Sr. Oswaldir dos Santos, filho e neto de pescadores, entrevistado em 16 de janeiro de 2014).

A festa pode até continuar, mas vai perdendo o vigor, pois está se dissociando a base que a amparou por mais de dois séculos: a atividade pesqueira, o pescador que coloca seu barco no canal e faz a festa acontecer, aquele que contribui

financeiramente para igreja, dentre outros. Preocupa os depoentes a questão do pescador artesanal e dos agricultores, pois estes são autóctones, vivem ali, trabalham, investem ali. Os barcos maiores, de pesca marítima, são de empresas de fora, principalmente de Santa Catarina.

Foi possível verificar através da análise dos relatos que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes enquanto bem cultural possui dimensão material e imaterial. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 84), a imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma direta, ao patrimônio cultural imaterial. Montenegro (2012) afirma que é da dinâmica da identidade cultural que se forma o patrimônio e que este não pode ser dividido em material e imaterial, pois é do equilíbrio entre o simbólico e o lugar que se constitui o que pode se chamar de patrimônio. De acordo com a pesquisadora, é através da dinâmica da identidade que se constitui o patrimônio, são as pessoas, a paisagem, o espaço, que irão definir o que é o patrimônio local. O simbólico passa a constituir o patrimônio, a memória social. De acordo com Candau (2009, p. 49):

[...] a patrimonialização desempenha um papel essencial para autenticar uma narrativa coletiva de um passado compartilhado. Na realidade, é muito mais a crença nessa propriedade compartilhada que é transmitida - crença essa compartilhada - que a propriedade propriamente dita. A função principal da autenticação da narrativa, pela patrimonialização ou pela comemoração, é de favorecer a emergência de um compartilhar real, aquele da "crença" no compartilhar, crença adotada pelos membros do grupo (CANDAU, 2009, p. 49).

A possibilidade de compartilhamento real da festa, de seus produtos, sua significação social, seus atributos, seu valor como um bem cultural só é possível se forem preservados os meios para que ela se mantenha. Ela é uma expressão social legítima, histórica de São José do Norte, portanto, sua continuidade deve ser prioridade, bem como a luta pela atividade da pesca artesanal local.

Considerações finais

A memória é lugar onde cresce a história, que por sua vez a nutre, procurando fazer com que seja evidenciada para servir tanto para o presente quanto para o futuro (Le Goff, 2003, p. 471). O autor elenca uma sequência de exemplos de como a memória contribui para que seja possível a compreensão, a interpretação de diferentes civilizações, afirmando que as festas foram elementares não apenas para o compartilhar memorial, mas para alimentar ideais como o nacionalismo, a revolução, e tantos outros. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Existe, assim, uma permanente interação entre memória e história, mesmo elas sendo distintas entre si. A historiografia moderna utiliza a memória coletiva e as memórias individuais como recursos disponíveis para a produção de conhecimento na área da história (Barros, 2009, p. 38). De acordo com o autor, a memória deixou de ser uma limitação para a historiografia, para ser elemento que enriquece, frutifica as perspectivas de estudos.

Le Goff (2003, p. 467) dá ênfase a Pierre Nora, quando este afirma que as comemorações e peregrinações podem ser considerados lugares simbólicos, lugares de memória onde está a história contada diretamente pelas comunidades, gerações que carregam e difundem seus “arquivos”, suas experiências e assim dão continuidade ao compartilhamento da memória social. As expressões da memória, materializadas na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, fundamentam a identidade do grupo que as performatiza, sendo assim, pode-se afirmar a inovação da pesquisa na diversidade de percepções, de significados, de identificações atribuídas à festa, relacionando à história, memória, trabalho, vivências e convivências.

Buscamos trazer um panorama amplo e desafiador da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, dos significados, da devoção, dos conflitos, na história e memória através de pesquisas junto à comunidade local. É possível afirmar que a festa se integra, desta forma, na perspectiva de um importante patrimônio cultural imaterial brasileiro, ligado às heranças culturais lusas, porém ressignificado, sincretizado e constantemente reatualizado pela comunidade de São José do Norte há mais de dois séculos, sendo assim a memória viva de gerações. Conforme afirma Jurkevics (2005, p. 74), o estudo da festa religiosa é também uma

possibilidade de redescobri-la e revitalizá-la, interpretando-a como um importante campo de investigação histórica, “transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva”. Considera-se um dos maiores atributos desta pesquisa a possibilidade de compreender, visualizar o processo que possibilitou a existência bicentenária da festa e sua capacidade de atualizações, de se moldar conforme os períodos.

Os resultados do estudo diacrônico da festa através da análise de documentos e fontes primárias da igreja São José e periódicos dos séculos XIX e XX, trouxeram a compreensão da continuidade – continuidade dinâmica, que contempla mudanças e rearranjos ao longo do tempo – e das interpretações, além de compor um registro documental histórico da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, tornando possível verificar os motivos da adesão popular à festa por tanto tempo.

No terceiro capítulo foi possível também conhecer as rupturas, os interesses, os conflitos internos e externos à igreja, os atores sociais, instituições e outros componentes que fazem parte da diacronia da festa, bem como seu papel político, de ordem e influência social. Foram descobertos vestígios materiais importantes do começo da festa, como a tela de Nossa Senhora do Rosário, que a nosso ver constitui já em si uma contribuição relevante da pesquisa, por incorporar esta pintura como registro de autenticidade material da densidade histórica da procissão. Ademais, enriquece a dimensão patrimonial, posto que esta tela demandaria maior atenção do ponto de vista da análise técnica de suas condições de conservação. A posteriori, serão consultadas as possibilidades de encaminhamento deste inestimável patrimônio para restauro junto à esta universidade.

Desvelaram-se também neste capítulo detalhes sobre a opulência da festa, quando a pesca abundava na região e identificaram-se características sincréticas, místicas e híbridas da festa desde a segunda metade do século XX. Perceberam-se ainda como as formas de organização carregam relações conflituosas entre clero, paroquianos, pescadores, gestão pública municipal e outras instituições, sem contar um tanto de outros aspectos que contribuem para situar a festa como um importante fenômeno social local.

Considera-se, após a análise dos resultados, que a energia que emana desta festa mescla dois principais sentidos. O primeiro constitui-se na fé católica dos

habitantes, que está ligada à ocupação do território peninsular e à forma peculiar de organização dos açorianos, que culmina na fé na Virgem Maria, o que congrega os devotos, em diferentes momentos e rituais, que os une em uma força de coesão, que consiste a motivação precípua da festa. O segundo é o simples desejo de encontro com os amigos, de diversão popular, de “festejar”, assistir ao “movimento” gerado pela festa de Nossa Senhora dos Navegantes, mesmo sem estar envolvido pelo rito devocional da festa. Ou seja, existem festas dentro da festa, esta não se esgota em uma única motivação, fato que pode ser considerado importante para pensar sobre a sua longevidade e manutenção. A festa incorpora, adere diferentes pessoas, grupos sociais, atividades, comensalidades, indivíduos que respeitam a devoção, pois é tradicional, familiar, parte inexorável da história do município, conforme o título desta tese sugere, mas podem ou não ter na fé a motivação em “fazer a festa”. São estes indivíduos que darão a continuidade, a vitalidade à festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Desta forma, o conhecimento foi produzido, conforme Portelli (2010, p. 09), considerando o tempo presente como dimensão que não apenas analisa o passado, mas que também impulsiona o futuro, colocando como motivação o presente e as relações entre história e memória, compreendendo que o estudo requer não apenas o empenhamento retrospectivo, mas também prospectivo. Reitera-se que não foi aspiração nossa extrair ou interpretar um consenso relativo às memórias da festa, nem tampouco estabelecer uma determinação lógica e unívoca de datas, nomes, fatos, mas sim elaborar o registro de sua história em longa duração, bem como perceber uma diversidade de impressões de acordo com diferentes representações sociais, pois as pessoas, nos diferentes momentos histórico, chegam a diferentes conclusões, de sorte que as sociedades elaboram consensos, que comportam em seu interior diversidade de interpretação pelos diferentes sujeitos (SAHLINS, 2011, p. 11), de acordo com seu tempo e posição social. Conforme o autor, a cultura é historicamente reproduzida na ação. A festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em cada etapa, em cada relação produzida, em cada interpretação, significação, está permeada de história e memória, culturalmente assumida pela comunidade como uma representação social por diversos atores.

Por suas características plurais e multiespaciais, a festa proporciona a integralidade da condição humana no sentido de ser, estar, pertencer. Foi identificado

que cada participante tem sua própria interpretação com relação aos significados da festa. Não há assimilação, ou incorporação de uma doutrina, mas uma integralidade. A festa é um só corpo, composta por indivíduos diferentes, com diferentes intenções, que se irmanam na festa.

Devoto ou não, o nortense sente o prestígio, assumindo diferentes papéis na cidade em movimento, conforme indicava já no século XIX o relato de Fidêncio (1875), com as casas enfeitadas e as résteas de cebolas penduradas, em uma demonstração de afeição, orgulho e demonstração da cultura agrária local no dia da festa, na presença solene do bispo, que anualmente vem para participar da festa, na decoração dos barcos para o “desfile” com a família na procissão marítima, onde os pescadores também têm seu momento de protagonizar. E como na análise de Aumont (1993), as imagens em movimento podem ser interpretadas de várias formas, a partir do ponto de vista do expectador. Ao estar na festa, os papéis podem ser múltiplos, as motivações não são categorias rígidas, os símbolos, signos, assim como as etapas que compõem a festa, são passíveis de diferentes interpretações. Pode-se salientar neste contexto que as fotografias não expressam a festa em sua totalidade e que a abundância delas objetivou aproximar o leitor do universo, dos múltiplos espaços ocupados pela festa em simultaneidade.

No decorrer da análise foi possível situar a festa de Nossa Senhora dos Navegantes na perspectiva de um “fato social total” (Mauss, 1924), uma manifestação sociocultural religiosa de longa duração onde foi possível perceber a produção e circulação de bens e de dádivas baseados na reciprocidade, no “dar, receber e retribuir”, em diferentes dimensões da vida social, tanto na relação entre os humanos quanto nas relações transcendentais, na relação dos devotos com a Virgem Maria.

Percebeu-se não somente trocas de riquezas (Mauss, 1924, p. 14), mas de amabilidades, da comida, da bebida, do pouso nas casas de parentes e amigos. A festa como o momento propício para “pagar” aquela visita que se estava “devendo”, dos primos e vizinhos brincarem, da partilha do combustível do barco para navegar na procissão, de irem juntos à praça e lá permanecerem todo o dia, dentre outras trocas. Pode-se pensar na teoria da dádiva também no sentido místico, divino, no ato de pagar a promessa ou de trazer oferendas ou penitências no momento da festa. Se a Virgem Maria concede um milagre, é preciso pagar para ela: na festa, se recebeu, deve retribuir. Em diversos momentos se observou na festa essa relação de trocas,

de reciprocidades. De acordo com Mauss (1924), quem doa algo, doa parte de si. Desta forma também se pode refletir sobre as razões da longevidade e vitalidade da festa, como um longo processo de obrigatoriedade em retribuir as graças, ou suplicar por elas, desde 1811. Estas são dívidas de ancestrais de nortenses que permanecem sendo pagar a Virgem Maria pelos familiares. Mauss (1924) afirma que a solidariedade, as dádivas, as generosidades agradam aos deuses, que também se colocam à disposição, solidários e generosos, para retribuir.

Essa relação de doação, de mobilização social, de comprometimento com a festa, foi identificada no uso das diferentes metodologias de coleta de dados, tanto na pesquisa histórica, quanto na observação participante e na análise dos depoimentos com o uso da história oral e oralidades. O uso dessas metodologias possibilitou também a identificação de memórias traumáticas junto a alguns nortenses, como por exemplo, o fato de não poder participar da festa antigamente por não ter uma roupa ou um calçado apropriados para isso. Elementos de segregação social, impressões negativas, “indizíveis” que foram captadas sem o uso do aparelho gravador e que têm peso importante para compreender a festa de forma integral.

Os dados dispostos no Capítulo 04 foram identificados, registrados e analisados. Alguns elementos simbólicos da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que remetem a significados relacionados à história do lugar, exemplificam como a memória transita nos objetos e nos espaços. A imagem da Virgem Maria, os objetos dispostos no altar, no ofertório, os anjos da procissão (crianças da comunidade), a igreja, a praça principal, as ruas, o porto, os barcos, as águas, são objetos e lugares da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que ganham outra significação com a festa, rompendo com o cotidiano, reforçando a identidade e os laços sociais. As fotografias registraram diversos significados, expressões, vivências da festa, conectando os gestos ao objeto, explicando os pagamentos de promessas, a emotividade, as solidariedades. Conforme dito, as imagens foram captadas para que fosse possível a melhor compreensão do texto, como uma forma de expressão, de comunicação sem palavras. As imagens capturadas durante as festas de 2013 a 2017 demonstraram a diferença de espaços, de intenções com relação aos participantes da festa. De acordo com Aumont (1993, p. 199), as imagens, os símbolos, devem ser interpretados levando em consideração a realidade social em que estão inseridos.

Pode-se afirmar que existe uma estrutura simbólica na perspectiva de cada um dos participantes, conforme a sua motivação em estar na festa.

A socialização nos permite lembrar, e o contrário também: nossa memória nos ajuda a nos tornarmos e nos mantermos socializados (Assmann, 2006). A memória nos capacita a desenvolver a noção de identidade, tanto individual quanto coletiva. No decorrer da pesquisa, identificou-se que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes é um suporte de memória, uma manifestação da memória cultural, onde o que é herdado e transmitido é uma identidade que situa a comunidade, dá sentido, esperança e também uma manifestação da memória comunicativa, geracional, pois transita no ambiente familiar, vicinal, sendo ensinada aos mais jovens pelos mais velhos, no presente, de forma diferente, assimilando as experiências de vida adquiridas.

As memórias coletadas utilizando a metodologia da história oral permitiram não apenas contrapor os dados orais com os documentais, da diacronia da festa, mas também foi possível conferir a afeição, o significado da festa na memória pessoal e pública, e que a festa é cotidiana, é um acontecimento selecionado e investido de diferentes significados, conforme o depoente entrevistado. A festa é uma memória amplamente compartilhada, os nortenses a compreendem como um elemento de identidade, de memória. As memórias são interpretações, seleções do passado escolhidas para serem transmitidas através da provocação do entrevistador. Porém, conforme visto, entre histórias e memórias, foi feito também o exercício de prospecção do futuro, expressou-se o temor com relação à continuidade da festa, entre outros, tal como sugere Portelli⁵² (2016, p. 18).

Sobre a noção de espaço, pode-se citar Sayad (2000, p. 12), que afirma que qualquer espaço pode ser um lugar aberto para todas as nostalgias, carregado de afetividade. A descoberta desses lugares, de seus significados, dos sentimentos da comunidade com relação à festa de Nossa Senhora dos Navegantes, pôde recuperar parte da história deste fenômeno social. Conforme dito, a comemoração da festa de Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte, assim como a devoção à Virgem Maria, relaciona-se diretamente com a vida, cotidiano, território, trabalho ligado às águas, dentre outros aspectos da sociedade. Os espaços, os objetos, os lugares são os mesmos. As pessoas não são as mesmas, mas reatualizam

⁵²“A história oral, então, é a história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória” (PORTELLI, 2016, 18).

anualmente aquela prática social nos mesmos lugares: nas ruas, na igreja, nas águas, na praça, nas casas. Os nortenses rememoram, e fazem a história da festa, comemorando, ou “lembrando juntos”.

A festa contribui para a constituição de diferentes significações dos espaços, do território, fazendo deles suportes de memória, lugares carregados de história, que atravessam a memória viva (CANDAU, 2011, p. 157). Pode se afirmar que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes adquire singularidades relacionadas aos habitantes, à história do lugar onde acontece, se transformando, descartando ou incorporando elementos lúdicos e sujeitos sociais (Pelegrini, 2011, p. 232). Assim, a pesquisa contribuiu para o entendimento da dinâmica das relações entre a festa e o lugar onde ela ocorre.

É possível afirmar que, para ter continuidade por este período de mais de dois séculos, a festa está apoiada em significados por parte da comunidade que a faz. Dentre os significados atribuídos à festa, o principal é a proteção da Virgem Maria aos pescadores. Pelo posicionamento geográfico, os munícipes de São José do Norte e muitos de Rio Grande, são navegantes que precisam de alguma assistência e confiam ao místico, ao espiritual sua proteção diária. Como disse o pescador Rubinho “Se sair para o mar sem fé tu não faz nada”.

Ainda nesse contexto de significações, os pagadores de promessa despontam na festa como importantes dispositivos de propagação da fé, da devoção e do relacionamento pessoal de agradecer ou pedir graças e milagres a Nossa Senhora dos Navegantes. Os pagadores de promessas testemunham, anunciam, desfilam na festa, dando exemplo e incentivando aos demais que, em caso de necessidade, podem também recorrer à Virgem Maria. Foi visto durante a pesquisa que a festa é o lugar de pagar a promessa, e se o milagre recebido for uma coisa mais “importante”, é preciso embarcar na procissão marítima. Este é um resultado considerado vital para a manutenção da festa: a importância desse ator social, o pagador de promessas. De acordo com Leal (1996), a festa do Divino Espírito Santo nos Açores foi bruscamente impactada pelo êxodo de considerável parcela dos habitantes locais, decaindo o número de pagadores de promessas, o que inviabilizou o acontecimento da festa por alguns anos. Considera-se assim a prática dos pagadores de promessa como fundamental para que se mantenham os sentidos, os significados da festa.

A pesquisa da história e memória da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

de São José do Norte contribuiu para apontar elementos que a situam como um patrimônio cultural imaterial, o que colabora com processos e ações que visem a sua preservação. Este é um dos meios para garantir continuidade ao fenômeno social, através de benefícios econômicos à região, trazidos pela circulação de devotos e visitantes motivados pela festa enquanto manifestação cultural/religiosa. Uma das atividades econômicas que demonstrou estar em vulnerabilidade e que impacta diretamente na festa é a pesca artesanal. O empobrecimento das safras de pescados no decorrer dos anos fez com que a procissão marítima diminuísse em número de embarcações, pois os filhos não estão assumindo a pesca como atividade econômica principal, como seus pais faziam. A instabilidade da economia da pesca soma-se a outros fatores para que o pescador do interior não venha ao centro para participar da festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Este elemento remete também aos conflitos existentes na festa, igualmente identificados na pesquisa, concernentes à massificação do comércio no dia da festa, o que de certa forma impede ou dificulta a participação de pessoas com menos recursos.

De acordo com Prats (2003, p. 135), a atividade turística pode trazer vitalidade e relevância política para o patrimônio, aumentando assim a possibilidade da continuidade e proteção do bem cultural. Conforme Souza Filho (2010), a proteção dos bens culturais intangíveis é complexa, e a demanda por espaços para manifestar a cultura nas cidades torna-se cada vez mais necessária. “A especulação urbana vai consumindo, devorando os espaços comunitários e vai se tornando cada vez mais difícil o povo manifestar suas danças, crenças e saberes” (SOUZA FILHO, 2010, p. 51). Desta forma, o estudo contribuiu também para a consolidação da importância de se manter tanto a tradição quanto os espaços envolvidos na festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Nas investigações realizadas durante a festa, foram mencionados aspectos relativos à comunidade, suas relações sociais, de violência, economia, fé, conflitos, dificuldades, gratidões. Assim percebe-se que, corroborando Guarinello (2001, p. 974), há um diálogo, uma abertura no momento da festa, onde fluem os discursos que de certa forma fazem a moldura da festa, inscrevendo-se na memória individual e coletiva dos participantes. A festa é uma oportunidade para demonstrar, afirmar seu pertencimento, sua afeição ao local, à devoção em Nossa Senhora dos Navegantes,

o ser pescador, ser marinheiro, ser capitão, ser representante da igreja, dentre outros possíveis papéis que podem ser atribuídos aos participantes.

Chamon (2001, p. 598) afirma que analisar os dados de uma pesquisa de uma festa significa, de certa forma, empobrecê-la, tão múltipla e complexa ela é em perspectivas de análise e amplitude de contextos e motivações que pode envolver. A festa não deve ser “reduzida” ao sucesso ou insucesso de ter ou não atingido seus objetivos. Na verdade, de acordo com a autora, nenhuma festa atinge seus objetivos, pois no final os homens encontram-se novamente divididos. Guarinello (2001, p. 971) afirma que o objetivo da festa se esgota em si mesmo, ou seja, a reunião comemorativa que constitui a festa é seu próprio objetivo, seu *leitmotif*⁵³.

⁵³ Do alemão, “motivo condutor”.

Referências

ABREU, Martha. **O Império do Divino: Festas Religiosas e cultura popular** no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Mapa de Localização de São José do Norte**, Rio Grande do Sul, Brasil. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em 07 de setembro de 2017.

ADOMILLI, Gianpaollo Knoller. **Terra e Mar do Viver e do Trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte – RS**. (Tese de Doutorado) 344 p. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

ALMEIDA, Jaime de. Revisitando São Luís do Paraitinga. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (org). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique. **Ensaio de História do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Editora da FURG, 1996.

AMARAL, Giana Lange do. O periódico católico pelotense “A Palavra”: aspectos sobre a Igreja Católica e a educação nas primeiras décadas do século XX. **Cadernos de Educação** (Pelotas, RS), n. 29, p. 153-171, 2007. Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/fae/caduc/downloads/n29/09.pdf>> Acesso em: 03 ago 2017.

AMARAL, Ivone Leda do. A sociedade de Nossa Senhora da Conceição do Estreito e Contribuição Açoriana na Formação Cultural do Rio Grande de São Pedro. In: JACCOTTET, Alda Maria de Moraes (org.). **A largueza histórica do Estreito**. Pelotas: Editora Universitária, 1999.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. A Redenção dos Pardos. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (org). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Communicative and Cultural Memory. In.: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (org.). **Cultural Memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin: De Gruyter, 2008.

_____. **Religion and Cultural Memory: ten studies**. Califórnia: Stanford University Press, 2006.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

AURORA, Maria de Fátima Jensen. **A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**. Programa de Pós-Graduação Latu Sensu Rio Grande do Sul: Sociedade, Política & Cultura (Trabalho de Conclusão de Curso). Rio Grande: FURG, 2003.

BARCELLOS, Rubens de. **Estudos Rio-Grandenses**. Coleção Província. Vol. 07. Porto Alegre: Globo, 1955.

BARROS, José D'Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Revista Mouseion**. V. 03, n. 05. P. 35 – 66, 2009. Disponível em: http://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em 06 dez. 2016.

BULFINCH, Thomas. **O livro de Ouro da Mitologia** (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 2002.

BUNSE, Heinrich Adam Wilhelm. **São José do norte: Aspectos linguístico-etnográficos** do antigo município. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CANDAU, Joel. **Antropologia de La memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

_____. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. vol. 01, n. 01. P. 43 – 58, 2009. Disponível em: <http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>. Acesso em 11 out 2013.

_____. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CARDIM, Pedro. Entradas solenes, rituais comunitários e festas políticas, Portugal e Brasil séculos XVI e XVII. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (org). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

CHAMON, Carla Simone. O Tejuco faz a festa. Festejo cívico no arraial do Tejuco em 1815. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional, festa e sociabilidade. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

COSTAMILAN, José Fernando e TORRES, Luiz Henrique. **São José do Norte: o início de um povoamento**. Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, 2007.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, Festas e ritos: Algumas considerações. **Revista Brasileira da História das Religiões**. n. 01. 2008.

DEL PRIORE, Mary Lucy. A Serração da Velha: Charivari, morte e festa no mundo luso-brasileiro. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS, Geraldo Coelho. **Religiosidade popular e devoção das Gentes do mar** em Esposende. Portugalia. Nova Série, vol. XVII e XVIII, 1997.

ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho de. Etnografia de Rua: estudo de antropologia urbana. In.: **Rua: Revista do Núcleo de desenvolvimento da criatividade** da UNICAMP – NUDECRI. Campinas, 2003. n. 09. p. 101 – 127.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FARINHA, Alessandra Buriol. **Senhora das Águas: Memórias da antiga Procissão** de Navegantes do Porto de Pelotas – RS. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. (Dissertação de Mestrado). Pelotas: UFPEL, 2012.

FERLINI, Vera Lucia Amaral. Folguedos, feiras e feriados. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

FERREIRA, **Lorene Dutra Moreira**. Festas Religiosas: uma manifestação cultural de Mariana. Ouro Preto: ETFOP, 2009.

FERRETTI, Sérgio F. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil - modelos, limitações e possibilidades. **Tempo**, v. 06, n. 11, p. 13-26, 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167018156002>. Acesso em 07 dez. 2017.

FORTES, João Borges. **O povoamento inicial do Rio Grande**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS. Porto Alegre, 1934.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo. Gregos. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.

GARRAFFONI, Renata Senna. Romanos. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A., 1989.

GIL FILHO, Sylvio Fausto e CORREA GIL, Ana Helena. Identidade Religiosa e territorialidade do Sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDAHL, Zeny (org.). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

_____. **Les Cadres Sociaux de La memoire**. Paris: Mouton, 1976.

HANSEN, João Adolfo. A “Representação” nas festas coloniais. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (org.) Falando de Festas. In.: **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 2010.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: A materialidade da fé. **História: Questões & Debates**. N. 43, p. 73-86, 2005. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7863/5547>. Acesso em 07 dez. 2017.

LAYTANO, Dante de. Os Açorianos. In: BECKER, Klaus. **Enciclopédia Riograndense** 1º volume. Porto Alegre: Sulina, 1968.

LEAL, João. **Festa e emigração numa freguesia açoriana**. Museu Nacional de Etnologia. 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LONDRES, Maria Cecília. Manual de Aplicação. **Inventário Nacional de Referências Culturais** - INRC, Minc/IPHAN, 2000.

LUZ, Guilherme Amaral. Palavras em Movimento. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MARIN, Louis. Manifestation, cortège, défilé, procession. In.: **De La Representation**. Paris: Gallimard, 1994.

MARQUES, Ester; SANTOS, Joaquim. Procissão de Nossa Senhora de Fátima: devoção e ritual. **Comissão Maranhense de folclore, CMF**, n. 29, p. 8-11, ago. 2004. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/boletim.php?pg=1> Acesso em: 06 ago. 2014.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 73, p. 45-66, 2005. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/73/RCCS73-045-066-Paulo%20H.Martins.pdf>. Acesso em 11 out. 2013.

MATTOS, Mario Barboza de. Estreito: glória sob as areias. In: JACCOTTET, Alda Maria de Moraes (org.). **A largueza histórica do Estreito**. Pelotas: Editora Universitária, 1999.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013 (texto original: Essai sur le don 1924).

MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos Santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

MELO E SOUZA, Laura de Melo e. Festas Barrocas e vida cotidiana em Minas Gerais. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MIRANDA, E. E. de; COUTINHO, A. C. (Coord.). **Brasil Visto do Espaço**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2004. Disponível em: <<http://www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em 6 dez. 2017.

MONTENEGRO, Monica. **¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos? Re-apropiación de paisajes culturales como patrimonio local, a partir de propuestas de arqueología pública em el Noroeste Argentino**". Mini-curso proferido no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, PPGMP, 2012.

MORAES FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Ediouro Gráfica, 2005.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: La problématique des lieux. In: NORA, Pierre (org.). **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984. Vol.1 La République, 1984.

PELEGRINI, Sandra C. A. A salvaguarda e a sustentabilidade do patrimônio imaterial brasileiro: impasses e jurisprudências. In: FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra A. A.; RAMBELLI, Gilson (org.) **Patrimônio Cultural e Ambiental: Questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. Tradições e histórias locais: as esperanças nas bandeiras do divino em São Luiz do Paraitinga (São Paulo – Brasil). **Revista Patrimônio e Memória**, v. 07, n. 1, p. 231-256, 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/199>> Acesso em 11 dez 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 02, n. 03, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>> Acesso em 05 ago 2012.

_____. Memória e Identidade Social. **Revista dos Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 05, p. 1-15, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>. Acesso 11 out 2013.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POZZI, Pablo A. Esencia y Práctica de la historia oral. **História, Voces y Memoria: Revista del Programa de História Oral**. Buenos Aires: Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de America Latina, v. 04, 2012.

PRATS, Llorenç. Patrimônio + Turismo = ¿desarrollo? **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 01, n. 02, p. 127 – 136, 2003. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/1203/PS000603.pdf>. Acesso em 11 out 2013.

Primeiro **Lustro da Diocese de Pelotas (1911 – 1916)**. Pelotas: Tipografia do Centro, 1916.

RAMOS, Fabio Pestana. O festejo a bordo das embarcações portuguesas. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

RECUERO, Carlos Leonardo. **Festas religiosas na Ilha dos Marinheiros: os ilhéus entre o sagrado e o profano**: Um estudo Fotoetnográfico. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. (Dissertação de Mestrado). Pelotas: UFPEL, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Arqueologia e História Pré-Colonial. In: TAGLIANI, P., RIBEIRO, P.A.M.; ALVES, F.N.; TORRES, L.H. **Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos**: Uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera. Rio Grande: FURG, 2000.

ROSSI, Luiz Alexandre. Sumérios. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RUGENDAS, José Maurício. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Livraria Quitanda, 1940.

SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro Zahar, 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

SANT'ANNA, Ivan. **Bateau Mouche**: Uma tragédia brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia**, número especial, p. 7-32, jan. 2000.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés. **Bens Culturais e sua proteção jurídica**. Curitiba: Juruá, 2010.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. Liturgia Real. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e Cultura. In: VALLA, Víctor Vincent (org.) **Religião e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Catolicismos e memória no Rio Grande do Sul. **Debates do NER**. n. 05. p. 09-30, 2004.

_____. Traditional Popular Catholicism in Brazil. In.: SCHMIDT, Bettina (org.). **Handbook of Contemporary religions in Brasil**. Boston: Brill, 2016.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **Cultura Popular: Temas e questões**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

TORRES, Luiz Henrique. **São José do Norte no Período Imperial**. Caderno Memória & História. O Peixeiro, junho de 1999.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Fontes

LIVRO da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora dos Navegantes (1814)

LIVRO DE HONRA A Nossa Senhora dos Navegantes (1896)

LIVRO do Inventário da Paróquia São José de São José do Norte (1954)

LIVRO Ata do Conselho Paroquial da Paróquia São José de São José do Norte (1991 – 1993)

LIVRO Ata da Paróquia São José de São José do Norte (1997 – 2000)

PRIMEIRO LIVRO TOMBO da Paróquia São José de São José do Norte (1912-1953)

SEGUNDO LIVRO TOMBO da Paróquia São José de São José do Norte (1969 – 1985)

TERCEIRO LIVRO TOMBO da Paróquia São José de São José do Norte (1985 – 1989)

PERIÓDICO AGORA, Rio Grande, 04 de fevereiro de 1999.

PERIÓDICO AGORA, Rio Grande, 03 de fevereiro de 2003.

PERIÓDICO ECHO DO SUL, Rio Grande. Edições de janeiro e fevereiro de 1875 e 1911

PERIÓDICO DIÁRIO DO RIO GRANDE, Rio Grande. Edições de janeiro e fevereiro de 1849, 1865, 1881 e 1961.

PERIÓDICO O TEMPO, Rio Grande. Edições de janeiro e fevereiro de 1911.

Sites

CAPITANIA DOS PORTOS DO RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Ensino. Zoneamento das Colônias de Pescadores (2013). Disponível em:

https://www.mar.mil.br/cprs/cprs/10_epm/Documentos/2013/Doc_N_029-EPM-04-2013_COLONIA_PECADORES.pdf. Acesso em 10 dez. 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Senso demográfico de 2010**. Disponível em:

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=21&uf=43> Acesso em 10 jul 2015.

IPHAE. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul. Bens Tombados. Disponível em:

<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=55700> Acesso em 10 jul 2015.

Fontes Orais⁵⁴

Pescadora da Várzea - 05 de fevereiro de 2014 - São José do Norte (08m14s)

Sr. Alex – 02 de fevereiro de 2016 – São José do Norte (testemunho oral registrado no caderno de campo, sem uso do gravador)

Sr. Guaraci Ferrari – 18 de janeiro de 2014 – Rio Grande (43m27s)

Sr. Jorge Antiqueira – 05 de fevereiro de 2014 - São José do Norte (28m58s)

Sr. Loreno Pastore - 05 de fevereiro de 2014 - São José do Norte (22m32s)

Sr. Natalino Fioroti – 08 de outubro de 2015 - Pelotas (01h29m30s)

Sr. Natálio Viana – 30 de janeiro de 2014 – São José do Norte (15m58s)

Sr. Oswaldir Santos – 16 de janeiro de 2014 – Rio Grande (01h01m30s)

Sr. Reinaldo Lemos – 02 de fevereiro de 2015 - São José do Norte (testemunho oral registrado no caderno de campo, sem uso do gravador)

Sr. Rubinho - 02 de fevereiro de 2016 - São José do Norte (08m24s)

⁵⁴ Todos os depoimentos orais arrolados abaixo foram recolhidos pela autora desta pesquisa.

Sra. Fátima Velozo - 02 de fevereiro de 2015 - São José do Norte (14m33s)

Sra. Lucília Lopes de Oliveira - 02 de fevereiro de 2015 - São José do Norte (07m42s)

Sra. Maria José André - 03 de fevereiro de 2016 - São José do Norte (01h01m26s)

Sra. Simone – 02 de fevereiro de 2016 - São José do Norte (8m05s)

Apêndices

Apêndice 01: Roteiro de entrevista: “História e Memória da *Muy Heroica Villa*: A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, RS”.

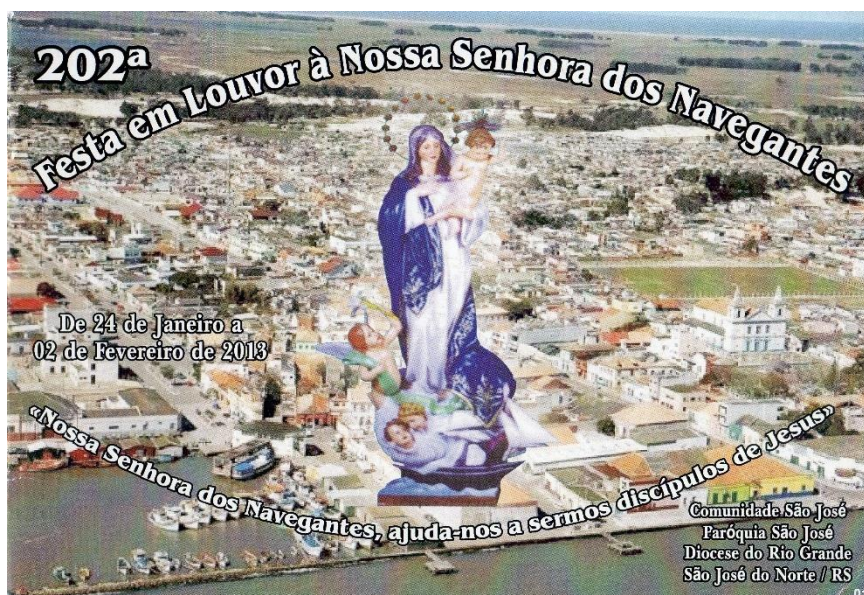
1. Nome completo; idade; ocupação, o que o identifica com a festa.
2. É devoto (a) de Navegantes? O que essa devoção significa para você?
3. Participa? Como? Quem lhe transmitiu, ensinou esta devoção? Filhos, netos participam? A devoção tem significado para a família?
4. Por que participa da festa?
5. Como se prepara para a festa?
6. Costuma fazer/pagar promessas? De que forma?
7. Como se lembra da festa antigamente? O que mudou?
8. Como é a mobilização dos fiéis antes e durante a procissão?
9. Quem participa da festa, gênero, classe social, grupos?
10. Identifica a participação de pessoas de outras religiões na festa?
11. A Festa é importante para a cidade?
12. O que a festa representa em termos financeiros? (Para lideranças).
13. Quantas comunidades participam da festa?
14. Lembra de alguma história curiosa relacionada com a festa, com a devoção?
Qual (is)?

Apêndice 02: Em memória de Cinelande

Como diz Portelli (2016), existe um abismo entre o entrevistado e o entrevistador. Nem sempre este último é visto com bons olhos, mas comigo e Cinelande nunca foi assim, desde nosso primeiro encontro. Conheci a Cinelande Borges na festa de 2015. Ela era festeira, junto com seu esposo, o Gê. Era também ex-pescadora e ocupava o cargo de vereadora em São José do Norte. Perdeu o pai quando era pequena em um acidente de barco, enquanto estava pescando. Se mudou para a Várzea com a mãe e as irmãs. Era também presidenta do Sindicato dos Pescadores. Ela foi uma das responsáveis por diminuir, e às vezes fazer com que desaparecesse esse “abismo” entre pesquisador e pesquisado, abriu caminhos, me levou a campo, para conhecer outros pescadores, sua comunidade, o filho pescador, o neto, a nora. Ela faleceu no começo deste ano, pude visita-la, enferma, no mês de fevereiro. Faço essa menção de agradecimento por ter tido a oportunidade de conhece-la, aprender com ela, mulher lutadora pelos direitos dos que mais precisam, dos pescadores daquela região, para que garantam seu ganha-pão. Que honra ter tido a oportunidade de estar contigo. Tenho certeza que está fazendo falta para muita gente trabalhadora. Na fotografia, ela trança uma rede com seu filho, na Várzea. Ela postou essa fotografia no dia de São Pedro, o apóstolo pescador.



Anexos



Capa portfolio da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2013.



Capa do livro da Novena da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2014.



Folhetos da programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2015 e 2016

206ª Festa em louvor à

Nossa Senhora dos Navegantes

De 24 de janeiro a 02 de fevereiro de 2017



“Maria, mãe da Igreja,
nos leva ao encontro de Jesus.”

Matriz São José
São José do Norte – RS
Diocese do Rio Grande

Igreja Matriz São José
Fundada em 1860



Arte e Impressão:  0211-3697

PROMOÇÃO:

Comunidade: São José
Pároco: Pe. Eduardo dos Santos de Oliveira
Bispo: D. Ricardo Hoepers

APOIO:


Prefeitura Municipal
São José do Norte - RS


Prefeitura Municipal
do RIO GRANDE
Aqui tem Governo Popular

PATROCÍNIO:


Porto do Rio Grande

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL


TODS
PELO RIO GRANDE
SECRETARIA DOS TRANSPORTES

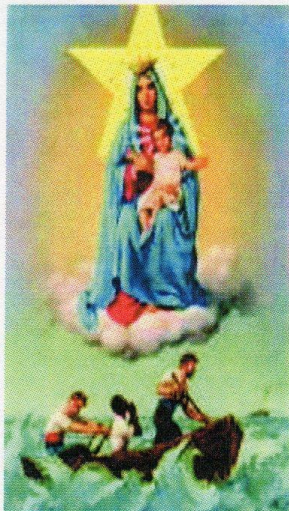

F. Andreis

DISTRIBUIDORA


AZANA
ATENDEMENTO CIDADE E INTERIOR PELO FONE:
(53) 3238-1193
Rua Dr. Álvaro Costa, 126 - São José do Norte - RS

Frente e verso do folheto da programação da festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2017

204ª FESTA EM LOUVOR A
NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES



“Nossa Senhora dos Navegantes,
queremos ver e seguir Teu Filho,
Jesus.” (Cf. Mc 10,52)

Festeiros:

Ana Beti e Juberlei
Charlene e Erb Anderson
Cinelande e Gerci
Claudia e Gean
Fernanda e Luciano
Flávia e Luiz Amaro
Jurema e Paulo Cesar
Rosária e Aires

Pároco:

Pe. Eduardo S. Oliveira

Bispo:

D. José Mário Stroehner

Matriz São José
São José do Norte/RS
02 de Fevereiro de 2015

**Oração a Nossa Senhora dos
Navegantes**

Maria, Mãe da Igreja

No mar da vida, és nossa intercessora,
sempre guiando-nos por caminhos
seguros.

Queremos, inspirados em tua vida, fazer
de nossa vida uma oferta a Deus nosso
Pai para que o vosso Reino de amor
aconteça no meio de nós.

Que São José do Norte seja lugar para
ver e seguir Teu Filho amado!

Por isso, te pedimos, **ó Nossa Senhora
dos Navegantes:**

Ajuda-nos a ver Jesus na Liturgia!

Ajuda-nos a ver Jesus nas alegrias e na
responsabilidade cristã!

Ajuda-nos a ver Jesus na Palavra!

Ajuda-nos a ver Jesus na Eucaristia!

Ajuda-nos a ver Jesus em nossas
famílias!

Ajuda-nos a ver Jesus na simplicidade
das crianças!

Ajuda-nos a ver Jesus na ousadia dos
jovens e na sabedoria dos idosos!

Ajuda-nos a ver Jesus nos pobres e
excluídos!

Ajuda-nos a ver Jesus em meio às
dificuldades e sofrimentos!

Ajuda-nos, ó Mãe, a superar nossas
limitações e cegueiras para podermos
seguir Jesus.

Pede a teu Filho Jesus que abençoe e
proteja o nosso papa Francisco, o nosso
bispo José Mário, o nosso pároco Padre
Eduardo, as nossas comunidades e
famílias de São José do Norte. Assim,
após a travessia desta vida, cheguemos
todos juntos, ao Porto Seguro Eterno e,
no Reino do Pai, tenhamos vida em
abundância e alegria sem fim!

**Maria, Mãe dos Navegantes, roga por
nós! Amém!**

Souvenir produzido pelos festeiros de 2015